

STELLA MARIS DE CASTRO PIPINIS PARREIRA

EXPERIMENTAR-TE:

AS OFICINAS DE RECURSOS EXPRESSIVOS EM UMA CASA ABRIGO

**Assis
2005**

STELLA MARIS DE CASTRO PIPINIS PARREIRA

EXPERIMENTAR-TE:

AS OFICINAS DE RECURSOS EXPRESSIVOS EM UMA CASA ABRIGO

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Psicologia e Sociedade).

Orientador: **Prof. Dr. José Sterza Justo**

**Assis
2005**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

P259e Parreira, Stella Maris de Castro Pipinis
ExperimentAR-TE: as oficinas de recursos expressivos em
uma casa abrigo / Stella Maris de Castro Pipinis Parreira. Assis,
2005

227 f. : il. + 1 cd room

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Violência doméstica. 2. Oficinas. 3. Expressão. I. Título.

CDD 362.7

A meus pais,
que tatuaram em minha pele a
busca pela justiça e liberdade.

A minha irmã,
que na sensibilidade de sua alma me mostra que
nossos laços estão para além dos fraternais.

A Adalberto,
meu esteio e porto seguro
que me deixa entrar em sua vida exatamente como sou.

AGRADECIMENTOS

A meu amigo, parceiro, professor e orientador José Sterza Justo, com quem tive a oportunidade e o prazer de anos de trabalho e parceria. Agradeço profundamente a você, Justo, que me ensinou (como naquele texto de Brecht) muito além da teoria e, talvez, quem sabe, o grande responsável pela generosidade que existe em mim.

A meu amigo e professor Mário Sérgio Vasconcelos, que me recebeu inicialmente na pós-graduação e apostou neste trabalho.

A meus amigos Sandra, Luciano, Marcela e Rafaela, que não só me receberam em sua casa, mas compartilharam comigo suas vidas. Como eu sou grata a vocês, por tudo!

À Maria Lídia L. Maretti que, com delicadeza e trabalho, realizou a revisão do texto aqui elaborado.

À Betty Yazlle, que me socorreu em um dia difícil.

À Márcia, à Denise, ao Eurípedes e aos colegas da pós-graduação, com quem pude compartilhar momentos únicos e inesquecíveis.

Aos funcionários da secretaria da pós-graduação, que facilitaram minha vida com soluções alternativas para os problemas advindos da distância.

À Hildinha, que me fez lembrar como é bom voltar.

À Guiomar Morcelli, presidente da Casa Abrigo, e à Marley, que permitiram que este trabalho fosse realizado.

À Dra. Lia Junqueira, por permitir o acesso aos dados sobre as crianças abrigadas.

A meus amigos.

Ao Rui.

Este trabalho contou com o apoio CNPQ.

RESUMO

A cada ano tem aumentado consideravelmente o número de crianças vítimas de violência doméstica. Os dados demonstram que a negligência e o abandono são as modalidades de violência de maior incidência. A efetiva participação da sociedade no que se refere à assistência é muito recente. Na década de 1970 surgem políticas voltadas ao atendimento e ao cuidado com esta população, mas é somente em meados de 1985 que o atendimento especializado começa a ser consolidado. Em muitos casos, como desfecho, a criança acaba sendo separada dos pais e abrigada em alguma instituição para menores.

O presente trabalho pretende demonstrar que a modalidade de intervenção baseada na utilização de recursos expressivos junto a crianças abrigadas contribui para expandir o espaço da simbolização, das manifestações inconscientes e da polissemia.

As oficinas de recursos expressivos foram realizadas uma vez por semana durante o período de seis meses em uma Casa Abrigo localizada na Zona Norte de São Paulo. Cada encontro teve a duração de uma hora e trinta minutos. O grupo foi constituído por cinco crianças na faixa de quatro a seis anos, abrigadas na instituição por no mínimo seis meses. A escolha das crianças participantes foi realizada pela coordenadora da instituição. A cada oficina estiveram expostos materiais modeláveis de vários tipos (papéis, plásticos, barbantes, tecidos, argila etc.) e instrumentos de execução (cola, tesoura, lápis, dentre outros). A orientação dada às crianças foi a de que elas poderiam escolher e transformar os materiais da forma como quisessem; portanto, o planejamento, bem como a execução das propostas, foram realizados exclusivamente pelas crianças.

A utilização de outros recursos expressivos além da fala viabiliza outros canais de comunicação e de encontro com o outro. Acreditamos que é neste “encontro” que as crianças

participantes têm a oportunidade de expressar simbolicamente seus afetos, favorecendo gestos espontâneos e criativos. Tais gestos ampliam as possibilidades de resposta às configurações cristalizadas do viver que causam dor e sofrimento e despotencializam a capacidade de criação.

Como resultados observamos que, em um primeiro momento, as oficinas são permeadas por sentimentos de ansiedade que não permitem a representação. A expressão é pura liberação de afetos. Os dados demonstraram que, após um período inicial, através da intervenção doicineiro na limitação do material e na contenção da agressividade, a ansiedade permanece via agressão mas decresce paulatinamente, abrindo espaços para a elaboração de um vínculo grupal e para a simbolização dos afetos.

Nossa conclusão é a de que as oficinas de recursos expressivos contribuem para a saúde mental e a qualidade de vida de crianças institucionalizadas que vivenciaram situações de extrema violência e de negligência doméstica.

Palavras-chave: violência doméstica, oficinas, recursos expressivos

ABSTRACT

Year by year the number of children victims of domestic violence has increased considerably. The data demonstrate that the recklessness and the abandonment are the modalities of violence of major incidence. The effective participation of the society in that relates to the assistance is very recent. In the 70's we had the sprouting of politics directed to the attendance and care of this population, however only in 80's that the specialized attendance started to be consolidated.

In many cases we had as outcome, the separation of parents and sheltered children in institutions for minors. The present research intend to understand the reach of a modality of intervention based on the usage of expressive resources with children sheltered in an institution located at North area of São Paulo city. The workshops of expressive resources had been carried through once a week for six months. Each meeting spent ninety minutes. The group was constituted by five children with four to six years-old, who have been living in that institution for six months at least.

The choice of participant children was carried through by the institution coordinator. Each workshop exposed displayed material of several types (papers, plastics, strings, fabrics, clay, etc.) and execution instruments (glue, shears, pencil, amongst others).

The direction given to the children was they could choose and transform the materials to the form they wanted, therefore, the planning, as well as the execution of the proposals had been carried through exclusively by the children.

The usage of other expressive resources besides speech, makes flexible a each other meeting and communication channels between them. We believe that in this "meeting" the participant children have the opportunity to express his emotions, in favour of spontaneous

and creative gestures. Such gesture improve the possibilities of replying to the paralyzed feelings they have that cause pain and sofer being the reason of low creative capacity.

As a result, firstly, we can realize feelings like anxiety that don't allow the representation in the workshops. The expression is the release of emotion. After initial period, the data demonstrated that the anxiety remains via aggression but decrease slowly opening gaps to link the group and symbolism of the emotion.

We conclude the workshops of expressive resources contribute to mental health and improve the quality of living of sheltered children who lived violence and recklessness situation.

Key-words: domestic violence, workshops, expressive resources

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ESPELHO, ESPELHO MEU... (uma discussão a respeito das transformações da família e da infância).....	14
2.1	Paradoxos.....	14
2.2	Paradoxos da cultura brasileira e sina da infância.....	16
2.3	A infância negligenciada e as políticas sociais no Brasil.....	27
2.4	A família e a infância na contemporaneidade.....	31
3	EXPRESSA-TE, INTERAGE-TE, TRANSFORMA-TE.....	41
3.1	A linguagem enquanto meio.....	41
3.2	A linguagem enquanto ato.....	46
3.3	A linguagem enquanto gesto.....	50
3.3.1	Materialidade e forma.....	51
3.3.2	Limite e criação.....	52
3.3.3	A criança e a experimentação.....	53
3.4	Educação e Psicanálise.....	61
3.5	Arte e terapia.....	63
3.6	Arte e psicoterapia.....	66
3.7	A arte-terapia à luz da psicanálise.....	66
3.8	Arte-educação.....	67
3.9	Afinal, o que é arte-terapia?.....	69
4	EXPERIMENTAR-TE (as oficinas de recursos artístico-expressivos).....	70
5	OBJETIVOS.....	73
6	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	74
6.1	Caracterização da instituição-sede.....	74
6.2	Procedimento e pressupostos metodológicos.....	75
6.3	Recursos expressivos.....	81
6.4	Formação do grupo.....	82
6.5	As oficinas.....	84
6.6	Análise dos dados.....	85
7	A ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA.....	88
7.1	A relação entre as crianças e a oficina tomada enquanto lugar de expressão e produção de relações mediada pelos recursos expressivos.....	88
7.2	O papel doicineiro enquanto intermediário das relações entre as crianças.....	102
7.3	Discurso lúdico e inconsciente.....	112
7.4	A escolha dos recursos expressivos pelas crianças.....	113
8	DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO.....	120
9	CONCLUSÃO.....	125

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXO A – Termo de consentimento.....	135
ANEXO B – Termo de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa	137
ANEXO C – Relatório das oficinas realizadas.....	138

1 -INTRODUÇÃO

Há quase dois anos vimos atendendo, em caráter de psicoterapia, crianças de uma Casa Abrigo, em São Paulo. Nossa primeira intenção, quando fomos buscar esta instituição, era de desenvolver oficinas de expressão que tivessem como suporte materiais aos quais denominamos “recursos expressivos”.

Anos atrás tivemos a oportunidade de trabalhar com oficinas de jogos dramáticos, atendendo crianças com dificuldades de aprendizagem e, paralelamente, desenvolvíamos um trabalho junto ao núcleo que atendia a Universidade Aberta à Terceira Idade, através das Oficinas de Expressão. A utilização de recursos além da fala como intermediários de relações, possibilitando a expressão de sentidos, sempre esteve, de certa maneira, vinculada às nossas escolhas, inicialmente intuitivas.

Através das oficinas que realizávamos, percebíamos que, para muitos, aqueles recursos eram uma espécie de trampolim para a sua expressividade. Algumas vezes notávamos que fazer era mais fácil que falar e que, por sua vez, era no fazer que aquela pessoa se expressava em toda a sua originalidade.

Foi através de nosso contato com Winnicott (1975), Orlandi (1987), Herrmann (1999), Stern (1959), dentre outros, que pudemos perceber que aquilo que inicialmente era intuitivo poderia ter respaldo teórico e, desde então, desejamos transformar nossa experiência numa produção estética, ou seja, esta dissertação.

Ao entrarmos em contato com as crianças do abrigo, sentimos que teríamos condições de atendê-las e, ao mesmo tempo, propiciar um espaço diferenciado de experimentação das relações. Os primeiros contatos não foram fáceis: o manejo do setting, a demarcação dos limites, o cuidado para não sermos intrusivos, tudo isso sem deixar de sustentar o holding.

Isto acontecia em um modelo convencional de atendimento psicoterápico, numa sala destinada à ludoterapia, com horários fixados e atendimento individual.

Este modelo tradicional da clínica não se adaptava à demanda da instituição. A solicitação para atendimento psicoterápico incluía a maioria das crianças abrigadas. Talvez este tipo de demanda institucional venha de uma responsabilização da criança pelo seu sofrimento, da criança enquanto causa, e não do reconhecimento do papel que a instituição desempenha como produtora de relações de aprisionamento e causadora de sofrimento psíquico. Observamos que, na tentativa de se eximir da responsabilidade, a instituição vê como saída o encaminhamento em massa das crianças “causadoras de problemas”. Em nosso trabalho não procuramos realizar uma análise dessas relações, já que nosso objetivo estava voltado para a criação de um lugar onde pudéssemos acolher crianças, em caráter de urgência, com todo o sofrimento (ou não) a que estavam expostas, e pedindo ajuda.

Porém, mesmo sem uma leitura sistemática das demandas da instituição, a realidade se escancarava diante de nossos olhos. As crianças que ali se encontravam estavam separadas de seus pais por abandono, por destituição do pátrio poder (em casos de violência), por afastamento temporário. Qualquer que fosse o motivo, estas crianças somente tinham acesso à família através de visitas monitoradas. Havia até mesmo aquelas que nem assim realizavam esses encontros, já que seus pais haviam desaparecido. Além da dor do abandono, estar em situação de abrigado coloca o sujeito em um lugar de passagem (JUSTO, 1997), onde os vínculos se tornam temporários, onde as relações se tornam instáveis, onde o encontro com o outro se torna algo temido pois pode ser interrompido a qualquer momento, talvez até mesmo sem um motivo. Estar numa instituição coloca a criança diante de leis e limites estabelecidos para todos, sem levar em conta sua individualidade, seu potencial, sua diferença. Outra lei que se coloca é a lei dos internos, segundo a qual o mais forte tem o poder para decidir e punir. Fora da instituição, um mundo de possibilidades que só podem ser vislumbradas entre os vãos

das grades fixadas às janelas. Na lembrança uma história, registrada no processo arquivado em nome da criança na Vara da Infância e da Juventude, feridas em carne viva.

Neste contexto, pensamos que as oficinas de recursos expressivos teriam algo a oferecer a estas crianças: a possibilidade de expressão no encontro com o outro. Um campo intermediário, que não se situaria na ludoterapia, tampouco na aula de pintura. Um campo onde o lúdico tivesse condições de existência. Quanto à instituição, pensamos também que o ingresso de alguém novo, que traga consigo uma nova proposta, de certa forma permite alterações em sua estrutura.

A escolha destes recursos tem sua origem em nossa história, na trajetória da nossa formação e ancora-se em nossa crença de que a plasticidade dos materiais favorece ou impõe ao outro problemas que terá que resolver. Se queremos fazer uma escultura, precisamos dispor de suportes mais duros ou estruturados, que possam ser modelados. Se pretendemos uma pintura, podemos utilizar os mais fluidos (as tintas) ou os mais condensados (lápis de cor, giz-de-cera). O material impõe uma resistência com a qual o executor terá que lidar para que consiga atingir ou aproximar-se daquilo que imaginou. Resistência que também é diluída no processo quando se tem a possibilidade de experimentar outros materiais, como se fizéssemos o seguinte raciocínio: “se não dá para ir por aqui, talvez devêssemos tentar outro caminho”. Nesse sentido, a escolha de um instrumento restringe as possibilidades de execução, mas a exploração de alternativas faz da escolha um lugar que não é da ordem da rigidez e sim algo que pode ser experimentado como flexível.

Outro fator que se impõe é o próprio grupo. A criança é convidada a participar de um grupo, com outros que não foram escolhidos por ela, mas selecionados pela psicóloga da instituição. Quem está no grupo fala de algo e precisa de um lugar onde este algo tenha possibilidade de ser representado de outras formas, e não exclusivamente através da atuação. Lugar de possibilidades de encontro com o outro e de localização de instrumentos, onde se

possa lidar com os sentidos provenientes desse encontro. Além dessas nossas convicções quanto ao trabalho com recursos expressivos em grupo, também nos acompanham nessa empreitada um referencial teórico assentado em Winnicott (1975), Orlandi (1987), Pain & Jarreau (2001), Ostrower (1987, 1995), Stern (1959), dentre outros.

Os pressupostos teórico-metodológicos desse trabalho estão assentados nas concepções de Herrmann (2001), de acordo com a Teoria dos Campos. Através da utilização do método psicanalítico, apoiados pela fundamentação teórica, pretendemos visualizar os sentidos desse encontro: entre eu e o outro, entre o outro e eu, entre o grupo e o outro e entre todos e os materiais.

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se pelo fato de podermos utilizar outras técnicas além da fala como meio de expressividade e de encontro com o outro. Os meios e os fins abrem possibilidades de escolhas onde a ludicidade ganha espaço e o viver criativo, amplitude.

No primeiro capítulo, faremos uma contextualização da infância a partir do século XVI. No Brasil, resgataremos o papel do infante do período colonial e discutiremos a função da criança na atualidade.

No capítulo segundo, exploraremos alguns conceitos acerca da função da educação artística, das arte-terapias, das oficinas ou dos ateliês de arte.

A terceira etapa de nosso trabalho será constituída pelo esclarecimento dos nossos objetivos e da metodologia utilizada no desenvolvimento do projeto.

Em seguida, apresentaremos a análise e a discussão dos resultados, bem como as considerações finais acerca do trabalho desenvolvido.

Por fim, na contracapa final desta dissertação, o leitor encontrará um encarte com as letras das músicas usadas como epígrafes no início de alguns capítulos. Essas letras fizeram parte da trajetória deste trabalho.

2 - ESPELHO, ESPELHO MEU...

(uma discussão a respeito da infância)

É a hora em que o sino toca,
 mas aqui não há sinos;
 há somente buzinas,
 sirenes roucas, apitos
 aflitos, pungentes, trágicos,
 uivando escuro segredo;
 desta hora tenho medo.
 É a hora em que o pássaro volta,
 mas de há muito não há pássaros;
 só multidões compactas
 escorrendo exaustas
 como espesso óleo
 que impregna o lajedo;
 desta hora tenho medo.
 É a hora do descanso,
 mas o descanso vem tarde,
 o corpo não pede sono,
 depois de tanto rodar;
 pede paz - morte - mergulho
 no poço mais ermo e quedo;
 desta hora tenho medo.
 Hora da delicadeza,
 gasalho, sombra, silêncio.
 Haverá disso no mundo?
 É antes a hora dos corvos,
 bicando em mim, meu passado,
 meu futuro, meu degredo;
 desta hora, sim, tenho medo.

ANOI TECER

Zé Miguel Wisnik

(poema de Carlos Drummond de Andrade)

2.1 - Paradoxos

A trajetória para o desenvolvimento desse estudo se inicia no contato com uma instituição que abriga crianças vítimas de violência doméstica. O primeiro contato nos toca num misto de curiosidade e receio, e nem a experiência anterior, em instituição semelhante, é capaz de aplacar a ansiedade que nos assola. O receio também é bem-vindo, pois nos apresenta com a cautela devida àquele que nos recebe. Assim, com olhar de estrangeiro, mas

com alguns instrumentos na bagagem, passeamos por aquele ambiente: a casa que abrigava as crianças.

A uma casa a semelhança era distante, pois nos remetia imediatamente a um pequeno prédio com alguns poucos andares (se tomarmos em comparação os arranha-céus vizinhos). Casa nos remete a morada de pessoas, a família. Também a isto não se assemelhava nossa instituição. Sua distribuição é bem organizada e funcional: um prédio que poderia muito bem comportar uma escola (não é à toa que hoje, com o fechamento da Casa Abrigo, funciona ali uma creche). Tudo prático e organizado. Um prédio com rampas de acesso aos pavimentos superiores, alas que compunham os aposentos de meninos e meninas, refeitório, lavanderia, salas de aula, leitura, computação, pátio, parquinho. Tudo muito limpo e organizado. Até parecia que não havia crianças! Tudo me foi apresentado com muito orgulho e sucesso (Veja o que conseguimos!).

Além da “casa”-“prédio-escola”, tínhamos o “abrigo”, razão pela qual as crianças estavam ali. Por motivo de violência ou abandono, as crianças estavam separadas judicialmente de seus pais. À palavra Abrigo associamos facilmente a idéia de proteção e acolhimento, até mesmo de conforto físico e emocional. Do lado de fora, nas ruas paralelas, logo para quem chega, podem-se avistar as grades nas janelas, que imediatamente nos transportariam a dois significantes – proteção e aprisionamento.

No final da visita estávamos atordoados com as idéias absurdas que nos apresentavam: uma casa que não era propriamente uma casa e um abrigo que não era exatamente um abrigo. Aos olhos receosos do estrangeiro a imagem fica nebulosa, como naquela brincadeira das charadas: nem tudo o que eu digo quer dizer explicitamente o que quero dizer. Quem quiser brincar tem que pagar pra ver!

O estrangeiro só pôde ficar desconfiado porque levava em sua bagagem outras experiências. Talvez, um pouco calejado, seu olhar tenha se emoldurado em um certo ceticismo.

Após a visita, passamos a pensar quem seriam as crianças que habitavam aquele lugar. Qual lugar elas habitariam: a casa-prédio-escola ou o abrigo-prisão? Ou será que os pequenos transitavam por todos esses lugares? Haveria um lugar de respiro? Um lugar onde o fôlego pudesse ser retomado para lidar cotidianamente com o futuro que não se diferencia muito do presente, com a sina que se confirma e se arrasta pelo tempo, com os olhares desejosos daqueles que circundam e com a dor da descoberta precoce de que estamos sós?

Que infância é essa vivida e constituída nesse cotidiano e na pele dessas crianças? Será que as imagens veiculadas por esse lugar retratam não apenas a infância que está ali, mas também a sociedade e a cultura que a contornam?

Embora nosso objetivo principal não seja analisar a infância produzida pela sociedade, através de seu enquadramento pela cultura e pelas práticas dessa instituição, assim mesmo, como pano de fundo necessário para uma localização sócio-cultural mínima, buscamos em Ariès (1978) e Calligaris (2000), principalmente, os paradoxos que incidem sobre as condições de vida da criança e especialmente, da criança brasileira.

2.2 – Paradoxos da cultura brasileira e sina da infância

A infância vem ganhando a cada dia mais espaço nas pesquisas, na mídia, no Direito. Observamos também o aumento do número de crianças abandonadas, crianças pedintes, crianças que trocaram as bonecas pela lida diária nos faróis em busca dos consumidores de balas, chicletes e dos doadores de esmolas. Crise mundial, da economia, do emprego? Pode ser, mas não só.

Como estrangeiro, Calligaris (2000) faz uma análise da cultura brasileira e de suas fundações. O autor se refere ao estranhamento que o tocou no contato com os brasileiros. Em relação às crianças, sublinha um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que se observa uma supervalorização da criança através da implantação de ambientes e produtos exclusivamente direcionados a ela, nota-se também o número crescente de crianças abandonadas nas ruas. Ao autor causa estranheza que a criança possa ser “rei” e “dejeito”, ao mesmo tempo (CALLIGARIS, 2000, p. 45). Não só em relação às crianças o paradoxo se faz presente. Ele assinala também que o discurso brasileiro parte de dois pólos: do colonizador e do colono.

Holanda (1995) confere o título de “aventureiro” e “trabalhador” às principais formas de vida coletiva e, portanto, duas matrizes de onde pode ser desencadeado o discurso de uma dada cultura. O ideal do “aventureiro” “[...] será colher o fruto sem plantar a árvore [...]” (HOLANDA, 1995, p. 44). Ao trabalhador restam a lida e as dificuldades de vencer, ou seja, a busca de reconhecimento.

A figura do colonizador, segundo Calligaris (2000), se refere à representação daquele que veio explorar a terra, tanto do ponto de vista do aventureiro, daquele que sai à procura de novos lugares, como do ponto de vista do explorador, daquele que arranca da terra seus recursos. A terra explorada faz alusão ao corpo materno que originalmente fora deixado pela interdição paterna. É na terra explorada que o colonizador pode impor seus desejos sem limites, sem restrições, criando uma ilusão de enriquecimento fácil, de conquista do paraíso e de felicidade. Mas, ao mesmo tempo em que explora a terra encontrada (encantada!), o colonizador lamenta pois, mesmo que esta esteja em suas mãos e não seja proibida ela abre espaço para o seu gozo¹. Ele sabe que esta terra nunca será exatamente como aquela que queria. O colonizador “tem com o país enquanto corpo uma cobrança que lhe permite dizer

¹ Segundo Nogueira (1999), “O outro pode causar o desejo, mas não o satisfazer, porque o que desejamos é anular a falta e o gozo nos atira para o excesso sem limite.”

‘este país não presta’, quer seja porque deveria ser o outro (aquele que ele deixou), quer seja porque não goza como deveria.” (CALLIGARIS, 2000, p. 19)

Para Holanda (1995, p. 31), “[...] a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território [...]” foi um fato de relevância e com conseqüências para a sociedade brasileira. A exploração do corpo da terra com a implantação forçada da língua do colonizador, como se referia Calligaris (2000), traz para o brasileiro marcas profundas. Segundo Holanda (1995, p. 31), “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.”

De outro lado ouve-se o discurso do colono que é representado pela figura daquele que abandonou a língua materna para assentar-se em outra língua. O colono, segundo Calligaris (2000), se diferencia do colonizador porque busca na terra nova um novo pai que o interdição e o reconheça como filho. Desse lado podemos ouvir também o lamento dramático do colono que não encontrou a filiação paterna que regulamentasse, organizasse e lhe outorgasse a condição de cidadão.

A busca pela riqueza sem trabalho e a ausência do orgulho pela raça foram as características mais marcantes de nossos aventureiros portugueses e foi devido “a esse processo que eles puderam, sem esforço sobre-humano, construir uma pátria longe da sua” (HOLANDA, 1995, p. 66).

Assim, colonizador e colono se instalam no Brasil e cada um à sua maneira: explorando e procurando aquilo que o país oferece e limita.

A infância no Brasil não escapou da exploração dos colonizadores. A criança sempre esteve centralizada no corpo escravo que o colonizador explorou. Para Calligaris (2000, p. 31), o corpo escravo talvez seja o melhor representante do corpo da terra/materno, pois está

vinculado à idéia “[...] de um corpo permitido, aberto, por efeito da potência da língua que explora e que nele, portanto, se inscreve.”

Em uma análise sobre a condição da criança abandonada no Brasil, Chaves (1998) discute o sentimento de infância no período colonial, afirmando que ele se tornava variável e dependente de interesses sociais, culturais e econômicos. Para o índio, a criança era tida como um adulto em formação, necessitando de cuidados e proteção de sua própria tribo. Os padres jesuítas do Brasil-Colônia reconheciam a criança como um ser em desenvolvimento, que deveria ser educada conforme a tradição (em nosso caso, católico-portuguesa) para tornar-se um adulto moralmente aceito e digno. Um sentimento mercantilista traduzia a relação do colonizador com as crianças, principalmente as negras e índias, dado que a possibilidade de venda e de exploração destes menores era vista como um negócio rentável. Mesmo em relação às crianças ricas, o autor enfatiza uma desconsideração da sociedade brasileira colonial, já que elas eram habitualmente tratadas com crueldade e humilhação. Às crianças pobres destinava-se o trabalho ao lado dos pais. Quando não morriam, o destino das órfãs era incerto: ou a “caridade” de famílias que pudessem acolhê-las ou o auxílio proveniente das amas-de-leite que faziam parcerias com o Estado.

Não havia direitos para as crianças brasileiras nessa época. Como relatado, a criança era tida como objeto do adulto colonizador, que traçava o seu futuro, a sua utilidade e a sua exploração. Portanto, as crianças, negras e índias, principais vítimas dessa violação, sofriam desde cedo pelo menos três tipos de abuso: o desenraizamento de sua cultura de origem, o “adestramento” em outra língua e a comercialização de seus corpos.

O amor pelas crianças nunca foi algo espontâneo ou natural, como já apontava Ariès (1978). Para este autor, até o século XVI não podíamos visualizar uma infância tal como hoje é concebida. A criança era vista não muito diferente do que um adulto em miniatura.

No século XVII, na Europa, iniciou-se a separação entre o território infantil e o adulto pelo surgimento de áreas restritas e destinadas às crianças. Simbolicamente, o reconhecimento do infantil estava sendo marcado pela diferenciação entre as vestimentas dos adultos e das crianças, pelos jogos e brinquedos e pela educação. A imagem da criança ficava cada vez mais vinculada ao ser frágil, carente de cuidados especiais. Nesse sentido, o infante demandava atitudes e práticas peculiares à sua idade, necessitando de ambientes supervisionados para o seu “amadurecimento”. A criança precisava ser orientada e vigiada para que a pureza de sua alma não fosse perdida. A orientação e o controle deveriam ser efetuados por adultos capazes de desenvolver a razão, sinônimo de fortificação da personalidade da criança (ARIÈS, 1978).

Essas mudanças direcionaram os dois sentimentos da infância no século XVIII. O primeiro, ainda segundo Ariès (1978), caracterizado pelo excesso de mimo e zelo, fazia da criança o pequeno brinquedo dos adultos, mas garantia a preservação e a perpetuação da linhagem e dos bens. O segundo sentimento da infância provinha do que era exterior à família. Influenciados pela imagem da criança como criatura de Deus, os moralistas – Igreja e Estado – estavam mais preocupados com a disciplinarização e a manutenção dos costumes. A fragilidade da alma infantil não deveria ser corrompida e, para combater este mal, os cuidados especiais e disciplinares se faziam necessários.

A sobrevivência de crianças no século XVIII era bastante difícil, sendo a morte por doenças muito comum. A perda era sentida como pena, mas não como luto. Tal indiferença é justificada por Ariès (1978) pelo alto índice de mortalidade infantil. Nesta época, era prática comum entre as mulheres da cidade entregar seus filhos aos serviços oferecidos pelas amas-de-leite do campo, para se livrarem do fardo da amamentação ou, como no caso das mais pobres, pelo excesso de afazeres junto ao companheiro. Muitas crianças não resistiam às duras condições ambientais numa época tão precoce da vida. As amas-de-leite, geralmente pobres e

desnutridas, cuidavam de diversas crianças e as expunham a uma série de fatores e riscos que contribuíam para o aumento da mortalidade infantil. A prática da amamentação pelas amas-de-leite se fazia vinculada a um abandono disfarçado dessas crianças pelos pais. Estes não mantinham contato com as amas-de-leite e, quando muito, o faziam através de intermediários. Assis (1999, p. 22) comenta que, pelo fato de as crianças passarem muito tempo afastadas das mães, não se formava um vínculo entre mãe e filho, mas o de um ser ausente: quando retornavam ao lar, muitas mães não estavam preparadas para recebê-las e “[...] após os anos com as amas muitas crianças eram golpeadas por suas mães.”

Na segunda metade do século XVIII, ocorre a entrada da medicina no campo familiar. Antes disso, mulheres e crianças não eram tidas como preocupações da medicina e, portanto, o parto, as doenças, a amamentação ficavam a cargo das “comadres”. Nessa época deu-se a exaltação da maternagem pela medicina, destinando-se à mãe a tarefa de zelar pelo bem-estar físico e moral de seus filhos. O médico estabeleceu uma aliança com a mãe, fato que provocaria uma dispersão de conceitos e normas de higiene sobre toda a organização familiar. A família vigiada e disciplinarizada transformou-se em um núcleo dentro da organização social. Uma série de livros contendo técnicas de criação, educação e medicação de crianças começaram a circular. A amamentação pela mãe começa a ser incentivada, bem como a libertação das amarras que continham os movimentos das crianças pequenas. Para o Estado interessava conservar essas crianças vivas e saudáveis para manter a força de trabalho. Deste modo, o objetivo da educação “em casa” era o de afastar das crianças os perigos físicos e morais comuns à população mais pobre que, até então, era responsável pela amamentação e pelos cuidados com as mesmas (ARIÈS, 1978).

A sociedade burguesa cultivará intensamente os ideários de uma família higienista, cercada pela moral e pelos bons costumes. A vigilância – polícia, igreja, medicina, Estado – garantia proteção, tranquilidade e felicidade aos homens de bem. De outro lado, o zelo e o

apreço excessivos pela família traziam, em contrapartida, a preocupação em camuflar tudo aquilo que pudesse ferir a honra familiar. A necessidade de preservar a família das transgressões da moral sexual instituída justificou a construção do “hospício para menores abandonados”, mais popularmente conhecido como a “roda”. Tal dispositivo da engenharia permitia ocultar o indiscreto incômodo, aquilo que deveria estar reprimido. Ali eram depositados os filhos bastardos das famílias burguesas com o único objetivo de “[...] romper sem alarde e sem escândalo, o vínculo de origem desses produtos de alianças não desejáveis, depurar as relações sociais das progenituras não conformes à lei familiar, às suas ambições, à sua reputação.” (BADINTER, 1985, p. 30).

No Brasil do século XVIII, não existia qualquer organização que se propusesse a cuidar das crianças abandonadas. Grande parcela delas morria antes mesmo de qualquer assistência. Uma outra parte era deixada nas portas das casas de família. Segundo Marcilio² (1997), era prática comum das famílias brasileiras “adotarem” as crianças movidas por um espírito de caridade, mas que também pudessem servir como mão-de-obra quando maiores. O Estado se encarregava de uma terceira parte. As crianças enjeitadas pelas famílias eram entregues às Santas Casas de Misericórdia, que delegavam sua criação às amas-de-leite, sob o pagamento de uma pequena quantia. A maioria das amas-de-leite eram “extremamente pobres, solteiras, ignorantes e residentes nas cidades. Algumas eram mulheres casadas ou escravas”. (MARCILIO, 1997, p. 72) Muitas das crianças que ficavam sob os cuidados das amas-de-leite não conseguiam chegar à idade adulta devido às precárias condições de saúde, abrigo, alimentação e higiene. Assis (1999) refere que o Estado deixava de pagar as amas-de-leite por diversas ocasiões e, em contrapartida, elas não apresentavam as crianças às Câmaras, descumprindo as determinações legais e gerando uma situação de risco para a criança e, dessa forma, contribuindo para a elevação dos índices de mortalidade infantil. Para as crianças

² Utilizaremos o levantamento histórico realizado por Marcilio (1997) para compor o quadro histórico-social da criança e da família durante o período colonial.

negras abandonadas, o futuro era ainda mais nefasto pois sua sobrevivência dependia da caridade daqueles que suportavam o racismo. Segundo Assis (1999, p. 32), a Câmara rejeitava os mulatos e dificultava a adoção: “Mesmo que as pessoas quisessem criar enjeitados, a Câmara exigia o certificado de batismo e uma certidão de brancura.”

Às crianças desamparadas restavam as amas-de-leite que faziam do corpo explorado pelo colonizador, agora Estado, o jorro de leite que, assim como a sua pobreza, tinha muito pouco ou quase nada a oferecer àquela criança. Para Calligaris (2000), este projeto inicial de exploração do corpo escravo, aqui representado pelas amas-de-leite, se mantém nas gerações futuras. Este autor toma o texto de Aragão, “Mãe preta e tristeza branca” (ARAGÃO, 1991 apud CALLIGARIS, 2000, p. 36) para exemplificar a manutenção do discurso do colonizador, que, segundo Calligaris, realiza uma análise da função da babá escrava, que estruturalmente é negra e escrava mesmo sendo branca e com carteira assinada. Nela está representado o corpo da “mãe branca”, que é interdito, e o corpo da “mãe de leite”, licencioso e estendido ao filho do colonizador como possibilidade para exercer a potência paterna herdada.

Face ao número crescente de abandono de bebês, o Estado do século XVIII, inspirado pelo espírito moral e religioso, autoriza a implantação de três “rodas de expostos” nas principais cidades brasileiras, como medida de assistência aos menores abandonados, preocupado com o número de “almas perdidas” que, se revertido, seria uma mão-de-obra potencial. O objetivo das rodas, segundo o arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, era o de

evitar-se o horror e des humanidade que então praticavam com alguns recém-nascidos, as ingratas e desamorozas mães, desassistindo-os de si, e considerando-as a expor as crianças em varios lugares imundos com a sombra da noite, e de quando amanhecia o dia se achavão mortas, e algumas devoradas pelos cães e outros animais, com laztimoso sentimento de piedade catholica, por se perderem aquelas almas pela falta do sacramento do baptismo. (MARCILIO, 1997, p. 58).

A criação da “roda” permitia sem grandes embaraços o abandono de crianças, garantindo o anonimato. Além disso, atenuava os crimes de infanticídio e aborto, altamente condenados pela Igreja e Estado. Contribuía também para perpetuar a honra familiar nos casos de filhas de ricos proprietários de terra que engravidavam fora do casamento, e como controle de natalidade. Marcilio (1997) afirma que, no Brasil, diferentemente da Europa, os índices de abandono nunca foram tão altos e que ele se caracterizava essencialmente pela prole ilegítima.

Logo que a criança era recolhida da roda, realizava-se o batismo. Todos os pertences e dados referentes à criança eram registrados nos livros de entrada. Através do batismo, davam-lhe um nome, geralmente de santos da Igreja Católica. Até os três anos de idade a criança ficava sob o cuidado da ama-de-leite, que nesse momento era estimulada a ficar com a criança e poderia receber uma pequena quantia para auxílio. A partir dos 12 anos, a criança poderia ser explorada como mão-de-obra remunerada.

Tais fundações das crianças abandonadas na “roda dos expostos” permitem imaginar o que simbolicamente se esperava delas. Talvez a compaixão e a caridade dos santos da igreja. Elas eram reconhecidas pelo nome de batismo, mas não tinham um reconhecimento legal, identitário de sua linhagem, de sua origem e, sobretudo, teriam que carregar o peso das marcas simbólicas, pejorativas, impressas em sua pessoa.

Conforme assinala Calligaris (2000), a ausência de uma filiação efetiva, mediante um nome que inscreve solidamente o sujeito na estrutura familiar, persiste ainda hoje. Atualmente a escolha dos nomes para as crianças brasileiras geralmente está associada aos nomes da moda, ou àqueles veiculados pela mídia. Não há um registro histórico que vincule a criança a sua linhagem. Tempos atrás, principalmente em relação às famílias tradicionais, era comum o primogênito herdar o nome do pai, o neto ter o mesmo nome do avô e assim por diante. Este processo vinculava o filho aos seus antecessores, o que o fazia herdar, junto com o nome, as

expectativas e o fardo do fantasma familiar. Tal aspecto marcava simbolicamente o sujeito dentro de uma estrutura, a qual Calligaris denominou “fundação”. A fundação corresponderia ao lugar simbolicamente determinado para aquele sujeito na linhagem familiar.

Retornando à história da infância brasileira, fraudes eram cometidas na parceria entre as Santas Casas de Misericórdia e as amas-de-leite. Um fato comum era, por exemplo, o de mães abandonarem seus próprios filhos e, logo em seguida, se oferecerem como amas-de-leite para fazerem da maternagem algo lucrativo. Outro acontecimento freqüente era o fato de a ama-de-leite não declarar a morte da criança para poder continuar recebendo o benefício.

Após os sete anos de idade, muitas crianças voltavam ao abandono total. As instituições não tinham como abrigá-las e muitas delas acabavam perambulando pelas ruas, cometendo furtos para sua sobrevivência, o que fazia com que as Santas Casas trabalhassem no sentido de procurar famílias que pudessem receber os meninos como aprendizes de algum ofício e as meninas como empregadas domésticas. Outra possibilidade era a Companhia de Aprendizes de Marinheiros, onde os meninos conviviam com presos e escravos, aprendendo ofícios de marceneiro, ferreiro, pedreiro etc. Muitos deles não agüentavam o ritmo de trabalho pesado e acabavam morrendo.

Os custos com as crianças abandonadas sempre foram elevados. No Brasil-Colônia, as instituições de amparo às crianças contavam com a ajuda de ricos proprietários de terras, sempre muito preocupados com o espírito de caridade e com a salvação de suas próprias almas.

A entrada do século XIX foi marcada pela repercussão das idéias iluministas. A concepção de caridade e de solidariedade foi se modificando e, com ela, o declínio das doações que subsidiavam as instituições que recolhiam as crianças abandonadas. Neste século, a criança estava mais próxima de uma representação como ser autônomo, carente de educação e de cuidados próprios aos de sua idade. O Estado marca sua entrada de forma

decisiva na vida intra-familiar. O controle institucional sobre a família é determinado pela possibilidade da destituição do pátrio-poder em casos de ameaça à integridade física da criança (GUERRA, 1986, p. 48).

A partir de 1860, muitas instituições de abrigo e de educação para menores abandonados foram criadas. Essa nova fase assistencialista-filantrópica tentava se fundamentar na ciência e não na caridade para cuidar do abandono. As ordens religiosas sempre estiveram muito presentes nesta tarefa e fundaram orfanatos em muitos lugares.

Somente um século depois podemos dizer que efetivamente se iniciou uma mudança no modelo de assistência à infância. A última “roda dos expostos” foi fechada em 1950 (MARCILIO, 1997). Até então, a criança desprotegida pelo Estado esteve exposta a todo o tipo de abuso e negligência.

Na Europa do século XIX, a supervisão e a orientação disciplinar da criança não haviam chegado às classes populares; pelo contrário, as condições sócio-educativas dessas crianças eram destituídas de qualquer estrutura. Sob tais circunstâncias, as mais pobres passaram a ser vigiadas e controladas pelos capatazes das fábricas e pela igreja, nas escolas paroquiais. Os pais estavam longe de se responsabilizar pelos seus filhos, não se confiava na qualidade dos cuidados da família pobre. O Estado, a paróquia e a vigilância dos vizinhos eram os meios de controle social e de manutenção da ordem.

Motta (2003) questiona se o sentimento pela infância na atualidade se diferencia daquela da Idade média. Segundo a autora,

Até hoje, a tendência de muitos estudiosos e da sociedade em geral, quando se referem à criança pobre, é a de considerá-la portadora de uma natureza diferente daquela da criança das classes média e abastada. Seria possível tomar tal atitude como uma variedade da ausência do sentimento da infância que se refere Ariès? A flagrante discriminação que ainda hoje vitima os filhos das famílias pobres pouco difere dessa ausência de sentimento na medida em que ambas partilham a mesma indiferença e o mesmo desprezo pela criança identificados no período medieval. (MOTTA, 2003, p. 16)

Aparentemente reservou-se às crianças pobres contemporâneas algo não muito diferente do que lhes foi reservado nos séculos anteriores. Na atualidade às crianças pobres são destinadas as creches, lugares para se guardar crianças. Mas quem cuida delas? Funcionários que ainda hoje, no Brasil, não possuem formação específica. Se antes eram os capatazes, hoje permanecem as amas, um pouco mais informadas sobre as noções de higiene, mas pouco orientadas e dedicadas ao cuidado e à educação de crianças.

Presenciamos nos dias de hoje, principalmente através dos meios de comunicação de massa, a disseminação de programas de cuidados à saúde infantil. No Brasil, as campanhas de vacinação, de aleitamento materno, contra a desnutrição, os programas bolsa-escola, a bolsa-família, a bolsa-alimentação se propagam e fazem parte da plataforma eleitoreira de muitos ou da maioria dos candidatos. Presenciamos também a queda da qualidade de ensino, de vida, de saúde. Vivemos no mundo do espetáculo. O espetáculo do crescimento no Brasil. Espectáculo para “inglês ver”. A carência de alicerces que fundamentam uma boa educação e uma qualidade de vida está longe de ser suprida com a proliferação de bolsas e campanhas. Nosso nó é mais estrutural. Se, no século XVIII, as crianças morriam por falta de recursos tecnológicos e farmacêuticos próprios da época, hoje as crianças morrem por falta de acesso à tecnologia da saúde e aos recursos que lhe proporcionem uma boa qualidade de vida. A infância, não muito diferentemente de séculos anteriores, mantém-se subjugada ao adulto pela falta de um reconhecimento efetivo de sua diferenciação, pela falta de um lugar psicológico e social que não faça dela uma vítima dos desejos e dos projetos do adulto.

2.3 - A infância negligenciada e as políticas sociais no Brasil

A criança consegue ter visibilidade no Brasil quando o trabalho deixa de ser doméstico, obrigando os pais a se deslocarem e a se afastarem de seus filhos. Com a saída dos

pais para as fábricas, cresce o número de crianças abandonadas. No fim do século XIX, convencionou-se chamar de “menores” as crianças abandonadas e, nas palavras de Assis (1999, p. 38), “o menor não era filho de família, mas aquele pobre, abandonado material e emocionalmente.”

A representação da família desestruturada que transformava os jovens em delinquentes estava diretamente relacionada às famílias pobres e de periferia. Para evitar o aumento da marginalidade, o Estado, por meio de políticas sociais, passou a ser o responsável pela integração do indivíduo à sociedade desde a mais tenra idade.

Segundo Passetti (1999), foi somente com a chegada de imigrantes no Brasil que iniciou-se uma série de denúncias em relação ao desrespeito e à exploração do trabalho infantil.

A associação entre criança pobre, abandonada e perigosa era extremamente forte. Por volta das décadas de 20 e 30, a política social “educação pelo medo” (PASSETTI, 1999, p. 356), de internação de menores, não fazia distinção entre criança abandonada e infratora.

As políticas sociais contra o abuso infantil começam a se configurar de forma mais intensa somente a partir de 1970. Nesta década, inicia-se o movimento de redemocratização do país. Em 1980, os questionamentos sobre a “Política Nacional do Bem-Estar do Menor” se intensificam ao lado de um aumento de denúncias sobre a violação dos direitos da criança. Ainda neste período (outubro de 1988), concretizam-se mudanças na constituição para garantir os direitos infantis:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão. (*Constituição da República Federativa do Brasil*, ECA, 1996, p. 3)

Somente após a constituição de 1988 houve uma separação efetiva entre abandono e infração. O atendimento às crianças abandonadas passou a ser descentralizado e em “meio aberto”. Dois anos mais tarde, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* viria consolidar (ao menos tentar) a garantia de direitos do menor e, com ele, a ampliação de políticas públicas de assistência.

Azevedo (2000) realiza um levantamento cronológico das organizações que surgiram em São Paulo (estado e município) e que desempenharam papel relevante contra a violência de crianças e adolescentes. Em 1977, surge a Pastoral do Menor, organização ligada à Arquidiocese de São Paulo, com o intuito de oferecer apoio e intervenção pedagógica aos desfavorecidos. Dois anos mais tarde, nasce o Movimento em Defesa do Menor, com o objetivo de desenvolver a cidadania nas crianças. Em 1991, pela primeira vez, uma organização aproxima-se dos problemas ligados diretamente à questão da violência doméstica. A Fundação ABRINQ sugere a constituição de famílias substitutas para o acolhimento das vítimas de violência. No que se refere às organizações de atenção direta, temos em 1985 o Centro Regional de Registros e Atenção aos Maus-tratos na Infância (CRAMI), referência no registro de casos e proporcionando atendimento multiprofissional às vítimas da região de Campinas. Em 1986, ocorre a descentralização da Vara de Menores em São Paulo. No ano seguinte, a Secretaria do Estado do Menor lança o Programa SOS-Criança, que tem como um de seus objetivos o registro das denúncias de casos de violência física e/ou sexual. Tal programa desdobra-se na Rede-Criança, reforçando a unificação de profissionais ligados às diversas áreas na defesa dos direitos da criança e do adolescente. Neste mesmo ano, o Programa Casas-abrigo é instituído com o objetivo de abrigar crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Em 1989, através da parceria entre FCBIA (Fundação Centro Brasileiro para Infância e Adolescência) e a PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo), inicia-se o programa de prevenção à violência física e sexual em adolescentes no lar, trazendo o tema para ser discutido entre professores da rede de ensino.

Diante do exposto, vemos que é muito recente a noção de violência contra a criança e a introdução de programas de atuação destinados especificamente a esses casos.

Se antes tínhamos a caridade das famílias abastadas e da Igreja no cuidado com a criança abandonada, com a Proclamação da República, o Estado se imbuí dessa tarefa. Hoje é o empresariado quem faz a filantropia pelas vantagens que recebe no que deixa de pagar ao Estado. Segundo Passeti (1999, p. 370), “A criança, enfim, é o meio para a continuidade das burocracias pública e privada que, para tal, criam e recriam programas de atendimento, avaliações e premiações, montando e remontando o espetáculo das compaixões.”

Se antes os tratamentos severos eram justificados como necessidades educacionais e a negligência era tolerada como um infortúnio da criança, hoje são vistos como atos de violência provenientes da ignorância e da pobreza. A própria família, outrora tida como o melhor lugar para a criança, hoje passa a ser vista como um lugar perigoso e ameaçador (GONÇALVES, 2003).

Os dados relativos às denúncias de violência contra a criança demonstram uma tendência crescente, reforçando a preocupação com esse fenômeno e a ineficácia das políticas sociais.

Modalidade de VDCA	Incidência Pesquisada									Número total de casos notificados
	1.996	1.997	1.998	1.999	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	
Violência Física	525	1.240	2.804	2.620	4.330	6.675	5.721	6.497	6.066	36.478
Violência Sexual	95	315	578	649	978	1.723	1.728	2.599	2.573	11.238
Violência Psicológica	0	53	2.105	893	1.493	3.893	2.685	2.952	3.097	17.171
Negligência	572	456	7.148	2.512	4.205	7.713	5.798	8.687	7.799	44.890
Violência Fatal	-	-	-	-	135	257	42	22	17	473
Total	1.192	2.064	12.635	6.674	11.141	20.261	15.974	20.757	19.552	110.250

* Fonte: Laboratório de Estudos da Criança (LACRI) – www.usp.br/ip/laboratorios/lacri

Como consequência dessa síndrome chamada violência doméstica, temos como resultado final a criança, em muitos casos, separada judicialmente da família e padecendo de intenso sofrimento físico e emocional por não ter, fundamentalmente, um lugar que lhe garanta efetivamente seus direitos.

2.4 - A família e a infância na contemporaneidade

Por meio desta retrospectiva pudemos observar que a maternagem e os cuidados com a criança não se constituíram como um processo natural ou espontâneo. As mudanças sociais, culturais e econômicas sempre atravessaram a família, deixando marcas profundas em sua organização.

As políticas de assistência à infância nem sempre fizeram parte integrante desse processo histórico e, na mesma medida, refletiram nada mais, nada menos, que o lugar destinado à criança: a precariedade, a mortalidade e o abandono.

Há menos de 15 anos o ECA foi instituído como instrumento de proteção ao menor, principalmente quando nos referimos aos casos de violência infantil. Além disso, temos uma difusão de idéias sobre os prejuízos provenientes de situações de violência e concepções sobre educação que priorizam os cuidados da criança, tendo em vista a concentração do conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Se temos os meios, por que a violência contra a criança não pára de crescer?

Talvez uma pista possa nos ser fornecida através da análise de Bauman (1998) e Calligaris (2000) sobre as concepções contemporâneas da família e da infância. O primeiro analisa a segunda revolução sexual³, que teve início em meados do século XX e foi marcada pela desintegração do núcleo familiar. Se, por um lado, durante o século XIX, o controle

³ A primeira revolução (Bauman remete a Foucault) ocorreu no século XIX, através da descoberta da sexualidade infantil, e consolidou todo um sistema de vigilância sobre a criança pela família, pela medicina e pela escola (Bauman, 1998).

prevalecia explicitamente sobre o comportamento sexual, por outro, obtínhamos uma aproximação de contato (as confidências, por exemplo) tanto físico como emocional entre as pessoas, através dessa mesma vigilância.

Sobre o século XX, Bauman (1998, p.183) nos aponta “[...] um processo de desregulamentação e privatização do controle, da organização do espaço e dos problemas de identidade”.

Deleuze (1992) denuncia a crise das sociedades disciplinares. Na atualidade, os modelos de aprisionamento são “moldes” instituídos por todos os lados e modeláveis ao indivíduo. Nas sociedades disciplinares, os meios de confinamento estavam bem definidos: a prisão, a fábrica, o hospital, a escola. Atuavam de modo compartimentalizado e estanque, sob a égide de um tempo segmentado: o tempo específico destinado ao trabalho, à educação, ao amor e assim por diante. Nas sociedades de controle, a segmentação do tempo e do espaço é substituída pela continuidade e pela permanência. Nesse sentido, o autor nos remete a alguns exemplos da atualidade como “[...] a empresa substitui a fábrica, a *formação permanente* tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame.” (DELEUZE, 1992, p. 221, grifo do autor). O controle a que o autor se refere é aquele que remete às trocas flutuantes.

Figueira (1987) nos aponta as modificações da família brasileira a partir da década de 1950. Ele observou a tendência ligada à nuclearização e à privatização sob a ideologia do igualitarismo. A família, tradicional e hierarquizada, com papéis e funções bem delimitados, torna-se coisa do passado. Nesta perspectiva, a identidade modula-se pelo modelo idiosincrático. O homem e a mulher percebem-se como diferentes, pessoal e idiosincraticamente, e como iguais, já que ambos são indivíduos. Assim, as noções de certo e errado perdem suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento perde a clareza e instaura-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo

respeito à individualidade do outro. Percebe-se a permeabilidade das fronteiras entre pais e filhos. Estas categorias são marcadas por diferenças sutis – através da idéia da diferença de indivíduo, causando uma identidade mais comum, abstrata, diluída e multifacetada.

Não é à toa que facilmente notamos nos pais a busca por profissionais especializados para que os orientem sobre como lidar com seus filhos; melhor dizendo: como lhes impor limites. A própria busca pelas especialidades já confere aos pais um não saber, como se não estivessem autorizados a lidar e a se encarregar da educação de seus próprios filhos.

Bauman (1998) confere o título de “acumulador de sensações” à identidade presente no século XX. Sob esta óptica, a sexualidade restringiu-se ao individual, à coleção de experiências e aos critérios de adequação individual (certo / errado / bonito / feio, tendo como parâmetro a imagem veiculada na mídia) e aptidão corporal. Como resultado desse processo, temos um esvaziamento do encontro sexual e uma supervalorização do sexo e de suas sensações.

Dentro dessa perspectiva, podemos pensar sobre a insatisfação incessante do sujeito consigo mesmo. E a insatisfação é tamanha que o indivíduo não consegue sentir prazer ou sentir-se reconhecido ou gratificado por algo. As indústrias farmacêuticas são as que mais se beneficiam dessa tendência, oferecendo seja alívio para a dor, seja prazer e êxtase de forma infalível e rápida. O narcisismo contemporâneo procura afugentar a todo custo o fantasma da falta tornando o corpo o principal alvo deste investimento. Aqui podemos observar o “boom” dos centros estéticos, das academias ou dos planos de saúde, voltados exclusivamente para as cirurgias plásticas.

O isolamento do sexo, desvinculado das relações sociais, se torna um instrumento de “privatização e mercantilização” (BAUMAN, 1998), já que a vinculação do homem com a vida passa a ser feito através do consumo. Portanto, o investimento libidinal não está ligado a formas de produção de vida. Se antes tínhamos a norma, a coerção e as pressões da sociedade

bem definidas como regulação e controle, hoje temos a publicidade, a sedução e a invisibilidade como formas micro-reguladoras das relações sociais. Quem não participa do jogo, fica do lado de fora.

Pesquisadores têm se preocupado com as raízes e os efeitos do desenraizamento e da exclusão social. Em um simpósio intitulado “Trajetos do sofrimento: desenraizamento e exclusão”, organizado por Vaisberg e Ambrosio (2002), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, discutiram-se as várias formas de exclusão social pelas quais o ser humano passa atualmente. Safra (2002) relata com muita propriedade as formas de sofrimento psíquico que contemporaneamente têm estado presentes nos serviços de atendimento psicológico: humilhação; desenraizamento étnico (que constitui a perda do vínculo entre elementos sensoriais e culturais que remetem à origem do ser humano), estético (o corpo não mais se reconhece perante um ritmo que não lhe é próprio, atualmente marcado pela velocidade do tempo digital e tecnológico), ético (quando a vida não é marcada por respeito e responsabilidade ao humano); invisibilidade (experiência de não ser visto pelo social); tecnologia opressora (inter-relacionamentos mediados pela tecnologia e por especialidades).

Na atualidade, a sexualidade está totalmente desvinculada de qualquer obrigação, de laços afetivos e de direitos adquiridos. Tal representação cria ao mesmo tempo uma persecutoriedade a qualquer afeto que promova um certo vínculo. O pânico de ser percebido ou notado pela manifestação de um interesse maior do que aquele permitido e aceito pela média das relações sensatas, distintas e cordiais se estende a todos os segmentos da vida do indivíduo. Alguma atitude mais afetiva ou delicada com um colega de trabalho ou o oferecimento de gentilezas podem revelar uma estranha intimidade que causa incômodo e, portanto, é repudiada. O exemplo mais claro deste tipo de relação no trabalho é o aumento das denúncias por assédio sexual. No nosso tempo, a linha divisória entre o que é tido como afeto e abuso fica recortada e permeável a muitas interpretações e, em muitos casos, más

interpretações. Como resultado, temos o esfacelamento das relações humanas, privando-as de intimidade e emotividade (BAUMAN, 1998).

Em um mundo marcado pelo consumo, pela busca imediata de satisfação individual e pelo esvaziamento das relações interpessoais, presenciamos o afastamento dos pais em relação aos seus filhos pelo temor do desejo sexual: “As crianças agora são consideradas principalmente objetos sexuais e vítimas potenciais de seus pais como sujeitos sexuais [...]” (BAUMAN, 1998, p. 187).

Nos tempos em que o “acumulador de sensações” se faz presente, não é difícil imaginar o que fantasmaticamente esperamos de nossas crianças. Numa sociedade em que os relacionamentos sociais estão enfraquecidos, a finitude é vivenciada como pânico, pois ela presentifica o marco do desaparecimento do sujeito. O último recurso de sobrevivência é atingir a imortalidade através das crianças. A busca da felicidade idealizada se tornou um dever para o indivíduo, afirma Calligaris em uma resenha para a *Folha de São Paulo* (CALLIGARIS, 24 jul 1994). Questionamos também se este fato não teria se tornado uma tentativa quase que desesperada do indivíduo – “acumulador de sensações” (BAUMAN, 1998) – para tudo que está destituído de sentido. Cuidar, satisfazer e proteger uma criança, sob este olhar, não está vinculado a uma idéia de prepará-las como força de trabalho ou transmissão de bens, como se fazia em épocas anteriores. Olhar uma criança bem cuidada mantém viva nossa esperança de reter um reflexo de infância feliz, como queríamos que a nossa tivesse sido, e a permanência da busca do paraíso, da terra prometida. Projetamos em nossas crianças nosso filme e nossa sina – a ilusão de uma vida feliz, bem cuidada e amparada.

As ações e as atitudes filantrópicas dirigidas à criança inscreveram-se, igualmente, nessa dinâmica de fazer dela e de seu sofrimento um objeto de apaziguamento da culpa ou de satisfações narcísicas dos adultos. As “madrinhas adotivas”, que geralmente freqüentam

instituições como Casas Abrigo ou Orfanatos, constituem um caso paradigmático. Essas pessoas geralmente escolhem uma criança para “cuidar”, realizando visitas, levando presentes, trocando afeto. Alguns relatos nos indicam que, em algumas situações, existe um comprometimento emocional daquele que vai em busca desses encontros. É comum, por exemplo, presenciarmos pessoas que perderam entes queridos aproximarem-se destes lugares na tentativa de superar o luto através do contato com estas crianças.

O anseio assistencial é uma vasta defesa contra um amor das crianças que na verdade é cada vez menos universal. Pois se as crianças não são amadas por descendência, mas por ser a imagem de nossa felicidade, com efeito, que me importa a criança do vizinho? Só é amável a minha. (CALLIGARIS, 1994)

Nesse sentido, o que se espera de uma criança abrigada? Uma das crianças atendidas por nós se referia à dor de ser reconhecida publicamente como abrigada. Ser abrigado é ser alguém sem família, dizia-nos. Significa lidar com as facetas do abandono e com a falta de referenciais.

Calligaris (1994) realiza uma análise do sentimento de “piedade” que se cria em torno de crianças abandonadas. Ele caracteriza o fato como proveniente de uma catarse social e, portanto, podemos questionar o trabalho do voluntariado ou, mais especificamente, no Abrigo, das madrinhas adotivas. O que estas pessoas estão investindo nessas crianças? Calligaris (1994) sugere a própria salvação do ser humano. Cuidar de uma criança abandonada nem sempre está vinculado a um exercício da cidadania, mas, talvez, à necessidade de buscar nela um afeto que lhes restitua algo sentido como perdido e esvaziado: a sua própria filiação. Como se não bastassem as próprias dificuldades para o reconhecimento de sua filiação, a criança albergada ainda tem que suportar as projeções de seus supostos “protetores” ou “benfeitores”.

Sob essa perspectiva, a criança é sempre vista como objeto de satisfação do desejo do outro. Sua família, seu referencial, suas raízes culturais, éticas e étnicas se perdem, abrindo

espaço para outros olhares desejosos, diversos e transitórios. A reação da criança exposta a tal condição pode ir de uma apatia a uma reatividade desmesurada. A rebeldia contra tudo e contra todos revela a necessidade de um ambiente que a sustente, uma necessidade de ser reconhecida e vista por alguém (WINNICOTT, 1987).

O abandono, a impunidade do menor que comete delito, a psicologização desenfreada e mal-interpretada são sinais de que no Brasil a criança está mais próxima de uma exaltação fantasmática do que propriamente de um reconhecimento simbólico de sua existência.

Sabemos que o reconhecimento simbólico só é atingido pelo processo de interdição, da renúncia de um desejo para a abertura de outros possíveis. De acordo com Calligaris (2000, p. 48), “Ser pai é sustentar o interdito sobre o corpo materno, que de repente permita à criança se situar e ser reconhecida como filha ou filho, a coisa parece difícil desde que à criança é delegado nada menos que o fantasma paterno de um gozo sem limites.”

Com o interdito, a criança terá a oportunidade de encontrar o seu lugar mediante suas tentativas de infringir a lei. A cada manifestação sua, estará a lei para designar o seu lugar e, conseqüentemente para a criança, reafirmar sua filiação.

A falta de filiação, do interdito, da fundação constitui na criança a fantasia de que a realidade é mágica, local onde tudo é possível. Não é à toa que os ídolos de nossos pequenos estejam sempre, e somente, vinculados a super-heróis, super-pops, super-stars. A representação contida é a de que, como num passe de mágica, as coisas pudessem se transformar. A transformação da vida marcada pelo trabalho produtivo é substituída pelo consumo. Os pais já não conseguem reter uma imagem de seus filhos como seres diferentes de sua própria imagem e semelhança. O amor narcísico requer a imagem de uma criança feliz que reflita no adulto um sentimento /efêmero/ de felicidade. Essa forma de amor aos filhos consiste em livrá-los de tudo o que é penoso e trabalhoso para colocar em suas mãos o objeto que os satisfaça. Não há um ideal, uma busca, um desafio, nada em que a criança, o

adolescente possam se mirar e rebelar, atestando sua filiação e constituindo sua própria identidade separada dos pais.

Aumentou sim, nos últimos anos, a independência das crianças cada vez menos integradas em quadros familiares, cada vez mais sozinhos. Efeito dos tempos, da instabilidade dos casais, do mercado de trabalho, certo, mas também de um narcisismo parental que cada vez mais vê na criança o adulto. (CALLIGARIS, 1994).

Em outra via, percebemos que crianças clamam por seu direito à filiação. A manifestação da criança hiperativa, os problemas de aprendizagem, tão comuns nas clínicas para atendimento psicopedagógico, refletem a necessidade de resposta de um ambiente que a sustente e que a perceba (WINNICOTT, 1987).

Mello Neto (1993) reitera as considerações acerca da criança como objeto narcísico. Em sua pesquisa procurou revelar as representações de adultos, e neste caso especificamente de professores, acerca do infantil. O autor constatou que um paradoxo se faz presente: o pensamento do adulto acerca da criança se coloca sob a forma de um mal-estar. Em suas palavras,

Trata-se, ainda, de um falar intensamente auto-referencial, tanto no que diz respeito à infância do si-mesmo, como com relação à criança atual, seja filho ou outra criança. Dessa forma, esse falar vai construindo, em todo o seu seguimento, imagens do eu e de suas relações com outros objetos. (MELLO NETO, 1993, p. 301).

O mal-estar presente no paradoxo denuncia uma insatisfação e uma impossibilidade desse “gozo sem limites” (CALLIGARIS, 2000). O autor considera que o eu no adulto se vê refletido na criança de forma distorcida, pois a imagem que vê é limitada e impõe sobre ele a sua sujeição a estes limites. Nesta perspectiva, a representação paradoxal da criança impõe ao adulto a sua própria (i)mortalidade e (in)diferença. Neste mesmo percurso, outro movimento se impõe, já que, da mesma forma que marcam no adulto suas diferenças e faltas, os limites são passíveis de serem retomados como possibilidade de preenchimento das faltas e das lacunas sofridas pelo adulto em sua infância ou vida atual. O autor afirma ainda que não se

trata de tomar a criança como uma simples extensão do eu, mas de um movimento de luta entre a imagem sentida como extensão e preenchimento do eu e a imagem tida como alteridade, diferença.

Diante dessas reflexões, perguntamos-nos se, neste contexto, existe lugar para a criança que não está identificada com a imagem das crianças de auditório de programas infantis. Qual é o espaço e o destino reservados à criança pobre, maltratada e violentada?

A noção de infância surge na história mais para fundamentar e justificar práticas de vitimização, dentro de um quadro social marcado pela violência, pela dominação e pela opressão no exercício de poder, do que para assegurar as condições saudáveis e necessárias para sua existência. A fotografia que se revela ao longo da história traz imagens que exaltam o exercício do poder pela opressão dos mais fracos, mesmo quando este não se faz pela truculência no trato com a criança, mas desde que exerceu um papel ainda mais nefasto ao torná-la como objeto narcísico do espelhamento do adulto. De outro lado, porém, observamos outras imagens, geradas por pesquisas, movimentos e associações que procuram alterar a paisagem da infância. Obtivemos avanços, mas eles são ainda insuficientes para mudar a cara da história.

O reconhecimento da infância se prestou, inicialmente, para o seu confinamento e adestramento, dentro das exigências sócio-econômicas e das necessidades emocionais-afetivas do início do capitalismo e da modernidade e, posteriormente, no capitalismo tardio, típico da cultura contemporânea, a criança foi tomada como um arremedo do adulto, consumidor inveterado em busca do excesso.

Apesar dos avanços, não foi ainda possível, visualizar uma infância desvinculada das práticas que a oprimem. No que cerca a criança vítima de violência doméstica, temos um quadro ainda mais desolador, pois esta vive sua condição errante, no mais amplo sentido que

o termo possa abarcar, circulante entre casas-prédios-escolas, abrigos-prisão, olhares desejosos. Nessa condição toca sua vida procurando como colono a sua filiação.

3 - EXPRESSA-TE, INTERAGE-TE E TRANSFORMA-TE

3.1 - A linguagem enquanto meio

A linguagem é o marco do nascimento do homem enquanto sujeito. A sua evolução é marcada pela necessidade de expressão. A sua sobrevivência enquanto espécie dependeu da proteção de seus pares. Sujeito marcado pela dependência de outrem, desenvolveu meios de comunicar-se e traduzir, por meio de símbolos, suas necessidades. Buscou comunicar-se através de mitos e rituais, meios que garantiram a vida em comunidade. O homem conseguiria, através do recurso que a linguagem lhe conferia, a ordenação de fenômenos, a possibilidade de aferir sentidos para a própria experiência. A comunicação permitiu compartilhar com outros, inseridos no mesmo campo da linguagem, os perigos provenientes das duras condições de vida: a dor, a alegria, as vitórias e as experiências.

De acordo com Ostrower (1995, p. 52), “Ao tentar entender e interpretar o fato de sua própria existência, e tentar comunicá-lo a outros, ele, “homo faber”, homem fazedor, já é *fazedor de formas*, falando, cantando, dançando, pintando, esculpindo, sempre criando formas simbólicas expressivas.”

Ostrower (1995, p. 51) destaca ainda um aspecto primordial da imaginação: “[...] percebemos, compreendemos, criamos e nos comunicamos, sempre por intermédio de imagens, formas.”

Ao longo dos anos, o homem foi se tornando capaz de apropriar-se das possibilidades da matéria para sobreviver e criar uma cultura. A autora enfatiza também a importância da mediação das formas simbólicas como objetivação das experiências subjetivas, num processo que forma, conscientiza e comunica. Ela refere que

A partir de uma condensação seletiva de estímulos, a apreensão sensorial transforma-se em processo de compreensão não sensorial. As imagens transformam-se em significados. Inversamente, criamos imagens, formas sensoriais para comunicar os significados. /.../ Nesta conversão, de imagens e significados, fundamenta-se as linguagens simbólicas. (OSTROWER, 1995, p. 51).

O filósofo Cassirer, assim como Langer (CASSIRER; LANGER apud GARDNER, 1997, p. 40), destacam a faculdade exclusivamente humana de fazer uso das formas simbólicas. Neste sentido o conhecimento não se separa do processo de abstração, captação e transmissão de seus conteúdos em formas simbólicas.

Como ser simbólico, o homem foi capaz de desenvolver um complexo sistema de signos que lhe permitiu fazer parte de uma comunidade, de estar inserido em uma cultura. O marco da humanização se dá pela entrada da criança no universo simbólico, o mundo da linguagem.

A criança pequena exprime suas necessidades e desconfortos através do corpo; gestos que com o tempo vão adquirindo significados capazes de serem lidos e interpretados por um outro. Uma mãe suficientemente atenta às manifestações de seu bebê consegue distinguir um choro de fome de outro, proveniente de dores abdominais, por exemplo. Também é verdade que é somente pela falha deste outro que a criança se vê obrigada a lançar mão de recursos para expressar-se e satisfazer as suas necessidades (WINNICOTT, 1975). Este é o processo que engaja a criança no universo simbólico.

Langer (1980, p. 31) refere que, na linguagem, as palavras representam “itens da experiência” separadas e interpretadas de um para um. Assim como letras e fonemas são tomados como um só no que se refere à palavra veiculada, o representado, ou seja, a imagem advinda do significado também é tomada como uma só em termos de compreensão. Nesse sentido, podemos sublinhar a capacidade do homem de transformar a representação de imagens em signos compartilhados por uma mesma sociedade. O símbolo substitui o objeto ausente e cria possibilidades diversas para o homem lidar com essa ausência. Lembremos a

observação de Freud sobre o jogo infantil onde a criança brincava com um carretel que simbolizava as idas e vindas da mãe.

A palavra não carrega em si o pleno significado da coisa, da experiência. Para somar, o homem lança mão dos recursos de que dispõe (corpo, gesto, objetos, materialidade) para explorar e transformar o mundo, tentar dar conta da experiência que a palavra, em muitas ocasiões, não consegue abarcar.

Uma das formas de representar a experiência é a plástica, que Pain & Jarreau (2001) definem como um processo de construção do pensamento. Através da práxis entre autor e matéria se cria algo novo e a função deste objeto é tornar-se signo. Nesse processo, uma complexa relação entre autor e obra vai se estruturando, sendo que o primeiro transforma a matéria que, por sua vez, transforma o autor. O processo de elaboração da matéria é, ao mesmo tempo, motivo de contemplação e espelho do contemplado. Pain & Jarreau (2001, p. 43) comentam essa delicada relação entre autor e obra: “O sujeito que toca parece o mesmo que contempla, contudo, ele se descobre, espanta-se, é fascinado, visto que há sempre alguma coisa do outro olhar. Na representação, vê-se como um outro.”

Outra autora que compartilha da mesma visão refere que

[...] todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que são novamente transferidas para si. (OSTROWER, 1995, p. 53).

A partir dessa idéia podemos tomar como análise o artigo de Winnicott (1975) sobre *O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. Este autor foi influenciado pelo artigo de Lacan sobre o estágio do espelho e defende que a função ambiental é de importância vital para o desenvolvimento infantil desde os seus primórdios. Refere que, em determinado ponto, o bebê passa a olhar em sua volta e, provavelmente, encontrará o rosto da mãe ou daquele que exerça a função ambiental como referência. Sugere que, ao olhar o rosto

da mãe, vê a si mesmo ou, em suas palavras, “a mãe está olhando para o bebê e *aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali.*” (WINNICOTT, 1975, p. 154, grifo do autor). Acontece, porém, que, segundo o autor, muitos bebês não recebem de volta aquilo que estão oferecendo e a mãe-ambiente não consegue refletir nada além de seu próprio humor ou defesas. Quando a mãe consegue estar em sintonia com seu bebê, quando fornece o holding necessário e o manejo adequado, o objeto que se apresenta a ele não viola sua onipotência e ele consegue fazer uso deste objeto apresentado e senti-lo como um objeto subjetivo, criado por ele mesmo. Winnicott (1975) se refere à capacidade de ilusão, fator decisivo para o desenvolvimento criativo. O problema surge quando o bebê procura por um longo tempo sua imagem no rosto da mãe e não consegue encontrá-la. Acostumado com este processo, ele conclui bem cedo que o que vê é o rosto da mãe e não um espelho. Tal acontecimento prejudica aquilo que poderia ser uma troca significativa com o mundo e a própria capacidade criativa da criança começa a sentir os efeitos dessa desilusão precoce. Winnicott (1975, p. 155) comenta que “[...] um bebê tratado assim crescerá sentindo dificuldades em relação a espelhos e sobre o que o espelho tem a oferecer”.

Pain & Jarreau (2001) parecem compactuar com Winnicott (1975) sobre a importância do ambiente como espelho para o indivíduo. Os autores acrescentam que, ao atuar sobre a matéria, o indivíduo se vê refletido. Acrescentaríamos que nessa troca entre fazer, refletir, ser, refazer está a possibilidade da criação e da re-criação do mundo e das coisas que se apresentam. Nessa proposta nada é estático, tudo se transforma.

Segundo Pain & Jarreau (2001), o objeto-representação constitui-se em um significado inserido em um código compartilhado. Os códigos morfológico (forma), simbólico (cultura) e subjetivo (estilo) estão presentes nas representações plásticas. A construção do objeto-representação está sempre guiada por uma imagem (“elaboração mental”) e se circunscreve dentro de alguns mecanismos:

- a) Percepção: tanto a percepção quanto a imagem não são capazes de apreender o objeto em sua totalidade. A imagem busca a sensação impossível e por isso remete à falta. Cabe à percepção dirigir a escolha e demonstrar através desse recorte o que é significativo para este sujeito.
- b) Ação: se uma percepção não dá conta de um objeto, o autor busca várias percepções de um mesmo objeto para organizá-las e, através da ação, compô-las de tal forma que mostre ao receptor aquilo que de significativo apreende do objeto.
- c) Representação: a imagem como construção mental se origina através dos esquemas sensório-motores. São estes em sua origem que organizam os gestos capazes de atuar sobre a materialidade e reconstruir um objeto. O pensamento guiado pelos códigos da linguagem sintetiza e analisa a matéria com vistas à potencialidade desta para atingir determinada representação.
- d) Imaginação: a imagem propõe dois problemas ao criador – o que dizer e como dizer. Nessa perspectiva, a imaginação não se restringe à capacidade de encontrar algo significativo para dizer, mas também a de encontrar recursos para que este projeto possa ser viabilizado.
- e) Linguagem: após a inserção no mundo da linguagem, o homem busca entre imagens e palavras uma relação estreita. “As palavras procuram um excedente de formas e cor, uma outra substância, as imagens fazem ressoar partículas sonoras ligadas às palavras que elas encerram, através de enigmas. Constroem-se imagens com palavras e discursos com imagens.” (PAIN & JARREAU, 2001, p. 51).

Pain & Jarreau (2001) propõem uma diferença entre o organismo e o corpo. Para os autores, o organismo se traduz como estrutura ou uma “memória do funcionamento” (PAIN & JARREAU, 2001, p. 53). A capacidade representativa só se desenvolve quando as aquisições em termos de linguagem e habilidades motoras estejam disponíveis de imediato, sem a

passagem pela consciência. Desse modo, escrever um texto criativo pressupõe que a escrita esteja automatizada. Se o organismo é a estrutura, o corpo é o instrumento das sensações. O corpo “[...] é ato vivido, presença.” (PAIN & JARREAU, 2001, p. 53).

O corpo é o suporte de três planos para a representação plástica. O plano sensório-motor, onde as percepções e as ações tomam um sentido; plano dos afetos, esteio das emoções. No trabalho de criação, na lida com a matéria, o autor se relaciona como contemplador de sua obra e é contemplado pela mesma; é no plano das sensações que, através da imaginação, põe-se em movimento a emergência de afetos. O terceiro plano se refere à constituição do “eu”, a morada do *self* e, neste sentido, “[...] toda representação assimila, ao mesmo tempo, um eu-proprietário (do corpo enquanto causa) e um eu-autor (da obra enquanto efeito).” (PAIN & JARREAU, 2001, p. 54).

Segundo as contribuições de Pain & Jarreau (2001), a representação envolve fatores cognitivos, culturais e subjetivos e, quando postas em movimento, promovem a expressão do criador em sua totalidade. A matéria como unidade intermediária permite ao autor a transformação da coisa em algo passível de significação e, quando expressa, dirige ao receptor um código compartilhado, carregado de impressões pessoais.

3.2 - A linguagem enquanto ato

A corrente proveniente da sóciolinguística radicaliza o conceito de linguagem e propõe que esta é produtora de relações sociais. Orlandi (1987, p. 150), em seu livro *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*, afirma que a “[...] apropriação da linguagem é social.”. O sujeito se constitui na contradição entre suas necessidades individuais e o social, na bipolaridade entre o eu e o outro, na interação.

Dentro desta perspectiva, a linguagem é tida como trabalho necessário, não arbitrário e natural. Ela é resultado da interação entre homem e realidade natural e social, portanto, produção social. Como mediadora entre homem e realidade, a linguagem promove a ação que transforma a realidade e a relação entre os homens. Sem dúvida, não podemos olhar para a linguagem sem levar em consideração os processos histórico-sociais que a produziram.

Orlandi (1987, p. 26) privilegia a análise do discurso por ser esta a instância que “[...] explicita o modo de existência da linguagem que é social.”. O discurso nessa vertente é entendido não como uma mera transmissão de dados, mas como “[...] efeito de sentido entre os interlocutores [...]” (ORLANDI, 1987, p. 26); daí que os interlocutores, a situação, o contexto sócio-histórico, as condições de sua produção compõem o sentido da seqüência verbal que foi produzida. Outro ponto importante é que o discurso deve ser compreendido como um estado de processo discursivo, pois sempre parte de um outro discurso que se redireciona a outro e este processo é resultante de discursos institucionalizados. Assim, o sujeito que produz um discurso também é reproduzido por ele.

Izidoro Blikstein (1983) é outro autor que compartilha das mesmas idéias, dado que compreende a linguagem como produção social. Para ele não há linguagem sem práxis⁴. A percepção depende de uma prática social que fabrica o referente. Em sua discussão, enfatiza a preponderância do referente como mediador da relação entre significante e significado. A práxis determina a percepção/cognição do sujeito e, a partir dela, se constituirá o referente. O referente é o lugar de onde parte a linguagem.

Blikstein (1983) se utiliza de um exemplo de Shaff (1974, apud BLIKSTEIN, 1983, p. 57) para representar sua formulação sobre a constituição do referente. Neste exemplo, Shaff (1974, apud BLIKSTEIN, 1983) lembra que os esquimós reconhecem trinta espécies de neve, diferentemente de nós, que geralmente percebemos a neve como sempre a mesma em todo

⁴ Termo referido no texto em seu sentido marxista, ou, segundo o autor: “conjunto de atividades humanas que engendram não só as condições de produção, mas, de um modo geral, as condições de existência de uma sociedade.” (BLIKSTEIN, 1983, p. 54).

lugar. Por uma questão de sobrevivência, estes sujeitos “[...] não podem perceber a realidade de outro modo.” (BLIKSTEIN, 1983, p. 57). Nesse sentido, Blikstein (1983, p. 58, grifo do autor) afirma que a “[...] percepção e a linguagem é que estariam *indissoluvelmente ligadas* à práxis social, que é indefectível e vital para a existência de qualquer comunidade.”.

A partir da práxis, o homem desenvolve mecanismos de “diferenciação e identificação” (BLIKSTEIN, 1983, p. 60) para lidar com a realidade que lhe é vital. Através desses mecanismos, passa a articular traços que discriminam, reconhecem e selecionam os estímulos como cores, formas, funções, espaços e tempos provenientes do ambiente. Sendo discriminatórios, tais traços adquirem valor positivo ou negativo dentro de uma práxis e, desse modo, se transformam em traços ideológicos. A partir desse conceito, podemos pensar no valor que os espaços fechados constituíram-se para nós. Entre a proteção e a prisão, os lugares fechados circulam entre valores positivos ou pejorativos. Podemos nos questionar sobre a discriminação que se faz das Casas Abrigos, que se propõem a abrigar crianças em situação de risco, mas que ao mesmo tempo se constituem em lugares fechados, de isolamento e aprisionamento.

Diante dos padrões discriminatórios e seletivos constitutivos de nossa percepção, Blikstein (1983) ressalta o caráter estereotipado de nossa percepção. É através dos corredores isotópicos, ou seja, dos traços ideológicos construídos sócio-historicamente que vemos uma realidade que é, ao mesmo tempo, fabricada e fragmentada. Fazendo uso dos “óculos sociais” (BLIKSTEIN, 1983, p. 61) produzimos o referente, o lugar de onde dizemos e para quem dizemos. O autor se refere ao caráter fascista da linguagem, quando enfatiza o mergulho de nossa percepção/cognição nas estereotípias, fazendo-nos tomar uma realidade como algo programado e naturalizado.

Orlandi (1987, p. 158) se aproxima de Blikstein (1983) quando trata dos traços ideológicos:

Do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas que, por sua vez, são partes de formação ideológica. Como as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, assim que se considera o discurso como fenômeno social.

Blikstein (1983) também se refere a Schaff (1974, apud BLIKSTEIN, 1983) para afirmar que a linguagem não é somente um lugar de reprodução da práxis, mas pode se constituir em uma atitude dialética e criativa. A linguagem criativa poderá romper com os estereótipos na medida em que houver um desarranjo na práxis. Segundo o autor, “[...] a linguagem deixa de ser fascista quando, subvertendo a si mesma, subverte a percepção / cognição.” (BLIKSTEIN, 1983, p. 84-85). Sugere ainda que é por meio da função poética que podemos subverter os óculos sociais.

Compartilhando das mesmas idéias, Orlandi (1987) cria uma tipologia do discurso, privilegiando o estudo da interação e da polissemia entre o locutor e o ouvinte e as vicissitudes deste encontro. Considera para a formação da tipologia as condições de produção do discurso: a interação entre os sujeitos (se o locutor leva em consideração o interlocutor dentro de uma certa perspectiva, se não o leva em conta ou ainda se a relação entre eles pode ser qualquer uma das duas), a reversibilidade ou a dinâmica da interlocução (a flexibilidade ou a rigidez na troca de papéis entre o locutor e o ouvinte) e a polissemia (multiplicidade de sentidos) ou a relação com o objeto do discurso.

Com base nesses critérios, a autora propõe três tipos fundamentais de discurso⁵: o lúdico, o polêmico e o autoritário.

No discurso lúdico, o objeto se mantém enquanto coisa e os sujeitos se expõem a ele. A troca de papéis circula, portanto, com maior grau de reversibilidade, resultando na polissemia aberta e em alta escala. O exemplo deste discurso é a brincadeira, o jogo onde as

⁵ Discurso, segundo Orlandi (1987, p. 157), é tido como linguagem em interação ou ainda “[...] aquele em que se considera que a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação de que se diz.”

regras, também flexíveis e mutáveis, são constituídas pelos próprios membros que participam da situação.

No discurso polêmico, o objeto do discurso está presente de forma especificamente dirigida pelos participantes, sendo que a reversibilidade e a polissemia estão mais controladas.

No discurso autoritário, a troca de papéis não existe, o objeto do discurso está oculto pelo dizer e a polissemia dá lugar à paráfrase, ou seja, à permanência de um sentido único.

Tendo em vista a sociedade contemporânea, marcada pelo tecnicismo e pelo consumo, podemos pensar na predominância dos discursos polêmicos e autoritários, sendo que o discurso lúdico ficaria à margem daquilo que atualmente é tido como eficaz e produtivo. Orlandi (1987) afirma que não há espaço para o discurso lúdico na sociedade atual, pois ele sempre é marca de ruptura.

Diante das considerações dos autores citados, podemos inferir que a relação entre autor e obra também está determinada por processos histórico-sociais. O espelho, segundo Pain & Jarreau (2001), está a princípio comprometido, restrito por poder refletir a interação entre sujeito e realidade fragmentada pelos estereótipos, como proposto por Blikstein (1983). Orlandi (1987) e Blikstein (1983) propõem a ruptura desse aprisionamento da linguagem e, portanto, da constituição do sujeito, através da própria práxis diferenciada e propiciada pela tipologia do discurso lúdico, objeto desejável onde as brincadeiras e os jogos são possíveis. Brincar de fazer arte ou ser “arteiro” nos coloca no campo da experimentação do diferente. Pensamos que o reflexo do espelho seja a alteridade quando a proposta se finca em fazer o diferente. Fazer diferente? Nosso começo estaria sendo guiado pelas palavras de Herrmann (1999, p. 136): “[...] deixar surgir, para tomar em consideração [...]” .

3.3 - A linguagem enquanto gesto

3.3.1 - Materialidade e forma

Ostrower (1987, p. 31-32) utiliza o termo *materialidade* para definir “[...] tudo o que está sendo formado e transformado pelo homem.”, diferenciando-o de *matéria*, já que este último estaria vinculado à noção de substância. A materialidade, portanto, seria aquilo por meio do qual o homem executa um trabalho; a título de exemplo, temos os sons como a materialidade do músico ou a madeira como materialidade do marceneiro.

A materialidade, por sua vez, ao mesmo tempo que encerra, pois apresenta seus limites enquanto matéria, abre para novas possibilidades. Neste aspecto, parece-nos que este conceito se aproxima do de Pain & Jarreau (2001, p. 15) quando se referem à resistência da matéria: “[...] o trabalho plástico constitui um cenário privilegiado para fazer viver no sujeito o encontro entre aquilo que Freud chamou ‘o princípio de realidade’ e ‘princípio de prazer’, visto que as leis da matéria e as leis da ideação estética devem achar um lugar de acordo.”.

Para Ostrower (1987, p. 32), a imaginação seria “[...] um pensar específico sobre um fazer concreto [...]”; caso contrário, estaríamos tratando de uma divagação sem rumo ou finalidade, sem limites. Nesse ponto podemos pensar o quanto faz sentido esta aproximação da imaginação infantil. A criança brinca, se desenvolve através do fazer, do experimentar. A materialidade, portanto, entraria como intermediário dessa relação criança-mundo.

Desvinculado de alguma matéria a ser transformada, a única referência do imaginar se centraria no próprio indivíduo, ou seja, em certos estados subjetivos desse indivíduo cujos conteúdos pessoais não são suscetíveis de participação por outras pessoas. Seria um pensar voltado unicamente para si, suposições alienadas da realidade externa, não contendo propostas de transformação interior, da experiência, nem mesmo para o indivíduo em questão. (OSTROWER, 1987, p. 32-33).

Diante do exposto, a materialidade, diferentemente da matéria, não é um fato meramente físico, pressupõe a existência de um outro, pois a matéria transformada se coloca em um plano simbólico passível de comunicação e de produção de sentidos e relações.

Outro ponto convergente entre o pensamento de Pain & Jarreau (2001) e o de Ostrower (1987) se dá quando este último destaca que, através das transformações executadas, o homem confere um novo sentido à existência da matéria, como possibilidades latentes que são reveladas. Possibilidade não pertencente meramente à matéria, mas tomada como nossa, pois a forma acabada configura todo um relacionamento homem-matéria. Ostrower (1987, p. 51) revela que “[...] ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura.”.

Outro ponto destacado por Ostrower (1987), e comum a Orlandi (1987) e Blikstein (1983), é que a materialidade comporta em si o contexto cultural, suas normas e seus meios disponíveis. Para estar inserido na linguagem, ele não poderia deixar de abranger tais aspectos. Portanto, “[...] a materialidade seria/.../ a matéria com suas qualificações e seus compromissos culturais. É ela, matéria cultural, que propõe os confins do possível para cada indivíduo.” (OSTROWER, 1987, p. 43). Marcada pelo contexto cultural, a materialidade constitui o referencial compartilhado onde se torna possível a comunicação. Para a autora, a linguagem “[...] é objetivada como ordenação essencial de uma materialidade.” (OSTROWER, 1987, p. 37).

3.3.2 - Limite e criação

Outro conceito utilizado por Ostrower (1987) é o de forma. Para a autora, este aspecto se refere a um princípio que estrutura e organiza determinado fenômeno. Ao contrário de restrições, o limite da forma permite a caracterização de um fenômeno, suas referências. Em um processo de representação plástica, o criador não abole simplesmente os limites de dado fenômeno, mas é através deles que irá ampliar ou reformular a matéria de modo a produzir novos significados.

Para Ostrower (1995), assim como para Pain & Jarreau (2001), da mesma forma que é impossível ter uma percepção ilimitada, a expressividade não existe como algo totalmente informe sem que haja qualquer tipo de ordenação. Outro aspecto da expressividade é que ela contém um triplo sentido: a expressão, a comunicação e a transformação das relações sociais. A comunicação só se torna viável porque as formas podem, num sentido compartilhado, objetivar os conteúdos subjetivos.

A autora faz uma crítica da função social da arte na sociedade contemporânea, já que o enfoque ao caráter expressivo desvaloriza a arte enquanto linguagem. Ostrower (1995) critica o papel da arte como “auto-terapia” no sentido de ser um descarregar de sentimentos compactuando com uma “postura subjetivista”; para ela, o ato culmina em um “exibicionismo mórbido”. Esta visão não se distancia da imagem do homem contemporâneo, do “coleccionador de sensações”, na qual vínculos e trocas compartilhadas não são atitudes prioritárias.

3.3.3 - A criança e a experimentação

Stern (1959) refere que, para as crianças, pintar constitui uma atividade com um fim em si mesma, diferenciando tal experiência da dos adultos, pois a criança não usa a representação plástica como uma representação consciente de algo, por meio dos recursos plásticos que lhe são disponibilizados. A relação do adulto com a arte infantil pode ser profunda desde que haja uma adaptação por parte do primeiro às condições do segundo. Para isso, o autor propõe que o adulto deve se afastar dos padrões normativos e das medidas, e aceitar o trabalho infantil dentro de suas especificidades, respeitando suas etapas de desenvolvimento.

Nessa relação entre adulto e criança, Dolto (1959), na introdução do livro de Stern (1959), faz uma breve mas importante discussão dirigida àqueles que se interessam por trabalhar com a arte infantil. Para esta autora, cabe ao arte-educador estimular a criança a falar sobre o que quiser, principalmente sobre a sua obra, não cabendo a ele analisar e interpretar as emoções contidas no desenho espontâneo, nem questionar a vida emotiva ou familiar da criança, sugerindo uma relação entre o que pinta e a sua organização subjetiva. Reforça que, ao escutar o que a criança fala de seu desenho ou sobre seus sonhos, sem corrigir ou aplicar juízos de valor, o arte-educador estaria proporcionando um espaço que se traduz em benefícios subjetivos para o infante.

Dolto (1959) compara a atitude de um arte-educador com a de um professor de artes. O primeiro procura ensinar a criança a perceber-se e expressar-se, oferecendo apoio ao esforço de concentração, ensina técnicas, valoriza o cuidado com os objetos de trabalho, estimula a tomada de iniciativas mais adequadas tanto em relação ao grupo quanto ao seu próprio projeto, compartilha com o grupo e ajuda a criança a suportar sua frustração quando vê que a obra pronta ficou muito distante daquilo que tinha imaginado. A autora reconhece a função terapêutica dessa conduta: “[...] y muchos niños perturbados por el grupo escolar o el grupo social familiar, reencuentran una conduta destendida gracias a las sesiones de creación libre em el teller infantil..” (DOLTO, 1959, p. 6).

Ao professor de artes é destinado o ensino da história da arte, das técnicas conhecidas e valorizadas pelos artistas. A missão da educação artística infantil é respeitar a livre expressão da criança e o seu trabalho.

Derdyk (1989, p. 50) é outro autor que enfatiza a relação entre adulto e criança. Para ele, “[...] o adulto afinado com a percepção dinâmica poética da criança compartilha mais do que ensina.”.

Enquanto Dolto (1959) se refere ao respeito pela livre expressão infantil, Stern (1959) menciona o respeito às especificidades da arte para crianças, que não tem uma convicção *a priori*, ela estaria disposta a experimentar e aceitar tudo o que do ambiente lhe desperta interesse. Nesse sentido, a imaginação infantil permite criar o que corresponde às suas sensações. A primeira preocupação da criança não é estética; em compensação, o conteúdo de suas produções não é gratuito e está intimamente vinculado à expressão de suas emoções. Para Stern (1959, p. 16), “El contenido formal está a nivel del emotivo porque el niño pinta por necesidad de expresar-se, y esto vale para todos los estados de evolución.”.

Meredieu (1974) destaca que o desenho para a criança é fundamentalmente uma atitude motora e que é nessa atividade que ela tem a possibilidade de encontrar um grande prazer na manipulação de materiais, principalmente na cor que imprime ao papel. Para a criança, o importante é o gesto, sua ação sobre o mundo e, diferentemente do adulto, ela não separa a vida da cultura.

Real e imaginário são indissolúveis, o pensamento mágico da criança evolui à maneira do jogo, que funciona ao mesmo tempo como simulacro e como verdade: tudo é suscetível de ser transmutado nesse universo, e intercâmbios perpétuos se produzem nesse meio em que a palavra ainda são coisas/.../ Esses valores de gratuidade, esse sentido de festa, esta instantaneidade da invenção que caracterizam a infância [...] (MEREDIEU, 1974, p. 6-7).

Freud também se refere, em seu texto *Escritores criativos e devaneios* (1908), ao intenso investimento das crianças quando criam ou inventam numa situação de jogo ou brincadeira.

Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério, ao contrário, leva muito a sério sua brincadeira e dispense na mesma muita atenção. /.../ Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. (FREUD, 1908, p. 149-150).

Além do investimento afetivo que contém a brincadeira, a criança traz elementos da realidade para a situação da brincadeira e, portanto, pode manipular esses elementos numa

situação protegida e com a possibilidade de elaborar situações conflituosas. Derdyk (1989) compartilha da mesma visão: através do desenho, a criança manifesta e desenvolve sua inteligência, pois levanta hipóteses e cria teorias e explicações para compreender a realidade que se apresenta.

Lowenfeld & Brittain (1977), autores que se dedicaram ao estudo das criações infantis, expressam a mesma concepção sobre o que significa a arte para o desenvolvimento infantil. Afirmam que é pintando, desenhando, construindo que a criança reúne elementos de sua experiência e os transforma em algo novo e significativo. Ao selecionar elementos, analisá-los e transformá-los, a criança produz algo que vai além do produto propriamente dito, ela expressa seus pensamentos, sentimentos, sua visão de mundo.

Sabemos que as imagens produzidas pelas crianças estão carregadas de intensos conteúdos afetivos. Não é à toa que a Psicologia se valeu desse material para elaborar uma série de instrumentos psicológicos que pudessem “traduzir” estes elementos e fornecer ao profissional a “decodificação” da organização subjetiva da criança.

Ostrower (1995) também enfatiza a importância da criação de um espaço para a expressão artística e critica a postura que usualmente encontramos nas aulas de arte dentro da escola formal. Para a autora,

[...] todas as crianças/.../ começam cantando, pintando, dançando – são suas primeiras representações simbólicas. São linguagens expressivas, usadas com toda espontaneidade. São mundos de experiência e de conhecimento que as crianças descobrem intuitivamente e que exploram com a maior alegria e curiosidade, quando se lhes dá uma oportunidade para desenvolverem seus dotes sensíveis. Entretanto, já que a sensibilidade das pessoas é o que menos interessa à sociedade de consumo, esta se encarrega de exterminar tais pensadores bem rapidinho. Do momento que a criança entra na escola, as coisas ficam mais “sérias” e se acaba com este tipo de “brincadeira”[...] (OSTROWER, 1995, p. 67).

Stern (1959) e Lowenfeld & Brittain (1977) enfatizam o processo e sugerem um modelo de educação artística baseado na livre expressão e bem distanciado do que hoje se propõe como disciplina nas escolas. Desde pequeninas, as crianças encontram aí um não lugar

para a expressão, mas um lugar de aprendizagem e reconhecimento dos padrões. É cedo que a criança vai aprendendo que a cor da flor é vermelha, que o desenho da casa deve seguir um estilo convencional. É fato que o próprio grupo carrega a força da padronização, mas não vislumbramos na escola um espaço para a experimentação do diferente, do não convencional. A criatividade vai sendo “domesticada” e as imagens, restringidas a modelos pré-concebidos.

Nos dias de hoje, o homem está cada vez menos identificado com o seu trabalho. Está inserido em um contexto globalizado, competitivo, tecnológico, onde o tempo das coisas se distancia de um ritmo que respeita as diferenças pessoais, um tempo que não pára de correr. As crianças não são poupadas das condições desse nosso novo modelo de vida; pelo contrário, os pequenos estão cada vez mais atolados de responsabilidades e com espaços cada vez mais restritos para a experimentação. Em nossos dias, a intelectualidade é cada vez mais reforçada na escola, em detrimento da experiência.

Lowenfeld & Brittain (1977) sugerem que o ensino fundamental deveria incentivar nos alunos a capacidade de procurar e de descobrir respostas e, portanto, as atividades artísticas têm muito a oferecer pois são baseadas na experimentação de materiais e de técnicas. O autor refere que a capacidade de criação da criança independe de seu grau de conhecimento e é no ato de criar que a criança adquire novos saberes. O autor critica a educação dada nas escolas porque o objetivo do trabalho artístico tem sido voltado para o desenvolvimento de aptidões e não para o uso de meios de expressão. Atualmente as crianças estão cada vez mais distanciadas do contato com o natural e com isso vão diminuindo as chances de envolvimento com a natureza física e sensorial. Muitos brinquedos são pré-moldados, com instruções de montagem, pré-recortados, convertendo o “[...] artesanato caseiro em algo estéril.” (LOWENFELD & BRITTAİN, 1977, p. 24).

Os atos de tocar, ouvir, cheirar, saborear ou ver envolvem a participação ativa do indivíduo. A exploração dos sentidos coloca a criança sob uma nova perspectiva; ao invés de

se retrair, ela fica ávida para explorar. Portanto, é na atividade artística que a criança tem a oportunidade de desenvolver experiências sensoriais e explorar o mundo significativamente, construindo um aprendizado carregado de significações e incorporado em seu repertório.

Lowenfeld e Brittain (1977) destacam a criação artística como um processo de aprendizagem que envolve assimilação e projeção. É através de sua interação com o ambiente que a criança faz a leitura de símbolos necessários para a criação. Processa estes símbolos de acordo com a sua percepção, com seu *self* e os traduz em outra forma.

Para Stern (1959), a criança utiliza amplamente seu raciocínio em suas produções. Quando pinta, tende a confirmar o que sabe. Assim, a criança representa de modo particular, porque é próprio dela essa maneira particular de conhecer as coisas do mundo e, por isso, sua representação é subjetiva.

Derdyk (1989) considera que a atividade expressiva não se restringe ao desenhar. Segundo este autor,

Toda criança deseja, mas nem toda criança gosta, necessariamente, de desenhar. Algumas provavelmente preferirão outra atividade expressiva como pintar, cantar, contar histórias, dançar, construir, representar. A estrutura mental e a sensibilidade de cada criança, individualmente, se adapta a esta ou àquela atividade, que atenda a sua urgência expressiva. (DERDYK, 1989, p. 51).

Lowenfeld & Brittain (1977) destacam a importância dos sentidos no processo de aprendizagem. Defendem que o homem aprende através dos sentidos e, desse modo, a escola deveria proporcionar oportunidades para o contato crescente com a sensibilidade e a conscientização dos sentidos. Quanto maior for a capacidade sensível, maior oportunidade de aprendizagem. Os autores destacam a capacidade da criança de utilizar seus impulsos criadores sem necessitar de estímulo ou interferência do meio ambiente. Lembram que, quando uma criança não é capaz de desenhar, demonstra com isso alguma interferência que houve em sua vida. Da mesma maneira se refere Winnicott (1975) à capacidade de brincar. Para este autor, a brincadeira é universal e faz parte de um desenvolvimento saudável. Diante

da sua afirmação de que brincar é o natural da criança, inferimos que o contrário indica que algo interferiu nessa experiência e que, por isso, merece atenção.

Stern (1959) defende a livre expressão infantil e que a evolução se dá no sentido da intensificação do que está sendo expresso e não na do perfeccionismo com o qual se retrata algo. Ele afirma que aquilo que é expresso é mais forte do que aquilo que se representa e também critica a atividade artística escolar, que busca no perfeccionismo seu objetivo, mas que é empobrecida porque não deixa lugar para a expressão.

A expressão ganha amplitude porque também expressa aquilo que a criança não consegue nomear. Proporcionar um espaço para a livre expressão é “[...] uma oportunidade para expressar graves preocupaciones que no cabavam su equilibrio psíquico. Expresándolas, se libera dellas.” (STERN, 1959, p. 23).

Stern (1959) enfatiza a ampliação dos recursos que servem para a criança como comunicação. Ele diz que ela fala de si e a palavra expressa o que lhe é consciente, pouco perto do que acontece em termos de subjetividade. Desde pequena, ela aprende a utilizar os gestos como recurso para se fazer entender, depois utiliza a palavra, que não dá conta da sua expressão. Para este autor, a representação plástica abrange uma outra linguagem, a experiência simbólica que viabiliza a expressão do inconsciente. Ele reafirma que não se trata de interpretar esta linguagem, mas que pais e educadores devem saber da existência dessa expressão para que não impeçam a expressão da criança.

Derdyk (1989) encontra no desenho uma necessidade vital infantil. Para ele, é nesta atividade que a criança encontra-se capaz de agir sobre o mundo, compartilhar experiências, comunicar.

Stern (1959) pontua a diferença entre o desenho e a brincadeira. Na brincadeira, a criança utiliza um objeto e imagina a sua função. Quando brinca de carrinho, por exemplo,

imagina um carro verdadeiro, imagina conduzi-lo. Na pintura, ela materializa o que imaginou; na produção artística, ela cria outras realidades que determinam as regras do jogo.

Para Stern (1959), o educador deve estar presente e a criança deve sentir sua presença como algo não prejudicial a nenhum membro do grupo, que é uma unidade formada por uma multiplicidade em movimento, que se entrega ao adulto com seus problemas e atitudes. A produção infantil reflete tanto o movimento grupal como o individual.

Apesar das poucas oportunidades que tem no seu cotidiano doméstico e na escola, tem havido, recentemente, uma preocupação com a elaboração de um campo de expressividade para a criança. As oficinas de recursos expressivos têm sido difundidas não só no campo da educação infantil, mas como possibilidade de novos sentidos para os adultos. Gomes (2000) realizou um estudo sobre o potencial deste espaço entre educadores, visando desenvolver uma prática mais consciente, sensível, criativa e com qualidade no trato de crianças pequenas. Para chegar a este objetivo, a autora considera fundamental o uso de recursos artísticos e expressivos, pois “[...] ao dialogar com as várias linguagens expressivas, o educador tem a possibilidade de experimentar um rito de iniciação aos sentimentos e ao próprio afeto.” (GOMES, 2000, p. 47).

Outro estudo voltado para a área educacional procurou demonstrar a eficiência da Oficina Criativa⁶ dentro de um contexto psicopedagógico. O objetivo da oficina foi o aprimoramento da qualidade de aprendizagem do sujeito através dos recursos expressivos (ALESSANDRINI, 1995).

As oficinas de artes ou de recursos expressivos foram muito difundidas no campo da saúde mental e surgiram com a proposta da antipsiquiatria. Em seu estudo, Valero (2001) procurou destacar os “possíveis efeitos terapêuticos e de inclusão social” de uma oficina de artes plásticas, que não estaria localizada no campo das arte-terapias, pois não houve

⁶Modalidade de intervenção psicopedagógica que, segundo a autora (ALESSANDRINI, 1995), dispõe de recursos criativos para a necessidade de expressão da atividade cognitiva.

intervenção psíquica. Para ela, “[...] o ‘resgate subjetivo’ desejado apresenta-se como resultante de um fazer artístico, que re-apresenta o sujeito ao mundo e a partir deste a si mesmo, como autor de um produto mais valorizado socialmente que a loucura [...]” (VALERO, 2001, p. 233).

3.4 – Educação e Psicanálise

Se realizamos algumas críticas à educação artística nas escolas, talvez fosse interessante aproximarmo-nos de uma discussão, que não tem a pretensão de se encerrar nesse texto.

Millot (1987), uma das autoras que discutiu a relação entre educação e psicanálise, recupera em seus escritos o interesse de Freud pela educação como veículo para a prevenção das neuroses. Tal paradigma norteou o idealismo da educação liberal que posteriormente fracassa quando retoma a definição do neurótico e sua sina. Organizado psiquicamente em três instâncias (ego, id e superego), o homem, por definição psicanalítica, inevitavelmente não escaparia das mazelas neuróticas. Partindo dessa análise, Millot (1987, p. 145) reforça a separação entre “relação educativa” e “relação analítica”. Outro ponto discutido por essa autora refere-se à identificação da criança com aquele que a educa. A autora recorre a Bettelheim (MILLOT, 1987, p.148) para esclarecer que a aprendizagem sobre o relacionamento cordial entre as crianças é muito mais difícil do que a aquisição de um saber acadêmico e que tal processo ocorrerá pela via da identificação da criança com o educador, pela busca de seu amor, pelo temor de sua perda e pelo desejo de ser admirado por ele. Para Millot (1987), diferentemente do analista, não há “neutralidade” naquilo que o educador dirige às crianças, que, ao contrário, reconhecem a demanda daquele que educa. Portanto, a educação não tem que se comprometer com a liberdade, pois não é possível uma relação entre

adulto e criança que não esteja vinculada a uma relação de poder. A criança permanece como espelhamento do desejo do adulto, pois este cria o lugar da infância na projeção de seu desejo. Para Millot (1987, p. 153), não há escapatória para a criança, pois sua estruturação psíquica depende dessa relação:

[...] Para que o desejo da criança não seja alienado pelos pais ou educadores, seria preciso que estes não acalentassem, com relação à criança, nenhum desejo em particular. Ora, mesmo que isto fosse possível, tornaria impossível qualquer estruturação psíquica da criança, qualquer formação de Ideal-de-eu, e interditaria na criança qualquer acesso ao próprio desejo, já que é a partir do desejo do Outro que o seu se constitui: não há desejo além do desejo alienado.

A saída possível, segundo a autora, para aqueles que lidam com a tarefa de educar, para que os efeitos da relação de poder sobre a criança sejam menos agressivos, seria a análise pessoal do educador, que poderia deixar de sobrecarregar o educando com demandas pessoais abusivas.

Sandor Ferenczi (1908) é outro autor que não descarta as influências nocivas e variadas da educação sobre o desenvolvimento infantil. O autor critica a escola, que não abre espaços para os interesses individuais:

[...] é muito simplesmente um exemplo para mostrar que a educação moral edificada sobre o recalçamento produz em todo homem saudável um alto grau de neurose e origina condições sociais atualmente em vigor, onde a palavra de ordem do patriotismo encobre, de maneira muito evidente, interesses egoístas, onde sob a bandeira da felicidade social da humanidade propaga-se o esmagamento tirânico da vontade individual. (FERENCZI, 1908, p. 38)

O que podemos esperar do adulto contemporâneo com relação à educação de crianças?

Segundo Justo (2001), nunca foi tão urgente a necessidade do homem criativo. Na contemporaneidade, o sujeito assume a posição de errante para dar conta da demanda advinda pelo modelo cultural-econômico-político-social. A postura do sujeito contemporâneo com relação à educação de crianças se materializa nesta mesma via. Assim como pontuamos no primeiro capítulo, a troca dos espaços fechados pelos abertos e, com eles, a provisoriedade e a

transitoriedade deixam o homem num lugar pouco seguro e atento para as mudanças que imediatamente acontecem e despendem solução também imediata.

O quadro que se apresenta, acreditamos, é assustador. Não temos condições de atribuir valores positivos ou negativos a estas mudanças; sabemos, porém, que elas estão aí, na pele de qualquer pessoa.

Nesse sentido, podemos arriscar a dizer que o lugar da infância entendido como lugar da expressividade, da brincadeira, da ludicidade pede urgência em sua preservação. Neste mundo caótico, pais e educadores são invadidos por demandas sociais e, de alguma maneira, têm que lidar inevitavelmente com elas para garantir a sobrevivência.

Para nós, há urgência na criação de espaços onde o discurso lúdico circule, a expressividade ganhe território de existência, onde haja adultos comprometidos com o rompimento de estereótipos e onde a liberdade de expressão se instaure na ruptura. É por essa via que acreditamos que nosso trabalho possa contribuir, somando-se à discussão em torno de temas importantes, tais como infância e liberdade, tão contemporâneos e urgentes, e, quem sabe, participando da produção de rupturas que permitam a própria revolução de idéias através da pesquisa.

3.5 - Arte e terapia

A representação plástica sempre propôs questionamentos sobre a potencialidade de envolvimento entre criador-obra-receptor. A arte divulgada por vários artistas demonstrava em si mesma a intimidade entre a obra e a expressão de afetos. O Expressionismo, por exemplo, procurava demonstrar através de seus trabalhos uma postura mais livre dos padrões acadêmicos clássicos, valorizando a expressão dos afetos.

Profissionais de áreas ligadas à saúde procuraram se aproximar dessa nova forma de fazer arte, ou seja, explorar um campo bem pouco conhecido: o da produção artística e de seus desdobramentos.

Utilizaremos o levantamento histórico elaborado por Andrade (1993) para contextualizar o surgimento da arte-terapia. Em 1876 surgiram as primeiras pesquisas sobre as produções artísticas no campo da saúde mental. Max Simon realizou uma classificação das patologias segundo essas mesmas produções. No final do século XIX e início do século XX, outros pesquisadores como Morselli, Dantas, Ferri, dentre outros, também se interessaram pelas produções artísticas dos então chamados doentes mentais. Freud, na mesma época, lançava a *Interpretação dos Sonhos*, observando que o inconsciente se manifestava por meio de imagens. Ressaltava que, através dos mecanismos presentes nos sonhos, as imagens escapavam com mais facilidade da censura, fornecendo através deste canal conteúdos inconscientes. Freud constatou, por sua vez, que a conexão entre o inconsciente e o consciente se dava através das palavras e dos sentidos possíveis que surgiam na relação com o analista. Era através das palavras que teríamos a possibilidade de dar sentido ao “[...] universo caótico que a imagem simboliza [...]” (ANDRADE, 1993, p. 45). Mais tarde, Jung começa a utilizar técnicas de produção artística como meio de facilitar a interação verbal com o paciente.

Mais recentemente, foi Naumburg, em 1941, que sistematizou a arte-terapia. A partir dessa proposta, o desenho ou a produção artística percorreria um trajeto mais direto na comunicação com o inconsciente. Ela desenvolveu seus estudos a partir de suas concepções educacionais e da associação livre fornecida pelos seus próprios clientes. Nestes estudos, o conteúdo do trabalho expressivo estaria no papel de espelho que possibilitaria um diálogo entre inconsciente e consciente.

Em 1958, Kramer desenvolve estudos no campo da arte-terapia focalizando o processo da produção artística, sem a necessidade de verbalização. Neste sentido, dá-se um avanço: o

foco não estaria no produto (em sua interpretação), mas na compreensão do processo, da linguagem plástica.

Kramer enfatiza que a postura do terapeuta deve ser a de incorporar reações próprias ao artista plástico, ao educador e ao psicoterapeuta. A ênfase nesse modelo está na relação transferencial. Para ela, a produção artística é produto da sublimação. Kramer

chama de sublimação qualquer processo no qual o impulso anti-social primitivo é transformado em um ato socialmente produtivo, de modo que o prazer produzido pelo resultado desse ato social substitui, pelo menos em parte, o prazer da gratificação que o impulso original teria proporcionado. (ANDRADE, 1993, p. 48).

Kramer enfatiza o processo de fazer arte, sem interpretar o discurso e nem o produto.

Em 1972, Dolto destaca a importância da produção artística infantil, que favorece o desenvolvimento motor, do raciocínio e da afetividade.

Em 1973, Rhyne desenvolve trabalhos de arte-terapia baseados nos princípios da Gestalt-terapia. “Enfatiza a atenção na vivência do presente, a atenção total ao momento, o dar-se conta do fazer consciente e o reaprender a confiar nos dados da experiência pessoal.” (ANDRADE, 1993, p. 50).

Em 1974, Natali Rogers desenvolve um trabalho chamado de “Conexão Criativa”, onde aplica os princípios da teoria centrada no cliente, no trabalho com recursos expressivos, procurando facilitar a sua verbalização e a sua compreensão.

No Brasil, em 1923, Osório Cesar realizou um estudo sobre a produção artística de doentes mentais e, em 1948, organizou a primeira exposição de arte do Hospital do Juqueri. Para este autor, a divulgação da expressão artística de doentes mentais era uma forma de divulgar a dignidade humana presente nesses pacientes. O princípio de seu trabalho com artes era a espontaneidade, sendo que acreditava que o fazer propiciava “a cura em si”.

Em 1952, Nise da Silveira cria o Museu Imagens do Inconsciente, composto por pinturas de pacientes internados que freqüentavam o ateliê do Centro Psiquiátrico D. Pedro II.

Sob referencial junguiano, acreditava que a pintura tinha como função a reconquista de um espaço cotidiano, enquanto reconstrução da realidade. Para ela, o trabalho com a arte promove uma força auto-curativa, já que comunicar-se através de outras linguagens é possível quando a palavra fracassa.

3.6 - Arte e psicoterapia

Para Andrade (2000), o homem cria para tentar solucionar conflitos na sua interação com o meio ambiente. No ato da criação, ele transforma e se transforma. Para este autor, as artes-terapias e terapias expressivas promovem um espaço de criação onde o homem reúne funções: integra, compreende e vivencia aspectos da realidade objetiva e subjetiva.

Segundo Andrade (2000), a produção artística das crianças tem caráter lúdico dado que nela ocorre a possibilidade de descobrir, conhecer e experimentar coisas de diversas maneiras. Esta atividade está a serviço das fantasias criativas. Ele ainda destaca que a arte, em sentido geral, mantém a função de integrar elementos em conflito, como o impulso e o controle, o amor e o ódio, a fantasia e a realidade, dentre outros.

Para o autor, a importância de propiciar um espaço para as práticas artísticas reside no fato de “[...] dinamizar sua condição inata de organizar suas percepções, sentimentos e sensações, ou seja, os conteúdos íntimos de sua vida psíquica vertidos em imagens e símbolos.” (ANDRADE, 2000, p. 35).

3.7 - A arte-terapia à luz da psicanálise

Como referido anteriormente, foi Naumburg que iniciou o trabalho de arte-terapia dentro do referencial psicanalítico. A autora considera a influência do inconsciente sobre os

atos humanos, freqüentemente expressa por meio de imagens. Sob este referencial, os mecanismos de defesa estão presentes na produção pictórica e a associação livre é aplicada no trabalho de produção espontânea. Nesta modalidade, a produção está relacionada à comunicação imediata do inconsciente por meio de imagens, além de escapar mais facilmente dos processos de repressão: “[...] o arte-terapeuta não interpreta a expressão simbólica do trabalho artístico do paciente, mas o incentiva a descobrir por ele mesmo o significado de suas produções, colocando o foco de atenção no processo terapêutico.” (ANDRADE, 2000, p. 74). O arte-terapeuta procura ajudar o cliente a fazer a leitura reflexiva da produção e a procurar significados presentes na produção. Mediante esta técnica, pressupõe-se que o cliente é capaz de ler os significados de “[...] aspectos de sua vida psíquica inconsciente [...]” (ANDRADE, 2000, p. 75) rerepresentados pela produção. Considera também a relação transferencial como estabelecimento de uma boa relação onde o cliente não tema a expressão livre. Não há interpretação da relação, sendo o seu objetivo o de que o cliente se torne cada vez menos dependente do terapeuta no sentido de dar sentidos as suas próprias produções.

3.8 - Arte-educação

Florence Cane, irmã de Naumburg, foi artista plástica e professora de arte, e desenvolveu métodos de ensino voltados para a liberação da expressão artística. Naumburg se deteve em desenvolver métodos terapêuticos através dos recursos artísticos. Enquanto o ensino das escolas não buscava a expressão, Cane propunha exercícios que integravam movimento, sentimento e pensamento, introduzindo a “srible technique” ou técnica do rabisco como meio de possibilitar a experiência expressiva. Ela incentivava os alunos a buscarem sua “essência” através de suas produções e, nos trabalhos junto a crianças, procurava incentivá-las a pintar seguindo seus sentimentos (ANDRADE, 2000).

Nestas duas vertentes, o que vai diferenciar um trabalho do outro é o manejo da transferência. Para as arte-terapias que tomam o referencial psicanalítico, a questão da transferência e da resistência estão postas na relação com os materiais, no terapeuta e também no professor de artes. Sob este ponto de vista, terapeuta e cliente estariam sendo favorecidos no trato com a resistência pela utilização de outros veículos de comunicação que não só o verbal.

Aqui aparece outra discussão quanto ao uso técnico e conceitual da transferência e contratransferência. Aqueles que centram esta questão no processo artístico consideram “art as therapy” (ANDRADE, 2000, p. 90). A outra vertente utiliza a arte para facilitar o processo de comunicação, a troca verbal entre terapeuta e cliente, onde o foco está no processo psicoterapêutico. Essa prática é chamada de “art psychotherapy”.

Andrade (2000) ressalta que é importante diferenciar psicanálise como método e como teoria psicanalítica. Profissionais da “art as therapy” usam a teoria, mas não a técnica, e os profissionais da “art psychotherapy” usam a teoria e adotam técnicas da psicanálise. O autor lembra que a atitude frente à transferência e à contratransferência depende da posição que o arte-terapeuta adota frente à finalidade do uso que terá a produção artística. São dificuldades de delimitação do campo. Outra dificuldade entre os arte-terapeutas são as diferenças de idéias e opiniões sobre a psicanálise e a arte.

Andrade (2000) se refere a Agel, Rhyne e Ulman para destacar que há um longo trajeto para a arte-terapia, enfatizando a opinião de Elionor Ulman, que considera que a arte-terapia busca ser diferenciada da arte-educação e da psicoterapia, quando se trata de base psicanalítica. Ela comenta que “[...] o tipo de arte-terapia que pode ser feito com materiais artísticos e as experiências do processo artístico requisitam maneiras radicalmente diferentes de lidarmos com a transferência daquelas usadas pelos psicanalistas.” (ULMAN, apud ANDRADE, 2000, p. 94).

3.9 - Afinal, o que é arte-terapia?

Arte-terapia é uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidades de exploração de problemas e potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades, por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas. (*American Art Therapy Association*, apud CARVALHO, 1995, p. 23)

Para Carvalho (1995), o arte-terapeuta pode usar materiais das artes-plásticas ou buscar expressão através do corpo, da voz, da dramatização ou da literatura. Não há necessidade de se ter habilidade ou talento. O objetivo é levar o cliente a expressar da maneira mais espontânea o que e como quiser, acreditando que é por esse meio que o paciente poderá reconhecer o que saiu de si. Considera que a arte-terapia é uma modalidade de psicoterapia que promove o processo terapêutico, e que o papel do arte-terapeuta é estimular a produção artística através de outras linguagens, numa postura definida por pressupostos teóricos, bem como ajudar o cliente a compreender seus próprios processos.

Para Andrade (1995, p. 40), fazer arte com fim psicoterapêutico é “[...] procurar facilitar a resolução de conflitos interiores afetivos e comportamentais, utilizando-se de algum meio de expressão artística, aí está se praticando arte com uma função e orientação psicoterapêutica.”. Ou “[...] se usarmos os recursos artísticos para desenvolver um conhecimento de arte, está-se fazendo arte-educação, mesmo que nessa atividade se reconheça também um subproduto terapêutico.” (ANDRADE, 1995, p. 40).

4 - EXPERIMENTAR-TE

(as oficinas de recursos expressivos)

No levantamento realizado, podemos notar que o campo das artes enquanto terapia é bastante controverso, pouco delimitado e fundamentado. As experiências advindas de tais propostas são isoladas e buscam nos referenciais já existentes o esteio para suas atuações.

Em nossa proposta não utilizaremos os conceitos das arte-terapias por considerá-los ainda vagos e pouco consistentes. Tampouco consideraremos os encontros com as crianças como “educação artística”, visto que a função da educação, como referido por Millot (1987), não se afasta da relação de poder instaurada entre os pares. A educação cria para a infância um lugar compactuado com o espelhamento do desejo do adulto; seu discurso, portanto, é autoritário, segundo os pressupostos de Orlandi (1987).

A partir dos autores citados, consideramos algumas idéias centrais e norteadoras do trabalho que justificarão a nossa escolha pelas oficinas de recursos expressivos. Desse modo, valorizaremos o processo e a livre expressão infantil, não priorizando os padrões e as medidas, pois a primeira preocupação da criança não é a estética (STERN, 1959; LOWENFELD & BRITAIN, 1977). O ponto de partida para a realização do trabalho com as crianças será deixá-las falar, pintar, expressar-se como quiserem e estimular a fala sobre suas próprias produções (DOLTO, 1959). Segundo Meredieu (1997) e Derdyk (1989), a ação sobre o mundo é uma necessidade vital para as crianças. É durante o processo de exploração do mundo que ela levanta hipóteses, cria teorias e explicações a respeito de sua própria vivência, fato que deve ser estimulado, criando espaços onde a criança possa falar de suas descobertas. Aproximamo-nos de Lowenfeld & Brittain (1977) quando sugerem que o produto acabado transcende o visível, pois nele estão contidos a construção do pensamento da criança, seus

sentimentos e sua visão de mundo. Concordamos com Derdyk (1989) quando afirma que a atividade expressiva não se restringe ao desenhar e, portanto, toda atividade proposta pela criança será levada em consideração. Quanto ao adulto, aquele que acompanhará as crianças, nos remetemos a Derdyk (1989): ele deve compartilhar mais que ensinar.

Com tais pressupostos, propomos a implantação de uma oficina de recursos expressivos. Segundo o Dicionário Aurélio (2000), oficina é o lugar onde se exerce um ofício. Ofício, por sua vez, remete a trabalho, ocupação ou profissão, dentre outros. Oficina significa lugar de trabalho, mas se distingue da fábrica porque o trabalho aqui realizado é artesanal, exige criação e uma disponibilidade do sujeito para se colocar: como já foi dito, o produto transcende o visível e, neste sentido, é singular, pois exige uma maior implicação do sujeito na realização de um projeto. Além disso, a oficina é local de produção coletiva, de encontro com o outro, já que sabemos que toda produção não é em vão, destina-se sempre a alguém e, portanto, é onde se desencadeiam as relações de grupo. Pensamos que a oficina é um lugar de encontro e de trabalho, portanto, de práxis. Não é próprio do infantil produzir riqueza, no sentido de produção econômica. Porém, é próprio do infantil explorar e transformar as coisas. Este processo permite transformar a própria cultura infantil. Tendo em vista as considerações acerca da infância na atualidade, notamos que o adulto cerceia a possibilidade de a criança construir sua própria cultura, tornando suas atividades estéreis e guiadas pelo consumo e pela mercantilização. Tal posicionamento limita uma experiência que poderia ser enriquecedora, pois os brinquedos restringem as possibilidades de exploração como, por exemplo, os pré-moldados. Em outra via, existe a possibilidade de experimentação do mundo através do lúdico, que escapa da matéria fornecida pelo mercado. Em nosso trabalho, utilizamos materiais disponíveis para o consumo desde que estes fornecessem a possibilidade de transformação. Assim como Blikstein (1983) se referiu aos estereótipos e óculos sociais,

buscamos, através do lúdico e da transformação da matéria, a desconstrução do referente rígido e restrito para dar vazão à polissemia e à produção de sentidos.

A função do oficineiro é a de agir ou intervir na situação com o objetivo de romper com os estereótipos e repetições de comportamentos cristalizados. É pela análise da transferência que o oficineiro tem condições de romper com o comportamento padronizado, resgatando o discurso lúdico e a expressividade.

Desse modo, através da práxis, a criança vai construindo, pela exploração e pelo contato com o outro, suas condições de existência. O instrumento de intervenção reside na sua relação com os outros no grupo. É através desse instrumento que a possibilidade de reconstrução do sujeito se efetua, pois atua na produção das relações sociais, incluindo a cultura infantil. O que a criança sabe fazer? Transformar as coisas a sua volta, não só no que diz respeito aos materiais, mas também na sua relação com as outras crianças e com o próprio adulto. Trata-se do encontro entre todos e do trabalho no que as crianças mais sabem fazer: experimentar coisas e transformá-las. Os recursos expressivos são nossos instrumentos: em torno deles transitam a expressão, a produção de sentidos, a obra, a nossa relação e a experiência.

5 - OBJETIVOS

A aproximação da arte com a psicologia desde muito tem sido contemplada como objeto de trabalhos acadêmicos. Nosso estudo visa a uma articulação entre ambas que não tenda demasiadamente a um reducionismo psicologista e estereotipado. Pretendemos criar um espaço grupal constituído em torno do manuseio de materiais que facilitem experiências sensoriais e expressões simbólicas capazes de expandir o espaço para as manifestações do inconsciente e da polissemia.

Queremos demonstrar que a situação de grupo, estruturada como uma oficina, pautada na ação e expressividade da criança, dentro de um ambiente de acolhimento, segurança, confiança e ruptura de cristalizações, estereótipos, repetições de conduta e significações monossêmicas pode ser um recurso útil e produtivo no enfrentamento de situações problemáticas de vida e de sofrimento, como aquelas que se colocam para a criança vítima de violência, abrigada em instituições.

6 – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

6.1 - Caracterização da instituição-sede

O LCMJ⁷ era uma Casa Abrigo localizada na Zona Norte de São Paulo. Tratava-se de uma instituição assistencial mantida exclusivamente por doações da comunidade. A sua proposta fundamental era abrigar crianças vitimizadas e abandonadas, ou em estado de abandono. Elas chegavam à instituição através do encaminhamento pela Vara da Infância e da Juventude, ou por meio de transferência de outra instituição. No mês de outubro de 2003, havia 98 crianças abrigadas, sendo que a casa tinha capacidade para abrigar 180. A idade das crianças variava muito, entre 0 e 14 anos, o que incluía grupos de irmãos, independentemente da idade do mais velho. O tempo de permanência na instituição variava muito também. Havia casos de crianças que estavam ali há seis, sete anos. Após os 14 anos, o adolescente era transferido (quando a situação familiar ou de adoção não estava resolvida) para outra instituição especializada em jovens da mesma faixa etária. Quando não havia vaga em outras instituições, os adolescentes permaneciam ali. As alternativas de saída eram o retorno à família ou a adoção, conforme orientação do serviço de acompanhamento e avaliação da Vara da Infância e da Juventude. O LCMJ era composto de 11 alas divididas entre masculinas e femininas. Cada ala continha 24 leitos. As crianças tinham em média cinco refeições diárias: café da manhã, lanche (fruta ou biscoito), almoço, lanche e jantar. A equipe da instituição era composta por 45 funcionários, dentre eles: 5 administrativos, 5 cozinheiras, 4 na lavanderia, 4 faxineiras, 6 funcionárias no berçário, 6 funcionárias na ala das meninas, 6 funcionárias na ala dos meninos, 2 auxiliares de enfermagem, 1 fisioterapeuta, 1 técnico de manutenção, 1

⁷ Em 2004, a Casa Abrigo foi desativada por desentendimentos entre a Vara da Infância e da Juventude e a presidência do LCMJ. Atualmente está em funcionamento no local uma creche que atende famílias da região.

motorista e duas professoras. Os atendimentos realizados por médicos, dentistas e psicólogos eram de caráter voluntário, dentre outros serviços prestados pela comunidade. No que se refere ao trabalho voluntário, a Casa Abrigo contava com colaborações, principalmente de professoras aposentadas e de senhoras da comunidade.

6.2 - Procedimento e pressupostos metodológicos

Inicialmente entramos em contato com a coordenação/psicóloga para ter acesso à referida Casa Abrigo. Expusemos nosso interesse em propor oficinas de expressão naquele espaço, com vistas a realizar uma pesquisa. A coordenação não aprovou de imediato a proposta, mas convidou-nos a prestar atendimento psicoterápico a crianças vítimas de violência física doméstica que necessitavam desse acompanhamento. Aceitamos o convite, julgando que este seria um bom começo. Apesar de termos trabalhado anteriormente com oficinas em uma instituição semelhante, tratava-se de um outro começo, o início de um vínculo, um conhecimento mútuo. O atendimento se caracterizava como psicoterapia individual dentro de um modelo convencional, ou seja, com sala, horários fixados, e orientado pelos pressupostos da teoria psicanalítica. Anteriormente a este trabalho, já questionávamos a amplitude e o destino do modelo clínico tradicional de atendimento em instituição. Pensamos que o encaminhamento da criança para a psicoterapia individual focaliza nela o estatuto de saúde e doença e exime da instituição a responsabilidade de colaboração e produção de relações causadoras de sofrimento psíquico. Além disso, acreditamos que a psicoterapia individual tem seu espaço e sua especificidade, mas não deve servir como tábua de salvação para crianças e instituição. A crítica a esses aspectos orientou nosso projeto, que propôs as oficinas como um outro modelo de trabalho com crianças a ser analisado.

Depois de um ano realizando atendimento psicoterápico, rerepresentamos nosso projeto à coordenadora e à presidente da Casa Abrigo, numa atitude ainda mais consciente de que a análise e a avaliação de nossa proposta se faziam necessárias. O projeto foi aceito e, a partir de então, começamos a trabalhar no sentido de construir o espaço das oficinas de expressão na instituição.

Com a intenção de colocar em prática na Casa Abrigo os fundamentos teóricos em relação às oficinas, como proposto no capítulo anterior, requisitamos à instituição um espaço físico fixo que pudesse ser de acesso restrito ao grupo determinado de crianças, durante os horários das oficinas. Um espaço físico comum, mas que pudesse tornar-se acolhedor através da vivência e do relacionamento entre umicineiro⁸ e as crianças. As oficinas de recursos expressivos ou oficinas de pintura, como foi posteriormente chamada pelas crianças, constituiu-se em um ponto de encontro com as cores, os movimentos, as alegrias, as marcas, as violências, a dor, a gratidão, e sempre flexível às situações novas proporcionadas e guiadas pela própria experiência. Os encontros ocorreram inicialmente na sala de TV – espaço muito concorrido por ser a sala onde filmes podiam ser assistidos – e, posteriormente, em uma das diversas alas⁹ da instituição.

Por não fazer parte de nossos objetivos e pela situação em que se encontravam as crianças, os pais não foram contatados. No grupo composto para participar das oficinas de expressão, três crianças estavam aguardando adoção e, portanto, não recebiam visitas dos progenitores, e as outras duas tinham destino ainda incerto, pois esperavam decisão da Vara da Infância e da Juventude. Estas últimas recebiam visitas de familiares.

⁸ Trata-se daquele que está junto às crianças durante as oficinas. O papel doicineiro também foi se construindo ao longo deste trabalho e será discutido posteriormente, com base no material coletado e nos referenciais teóricos específicos.

⁹ A Casa Abrigo era composta de 11 alas divididas entre masculinas e femininas. Cada ala continha 24 leitos distribuídos por quartos coletivos com treliches e com banheiros comuns. Em cada ala havia uma grande sala onde normalmente as crianças brincavam ou assistiam televisão.

Preocupados em não limitar a experiência advinda do próprio exercício das oficinas, conduzimo-las de acordo com os seguintes princípios:

- Presença doicineiro nos dias, horários e local previamente combinados para acolhimento das crianças no grupo;
- Respeito à livre expressão da criança;
- Valorização do diálogo entre oicineiro e o participante;
- Criação de um ambiente que se apresentasse seguro e acolhedor e que favorecesse uma atmosfera de confiança;
- Apresentação de materiais que favorecessem experiências sensoriais, objetivando a ação do participante sobre a matéria, a criação e a solução de problemas;
- Disponibilidade doicineiro para ajudar na resolução de problemas, quando solicitado pela criança, fornecendo idéias ou instruções básicas sobre a manipulação dos materiais;
- Acolhimento da expressividade e, conseqüentemente, a exclusão da preocupação com resultados e soluções previamente determinados.

Quanto a esse último princípio, cabe enfatizar que, em nossa investigação, a ênfase foi colocada no processo e não no produto propriamente dito. Apesar de utilizarmos o produto final para discutir o projeto, levamos em consideração os determinantes da produção do acontecimento. Não nos interessava a avaliação do produto acabado, distinto e isolado. Pelo contrário, procuramos captar alterações, acréscimos e repetições apresentadas ao longo do trajeto da criança nas oficinas, possibilitando uma visão mais ampliada do processo de produção dos conhecimentos e a sua relação com o espaço criado. Buscamos a relação recíproca entre o ambiente e a polissemia, esta última tida como potencializadora na produção de conhecimento e, conseqüentemente, na construção de imagens e de sentidos.

Cabe destacar ainda que os princípios acima delimitados estiveram sempre atrelados a alguns pressupostos. Em primeiro lugar, pensamos que o conhecimento não é definido como algo acabado, mas produzido na relação, entre pesquisador e objeto do conhecimento. Em segundo, acreditamos que não é a teoria que produz o sujeito, mas sim o seu inverso, a ação do sujeito no processo resultando em conhecimento e, portanto, em teoria. E, finalmente, se o conhecimento não é acabado, não há produto finalizado, há sim produção e sistematização de sentidos advindos da experiência de conhecimento e que estão prontos para se tornarem fonte de investigação novamente para a produção de outros sentidos.

Para o desenvolvimento desse estudo nos valem também de pressupostos do método psicanalítico para direcionar nossa experiência.

De acordo com Herrmann (2001), após a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, de Freud, a Psicanálise passou a ser reduzida, de forma cada vez mais intensa, a uma ciência de consultório, sustentada por teorias confundidas, muitas vezes, com o próprio método psicanalítico. A difusão e a apropriação de conceitos psicanalíticos como uso do divã, duração das sessões, manifestações do analista em relação ao cliente, dentre outros, tornaram os mesmos conceitos na própria Psicanálise¹⁰, processo cujo resultado foi a divisão em diversas psicanálises, cada qual com seus pressupostos e fundamentos teóricos.

Por volta de 1970, Fabio Herrmann, com a Teoria dos Campos, suscitou um importante debate sobre o método de investigação da Psicanálise. Segundo este autor, o método não poderia ser reduzido ao consultório ou a determinado tipo de psicoterapia, pois envolvia a investigação de algo mais abrangente: a psique presente em tudo que o homem faz, produz e cria. Por psique compreendemos as regras inconscientes que constituem e fazem constituir o Homem e a Cultura. Para Herrmann (2001, p. 149),

¹⁰ Usaremos a grafia do termo Psicanálise/ psicanálise conforme utilizado por Herrmann (1999, p.24), ou seja, Psicanálise com letra inicial maiúscula se referindo ao método e à ciência, e psicanálise com letra inicial minúscula nomeando a terapia: “[...] disto que o analista faz em seu consultório, ou de qualquer psicanálise particular, como a psicanálise de um fenômeno cultural, por exemplo.”

No cotidiano, o paciente é construído, a sua revelia, pelas regras que lhe organizam as emoções. São regras culturais, em duplo sentido: provêm da cultura e criam a cultura; não há nisso qualquer contradição, pois a cultura faz e é feita num mesmo movimento, renovado a cada tempo humano. Seu mundo é real, como o edifício; o paciente é real, em sua vida. A construção do desejo, porém, como os andaimes, não aparece: o paciente ignora-se construído pelo desejo, porque este integrou-se no mundo e no sujeito do mundo, constituindo uma série homóloga que não permite destaque, que não o põe em relevo, os andaimes estão dos dois lados da percepção.

Dessa forma, a psique, os andaimes do desejo¹¹, está impressa em toda produção que é humana. É nela que a estampa, o desenho da trama do desejo ou as regras inconscientes podem ser investigadas, caso se possua a ferramenta mais adequada. Para isto, dispomos de método próprio, um caminho capaz de nos conduzir àquilo que comumente está abafado pela rotina, pelo revestimento do edifício. Através da utilização do método podemos fazer uma aproximação do desenho do desejo humano contido nas obras literárias, nos relatos históricos, nos noticiários, ou seja, em tudo aquilo que é produto e produz o homem-cultura.

Para os fins desse trabalho, a conceituação da inter-relação recíproca entre produção humana e desejo é fundamental pois permite que utilizemos o método psicanalítico fora do contexto tradicional e convencional, ou seja, do consultório. Nosso objetivo é que, numa situação de oficina, dentro de uma instituição, possamos abrir espaço para a visibilidade do desenho da trama que faz constituir o tecido do desejo de nosso grupo. Para fazer expressar a trama, utilizaremos uma técnica específica, pois somente esta nos “[...] permite usar o método com maior eficácia.” (HERRMANN, 2001, p. 123).

Nossa técnica esteve fundamentada principalmente em três postulados: deixar que surja, transferência e tomar em consideração.

Em nossos encontros, priorizamos os assuntos, as idéias, as produções que partiam das crianças. Deixávamos que surgissem os conteúdos de nossas conversas e produções. A atitude do oficinairo mediante o novo que surgia se pautava em uma “passividade receptiva”

¹¹ Segundo Herrmann (1999, p. 35) desejo é “[...] uma espécie de matriz que permite (e obriga) alguém possuir certo repertório de emoções e não outro qualquer. Interpretando, o analista vai compondo, junto com o paciente, o esboço lento do desenho de seu desejo.”

(HERRMANN, 2001, p. 174) que incluía acolher os conteúdos e as manifestações que se dirigiam a ele e, para isto, não há regras objetivas. Concordamos com Herrmann (2001, p. 176) quando afirma que a espontaneidade é a “atitude mais próxima de uma efetiva neutralidade.” Guiado por esta postura, que vale mais do que uma regra, e atento à transferência, o grupo mostrará ao oficinairo o primeiro campo¹² limite, ou seja, “[...] o limite temático e de meios interpretativos e expressivos que cada análise faculta.” (HERRMANN, 2001, p. 177). Por meio da transferência¹³ o oficinairo poderá realizar uma leitura das representações atribuídas a ele e, portanto, tomará em consideração os conteúdos trazidos pelas crianças que disserem a respeito dessa relação. Ao realizar esta leitura, o oficinairo poderá interpretar, ou melhor, provocar rupturas de campo para que a expressão do inconsciente, como em uma radiografia, ganhe luminosidade e destaque. O destino desta ocorrência é a “cura”. Para Herrmann (2001, p. 274), “[...] curar do desejo é cuidar dele/.../ Bem curado, o queijo atinge o ponto de equilíbrio, picante e perfumado na medida certa.” e, portanto, a “cura” está distante do sentido patológico do termo trauma. Para nós, trauma está ligado à imobilidade, a “[...]um nó do desejo que obriga a repetir.” (HERRMANN, 2001, p. 23). Nosso objetivo no cuidado com o desejo é sua mobilidade pois concordamos com Herrmann (2001, p. 277) quando afirma que, com a ruptura de campo e, conseqüentemente, com a expressão do inconsciente, “[...] vários possíveis são ensaiados, alguns dos quais podem mostrar-se eficazes e pertinentes, enriquecendo a vida comum. É o trânsito pelos possíveis que provoca mudanças.”

Vale destacar que entendemos a ruptura de campo como parte do processo de “cura” que foge do domínio do oficinairo. O papel do oficinairo em nossa concepção é aquele que

¹² Por campo entendemos o “[...] conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana, da qual a comunicação verbal é tão-só o paradigma.” (HERRMANN, 2001, p. 27).

¹³ A transferência é entendida como um princípio ordenador de uma relação. Em nosso caso é aquela que regula a relação entre as crianças e o oficinairo. Não que não esteja presente entre todos no grupo, mas é o oficinairo quem deverá estar atento ao direcionamento da relação, pois será através dele e dos outros que estarão circulando as atribuições/fantasia das crianças. É através dessas atribuições que a oficina será ordenada. Segundo Herrmann (2001, p. 110), “Transferência é o nome que se dá/.../ ao sentido que toma as representações no processo analítico, por força do Campo Psicanalítico e da escuta que este inspira ao terapeuta.”

buscará favorecer dentro do grupo a expressão do inconsciente, pois este é o caminho para se cuidar do desejo. Como isto se realiza? Através da livre expressão. Quando o oficinairo perceber que um movimento expressivo se repete porque pode estar aprisionado em algum nó da trama, ele poderá fazer uso da interpretação¹⁴ para produzir ruptura no campo aprisionado e poder fazer circular outras expressões inconscientes. A interpretação do oficinairo deverá se constituir como toques emocionais através da fala ou de pequenas ações que rompam as representações cristalizadas e dêem mobilidade à expressão inconsciente. Devemos lembrar que em nossa oficina de expressão não caberá perguntar sobre a vida atual ou passada da criança, mas deixá-las falar pela boca ou pelas mãos, através dos materiais.

Outro ponto a se observar é que este estudo esteve sempre atrelado à permanência do participante na Casa Abrigo. Neste sentido, trabalhamos com a possibilidade da saída da criança da instituição, fosse pela via da adoção ou pelo regresso à vida familiar. Desse modo, a análise de dados será feita a partir do material que foi possível apreender.

6.3 - Recursos expressivos

Denominamos recursos expressivos à materialidade posta em ação. Conforme o conceito de Ostrower (1987), a materialidade é tudo o que pode ser formado e transformado pelo homem.

A materialidade proposta neste projeto esteve limitada à apresentação dos recursos (materiais modeláveis) como tintas, lápis-de-cor, papéis, cartolinas, plásticos, essências etc, que pudessem ser tomados e transformados.

¹⁴ Para Herrmann (1999, p. 140), a interpretação constitui-se de pequenas intervenções eficazes que : “[...] não devem ser explicadas; são pedaços de frases, toques emocionais, repetições de uma palavra ou de uma imagem que parecem importantes, silêncios bem colocados, etc.”

6.4 - Formação do grupo

Inicialmente, a coordenadora/psicóloga da instituição escolheu cinco crianças que poderiam participar das oficinas de recursos expressivos. Cabe destacar que os critérios de seleção propostos por nós foram baseados na idade (crianças entre 5 e 7 anos) e no motivo de permanência na instituição (violência doméstica). Não nos importava, em caráter restrito, se a criança apresentava ou não conflitos emocionais, problemas de relacionamento, dificuldades de aprendizagem ou queixas que se configurassem como uma demanda para atendimento psicoterápico. Importava-nos iniciar uma atividade em grupo com crianças que estivessem dispostas e abertas a nossa proposta.

Feito o convite, a coordenadora/ psicóloga selecionou cinco crianças que estavam dentro das condições acima descritas. Limitamos o número em cinco por se tratar de um estudo que visava à atenção concentrada na observação dos participantes como sujeitos singulares, e como sujeitos inseridos em um grupo.

Notamos que as crianças foram escolhidas também por apresentarem algum tipo de “queixa”. Observamos (como apresentado no quadro que se segue) que a escolha foi baseada e destacada pela psicóloga/ coordenadora em algum tipo de dificuldade que a criança apresentava.

Abaixo segue a caracterização dos participantes conforme a descrição da coordenadora na época da seleção:

Nome	Idade atual	Abrigado desde	Situação	Motivo pelo qual a criança foi selecionada
Karina ¹⁵	5 anos (20/06/97)	21/06/02	Recebe visitas da mãe. Pode ocorrer o desabrigoamento, caso a mãe cumpra as exigências da VIJ.	Agressiva, não respeita limites ou hierarquia (funcionários), morde outras crianças, faz birras. Algumas vezes apresenta discurso insistente e repetitivo, exaltando os aspectos bons da mãe.

¹⁵ Todos os nomes citados são fictícios.

Tatiana	5 anos (18/07/97)	12/11/01	Aguarda adoção.	Agressividade, falta de limites.
Daniel	6 anos (03/07/96)	22/08/00	Aguarda decisão da VIJ.	Desestruturação interna, confuso, desconexo, agressivo com os colegas. Dificuldades de aprendizagem.
Vinicius	5 anos (04/02/98)	18/12/02	Aguarda decisão da VIJ. Recebe visitas da mãe.	Sofreu situação de violência física, muito calado, triste, não sabe se defender.
José	5 anos (06/06/97)	23/03/99	Aguarda adoção.	Apresenta momentos de rebeldia. Quando ansioso, chupa o dedo. Começou a chorar e a pedir insistentemente para voltar para sua casa depois que um amigo foi desabrigado.

Supomos que a escolha dessas crianças pela coordenadora aconteceu devido a algumas razões. Em primeiro lugar, nós havíamos iniciado um trabalho de atendimento psicoterápico destinado às crianças da instituição, como psicólogos clínicos; portanto, havia uma expectativa de que as oficinas atuassem no sentido de resolver de conflitos psicológicos. Em segundo lugar, notamos que a instituição é carente de recursos humanos para lidar com esta demanda. Muitas vezes, profissionais buscam a instituição oferecendo trabalho voluntário, ou como campo de pesquisa, ou como pólo de atuação para estagiários. Como há, por um lado, uma demanda para atendimento e, por outro, um oferecimento de trabalho “gratuito”, a instituição acaba por aceitar o que é oferecido. Não podendo contar com uma rede de profissionais que atenda tal demanda, ela acaba por aceitar os profissionais que se oferecem nas condições apresentadas por eles.

Observamos que houve uma preocupação inicial da instituição em implantar o projeto: “primeiro vamos conhecer vocês e seu trabalho, depois discutimos a viabilidade do projeto”. Atitude ponderada e cuidadosa no trato com as crianças. Verificamos também que, após um ano de trabalho, fomos aceitos e conquistamos um certo grau de confiança, também pelos resultados obtidos nos atendimentos realizados. A confiança, porém, fez permanecer a

expectativa de que continuássemos com o atendimento psicoterápico, por meio das oficinas, resolvendo os problemas que a instituição não conseguia resolver.

Após a configuração do grupo, as crianças foram reunidas em uma sala e a coordenadora/ psicóloga apresentou-nos como psicóloga e disse-lhes que estariam realizando algumas atividades conduzidas por nós. Salientou ainda que ali seria um espaço para que eles pudessem falar de suas vidas e de seus problemas, que pudessem “se conhecer melhor” e que pudessem aproveitar da melhor forma o espaço que estava sendo oferecido. A coordenadora/ psicóloga saiu da sala e nos deixou a sós. Apresentamos a proposta: uma oficina de expressão. Esclarecemos que naquele espaço poderíamos fazer muitas coisas referentes a pintura, desenho, colagem etc. Dissemos-lhes que esta atividade fazia parte de uma pesquisa e mencionamos os aspectos contidos no termo de esclarecimento, adaptado à idade das crianças. Todos aceitaram a participação nas atividades e no grupo, mostrando-se animados.

Na semana seguinte iniciamos as oficinas.

6.5 - As oficinas

As oficinas de recursos expressivos tiveram início em abril de 2003. Nossos encontros aconteceram uma vez por semana com uma hora e trinta minutos de duração.

Na sala destinada às oficinas reservávamos mesas e cadeiras para as crianças. Em cima de outra mesa deixávamos expostos os materiais modeláveis que tínhamos disponíveis: lápis-de-cor, giz-de-cera, lápis pastel, canetinhas, tintas, pincéis, argila, essências, papéis e cartolinas, sucata, revistas e jornais, dentre outros que poderiam ser acrescidos a cada encontro. Não havia limitação ou qualquer restrição ao uso do material.

A partir da sexta oficina¹⁶, limitamos o material devido ao uso desordenado, desorganizado e abusivo que estava comprometendo a viabilidade da execução das oficinas. Nesta fase, a criança deveria antes decidir o que queria fazer e depois solicitar-nos o material necessário.

Em um momento posterior, após a oitava oficina, dividimos o grupo de cinco crianças em dois grupos. No início, fazíamos um sorteio para saber quem ficaria no primeiro horário (que também foi reduzido para uma hora) e no segundo. Dessa maneira, trabalhávamos com um grupo de três crianças no primeiro e de duas no segundo horário. A modificação do modelo inicial deveu-se principalmente aos atos de violência cometidos umas às outras. Como oficinairos, não estávamos conseguindo conter os atos de violência que aconteciam ao mesmo tempo. Esta decisão foi tomada para a preservação das crianças e pela necessidade de estabelecer um ambiente seguro e confiável.

A partir da 19ª. oficina, retomamos a proposta inicial do trabalho. Ao todo foram realizadas 26 oficinas, durante seis meses. Elas foram descritas com o fim de análise para este trabalho; vale ressaltar, porém, que continuamos os encontros com as crianças devido ao nosso comprometimento com as mesmas e com a instituição. As oficinas foram totalmente encerradas no momento em que a última criança do grupo foi transferida para outra instituição.

6.6 - Análise dos dados

Nossa análise será realizada a partir do relato das oficinas coletado nos seis primeiros meses. Nesse período, as oficinas foram descritas o mais detalhadamente possível.

Vale destacar ainda que os pressupostos teórico-metodológicos que orientarão nossa análise estarão fundamentados no referencial psicanalítico, e melhor ainda, no conhecimento

¹⁶ Para maior detalhamento recorrer ao Anexo C, que descreve as oficinas.

produzido e acumulado pela Psicanálise. O referencial metodológico, assim como aquele que nos guiou na execução das oficinas, será o psicanalítico, de acordo com a Teoria dos Campos proposta por Herrmann (2001).

Ressaltamos que a pesquisadora também fez parte da experiência comoicineira, exercendo basicamente quatro funções: escuta, envolvimento, análise e intervenção. Tal postura não descaracteriza oicineiro como membro e referência do grupo, justamente porque está dentro de uma relação que comporta o “todos”. Em nossa concepção, pesquisador eicineiro se completam e se complementam pois devem possuir a mesma postura diante do conhecimento. As quatro funções doicineiro se baseiam nos princípios fundamentais do método psicanalítico: deixar surgir (escutar e acolher as manifestações apresentadas), envolvimento (envolver-se para aproximar e, ao mesmo tempo, analisar do que fala esse envolvimento) e tomar em consideração (intervir com falas e atitudes que promovam pequenas rupturas nos nós aprisionados, quando a intervenção se fizer necessária).

Nesse sentido, tratamos o envolvimento entre as crianças e da pesquisadora em torno das oficinas como experiência original e específica, e analisamos os aspectos decorrentes dessa relação.

Para tanto, propomo-nos a apresentar e a discutir os resultados tomando em consideração os seguintes aspectos:

- A relação entre as crianças e a oficina tomada enquanto lugar de expressão e produção de relações mediada pelos recursos expressivos;
- O papel doicineiro enquanto intermediário das relações entre as crianças; foram contempladas as observações sobre a presença doicineiro como facilitador das expressões da criança no contato com os materiais ou no relacionamento com o grupo;
- A possibilidade do discurso lúdico como potencializador de sentidos emergentes do inconsciente enquanto não simbolizado pelo próprio sujeito e de circularidade de

papéis, o que contemplou as modificações no manejo do referente da monossemia para a polissemia;

- A escolha dos materiais realizada pelas próprias crianças.

O recorte foi necessário para a análise da experiência; porém, pretendemos que ele não conduza a uma fragmentação mas que, sobretudo, propicie uma aproximação mais sistemática e abrangente dos sentidos gerados pela experiência.

7 – A ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA

quando ouvi o teu cantar
 me lembrei nem sei de quê
 me senti tão só
 tão feliz, tão só
 só e junto de você
 pois o só do meu sofrer
 bateu asas e voou
 para um lugar
 onde o teu cantar
 foi levando e me levou
 e onde a graça de viver
 como a chuva no sertão
 fez que onde for
 lá se encontre a flor
 que só há no coração
 que só há no bem querer
 e na negra escuridão
 assum preto foi
 asa branca dói
 muito além da solidão
 ASSUM BRANCO
 Zé Miguel Wisnik

7.1 - A relação entre as crianças e a oficina tomada enquanto lugar de expressão e produção de relações mediada pelos recursos expressivos

A Meleca: o quadro inicial

Os quatro primeiros encontros foram marcados pelo nosso conhecimento mútuo. Estivemos à disposição do grupo para que este nos conhecesse e vice-versa.

Nesses encontros as oficinas ocorreram segundo a proposta inicial, com todo o material disponível e ao alcance das crianças.

No decorrer de nossos encontros, o grupo foi se apresentando, inicialmente, sem forma, sem desenho, como pura experimentação dos sentidos. Este fato se manifestava no uso dos materiais. A idéia que fazíamos era a de que o próprio material era a extensão pulsional

da criança. Uma massa amorfa caracterizada pela ansiedade, pela profusão de estímulos e ausência de um direcionamento ou propósito que pudessem dar alguma organização e controle.

A ansiedade não permitia que um projeto fosse elaborado e o material, cuidadosamente escolhido. Tudo tinha que ser usado ao mesmo tempo e em grandes quantidades.

Outro fato interessante era o de que o corpo se mostrava como objeto de marca. Com a tinta marcava-se o próprio corpo e o corpo do outro. Chegamos a ter braços, rosto e pernas pintados. A meleca foi o nome que as próprias crianças deram a uma pintura onde não havia forma, só a mistura com as mãos de diversas cores e muita tinta.



Foto da “Meleca”

Nesses quatro encontros fomos nos conhecendo e, aos poucos, pudemos ir percebendo a configuração de um desenho pessoal.

Daniel, o mais velho (seis anos), se mostrava aparentemente mais organizado e cauteloso em seus desenhos. Algumas vezes preferia estar um pouco afastado do grupo, longe dos ataques de agressividade que aconteciam. Queria estar próximo doicineiro, como ajudante e motivo de orgulho (o que o diferenciava de outras crianças briguentas). Daniel era a criança que estava há mais tempo na instituição e que poderia ter aprendido como obter vantagens, mostrando-se organizado, prestativo e bonzinho. Ao mesmo tempo, algo talvez

denunciasse uma dor. Ele desenhava, de maneira geral, elementos que voam: foguete, avião, borboleta. E nos dizia que a borboleta brinca no céu, o que nos faz pensar que é no devaneio (a falta de concentração apresentada como “queixa”) que Daniel brinca. Em sua realidade concreta, o brincar fica suspenso porque deve-se apresentar ao outro como mais maduro do que realmente é. Grande responsabilidade para um menino tão pequeno.



Produção de Daniel: Borboleta



Produção de Daniel: estrelas

Karina apresentou-se como a “Mônica” (personagem de Maurício de Souza). Ela bate, faz provocações e sabe, sobretudo, defender-se sozinha (mesmo sem o coelhinho Sansão). Dependendo do dia, chega mal-humorada e não gosta que lhe perguntem muita coisa. Prefere falar. Prefere dar as cartas conforme a sua vontade. Ao mesmo tempo em que Karina se apresenta dessa maneira, desenha um coração chorando e corações coloridos (estes menos expressivos).



Foto: Coração chorando, Karina



Foto: Corações, Karina

José mostrou-se como um bebê que pede colo. Apesar de mais novo (cinco anos), interessa-se pela escrita, o que nos dá indicativos de estar envolvido com grupos, principalmente em relação ao vínculo que mantém com a escola. Ao mesmo tempo em que pede colo, quer sua independência. José apresenta uma capacidade para, em certa medida, suportar a agressão que vem do outro, sem revidar.

Tatiana é uma pequena que está habituada a lidar com a frustração através de manhas. Ela própria diz, em um desenho, que a “menina-balde” joga o lápis no chão porque está manhosa. Suas atitudes conosco são ambivalentes: ora abraça e sentimo-nos próximos, ora afasta-se com seu mau-humor.

A impressão que temos de Vinicius é a de que é um bebê. Temos dificuldades para entender o que ele fala. Geralmente aproxima-se das crianças para provocar. Faz um risco no desenho do outro e recebe como resposta um bofetão. É difícil ele tomar a iniciativa de realizar um projeto próprio. Geralmente segue os passos de alguém, espiando o que o outro está fazendo. Em todas as oficinas, recebe uma bofetada de alguém, como se esse fosse o único jeito de sentir-se realmente vivo e visto por alguém. Lembramos que Vinicius apresenta, em sua história, o registro de ter sofrido violência física.

Além das primeiras impressões de cada criança, percebemos que o trabalho no grupo, através dos recursos expressivos, se constituiu em expressão de puro afeto, sem simbolização,

tendo havido raros momentos em que a simbolização aparece como forma mais organizada e estruturada de representação.

Durante estes quatro encontros, procuramos adaptar o ambiente ao que estava acontecendo naquele lugar, às necessidades e às formas de manifestação daquele grupo em formação. As mesas, o chão, as paredes precisavam ser conservados até para que nós pudéssemos permanecer neste espaço. Nós não queríamos, e nem poderíamos, dar atenção à sujeira. Uma outra preocupação era urgente: estar com as crianças. Nesse sentido fomos adaptando as oficinas ao que aparecia. Se havia muita sujeira, mais plásticos seriam necessários e nós nos ocupávamos disso.

Outro aspecto importante caracterizava os finais das oficinas, a nossa separação. Nos quatro primeiros encontros, separar era sinônimo de explosão, de agressão, de negação da separação. A sensação que ficava era a de que oicineiro não estaria mais disponível, o sentimento de continuidade não existia. Mesmo que tentássemos estabelecer uma separação gradual, através de falas pausadas, usando tons diferentes, repetindo a data de nosso próximo encontro, não obtínhamos qualquer resultado. A psicóloga do Abrigo acabava por “retirar” (como que a fórceps) as crianças da oficina.

A limitação de um espaço

Após os cinco primeiros encontros, percebemos que precisaríamos limitar o uso do material. Esta decisão foi tomada em virtude de uma sessão na qual paredes e chão ficaram marcados com as tintas: havia se chegado a um limite para a continuidade desta experiência. Talvez tivesse chegado o nosso limite. Viabilizar um espaço para que esta expressão acontecesse fôra de fato importante porque permitiu-nos fazer uma leitura inicial do grupo. Levantar a hipótese de marcar e ser marcado para ser visto surgiu desta experiência. Porém,

precisávamos provocar mudanças, atingir alguns campos. Foi pensando dessa forma que concluímos que a limitação do material colocaria as crianças diante de uma outra resistência: a escolha de materiais. Como eles não estariam mais disponíveis, a criança teria que optar por algo. E para optar, precisaria pensar no que faria e pensar implica em representar.

Dessa maneira, baseamo-nos em Ostrower (1987) e concordamos com a autora quando se refere ao limite como princípio ordenador do ato de criação. Segundo a autora:

[...] é justamente esta compreensão, e a plena aceitação do fato, o respeito pelos limites (limites reais de fenômenos reais), que dão ao artista, ou ao cientista, a liberdade de se aprofundar na matéria sem medo de se perder, sondar sua essência sem medo de violentá-la, com vista à descoberta, em novas formas, de novos relacionamentos significativos. (OSTROWER, 1987, p. 55).

A limitação do material proporcionou produções mais elaboradas. As crianças preferiram os desenhos, utilizando-se das canetinhas e dos lápis-de-cor. Temas que envolviam super-heróis, anjos, mães, sonhos, fantasmas apareceram:

Tatiana estava fazendo um desenho. Disse que estava desenhando Daniel e que ele estava sonhando com sua mãe. Nesse momento, falei a Daniel o que Tatiana tinha dito e Daniel respondeu que não estava sonhando, mas estava tendo um pesadelo. Tatiana fez flores, que eram para a mãe de Daniel. (oficina 7)



Produção de Tatiana: Daniel sonhando com a mãe

A produção elaborada por José também permitiu com que ele verbalizasse sentimentos e fantasias:

Disse que havia desenhado um homem que estava com raiva e que iria matar outros homens que o chamaram de borboleta. Perguntei o que era ser borboleta e José não me respondeu. Ao lado do homem havia uma aranha que comia pessoas. Ela já havia comido uma pessoa. (oficina 8)



Produção de José: homem com raiva

Outra criança:

Daniel desenhou um anjo, disse que é o seu anjo. Recortou um anjo e o colou em uma folha, junto com outros recortes de nuvem, avião e foguete. Eu não tinha percebido por que estas coisas estavam juntas e Daniel me disse que estavam todas no céu. (oficina 6)

Percebemos que as produções tratam de campos da vida dessas crianças, que, em nosso estudo, foram considerados para formularmos nossas hipóteses: o que essa criança desse lugar está dizendo a nós? Qual o lugar que ocupamos nessa relação? Dolto (1959) recomenda que não é objetivo do arte-educador analisar e interpretar emoções contidas no desenho infantil, nem questionar a vida emotiva ou familiar da criança. Concordamos em parte com ela. Pensamos que não faz parte do papel do educador traduzir as produções infantis em gabaritos de testes projetivos, mas a análise da transferência é fundamental. Na relação entre educador e criança se produz um campo e neste há um lugar determinado ao educador, e estabelecido pela criança. Para responder adequadamente, o educador pergunta-

se que lugar é este. A resposta adequada, por sua vez, se refere aos efeitos que se quer produzir. Para nós, efeitos de rupturas de campos, rupturas que possam desestabilizar as representações cristalizadas e atingirmos cada vez mais a polissemia.

Neste período, que compreendeu as oficinas 6, 7 e 8, percebemos o uso da matéria como um canal direto para a expressão dos afetos.

Karina ficou fazendo letras e rabiscos o tempo todo./.../ Estava desenhando as letras e parecia que algo não saía do jeito que queria. Ela ficava brava e rabiscava a folha./.../ Neste momento estávamos no final da oficina e eu disse que eles fossem terminando o que estavam fazendo./.../ Karina se irritou muito e começou a derrubar cadeiras e mesas./.../ Segurei-a, envolvendo-a em meus braços, e disse que estaríamos juntos novamente na semana seguinte. (oficina 6)

Vinicius repetia sua escolha, marcar e, conseqüentemente, ser marcado:

Com a canetinha fez traços nos desenhos de José e Karina. Esta lhe devolveu, passando canetinha em seu cabelo, foi até Daniel e tentou rabiscar o seu desenho. (oficina 6)

Com a limitação do material, a ansiedade se expressou de outra maneira. No início de nossos encontros, as crianças marcavam-se com tinta. Apesar de brigarem ou de se baterem entre si, fundamentalmente a tinta marcava o sujeito. Percebemos que a limitação do material plástico propiciou que a marca fosse executada através dos materiais disponíveis. Se antes era a tinta, agora era o lápis, a cadeira, o que se tivesse à mão.

Dessa forma, não há simbolização, a descarga é imediata e compulsiva.

No momento em que eu estava cuidando de Tatiana, retirando-a da porta, Vinicius bateu com a cadeira em Karina, que revidou atingindo Vinicius com o lápis no rosto. Vinicius chorou. Perguntei o que havia acontecido e Karina disse que Vinicius tinha batido nela. Confirmei a história com Vinicius e ele parou de chorar. Em um outro momento, em alguns minutos em que eu me dedicava a outra criança, Vinicius acertou a cadeira na cabeça de Karina, que se machucou e saiu da oficina para fazer um curativo. (oficina 8)

Após essa descarga, Vinicius permaneceu na sala e, pela primeira vez, utilizou-se de um intermediário para representar sua angústia.

(Vinicius) Disse que desenhou uma menina e que ela estava com raiva. Não se podia falar nada com esta menina porque ela ficava com raiva e batia. Do outro lado tinha um menino que também estava com raiva (Vinicius me mostrou com seu corpo como ficava um menino que sentia raiva. Vinicius ficou parado, rígido, olhando para baixo, fazendo bico com os lábios, exatamente como fazia quando era contrariado). No meio havia um amigo que estava parado de braços abertos (oficina 8)



Produção de Vinicius (parte inferior): menino e menina com raiva

Será que o lugar do oficinairo estava situado onde Vinicius indicava? Ele aponta que o terceiro elemento separa e dá contenção aos meninos que estão com raiva. Baseados nessa hipótese, promovemos a terceira modificação no grupo.

A contenção da agressividade

A partir da nona oficina dividimos e reduzimos o grupo. A modificação estava apoiada na hipótese de que necessitaríamos conter os ataques das crianças para que esta energia pudesse percorrer outro caminho: o da representação, o da polissemia e não como via única da atuação.

A divisão do grupo em uma dupla e um trio foi determinada através de sorteio. Após a alteração, observamos que a dificuldade, principalmente nas oficinas 9, 10 e 11, era a de aceitar a inexorabilidade da regra. Nenhuma criança queria ficar para o segundo horário, pois isto implicava em espera. Notamos a dificuldade para postergar.

O manejo dos fatores que envolviam o sorteio no início de nossos encontros não foi fácil. Aceitar o limite, a regra causava desconforto e irritação:

Karina não gostou de ter ficado para o segundo horário. Choramingou, e eu disse-lhe que havíamos combinado desta forma e que, inclusive, na semana anterior, ela mesma tinha aprovado a mudança. José saiu sem problemas, voltou para a ala. (oficina 10)

Mesmo após ter reafirmado nosso acordo com o sorteio, Karina, Vinicius e Daniel ficaram decepcionados. Vinicius fez cara de choro, Daniel ficou bravo e rasgou seu papel e Karina permaneceu sentada, negando-se a voltar depois de uma hora. Voltei a falar de nosso acordo e lhes disse que, quanto mais demorassem para voltar para suas alas, mais retardado seria o nosso encontro. Vinicius e Daniel saíram da sala, Karina ainda resistiu mas foi chamada pelos outros integrantes, para voltarem depois. Karina se levantou e eu reafirmei o horário de nosso encontro. (oficina 11)

Karina reclamou, não queria participar do sorteio. Ficou irritada (cruzou os braços, fez bico, fechou a cara) por não ser sorteada para o primeiro horário, mas aceitou o convite de Tatiana para ficar brincando no pátio, enquanto esperavam por seus horários.

Às três horas fizemos o sorteio. Para o primeiro grupo estavam Karina e Tatiana. Daniel não ficou satisfeito por ter sido sorteado para o segundo grupo, mas os três saíram rapidamente da sala para que pudéssemos iniciar as atividades. (oficina 12)

Para o primeiro grupo foram sorteados Daniel e Vinicius. As outras crianças permaneceram na sala, recusando-se a sair. José ficou irritado por não ter sido sorteado, Karina e Tatiana também. Vinicius iniciou uma provocação com relação a Tatiana. Vinicius passava por ela e esbarrava. Vinicius acabou por chutar Tatiana e esta chorou. José subiu em uma das mesas da sala. Karina estava com uma bexiga e encostou na parede, recusando-se a sair. Expliquei que, quanto mais demorássemos para começar as atividades com o primeiro grupo, mais tarde começaria a oficina com o segundo. Nós já estávamos atrasados. (oficina 16)

Observamos que existem a dificuldade para a separação e para a incorporação de uma regra; porém, os ataques dirigidos às outras crianças diminuíram. Observamos a recusa em sair da sala, a cara feia, os ataques ao oficinheiro e a diminuição dos ataques entre as crianças.

Karina, uma das crianças com mais dificuldade de à aceitação da regra, na oficina 16 é capaz de verbalizar que “tinha ficado irritada”. Mediante esta expressão, o oficinheiro concorda com ela e diz que tinha percebido que a irritação tinha a ver com o fato de não ser sorteada mas, como o combinado, ela estava de volta, no seu horário. Fala que sempre remetia a um lugar, um limite, uma regra.

Resgatemos Calligaris (2000), discutido anteriormente, sobre a urgência da interdição. Para o autor, a criança sem o limite cria a fantasia do lugar onde tudo é possível. Em nosso caso poderíamos associar que o significante “tudo” está próximo do absoluto, da falta de contorno, do abismo. A limitação de um espaço, a referência de um lugar fornece justamente a segurança de estar localizado num tempo e espaço em sua existência.

Nas oficinas 10, 11, 12 e 13, a provocação de uma criança à outra permanece, mas a resposta agressiva não acontece:

Vinicius tentou marcar a folha de Tatiana com a tinta./.../ Vinicius foi até o desenho de Tatiana, que estava grudado na parede, e fez sua marca com a tinta. Tatiana viu e lhe disse que Vinicius precisava fazer isto para ser reconhecido por ela./.../ Vinicius fez algumas outras tentativas para provocar Tatiana mas não conseguiu nenhuma reação. (oficina 10)

Vinicius já havia feito um picote com a tesoura na folha de Tatiana, que reclamou. Parecia que Vinicius iniciava uma provocação mas não era correspondido por Tatiana. (oficina 13)

José percebeu que Karina estava agitada./.../ José perguntou-me se Karina estava com raiva. Eu disse que talvez sim. (oficina 12)

Na medida em que os ataques de agressividade diminuem, abre-se espaço para entrar no grupo a representação de assuntos como auto-representação, diferenças sexuais e família.

Daniel não pediu minha ajuda. Disse que era um menino treinado. Perguntei o que queria dizer com isto. Daniel explicou que ser treinado era ser como um cão de policial, obediente e treinado. (oficina 16)

Tatiana riu e disse que os peitos eram de mulher grande. Tatiana disse que mulher tem “pechéca” e que gosta quando o homem passa a língua nela. Tatiana disse que homem tem pinto e que mulher gosta de pinto. Tatiana disse que S. (uma criança de sua ala) mexeu na “pechéca” das meninas e que elas gostavam disso. (oficina 16)

(Karina) desenhou uma casinha onde morava um cachorro e uma cachorra. A cachorra ficava com a maior parte da casa, com os três cômodos, que eram separados pelas cores e uma parte ficava para o cachorro. O cachorro ficava com a menor parte porque ele não merecia. Karina fez um outro desenho, só que nesta nova casa morava um casal de gatos. Assim como com o casal de cachorros, Karina procedia da mesma maneira com o casal de gatos. Perguntei por que o cachorro e o gato não mereciam uma parte maior da casa. Karina disse que eles eram malvados e, por isso, ficavam com uma parte menor. Karina desenhou quatro corações. Ela me disse que um era meu, o segundo era dela, o terceiro, da irmã e o quarto era de Marina. Karina escreveu o nome dela, da irmã e de Marina. (oficina 16)

Vinicius percebe que a outra criança não responde às suas provocações e inicia um processo de criação, de representação de seu próprio material:

Vinicius sabia que Daniel não queria que ele tocasse em seus brinquedos, mas mesmo assim ele se aproximava e, quando Daniel ameaçava, Vinicius corria para outro canto da sala com cara de choro. Vinicius pediu-me papel e tesoura. (oficina 16)

José dá forma à irritação de Karina através de uma imagem:

José separou a folha de sulfite em três partes. Em uma delas fez rabiscos coloridos, em outro desenhou uma pessoa e disse que ela tinha cabelos arrepiados e uma mão. Perguntei quem era aquela pessoa e ele respondeu, rindo, que era Karina. (oficina 16)

Não há linearidade e constância nos comportamentos apresentados. Ao mesmo tempo em que as crianças tendiam para uma representação mais organizada, algumas delas recorriam aos mecanismos de atuação, como Karina, na oficina 17:

Karina queria mostrar a massa para sua “tia” Priscila./.../ Disse-lhe que poderia mostrar a ela após o término da oficina./.../ Karina não concordou com a minha decisão e começou a “atacar-me” com suas birras. Karina não queria mais falar comigo, nem continuar a atividade. Ficou parada perto da porta, mexendo na maçaneta e pedindo para que alguma criança que estivesse do lado de fora chamasse a “tia” Priscila. Perguntei a Karina se ela queria sair, pois eu abriria a porta e ela respondeu que não. Karina passou o restante do tempo da oficina ao lado da porta.

Em outros momentos, o oficinairo tornou-se o referencial do limite:

Vinicius entrou na sala com uma flauta, bateu o instrumento nas costas de Daniel e saiu correndo, antes mesmo de Daniel revidar. Daniel o ameaçou e Vinicius, encostado na parede, fez cara de choro. Daniel olhou-me e disse que ia pegar Vinicius. Olhei para Vinicius e, sem que eu mencionasse nada, Vinicius pediu desculpas a Daniel (oficina 17)

A partir da oficina 19 retomamos a formação do grupo inicial, sem o sorteio. Este procedimento deveu-se à saída de José da instituição por motivo de adoção e também pelo fato de Daniel estar afastado temporariamente do contato com as crianças por estar com hepatite. Portanto, não havia sentido em continuarmos com o grupo dividido. Outra alteração foi que, a partir da oficina 21, os materiais voltaram a ficar à disposição das crianças. Esta alteração deveu-se à mudança de sala para a realização da oficina. Fomos para uma sala menor, estávamos com um grupo menor, fixo, onde os ataques de uns contra os outros haviam diminuído. Valia a pena apostar.

Nessa nova configuração, observamos que houve referência a outros membros do grupo, o que aponta que um vínculo grupal já tinha sido estabelecido:

Vinicius retirou outros trabalhos da caixa. Perguntou de quem eram./.../ Havia trabalhos de José na caixa. Tatiana disse que José não estava mais no Abrigo./.../ Um trabalho de Daniel foi encontrado. Eles disseram que Daniel não tinha ido para o grupo. (oficina 22)

Daniel lembrou-se de José, que tinha ido embora./.../ Daniel disse que gostava de José, que ele era legal./.../ Vinicius concordou com Daniel. (oficina 24)

A referência aos membros ausentes indica o estabelecimento de vínculos afetivos, tão temidos por crianças em situação de passagem (JUSTO, 1997). Além disso, a representação por meio da fala toma a oficina como lugar de referência, o ponto de encontro de determinadas pessoas. Para as crianças abrigadas, que estão com o destino nas mãos de outrem, o referencial de um lugar fixo, com pessoas fixas, é de fundamental importância para a estruturação de sua identidade. Em nosso caso, a referência aos membros ausentes, como lembrança ou saudade, simboliza que aquele que se ausentou marcou, de alguma maneira, a vida daqueles que ficaram.

Na oficina 22, Karina questiona a resposta que oicineiro lhe dá. Por meio da análise transferencial, o icineiro respondia à Karina de um modo que ela não estava habituada a lidar:

quando Karina estava manipulando seus potinhos, ela gritou por mim, e eu respondi em tom mais baixo. Ela perguntou: por que você não grita? (oficina 22)

Na oficina 23 inicia-se uma outra confusão, mas agora de forma mais controlada. O icineiro não precisa conter fisicamente as crianças:

Karina iniciou uma provocação, batendo seu lápis na produção de Daniel e deformando seu porquinho. Daniel respondeu, jogando um pequeno pedaço de massa em Karina/.../ Uma pequena confusão se iniciou, mas eu controlei os dois (não precisei conter fisicamente) (oficina 23)

Observamos também que na oficina 24 uma criança consegue falar a outra o que sente a respeito de seu comportamento no grupo. Nota-se uma autonomia para se dizer o que pensa.

Karina saiu do quarto e foi para a sala. Foi até a porta e balançou a maçaneta. Perguntei se ela queria sair. Karina disse que era para eu não falar com ela. Aceitei suas ordens e me calei. Um adolescente interrompeu a oficina para devolver um aparelho de som que ficava guardado nesta sala. Abri a porta e Karina não saiu. Karina ficou parada perto de uma janela, sempre reclamando de alguma coisa. Daniel estava montando sua casinha, até que em um dado momento ele pareceu perder a paciência e disse para Karina: por que você não sai mesmo? Você não quer ficar aqui! É só falar

para a Marina (psicóloga do Abrigo) tirar seu nome da lista que você sai do grupo!

Além de poder dar voz e imagem ao que se sente de uma forma mais organizada, notamos que a oficina já era tida como lugar seguro, até para dormir:

Vinicius entrou na sala, seguiu direto para o sofá e dormiu. (oficina 26)

O fato de uma criança do grupo ter podido dormir em nossos encontros nos fornece informações sobre a modificação do ambiente. A fragmentação, a massa amorfa, o caos foi ganhando contorno com o estabelecimento de limites. Assim como apontado por Calligaris (2000), é no interdito que a criança é capaz de se constituir enquanto sujeito marcado por uma história singular. A apropriação dessa história traz segurança, pois já não temos um indivíduo solto no nada ou no tudo. Ele é um sujeito com referenciais que lhe fornecem o contorno de sua existência. Perceber-se como sujeito tranquiliza e atenua o medo porque aposta-se na continuidade da história. No mesmo sentido, Ostrower (1987) postula que somente com o limite há a possibilidade de criação e simbolização. Sem o limite o que se tem é o caos, a indefinição, o nada, o tudo e um grande pavor de perder-se no abismo.

7.2 - O papel do oficinairo enquanto intermediário das relações entre as crianças

Neste tópico serão contempladas as observações sobre a presença do oficinairo como facilitador das expressões da criança no contato com os materiais ou no relacionamento com o grupo.

O papel do oficinairo neste grupo e para os fins deste trabalho foi se construindo na relação com as crianças, com a instituição e nos posicionamentos assumidos mediante a leitura transferencial e contratransferencial dessas relações. Não houve determinações a priori

que orientassem a nossa postura enquanto oficinairo. Preferimos confiar no método “deixar surgir para tomar em consideração”(HERRMANN, 1999). Risco que assumimos, pois não tínhamos garantia de que a construção desse papel favoreceria a expressividade. Observamos avanços no sentido de conseguir manejar situações difíceis que, com o tempo, puderam criar na criança o sentimento de confiança para testar sua relação com o oficinairo e experimentar outros estilos de ser. Mas houve recuos também. Muitas vezes sentimo-nos desamparados mediante a ausência de garantias e tentamos nos agarrar em atividades dirigidas que não contribuíram para a consolidação do objetivo deste trabalho, que sempre foi a expressão do inconsciente, mas isso somente serviu para dar uma efêmera e fugaz sensação de objetividade, abandonada quando percebemos em nome do que se dava esta “tentativa de objetividade”.

Nesse sentido, procuramos rastrear, nos registros das oficinas, nossas próprias falas, impressões e sentimentos, indicativas dos posicionamentos que assumimos enquanto oficinairos, em diversos momentos e situações vividas nessa experiência.

Nas oficinas 1, 2, 3, 4 e 5, observamos que a expressão veio numa quantidade e velocidade não esperada pelo oficinairo e, com isto, o primeiro susto; além disso, talvez o papel deste estivesse claro desde o princípio:

Parecia que meu papel estava bem definido para elas (veja-se para isso Tatiana gritando para as crianças de fora que ela estava com a sua psicóloga). Também me surpreendia com a velocidade com que as histórias das crianças apareciam. Tatiana falando da mãe, Karina dizendo da irmã. Depois do atendimento sentia-me cansada. A sala ficava como se tivesse passado um furacão, com tinta e material espalhado. Talvez não fosse o momento de pensar em algum tipo de organização do espaço. Eu sentia que elas queriam experimentar o que estava ali. Eu estava tentando me adaptar a eles. (oficina 2)

Parecia que todo fim de nossos encontros eram difíceis. Tentei, na medida do possível, lembrar-lhes da semana seguinte, que tínhamos um horário marcado e que eu estaria lá para atendê-los, mas parecia que não era suficiente. Assim como os materiais usados para a pintura pareciam não ser suficientes. Talvez seja isto que eu deva sustentar. (oficina 5)

A análise dos sentimentos decorrentes da relação entre oficinairo e crianças orientou a limitação do material e, posteriormente, a redução do grupo. Além da limitação do material, o oficinairo ia apontando às crianças as suas repetições e fazia as contenções físicas quando a palavra ainda não fazia sentido:

(Vinicius) Com a canetinha fez traços nos desenhos de José e Karina. Esta lhe devolveu, passando canetinha em seu cabelo, foi até Daniel e tentou rabiscar o seu desenho. Interrompi-o e perguntei se ele só sabia fazer algo daquela forma. Será que ele não podia fazer o seu próprio desenho? Vinicius parecia emburrado. Depois de um tempo foi para uma mesa e passou a fazer seu desenho. (oficina 6)

Tatiana neste momento estava mais agitada; porém, estava mais afetiva nesta oficina. Aproximou-se de mim e me abraçou. Provocou Daniel e os dois correram pela sala. Interrompi. (oficina 6)

Tatiana não voltou para a mesa de trabalho. Foi para a porta da sala e ficou jogando seu corpo contra a porta. Escalou a porta. Fui até ela e a retirei. Tatiana disse que queria ir embora. Eu disse que ela poderia ir, mas que não voltaria para a oficina. Tatiana concordou comigo e eu a deixei sair. (oficina 8)

Algumas intervenções tiveram o caráter de sentença interpretativa numa tentativa de organizar a avalanche de afetos que provinham de determinadas crianças, principalmente de Karina:

Eu disse a Karina que ela estava cobrindo o rosa, a cor de que mais gostava para deixar por cima uma cor que ela não gostava tanto. Disse que ela se parecia com uma menina que eu conhecia, da qual as pessoas só conheciam uma cor, mas a cor de que ela mais gostava ficava escondida. (oficina 9)

Ao terminarmos, Karina falou com a “tia” Priscila e depois quis entrar. Expliquei-lhe que a nossa oficina havia terminado. Agora eu necessitava arrumar a sala para o outro grupo que estava esperando. Karina ficou emburrada ao lado da porta. Eu disse que Karina estava perdendo a oportunidade de aproveitar as coisas quando elas apareciam e que nem tudo é do jeito que a gente quer, que, portanto, temos que aproveitar as coisas como elas se dão, caso contrário, não aproveitamos nem aqui, nem ali. (oficina 17)

Ao mesmo tempo, o oficinairo ia percebendo que o limite tinha de ser estabelecido, mas de um jeito particular, pois cada criança demandava um tipo de resposta. É justamente neste ponto que o oficinairo se distingue da instituição, que impõe o limite e a lei para todos de uma determinada e mesma forma.

Com relação a José:

Senti que, quando José me solicitava, pedia que eu fizesse algo por ele, cuidasse dele, mesmo sendo possível ele mesmo se cuidar naquele momento. (oficina 11)

O holding determinou o início da relação com José, atendendo-o nos momentos em que ele solicitava. Nossa relação caminhou no sentido da diminuição da dependência na medida em que crescia o sentimento de segurança na criança.

A observação da relação que Vinicius mantinha com as outras crianças do grupo e com o oficinairo apontava para uma dependência do outro, algo que era da ordem do “ser visto urgentemente por alguém”. No início de nossos encontros, Vinicius buscava no outro a solução para sua angústia, “marque-me para sentir-me existente”. Nesse sentido, durante algumas oficinas, Vinicius “marcava” o trabalho de outras crianças no grupo e, como resposta, geralmente tinha uma outra marca vinda com violência. Lembremos que Vinicius não pedia licença para produzir sua marca na produção do outro e por isso a marca era sentida como invasão.

Vinicius abriu alguns potes de tinta, mas não se deteve em produzir algo seu. Passava pelas outras crianças e dava uma pincelada no trabalho do outro. (oficina 4)

Com a canetinha fez traços nos desenhos de José e Karina. Esta lhe devolveu, passando canetinha em seu cabelo, foi até Daniel e tentou rabiscar o seu desenho. (oficina 6)

A intervenção do oficinairo estabeleceu-se no sentido de interromper a invasão de Vinicius na produção do outro e de intensificar as suas produções, valorizando-o em suas conquistas.

Vinicius chegou à oficina dizendo que queria fazer uns óculos iguais aos de Daniel. Eu lhe disse que poderíamos fazê-los, desde que ele me dissesse como eles seriam. (oficina 13)

Vinicius passou a escolher suas figuras. Escolheu carros e aviões. Também o auxiliei a recortar, já que Vinicius apresentava dificuldades para lidar com a tesoura. (oficina 15)

A figura era bem pequena e, quando terminou, Vinicius foi mostrar-me bastante satisfeito por ter conseguido recortar a figura, sem invadir a foto propriamente dita. Vibrei com Vinicius pois entendia o que tal ato significava para ele. (oficina 17)

Ao longo das oficinas percebemos que adquirir o domínio sobre a tesoura estava aproximado à sua própria independência. Vinicius agora poderia escolher as figuras que gostaria de recortar e fazer delas a expressão de seus afetos. Através do corte que a tesoura lhe proporcionava, tinha o contorno daquilo que exatamente queria falar.

Vinicius disse que ia ver o que encontrava nos livros (ele se referia às revistas). Foi até o monte de revistas e encontrou uma figura que despertou seu interesse: uma mãe feliz segurando seu bebê no colo. E resolveu recortar esta figura. (oficina 22)

Daniel apresentava sua produção mais estruturada, representada, clara. Como era a criança mais velha, também tinha mais recursos que facilitavam o seu trabalho. Diferentemente de Vinicius, Daniel tinha habilidade com a tesoura, o lápis, os pincéis. A sua representação era também mais organizada. Nossas intervenções foram no sentido de fazer falar sobre a produção; assim, quando Daniel terminava uma produção, o oficinairo fazia perguntas sobre o desenho: o que era, quem era as pessoas etc.

Comparado aos demais, seu desenho era o mais estruturado/.../ Pedi-lhe que me falasse sobre o desenho. Fui perguntando sobre o que havia feito e Daniel foi me respondendo. As duas pessoas eram irmãos que moravam na casa com seu pai e sua mãe. Daniel disse que havia feito este desenho para a sua mãe. (oficina 8)

Daniel quis brincar com os panos. Ele cobriu algumas carteiras e a impressão que se tinha era a de um túnel. Daniel quis ser achado, olhou pelas frestas dos panos, fazia barulhos. Brinquei com Karina dizendo que tinha alguém escondido na sala. Quem seria? Karina riu e disse outro nome de criança. Duvidei. Daniel mostrou sua cara. Descobri-o e disse-lhe que o havia achado. Daniel divertia-se. Brincamos desta forma por mais algumas vezes. (oficina 9)



Produção de Daniel (oficina 15)

No 24º. encontro, Daniel pôde dizer a Karina que ela estava incomodando. A palavra de Daniel surgiu apoiada em nossa fala anterior a Karina e isso também tinha o sentido de corroborar o que havíamos dito ou, talvez, até mesmo procurar fazer uma aliança conosco para expulsar Karina da sala. De qualquer maneira, nossa intervenção permitiu ou estimulou a

expressão de Daniel e foi um momento importante para o exercício básico de um saber dizer e para quem dizer:

Karina saiu do quarto e foi para a sala. Foi até a porta e balançou a maçaneta. Perguntei se ela queria sair. Karina disse que era para eu não falar com ela. Aceitei suas ordens e me calei. Um adolescente interrompeu a oficina para devolver um aparelho de som que ficava guardado nesta sala. Abri a porta e Karina não saiu. Karina ficou parada perto de uma janela, sempre reclamando de alguma coisa. Daniel estava montando sua casinha, até que em um dado momento ele pareceu perder a paciência e disse a Karina: por que você não sai mesmo? Você não quer ficar aqui! É só falar para a Marina (psicóloga do Abrigo) tirar seu nome da lista que você sai do grupo!

Com Karina fomos percebendo que as intervenções poderiam ser feitas desde que fossem autorizadas por ela:

Disse-lhe que parecia que Karina não gostava que lhe perguntassem tanto e sobre muitas coisas e ela concordou, balançando sua cabeça. Preferi não interferir e deixei-a fazendo seus corações. (oficina 3)

Na produção de Karina percebíamos que estávamos lidando com algo frágil, com contornos permeáveis. Parecia que o que vinha de fora era sentido como uma grande ameaça de desintegração e seu modo de lidar com tamanha ameaça era através da agressão. Não havia limites para o que era sentido como bom ou ruim. Tudo parecia ruim.

Karina deu os ombros, como se não estivesse ligando para o que eu falava. Nesse momento fiquei perdida. Karina me desafiava. Pensei que ela precisava de limites. Preferi ser rígida com ela, afirmando nossas regras. Será que fui rígida demais? Não sei. (oficina 7)

Fomos percebendo que Karina sabia lidar com o toque físico somente em uma via, a da agressão. Com o limite, a contenção física, fomos percebendo algumas alterações como as que foram mencionadas pela psicóloga da instituição:

Logo que cheguei, encontrei a psicóloga do Abrigo, que me disse que Karina havia passado uma semana muito tranqüila, que não havia mordido ninguém/.../ a psicóloga do Abrigo, que veio dizer-me que, após a oficina, Karina ficou muito tempo a seu lado, fazendo carinho em seus cabelos. Marina disse a Karina que ela estava fazendo carinho. Karina não admitia.

As duas conversaram. Marina sentiu uma aproximação de Karina sem agressão, cuidadosa. (oficina 9)

A hipótese sobre um discurso monossêmico, autoritário e estereotipado existia e se confirmava nas brincadeiras de Karina:

Tatiana e Karina resolveram brincar de casinha. Vinicius disse que era o filhinho. Karina e Tatiana inicialmente eram as mães. Karina ficou muito brava com Vinicius. Disse, ou melhor, gritou que ele tinha feito tudo errado. Havia uma vassoura e uma pá de lixo na sala, Karina se utilizou do cabo da pá de lixo para “bater” em Vinicius quando este, como filho, tinha feito coisas erradas. Só que nesta encenação, Vinicius fez coisas erradas o tempo todo, segundo a mãe-Karina. Karina pediu uma coisa, Vinicius fez, mas ela disse que ele estava errado e que ia apanhar. Tatiana ficou brava com Vinicius também. Tatiana estava com uma vara de pescar e foi com isso que “bateu” em Vinicius. Tatiana e Karina gritaram muito com Vinicius. deixaram-no atordoado e a mim também. Parecia que não havia um motivo real para “brigaram” tanto com Vinicius. Brigavam com ele por brigar. Karina gritou com Vinicius mandando-o ir dormir. Vinicius obedeceu. Deitou em cima de um móvel, fazendo de cama. Vinicius fingiu dormir, mas não convenceu Karina, que gritou com ele e ameaçou bater nele. Karina e Tatiana batiam seus instrumentos pelo chão, pelos móveis, fazendo muito barulho, assustando Vinicius e a mim. Deixei-os na brincadeira. Fiquei por perto, para que Tatiana e Karina não atingissem de fato Vinicius. Eu disse que Karina estava muito brava, e ela disse e gritou tanta coisa ao mesmo tempo que Vinicius não era capaz de saber ao certo o que Karina queria. Karina respondeu que não estava ligando. Ela disse que a mãe dela fazia assim. (oficina 14)

Nossas intervenções foram no sentido de contenção física, ao mesmo tempo de não responder do lugar que Karina conhecia, com agressão:

Karina fez uma menção à sua irmã e Vinicius disse que a irmã de Karina era grande. Karina se irritou com o comentário de Vinicius e disse para ele calar a boca. Eu disse que Vinicius não estava falando nada demais/.../ quando Karina estava manipulando seus potinhos, ela gritou por mim, e eu respondi em tom mais baixo. Ela perguntou: por que você não grita! Respondi que não precisava gritar... (oficina 22)

A agressão voltava e a intervenção era a contenção:

Karina, que tinha ido para um quarto, saiu e jogou uma tesoura em minha direção./.../ começou a cortar as capas de alguns colchões./.../ Tirei a tesoura de Karina de suas mãos. Eu disse que ela estava muito nervosa e que estava usando a tesoura para destruir alguma coisa. Para que ela não cortasse o colchão, não machucasse alguém e nem a ela mesma, eu estava tirando a tesoura de suas mãos e, assim que ela se acalmasse, poderia pegá-la

novamente. Tirei a tesoura e dei-lhe revistas velhas. Eu disse que Karina poderia rasgar e amassar quantas folhas quisesse. Eu mesma rasguei alguma/.../ Karina foi atrás de mim e tentou me chutar e me bater. Eu a segurei por alguns instantes./.../ Karina estava com um potinho de tinta vermelha/.../ Karina disse que tinha derrubado tinta no chão e que não iria limpar./.../ Peguei um pedaço de pano com álcool e fui para perto de Karina e comecei a limpar o chão. Karina começou a me ajudar sem que eu dissesse nada a respeito. (oficina 24)

Após os seis meses de oficina, encerramos a descrição detalhada das mesmas e continuamos o trabalho com as crianças pelo compromisso firmado com elas. Observamos que mudanças continuaram a acontecer. Com relação a Karina, na 30ª. oficina, ela pode *falar* para Vinicius o quanto ele a irritava com suas provocações. Preferimos revelar esta mudança, pois confirma que as intervenções feitas pelo oficinheiro se efeturaram no sentido de romper campos cristalizados.

Com relação a Tatiana, fomos percebendo que a princípio o jogo que se estabelecia em nossa relação era o da provocação, um meio para obter a nossa atenção.

Tatiana pegou outra folha e essência de tutti-frutti. Disse que era cheiroso e fazia um gesto de beber o líquido. Tatiana despejou todo o líquido sobre a folha de sulfite e a jogou no lixo posteriormente. Pegou outra folha e fez o mesmo com a essência de flores. Tatiana pegou outra folha, um papel laminado, e despejou sobre ele tinta guache amarela até esvaziar o pote. Tatiana olhou para mim e riu. José disse que Tatiana ia acabar com a tinta e eu disse que eles precisavam cuidar do material, que não seria repostado tão logo. Tive a sensação de que Tatiana queria me provocar, e a imagem que me veio foi a de uma criança fazendo arte e olhando a reação do outro. Disse a ela que parecia que ela queria me provocar com sua atitude e ela balançou a cabeça, concordando comigo. (oficina 3)

Em algumas ocasiões nossas intervenções propiciavam o aparecimento de uma cena na situação de interação, como no caso de Tatiana procurando atualizar relações de objeto:

Tatiana estava fazendo seu desenho./.../ ela respondeu que eram bocas. Perguntei de quem eram, Tatiana disse que eram nossas. Tatiana fez um outro traçado em sua folha, como um sorriso grande, e depois passou um risco com o lápis vermelho por cima. Tatiana disse: Feia! Perguntei a ela quem era feia. Tatiana respondeu que ela mesma era feia. Perguntei: mas quem disse que você é feia? Tatiana respondeu que tinha sido a avó dela. Eu disse que não achava Tatiana feia... (oficina 24)

Nem sempre as nossas intervenções obedeceram a uma seqüência linear e eficaz. Em alguns momentos percebeu-se a dificuldade doicineiro em suportar a violência com que os campos pulsavam. Nesse sentido, intervenções que somente depois soubemos serem ineficazes e que estavam a serviço, não do grupo, mas sim doicineiro, numa tentativa de lidar com seu próprio sofrimento na relação com as crianças.

Observamos que, após os encontros difíceis, como por exemplo, após o oitavo encontro, onde a violência havia chegado ao extremo (oficina em que Vinicius bate a cadeira na cabeça de Karina e a corta), oicineiro tenta proteger a si mesmo interferindo na produção do grupo, sugerindo uma atividade dirigida:

Disse que faríamos uma atividade diferente. Aprenderíamos a misturar cores.
(oficina 9)

O fato de ensinar algo às crianças naquele contexto tira das mãos delas o poder de dizerem o quê e como queriam. Assustado com a força dos afetos, oicineiro consegue um tempo para si, barra a vinda de conteúdos das crianças com a introdução da atividade dirigida e, com isso, se protege das agressões.

A divisão do grupo em subgrupos contribuiu para que retomássemos a confiança no método de trabalho. Com um grupo menor, teríamos mais condições de conter a violência.

Por volta do sexto mês de oficinas, com a violência mais controlada, sentimo-nos mais seguro para disponibilizar os materiais para o grupo. Do caos para a representação. Do tumulto de sentimentos para a fala. Da desorganização para o ambiente seguro. É dessa forma que a relação entre crianças eicineiro se estabeleceu, a ponto de, nas últimas oficinas, Vinicius conseguir dormir neste ambiente:

Vinicius entrou na sala e deitou-se no sofá/.../ acabou dormindo./.../ Karina reparou que Vinicius chupava o dedo e os outros disseram que Vinicius ainda era um bebê./.../ Vinicius dormiu grande parte da oficina. Foi perturbado algumas vezes por seus colegas, mas na maioria do tempo as crianças respeitaram o seu sono. (oficina 25)

7.3 – Discurso lúdico e inconsciente

Trataremos aqui da possibilidade de ocorrência do discurso lúdico como potencializador de sentidos emergentes do inconsciente e de circulação de papéis, o que contribuiria para modificações no manejo do referente, ou seja, da monossemia para a polissemia.

Pensamos que a utilização do método psicanalítico foi de fundamental importância para que o discurso lúdico se consolidasse nas oficinas. Aliás, existe uma grande semelhança entre o discurso lúdico, tal como é caracterizado por Orlandi (1987), e o método psicanalítico. Ambos partem do princípio de deixar fluir o sentido sem a intenção de controlar o referente e de um exercício livre da palavra na situação de interação.

Nossas intervenções como oficinairo colaboraram para romper campos cristalizados constituídos nas relações com as crianças e propiciaram a abertura para outros sentidos na relação que ia se produzindo com o tempo. Assim, observamos que Vinicius num primeiro momento se apresentou como aquele que copia a produção do outro, invade o outro com sua marca para ser marcado com violência. O domínio de um instrumento, a segurança de saber fazer algo seu, junto às intervenções específicas rumo à independência, propiciaram que Vinicius se importasse mais consigo, independentemente do outro. Ele passou a ser autor de suas produções, diminuindo a necessidade de ser marcado fisicamente pelo outro.

Karina foi adquirindo coragem para confiar no oficinairo e no próprio grupo. O toque físico no outro deixa de ser somente para agredir, como também para acariciar (lembremos o comentário da psicóloga da instituição) e com isso muda sua relação não somente com as pessoas do grupo, mas também com a instituição. Sua produção vai ganhando contorno. No início tínhamos o “corpo-cor” e, seis meses depois Karina desenhava uma menina sobrecarregada de histórias e doente (menina com catapora). Após esse período de oficina,

Karina é capaz de dizer ao outro o que a incomoda, sabe que tem opções que vão além da agressão física.

Daniel ganha a possibilidade de falar sobre suas produções, brincar de ser o “The Flash”, de ser achado por alguém, e também se importa com o vínculo que estabelece com as pessoas pois não quer brincar sozinho.

Através das intervenções do oficinairo, que não responde ao pedido de Tatiana no lugar que ela o coloca, ou seja, quando ela provoca sentimentos de raiva no oficinairo e este não responde, ela vai percebendo que há espaço para falar das relações estabelecidas num passado como as que mantinha com a “mãe”, que a achava uma “chata”, ou aquelas estabelecidas com a “avó”, que a chamava de “feia”. Pode falar das diferenças entre os sexos, do prazer proporcionado pelo toque no corpo.

José pode falar da necessidade de ser cuidado. Pedia ao oficinairo que estivesse por perto para que pudesse produzir. Em suas produções pode falar daqueles que o aterrorizam, dos medos que sente. Posteriormente, conseguiu uma família que cuidasse dele e da irmã. Pelo contato que tivemos com a Vara da Infância e da Juventude, José se adaptou bem: talvez a família substituta tenha sido capaz de perceber logo a necessidade de cuidado e proteção que essa criança demandava.

As intervenções frustradas do oficinairo, na tentativa de estabelecer um discurso autoritário tentando “ensinar” algo para as crianças, não produziram efeitos polissêmicos. Tal posicionamento garantia-lhe mais uma pseudo-segurança do que a ruptura de campos e o estabelecimento de um discurso que favorecesse a criação.

7.4 – A escolha dos recursos expressivos pelas crianças

Tomando os seis meses de realização das oficinas, observamos a preferência quase absoluta das crianças pelos materiais convencionais: papel, tinta, giz-de-cera e lápis.



Produção de Daniel: tinta, papel (oficina 1)



Produção de Tatiana: tinta, papel (oficina 3)



Produção de José: tinta, papel, lápis, canetinha (oficina 6)



Produção de Karina: canetinha, papel (oficina 8)



Produção de Vinicius: canetinha, lápis, papel (oficina 9)

Em algumas oficinas, porém, notamos que estes mesmos materiais fugiram ao seu uso convencional. Muitas vezes a tinta, o lápis e a canetinha foram usados como instrumentos para a agressão:

Karina se pintou. Pintou seu rosto com canetinha. Karina perguntou-me se a tinta ia sair. Eu disse que a tinta da canetinha saía ou com álcool ou com bastante água e sabão. Karina pintou seu rosto, seus olhos, sua boca, seus dentes. (oficina 12)

Karina pintou seus braços com a tinta preta. Parecia que algo não estava bem. Karina estava agitada e tomava atitudes mais agressivas, que me lembravam o início de nossos encontros: marcar-se com tinta (oficina 11)

Vinicius pintava seus braços em um canto da sala. Já havia chorado por ter “apanhado” de Karina (que passou tinta em seu cabelo, correu atrás dele e chegou a segurá-lo com força). Tatiana começou a carimbar suas mãos na parede. (oficina 4)

Vinicius não ficou o tempo todo somente em seu trabalho, passou por entre as crianças. Foi com seu pincel e tentou interferir no trabalho do outro (oficina 3)

Vinicius abriu alguns potes de tinta, mas não se deteve em produzir algo seu. Passava pelas outras crianças e dava uma pincelada no trabalho do outro. (oficina 4)

Tatiana e Vinicius começaram uma invasão, marcando com a ponta do lápis os seus lugares na casa que Karina estava desenhando, a sua casa. Karina se sentiu invadida. Retirei o desenho e disse para Vinicius e Tatiana não mexerem no desenho de Karina sem sua autorização. Após um tempinho, devolvi o desenho a Karina, que continuou seu trabalho. No momento em que eu estava cuidando de Tatiana, retirando-a da porta, Vinicius bateu com a cadeira em Karina, que revidou atingindo Vinicius com o lápis no rosto. (oficina 8)

Outras vezes, o encantamento pela descoberta das possibilidades da matéria entrava em cena e o prazer proporcionado por essa experiência absorvia toda a atenção e o movimento da criança:

Por um bom tempo, Vinicius se dedicou a colocar o pincel com tinta na água. Utilizou vários copinhos de água, principalmente de água limpa. Ele me perguntou se ia virar. Como eu não tinha entendido, pedi-lhe para

explicar-se. Vinicius só falava em virar. Pedi para que ele me mostrasse o que aquilo significava. Ele molhou o pincel com tinta na água e me disse que virou. Fui entendendo que a brincadeira era a de transformar a cor da água na cor da tinta que estava no pincel. Peguei um pincel, molhei na tinta, passei numa folha e disse que tinha virado – a cor que estava no papel era a mesma do meu pincel e a mesma do pote de tinta. Vinicius concordou comigo e continuou sua brincadeira com a água. (oficina 2)

A preferência por tinta, lápis, giz-de-cera e papel, nos faz pensar que estes são os materiais mais conhecidos, comuns e presentes no universo dessas crianças. Na instituição onde estas crianças estão abrigadas é comum o acesso a estes materiais. Na escola, a criança também está habituada a utilizar tais recursos.

De outro lado, a argila foi um recurso bem pouco utilizado. Este material foi somente experimentado pelas crianças quando, em uma das oficinas, oferecêmo-lo a elas como um outro recurso a ser explorado. Fora esta ocasião, tivemos duas crianças que posteriormente usaram a argila como suporte de suas produções.



Produção de José: as “carinhas”(oficina 17)



Produção de Daniel: os bonecos (oficina 17)



Produção de Tatiana (oficina 17)



Produção de Vinicius (oficina 22)



Produção de Daniel: papel, tinta, argila (oficina 23)

Diferentemente dos recursos descritos anteriormente, o acesso à argila não é tão habitual nos ambientes onde as crianças circulam. Pensamos que o pouco contato com este recurso reforça a idéia de que a criança se distancia cada vez mais do ambiente que possibilita experiências sensoriais (LOWENFELD & BRITAIN, 1977). O mundo natural, o contato com a terra, com a água, com as coisas produzidas pela natureza estão se distanciando da vivência das crianças na contemporaneidade, principalmente as urbanas. Sujar-se com argila causa na criança repugnância e aflição, enquanto, de outro lado, cada vez mais cedo estas mesmas crianças aprendem a manejar um lápis produzido e fabricado pelo homem. Afastadas da matéria natural, proveniente daquilo que ainda não foi fabricado pelo homem, as crianças desde muito cedo vinculam suas experiências sensoriais àquilo que é produzido, fabricado e, portanto, consumível. Distanciadas da realidade natural, aprendem que aquilo que se sente está naquilo que se compra, tornando a exploração das possibilidades das coisas que estão no mundo como algo pouco interessante e sem muito sentido.

Outro ponto interessante a ser destacado foi o interesse de algumas crianças pela colagem, técnica apresentada por nós em uma das oficinas. A maioria das crianças se utilizou em algum momento desta técnica como recurso para a sua expressão, mas observamos, principalmente em relação a Vinicius e Tatiana, certa preferência por esta possibilidade:



Colagem de Vinicius (oficina 23)



Colagem de Tatiana: coração (oficina 22)



Colagem de Vinicius (oficina 22)



Colagem de Tatiana (oficina 21)

Por que a colagem foi mais aceita que a argila? Não podemos afirmar ao certo, mas podemos fazer um exercício e tentar algumas hipóteses. A colagem, diferentemente da argila, é também uma técnica mais próxima do cotidiano dessas crianças, elas a aprendem na escola. Por outro lado, nos questionamos: por que a escolha por colar e não fazer um desenho, por exemplo? O significante colar aproxima-se de juntar, unir, grudar. Colar também pode ser tido como objeto de adorno utilizado principalmente por mulheres: Mães? Talvez... Somente o tempo e as crianças seriam capazes de nos fornecer as pistas para tais inquietações. O que a escolha de um recurso expressivo diz a nosso respeito? Pensamos que muito ou “tudo”, mas o aprofundamento desta questão julgamos conveniente deixar para um outro trabalho. Para nós, que passamos pela experiência com as oficinas, a escolha do recurso expressivo atende a solicitações inconscientes do indivíduo. Um lápis deixa seu uso convencional para tornar-se

instrumento de ataque ou defesa. A cola, quando, em repetidas ocasiões, fez parte da preferência daquele sujeito, nos aponta para uma necessidade, talvez de recordar e repetir, repetir, repetir, para mais tarde elaborar.

8 - DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO

eu jogo pérolas aos poucos ao mar
 eu quero ver as ondas se quebrar
 eu jogo pérolas pro céu
 pra quem pra você pra ninguém
 que vão cair na lama de onde vêm
 eu jogo ao fogo todo o meu sonhar
 e o cego amor entrego ao deus dará
 solto nas notas da canção
 aberta a qualquer coração
 eu jogo pérolas ao céu e ao chão
 grão de areia
 o sol se desfaz na concha escura
 lua cheia
 o tempo se apura
 maré cheia
 a doença traz a dor e a cura
 e semeia
 grãos de resplendor
 na loucura
 [eu jogo ao fogo todo o meu sonhar
 eu quero ver o fogo se queimar
 e até no breu reconhecer
 a flor que o acaso nos dá
 eu jogo pérolas ao deus dará]
 PÉROLAS AOS POUÇOS
 Zé Miguel Wisnik e Paulo Neves

Tomando em consideração as oficinas realizadas em sua amplitude, temos a configuração de um quadro que nos remete à profunda dor daqueles que desde muito cedo na sua existência se encontram em feridas em carne viva da violência, do abandono e da solidão.

Conforme apontado por Ariès (1978), Marcilio (1997), Calligaris (1972) e Ferenczi (1908), a criança está e sempre esteve atrelada à onipotência do desejo do adulto. Em nosso caso, as crianças abrigadas nos falam do desejo da não reciprocidade, do desejo do não reconhecimento de sua existência. Não acreditamos que digam do desejo da não existência, pois elas estão vivas, bem vivas e com uma sina: estar vivo para ser agredido.

Na contemporaneidade, como vimos em Bauman (1998) e Deleuze (1992), observamos a troca dos lugares fechados, como os hospícios, por exemplo, pelos espaços abertos. É bem verdade que notamos a proliferação de crianças abandonadas nas ruas, errantes, pedintes e responsabilizadas por sua própria manutenção desde tenra idade. Mas por que estas instituições de abrigo para menores se mantêm? Pensamos que para o alívio de nossa própria culpa, uma pseudo-esperança de que, fazendo por elas, estaremos caminhando em direção ao paraíso. Não é à toa que muitas voluntárias que prestam serviços a estas instituições estejam ligadas a grupos religiosos. Salvar e amparar crianças violentadas é apaziguar nosso espírito da violência, da pulsão vinda daquilo que é próprio do humano, sua própria agressividade. Para Winnicott (1950, p. 355), “[...] se a sociedade está em perigo, a razão disso não se encontra na agressividade do homem, mas na repressão da agressividade pessoal nos indivíduos.” Segundo este autor, a agressividade seria quase sinônimo de “atividade” (WINNICOTT, 1950, p. 356), a energia que impulsiona o desenvolvimento do bebê. Com a educação, aprendemos a controlar, reprimir nossas pulsões e sublimar nossos pensamentos mais agressivos.

O fato é que para estas crianças a dor é ter convivido desde sempre com a agressão através dos maus-tratos, da negligência, do abandono, da estereotipia nas relações, da hipocrisia da benevolência. Uma dor que se encontra em nós, em escala bem menor, mas que, no contato com estes nossos pequenos pares, nos faz lembrar da mesma dor.

Herrmann (1999) ressalta que para ouvir precisamos nos aproximar do absurdo que se revela, para podermos sentir na pele como é ser uma “Mônica” (personagem de Maurício de Souza), como no caso de nossa pequena Karina, ou como é ser Vinicius, que precisa ser marcado para se sentir vivo e visto por alguém. Sentir na pele para depois afastar e tornar a intervenção um ato de ruptura com delicadeza.

O limite foi a intervenção adotada por nós ao longo das oficinas. Inicialmente sentida na pele:

Senti-me esgotada e muito cansada. Fiquei um pouco preocupada com as possíveis repercussões, talvez um pouco receosa de perder um espaço conquistado. Fiquei pensando em poder contê-los de outra forma. Eles buscavam em mim um limite. Talvez, limitar o material, não sei. Precisava pensar. (oficina 4)

E tal posicionamento foi posteriormente confirmado pela bibliografia consultada. Nesse sentido, nos apoiamos em Calligaris (2000) e Pellegrino (1983) quando tratam da interdição do gozo absoluto. O que chamamos de atuação, descarga imediata e ilimitada dos afetos, aproximou-se da leitura que fizemos do gozo absoluto. Uma massa caótica amorfa de afetos que não possibilitava a representação e, portanto, a simbolização. Não estamos lidando a princípio com crianças psicóticas; portanto, o acesso ao simbólico se faz por via da interdição ao gozo absoluto, da atuação, como nomeamos.

Outra autora que nos amparou para respaldar nossa intervenção foi Ostrower (1995) quando ressalta que não há criação sem o limite de um fenômeno. Embora em alguns momentos os limites tenham sido dirigidos a todos, como na limitação do material ou quando propusemos o sorteio para a diminuição dos grupos, em outros procuramos perceber como isso deveria ser trabalhado com cada criança. A resposta veio através da transferência. Foi somente pela leitura transferencial que pudemos dizer “não” com diferentes tons e que provocassem rupturas para cada criança. “Não” que no início era dito com a contenção física, quando a palavra ainda não existia. Ao longo das oficinas fomos percebendo a aquisição desse significante no repertório da criança, o que ao mesmo tempo a protegia dos ataques que vinham do ambiente.

Com as oficinas, fomos observando que as crianças estavam sendo capazes de se defender, de se proteger da agressão vinda do outro, pela delimitação de seu próprio território, por poder escolher aquilo que quer para si.

O discurso lúdico, com o decorrer das oficinas, foi ganhando espaço e a circularidade de papéis também. Karina foi percebendo que não precisa ser somente “Mônica”, que às vezes podia ser a menina que desenhava corações e fazia carinho na psicóloga da instituição. Daniel experimentou descer do céu para ser também o “The Flash”, o mágico, o cão policial bem treinado, dentre outros. Com o passar do tempo, as crianças foram adquirindo confiança no ambiente proporcionado nas oficinas e, com isso, abriu-se a possibilidade de se experimentarem diferentemente.

Conseguimos nos afastar do discurso autoritário (ORLANDI, 1987) proveniente das atuações presentes nos primeiros encontros.

Os recursos expressivos, as materialidades (OSTROWER, 1987) foram os instrumentos escolhidos por nós e postos à disposição das crianças quando o verbo não possibilitava a plena expressão do que se queria dizer. Será que estes recursos facultaram a plena expressão do inconsciente? Acreditamos que não, pois este, que também é relativo, não se manifesta somente na expressão, mas na expressão que é ruptura, no encontro com o vórtice, como diria Herrmann (1999). Nossos instrumentos estavam à disposição, assim como nosso corpo e nossa palavra.

Por fim, concluímos que as mudanças ocorridas, ou seja, do discurso autoritário para o lúdico, da monossemia para a polissemia, da estereotipia para a circularidade dos papéis e da atuação para a simbolização, só foram possíveis pela postura e pelo método adotados. Acreditamos que as mudanças ocorreram porque as oficinas não estiveram a serviço da educação, porque não nos propusemos a ensinar técnicas ou comportamentos que “julgamos” mais saudáveis, mas que as mudanças aconteceram porque estabelecemos com as crianças uma relação analítica, norteadas pelo método psicanalítico e fundamentada na leitura transferencial. Pensamos que somente por estes meios conseguimos, mesmo dentro de uma instituição cercada de grades, vislumbrar pequenas liberdades conquistadas a cada oficina na

relação com o outro. Sair de nosso próprio aprisionamento implica em liberdade de escolha. Escolha que é proporcionada quando conseguimos experimentar na ruptura outras possibilidades de existência e, com isto em mãos, poderemos optar.

9 - CONCLUSÃO

Caminhamos até certo ponto na infindável trajetória da produção de conhecimento. Evidentemente que, sob a denominação de uma “conclusão”, não pretendemos fechar ou encerrar o assunto, mas apenas sintetizar nesse momento algumas reflexões que nos parecem mais centrais.

Uma das reflexões que se impôs desde o início no contato com as crianças dessa instituição foi exatamente aquela que nos levou a comparar a condição de desfiliação, asilamento e vitimização dessas crianças com condições análogas construídas ao longo da história. Os orfanatos, as rodas de expostos ou as atuais casas-abrigo são invenções de diferentes épocas e refletem um fenômeno recorrente: a incapacidade da sociedade de corresponder com a infância que ela mesma preconiza e, por fim, apela para tentativas de remediação de situações extremas.

A infância foi inventada pelo adulto, continua sendo reinventada a cada época, e sempre com resultados desastrosos para muitas crianças. As casas-abrigo, a quem o mundo prometeu filiação, amparo, proteção, um lugar para crianças vítimas de violência, acaba colocando-as num não lugar (o abrigo) enquanto não se tem para onde enviá-las. Não pode haver situação de maior incerteza, insegurança, e sensação de provisoriedade do que ser “arrancada” de um território, que muitas vezes também se desmanchou, para ser enviada para um outro completamente desconhecido.

E se a criança já tem pouco espaço para o dizer nos lugares sociais destinados a ela, como a família e a escola, completamente dominados pelo adulto, muito menos espaço lhe sobra no interior de uma instituição de passagem e de tutela. Como colocam os autores que discutem o dirigismo das expressões da criança na atualidade, sequer no lazer e no brinquedo

lhe é dada a oportunidade de construir uma cultura relativamente distanciada do monitoramento do adulto e ter um espaço livre longe daqueles que, do conhecimento da infância, só restam os escombros de suas próprias frustrações e as fórmulas saídas das suas próprias sujeições a uma sociedade desumanizada.

A espontaneidade da criança, especialmente aquela passível de se manifestar em atividades essencialmente lúdicas, acabou sendo arrastada para o adestramento, e isso se deu com as habilidades motoras, cognitivas e até afetivas, sempre com vistas ao seu desempenho futuro como produtora e consumidora.

Na rotina de uma instituição-abrigo, a constrição da criança é ainda mais severa. Ali vige a lógica da obediência, da adequação, do silenciamento da subjetividade, sob a imposição de leis vindas de funcionários ou voluntários aos quais falta uma autoridade outorgada, não pela lei formal, mas por aquela que flui nos laços psicossociais assentados na vivência de vínculos afetivos.

A falta de legitimidade, aos olhos da criança, da organização da instituição e de sua subordinação aos padrões de relacionamento estabelecidos, torna esse território “uma terra de ninguém”, favorecendo a atuação.

Nossas oficinas também padeceram dessas mesmas contradições. No início, os nossos encontros foram tomados pelas crianças, mesmo que implicitamente, como um espaço onde teriam ampla fartura de expressões e foram muito provavelmente entendidas como o grande reduto do caos dentro da “terra de ninguém”. Sob o olhar de hoje, é perfeitamente compreensível que aquelas crianças, habituadas a um comando rígido, a ambientes invasores, agressivos ou negligenciadores e, ainda mais, postas numa situação em que, por mais que fosse esclarecida, não conseguiam sequer vislumbrar alguma diferença para com aquelas com as quais estavam habituadas, tomassem as oficinas como o lugar do vale-tudo. Isso, no entanto, foi salutar por possibilitar a todos, inclusive a nós, a experiência de convívio neste

lugar, não dado de antemão, mas construído nas ressonâncias das ações de cada um sobre os outros.

Outro conjunto de reflexões que merece um arranjo final diz respeito ao contato e à utilização dos materiais que foram colocados à disposição das crianças nas oficinas. Como destacam as teorias, a linguagem verbal e escrita ou os signos lingüísticos são centrais na constituição do sujeito e da cultura. Porém, atualmente ocorre um avanço dos signos plásticos e sinestésicos, tornando a imagem visual e o movimento suportes importantes do processo de significação e de construção de sentido. A criança, especialmente numa fase da vida ainda não inteiramente dominada pela fala e pela escrita, vale-se correntemente da linguagem visual. No entanto, as práticas educacionais voltadas para a infância privilegiam demasiadamente o signo lingüístico, centrando-se exageradamente na fala e na escrita, deixando de lado outras formas de significação e expressão, ou então fazendo delas um meio ainda grotesco. É notório que a escola tenta fazer do desenho, da pintura, da modelagem, da bricolagem, das montagens com sucatas e das representações cênicas o mesmo que faz com a língua: privilegia o domínio dos aspectos formais e afunila, ao invés de expandir, a significação. O professor tenta “ensinar” artes plásticas e cênicas da mesma forma que ensina a leitura e a escrita, produzindo estereotipia. Mas o professor e a escola não são os grandes vilões dessa história. A cultura contemporânea não deixa qualquer espaço livre para a expressão da criança (ou mesmo dos adultos), convertendo tudo em mercadoria ou em agenciamentos que tomam todos os espaços de subjetivação, fazendo deles instrumento de dominação e imposição da lógica das demandas e interesses do capitalismo moderno.

O lápis, o giz, a massinha, o papel, a tinta... tornam-se mercadorias a serem consumidas mais do que recursos ou materiais facilitadores da expressão da criança e da expansão de seus meios de produção de sentido. Da mesma forma, o exercício da expressão plástica e sinestésicas é vislumbrado como meio de acesso e sucesso econômico ou social.

Enfim, não podemos nos esquecer de que o mundo atual privilegia a visibilidade do sujeito; portanto, mais do que ser ou ter, o importante é **parecer** e, para tal, o domínio da expressão e o esteticismo são armas vitais.

Portanto, o contato com materiais expressivos, por si só, não garante a expansão da comunicação, podendo se converter em mais uma forma de subjugação do sujeito ao controle e à massificação da indústria cultural. Nesse sentido, nossa proposta de trabalho, as oficinas, considerou não apenas a materialidade dos recursos utilizados, mas também sua impregnação cultural e o contexto no qual foi utilizado. Tais materiais foram trabalhados numa situação de grupo devidamente estruturada para que a produção de sentido englobasse as relações da criança com o outro – as outras crianças e oicineiro. As concepções de linguagem tomadas como produção psicossocial, o conceito de transferência, o de inconsciente relativo e o de ruptura de campo foram os pilares do nosso manejo com o grupo e das atividades com os participantes. Pelo conceito de transferência procurávamos ler os direcionamentos da produção de sentido das crianças dirigidas a nós tanto nos produtos de suas criações como nas atuações, mediante as condutas diretas que mantinham conosco ou tendo as outras crianças como referência. O inconsciente relativo permitiu vislumbrar a possibilidade de um recorte nas reiterações de sentidos constitutivas de campos de significação cristalizados, passíveis de emergirem no trabalho das crianças com os materiais e com a situação grupal criada no interior da instituição através das oficinas. A noção de ruptura de campo permitia o alcance do objetivo maior, que era o de produzir a expansão da simbolização para além dos campos cristalizados, abrindo a experimentação de outras possibilidades de a criança se manifestar e se colocar na relação com o outro.

A trajetória das oficinas e todos os acontecimentos ocorridos revelam que, mesmo munidos com um bom arsenal teórico-metodológico, a condução de um trabalho dessa natureza não é tarefa fácil. Quando se imagina estar criando uma condição de expansão

polissêmica da linguagem, surgem ações extremamente rígidas, reiterativas de padrões altamente cristalizados. Quando se quer diversificar os materiais utilizados na expressão, surgem as escolhas estereotipadas e assim por diante. Tudo parece caminhar contra as expectativas e contra o que preconiza a teoria. Mas é exatamente assim que também se criam as “rupturas de campo” do pesquisador e o conhecimento efetivamente acontece...

10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALESSANDRINI, C.D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. 1995. 160f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Cap. 3, p. 68-77.
- ANDRADE, L.Q. Linhas teóricas em arte-terapia. In: CARVALHO, M.M.M.J.de (Coord.). **A arte cura? – recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas: Editorial Psy II, 1995. p. 39-53.
- ANDRADE, L.Q. Pensando sobre diferentes linguagens. In: CARVALHO, M.M.M.J.de (Coord.). **A arte cura? – recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas: Editorial Psy II, 1995. p. 89-99.
- ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas: uma pesquisa de referenciais teóricos-práticos**. 1993. 175f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p. 43-55.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ASSIS, S.G.de. O percurso da violência na história ocidental: infância e saúde. **Horizontes**, Bragança Paulista; v.7, p. 11-77, 1999.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 232-242; 276-304.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A.. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Iglu, 2001.
- BADINTER, E. **Amor conquistado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.p. 15-47.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 8-61.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CALLIGARIS, C. **Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil.** São Paulo: Escuta, 2000. p.41-50; 83-108.

CALLIGARIS, C. O reino encantado chega ao fim – a criança vira paródia dos devaneios adultos na era pós-industrial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jul. 1994. Caderno Mais.

CARVALHO, M.M.M.J. de. O que é arte –terapia. In: CARVALHO, M.M.M.J.de (Coord.). **A arte cura? – recursos artísticos em psicoterapia.** Campinas: Editorial Psy II, 1995. p.23-26.

CHAVES, A.M. **Crianças abandonadas ou desprotegidas?** 1998. 453f. Dissertação (Doutorado em Psicologia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 430-451.

DELEUZE, G. **Conversações (1972-1990).** Rio de Janeiro: Ed 4, 1992. p.219-226.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil.** São Paulo: Scipione Ltda, 1999. Cap. 3, p. 48-54.

DOLTO, F. [Apresentação]. In: STERN, A. **Comprensión del arte infantil.** Buenos Aires: Kapelusz, 1959. p. 3-7.

Estatísticas brasileiras. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA CRIANÇA (LACRI). **Base de dados online.** 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/ip.laboratorios/lacri/>>. Acesso em: 15 jan. 2005.

FERENCZI, S. Psicanálise e pedagogia (1908). In: _____. **1873-1933: Psicanálise I.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 35-40.

FIGUEIRA, S.A. O “moderno” e o “arcaico” na família de classe média brasileira. In: FIGUEIRA, S.A. (org.). **Uma nova família?** Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 12-29.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980. 9 v. em 24. p. 149-158.

GARDNER, H. **As artes e o desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997. p. 34-65; 179-181.

GOMES, M.M. **Oficinas com recursos expressivos: espaços de interação para a expressão e a reflexão na formação dos educadores.** 2000. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 28-52; 67-70; 117-120.

GONÇALVES, H.S. **Infância e violência no Brasil.** Rio de Janeiro: NAU Editora; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

GUERRA, V. N. A. Violência de pais contra filhos: algumas indagações. In: STEINER, M. H. F. (Org). **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo: Pioneira, 1986. Cap. 5, p. 47-52.

HERRMANN, F. **Andaimos do Real: o método da Psicanálise.** 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HERRMANN, F. **O que é Psicanálise – para iniciantes ou não....**São Paulo: Psique, 1999.

HOLANDA, S.B.de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap.1, p. 31-40; Cap.2, p. 43-66.

JUSTO, J.S. A institucionalização vivida pela criança de orfanato. In: MERISSE, A.; JUSTO, J. S.; ROCHA, L. C.; VASCONCELOS, M. S. **Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato.** São Paulo: Arte & Ciência, 1997. Cap.4, p.71-92.

JUSTO, J.S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONCELOS, M.S. (Org.). **Criatividade.** São Paulo: Moderna, 2001. p. 59-78.

LANGER, S. **Sentimento e forma – uma teoria da Arte desenvolvida a partir da Filosofia em Nova Chave.** São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 3-43; 384-406.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mesrte Jou, 1977. Cap. 1, p.13-61; Cap. 5, p. 147-179; p. 379-383.

MARCILIO, M.L. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil – 1726-195. In: FREITAS, M.C.(Org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997. p.51-76.

MELLO NETO, G.A.R. **A simbolização da criança no discurso do adulto: entre realidades psíquica e social.** 1993. 311f. Dissertação (Doutorado em Psicologia Escolar)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p.300-305.

MEREDIEU, F. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 1997. Cap.1, p. 7-13.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. Cap. 7, p. 43-47; Cap. 18, p. 143-155.

MOTTA, M.E. A naturalização da violência contra a criança. In: GONÇALVES, H.S. **Infância e violência no Brasil.** Rio de Janeiro: NAU Editora; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 11-33.

NOGUEIRA, L.C. O campo lacaniano: desejo e gozo. **Psicol. USP [online]**, São Paulo, vol. 10, n. 2. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2005.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento – as formas de discurso.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística.** 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995. Cap. 3, p. 51-79.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Cap. 2, p. 31-53.

PAIN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia – a compreensão do sujeito.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PASSETTI, E. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999. p. 347-375.

SAFRA, G. Desenraizamento e exclusão no mundo contemporâneo. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs). **Trajetos de sofrimento: desenraizamento e exclusão.** Instituto de Psicologia: USP, 2002, p. 34-40.

SÃO PAULO (Estado). Fundo Social de Solidariedade. **Direitos da criança e do adolescente.** São Paulo, 1996. 105p.

STERN, A. **Comprensión del arte infantil**. Buenos Aires: Kapelusz, 1959.

VAISBERG, T. M. J. A. Sofrimento humano e práticas clínicas diferenciadas. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs). **Trajetos de sofrimento: desenraizamento e exclusão**. Instituto de Psicologia: USP, 2002, p. 06-14.

VALERO, V.B. “**É preciso levar o delírio à praça pública**”: **sofrimento psíquico, artes-plásticas e inclusão social**. 2001. 243 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

WINNICOTT, D.W. Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional (1905-5). In: _____. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 355-374.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

ANEXO A – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Projeto: A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ARTÍSTICO-EXPRESSIVOS NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mestranda: Stella Maris de Castro Pipinis Parreira

Pós-graduação: Nível Mestrado

Área: Psicologia e Sociedade

linha de Pesquisa: Infância e Realidade Brasileira

UNESP: Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis

Fone: (11) 6973 1720 – **e-mail:** smpipinis@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

Pós-graduação em Psicologia

Área: Psicologia e Sociedade

Linha de pesquisa: Infância e Realidade Brasileira

UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis

Fone: (18) 3322 2933

Objetivos da Pesquisa / O que queremos com este trabalho

Em nosso trabalho vamos procurar saber até que ponto o uso de recursos artístico-expressivos (pintura, modelagem, recorte, montagem, etc.) poderá beneficiar crianças que sofreram violência doméstica. Vamos criar um espaço onde a criança possa experimentar estes materiais e o seu relacionamento com as outras pessoas do grupo, além de mim. Vamos oferecer um espaço onde a criança possa agir e expressar-se da maneira como quiser. Eu procurarei observar a conduta e eventuais mudanças ao longo da participação das crianças nas oficinas. Precisaréi, também, saber de algumas informações sobre suas histórias de vida através do contato com as próprias crianças, com a psicóloga do abrigo e junto aos arquivos e registros do CERCA (Centro de Referência da Criança e do Adolescente).

Procedimentos / Como será realizado este trabalho

Para participar deste trabalho a criança deverá vir às oficinas uma vez por semana e cada oficina terá uma hora e meia de duração.

Desconfortos e riscos esperados

Como a criança irá participar de oficinas de pintura, modelagem, colagem, este trabalho não trará riscos à sua saúde. No plano psicológico, como a criança não será forçada a realizar tarefas ou expor conteúdos afetivo-emocionais que não queira ou que possam ultrapassar níveis toleráveis de ansiedades, também não haverá riscos de desconfortos ou sofrimentos produzidos pelas atividades que serão realizadas nas oficinas. Além disso, daremos todo o suporte necessário e faremos o acompanhamento de eventuais ocorrências que possam aparecer.

Dados da Pesquisa / Informações sobre o trabalho

- Como este trabalho se trata de uma pesquisa, precisarei de algumas informações a respeito da criança. Estas informações eu vou obter através de algumas entrevistas e também através de minha observação.
- Tudo o que será falado e realizado na oficina será guardado em sigilo entre a criança, eu e o grupo.
- A criança poderá deixar de participar do grupo no momento que quiser e não sofrerá nenhuma punição por isso.
- Este trabalho procurará, de alguma maneira, melhorar a vida da criança.
- Em alguns momentos eu precisarei falar de nosso trabalho e, talvez, mostrar algumas de nossas produções para outras pessoas, para que elas possam também conhecer o que estamos fazendo. É importante dizer que o nome da criança não será divulgado, nem outros aspectos que a identifiquem ou identifiquem a instituição.

Você concorda com isso? () Sim () Não

Autorização:

Fui informado sobre a pesquisa e aceito participar da mesma.

Nome do participante: _____

Idade: _____ RG: _____

Eu, como representante legal, também informado das condições da pesquisa, visto que o menor aceitou por livre e espontânea vontade participar da mesma, autorizo sua participação no trabalho.

Nome do representante legal: Guiomar Morcelli (presidente da instituição)

Idade: _____ RG: _____

Instituição: Lar da Criança Menino Jesus

Assinatura do representante legal: _____

Local e data: _____

ANEXO B – Termo de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa

FACULDADE DE MEDICINA DE MARÍLIA
Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo
Seres Humanos

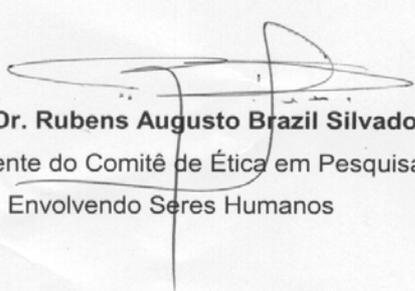
Marília, 24 de março de 2003.

Ilma Sr.^a
Stella Maris de Castro Pipinis
Marília/SP.

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Marília, analisou o protocolo de estudo nº 039/03, intitulado: "A Utilização de Recursos Artístico-Expressivos no Atendimento de Crianças Vítimas de Violência Doméstica", considerou **APROVADO**, de acordo com as Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, podendo ser iniciado.

Sendo só para o momento, reiteramos protestos de consideração e apreço.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Rubens Augusto Brazil Silvado
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

ANEXO C – Relatório das oficinas realizadas

Encontro 1 – 07/04/03

Inicialmente a psicóloga do Abrigo e eu fomos convidar as crianças para participarem do grupo. O local destinado à conversa foi a própria sala onde faríamos as oficinas. A psicóloga me apresentou dizendo que eu estava ali para proporcionar encontros onde teríamos a oportunidade de nos conhecer melhor. Ela perguntou se as crianças aceitariam participar dos encontros e todas aceitaram. Deixando-nos a sós pude falar da minha proposta. Disse-lhes que eu estava desenvolvendo um trabalho com crianças e que ali nós teríamos um espaço para brincar. Estaríamos usando alguns materiais. Nesta hora as crianças se mostraram ávidas para conhecer o material que eu havia levado, já que ele estava exposto em algumas mesas. Pedi atenção para a minha fala: depois eu mostraria a eles tudo o que havia nas caixas. Falei a respeito de nosso contrato: sigilo, desistência. Fui lembrada por Daniel de falar de nosso horário, tendo isso estabelecido que nossos encontros aconteceriam às segundas-feiras, das 15:00 às 16:30. Passamos à apresentação dos materiais. Fui abrindo as caixas que continham as tintas e tentando explicar para quem cada coisa serviria. Iniciou-se a seguinte brincadeira: ao abrir a caixa com as tintas, as crianças tratavam de pegá-las. Cada uma pegava o que conseguia dizendo que aquele tanto de material era dela. Depois eu pedia que elas guardassem tudo na caixa novamente porque eu precisava apresentar-lhes todo o material. Eles o guardavam, e então a brincadeira se repetia quando eu mostrava outro material. Tatiana e Daniel estavam mais pacientes, mas não deixaram de participar da brincadeira. Num determinado momento, Tatiana ficou sem nada na mão quando todos os outros haviam pego as tintas da caixa. Eu então lhe dei uma tinta para que ela a devolvesse à caixa posteriormente. Após a apresentação, deixei que começassem seus trabalhos.

Daniel pegou um pedaço de cartolina e começou a usar tintas. Desenhou uma estrela, uma bola, um sol e um olho (que seria completado com outro olho, nariz e boca, após eu ter perguntado o que ele desenharia). Daniel se concentrou na tinta. Mais cauteloso, ficou no seu canto, mas não deixou de se envolver com os demais. Desenhou a noite. E por fim, uma estrela colada, como ele mesmo disse. Notei que é observador. Foi Daniel que perguntou-me sobre o horário das oficinas e, durante nosso encontro, ele me disse que eu havia me sujado com tinta. Eu não havia notado. Nesse momento tive a sensação de que algo acontecia. Eu havia me sujado com tinta como eles. Parecia que eu já estava unida a eles. “Quem está na chuva é pra se molhar”. O fato é que eu estava ali com eles, num primeiro contato, e pareceu-me que algo havia nos ligado: a tinta.



Desenho de Daniel. Acima: a estrela, o sol, a bola e o olho.
Abaixo e a esquerda, a noite e à direita a estrela colada.

Tatiana procurava o que fazer. Depois de um certo tempo, decidiu-se por uma tela e lá foi passando várias cores de tinta, com vários tipos de pincel, rolinho, esponja. Tatiana parecia muito concentrada no que fazia. Passava de tudo em cima da tela. Depois que terminou, pegou uma folha de sulfite, pintou com um pouco de tinta e, silenciosamente, foi até onde estava seu quadro (pois eu lhes havia pedido que deixassem suas obras prontas em um canto da sala) e colocou a folha de sulfite por cima do quadro, fazendo com que a tinta do quadro se espalhasse pela folha. Percebi sua atividade e lhe perguntei o que estava fazendo. Tatiana não me disse nada, mas me olhou com um sorriso. Depois de ter colocado várias vezes a folha sobre a tela, ela a deixou de lado e foi buscar outra coisa. Numa outra folha de sulfite, iniciou uma colagem. Neste momento, estávamos terminando a oficina; então pedi-lhes que fossem terminando seus trabalhos e que, se quisessem continuar na semana seguinte, também poderiam. Tatiana deixou sua colagem e começou a me ajudar, recolhendo algumas coisas. Tentou limpar as mesas que estavam sujas de tinta, mas o paninho que pegou estava mais sujo ainda. Tatiana não se importou e continuou limpando/sujando. Neste momento, senti vontade de rir da situação. Ao ver seu esforço, seu prazer e sua disponibilidade, senti prazer também.



Produção de Tatiana, sem nome

De início, Karina pegou uma folha de papel camurça e deitou seu rosto sobre ela dizendo que ali estava quentinho. Pegou o caderno pautado e o deixou aberto, mas não o utilizou. Experimentou tinta sobre a camurça, mas se dedicou mesmo à paleta. Karina tinha me dito que queria misturar tinta; eu lhe mostrei a paleta dizendo que ali era o local de se fazer as misturas. Karina literalmente misturou todas as tintas na paleta, transformando-a em uma paleta pintada. Disse-lhe que depois precisaria limpá-la, pois necessitaríamos do instrumento para misturar outras tintas. Karina não se importou. Pintou sua paleta durante o tempo todo. Em meio a seu trabalho, Karina recorreu a mim para lavar seu pincel, mostrando-se um pouco enojada com a sujeira da tinta. Disse-lhe que ela mesma teria que lavar seu pincel, já que ela tinha escolhido a tinta como material de trabalho. Karina não reclamou. Pediu para ir ao banheiro trocar a água. Voltou com seu pincel limpo. Durante a execução de seu trabalho, perguntou-me se o que fazia estava bonito, respondi que gostei.



Karina paleta pintada.

José parecia o mais ansioso. Não sabia por onde começar. Pediu-me para abrir vários potes de tinta ao mesmo tempo, sem ter iniciado qualquer pintura. Não sabia onde poria as tintas. Pedi-lhe que escolhesse um suporte (suporte para a realização do trabalho – papel, tecido, cartolina, argila etc). Inicialmente escolheu o tecido e eu o ajudei a cortar um pedaço que fosse suficiente. José pintou o tecido, depois passou para a folha de sulfite colorida. Fez uma estrela. (No grupo, após eu ter falado meu nome – Stella –, surgiram brincadeiras: estela, estréla, estrela). Posteriormente, numa outra folha, fez dentes de vampiro e, por último, desenhou mãos (no desenho das mãos, José foi motivado por Vinicius, que iniciou com a idéia – queria participar comigo e com Vinicius da brincadeira de medir nossas mãos e as mãos dos desenhos). Durante seu trabalho, José experimentou cores de canetinhas. Como as sulfites eram coloridas, as cores das canetinhas se modificavam.



José. acima e à esquerda: tecido pintado. Abaixo e à esquerda: estrela. Acima e à direita: dentes de vampiro. Abaixo e à direita: suas mãos.

Vinicius parecia deslumbrado. Pegou o papel que estava em sua frente e começou a brincar com a tinta. Perguntei-lhe o que estava fazendo e ele me diz: um sol. Seu segundo trabalho foi o de desenhar suas próprias mãos. Com um giz-de-cera, contornou sua mão. Medimos o tamanho de sua mão e da minha. Desenhóu outras mãos e pedia para que eu encostasse em seu desenho.



Vinicius. Acima: o sol. Abaixo: suas mãos

Terminando nosso encontro, pensei que eu precisava sair com as crianças, pois elas não sairiam se assim eu permitisse. Saímos todos da sala e, como eu havia combinado com a psicóloga, eu mesma levaria as crianças para suas alas (apostentos). Foi uma confusão. As crianças estavam agitadas, correram e eu levei um certo tempo para conseguir reuni-las. Deixei-as nas alas e voltei para a sala de obras para “dar um jeito na bagunça”.

Encontro 2 – 14/04/03

Antes de iniciar o grupo, conversei com a psicóloga do Abrigo para acertarmos uma outra forma de reunir as crianças. Havíamos combinado que eu mesma as buscava nas alas (quartos) e as levaria de volta ao final da oficina. Tive dificuldades na semana anterior em reuni-las para seguirem comigo até as alas. Elas estavam agitadas e queriam correr no pátio. Percebi que não cabia a mim controlá-las para seguirem até as alas e que isto poderia interferir no nosso vínculo. Combinamos, então, que alguém, um funcionário, levaria e buscava as crianças das oficinas e que eu as esperaria no local.

Tatiana, Karina e Vinicius chegaram antes. Olharam seus trabalhos, que estavam expostos em cima da mesa. Um dizia ao outro o que tinha feito. Karina apontou o trabalho de Daniel dizendo que aquele era o que ela havia feito. O trabalho dela não estava exposto porque na semana anterior Karina tinha se dedicado à pintura da paleta e, conforme tínhamos combinado, a paleta seria lavada para que pudesse ser usada na próxima oficina. Logo Daniel e José chegaram. José perguntou-me se poderia começar e eu disse que sim.

Tatiana pegou um caderno e canetinhas. Riscou o caderno, molhou a ponta da canetinha e pediu que eu visse como a tinta acabava vazando através da folha. Tatiana permaneceu com o caderno o tempo todo. Usou tinta e pintou o caderno. Usou a tesoura e recortou a capa do caderno. Pediu para sair, ir ao banheiro, voltou. Algumas crianças de fora da sala bateram na porta: queriam saber o que havia dentro da sala. Tatiana foi até a porta e gritou que estava com a psicóloga dela. Tatiana pegou os tubos de tinta plástica, outras crianças quiseram pegá-los também. Tatiana ficou brava e pediu a tinta de volta porque ia usá-la. Pedi que eles trocassem: enquanto um utilizava-se de um tubo o outro pegava um de cor diferente. Eles acabaram se entendendo. Tatiana pingou a tinta no caderno. Colou um pedaço de folha por cima da tinta. Não se contentou com a pouca tinta que saiu pelo pequeno bico. Tirou o bico da tinta e começou a derramá-la sobre a folha. Depois de espalhar muita tinta sobre o caderno, ela disse: você é uma chata. Perguntei a quem ela estava se referindo e Tatiana respondeu que era a ela mesma. Eu disse: mas quem disse que você é chata? Tatiana me respondeu: a minha mãe. No final de sua experimentação, não tínhamos mais caderno. Não consegui tirar foto de seu trabalho porque as folhas estavam coladas. Tatiana me parecia com mais energia que

durante a oficina passada. Andou pela sala, gritou com as crianças de fora, destruiu o caderno. No final da oficina sempre estava disposta a me ajudar – recolher as tintas, limpar a tinta que havia caído sobre a mesa.

José não sabia muito bem o que fazer. Pegou muitas tintas e colocou-as sobre a mesa. Vinicius foi atrás dele dizendo-lhe que não podia pegar tantas tintas. Eu disse que os dois podiam trabalhar com as tintas. Decidiu-se pelo papel pardo. Segurei o papel e ele recortou um pequeno pedaço para pintar. Utilizou folhas de sulfite colorida para pintar mas eu não consegui perceber o resultado do trabalho pois ele acabou jogando as folha pintadas no lixo. José passou um certo tempo vendo o que as crianças faziam. Experimentou a tela. Utilizou o rolinho, pintou a tela toda de vermelho e a deixou de lado. Ele seguiu Daniel. Digo isto porque Daniel iniciou seu trabalho fazendo estrelas. Daniel usou o emborrachado para pintar. José seguiu o mesmo caminho. Inicialmente pegou o emborrachado azul e fez estrelas, depois pegou o emborrachado vermelho e fez mais estrelas. No final do trabalho, José recortou o emborrachado vermelho. Antes de pintar as estrelas, ele havia pegado a aquarela. Eu disse que a aquarela não iria pegar no emborrachado. Ele me perguntou se a tinta pegaria e eu confirmei. Depois de ter pintado o emborrachado azul com a tinta branca, ele perguntou de novo se outra cor pegaria no suporte. Sugeri que ele experimentasse. José abriu muitas tintas, mesmo sem usá-las. Ele derrubou muita tinta no chão, pois a tampa não havia sido bem fechada por ele próprio. Pedi que ele pegasse o seu paninho e retirasse um pouco da tinta do chão. Eu o ajudei na tarefa. Quando a tinta caiu, José olhou para mim com um jeito de quem quer se desculpar, ou talvez com um pouco de receio de levar bronca. José quis se reparar e não se opôs a tentar limpar a tinta.



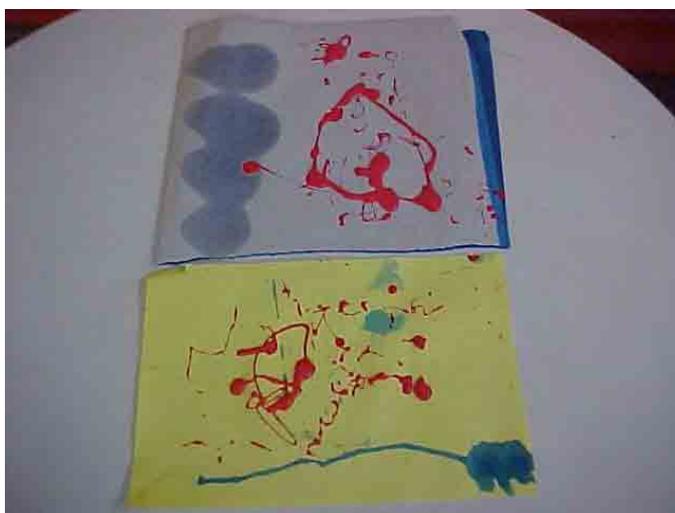
Daniel: estrelas



José: sem nome

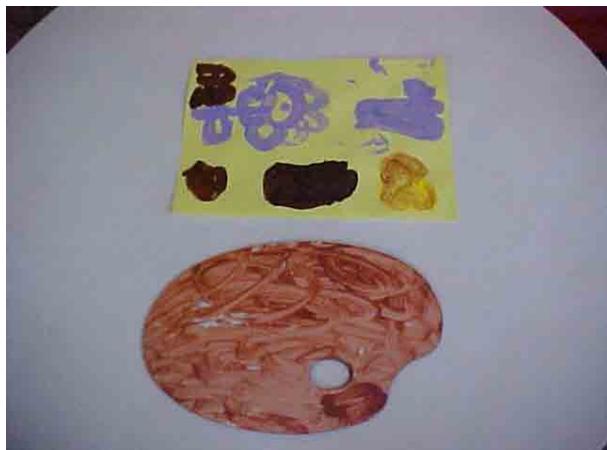
Vinicius também não tinha muita idéia do que fazer no início da oficina. Preocupava-se muito com o que cada um estava usando para fazer o seu trabalho. Parecia ficar supervisionando os outros para ver o que cada um estava pegando do material. No caso do José, Vinicius implicou com ele porque José estava pegando muita tinta. Por um bom tempo, Vinicius se dedicou a colocar o pincel com tinta na água. Utilizou vários copinhos de água, principalmente de água limpa. Ele me pergunta se ia virar. Como eu não tinha entendido, pedi-lhe para explicar-se. Vinicius só falava em virar. Pedi para que ele me mostrasse o que aquilo significava. Ele molhou o pincel com tinta na água e me disse que virou. Fui entendendo que a brincadeira era a de transformar a cor da água na cor da tinta que estava no pincel. Peguei um pincel, molhei na tinta, passei numa folha e disse que tinha virado – a cor que estava no papel era a mesma do meu pincel e a mesma do pote de tinta. Vinicius

concordou comigo e continuou sua brincadeira com a água. Antes disso Vinicius tinha pegado um pequeno pedaço de papel, como o de José, e ficou passando várias cores de tinta sobre ele. A cor que sobressaía era o azul, mas a tinta estava misturada. Do papel ele passou para a água. Vinicius também usou a essência de tutti-frutti. Pingou-a na roupa, no papel, no trabalho das outras crianças. A sala ficou cheirando a chiclete. Vendo Tatiana usar a tinta plástica, Vinicius resolveu usá-la também. Vinicius pegou a folha que Daniel estava usando e pingou a tinta plástica, repetindo o mesmo movimento de Tatiana. O mesmo percurso ele fez com outra folha. Vinicius às vezes acabava interferindo no trabalho dos outros, dava uma pincelada dele no trabalho que não era seu, alguns se irritavam, mas ele era bem discreto e as crianças acabavam não brigando muito com ele. Ao tentar fazer o mesmo que Tatiana fazia, abrir o tubo de plasticor, alguns pingos de tinta caíram em seu olho. Vinicius se encolheu e ameaçou chorar. Eu lhe disse para ir ao banheiro e lavar seu rosto com água. A situação ficou resolvida e ele não chorou mais.



Produção de Vinicius.

Karina inicialmente queria o caderno também. Disse-lhe para pensar em outro suporte porque Tatiana estava usando o caderno naquele momento. Karina pegou folha, aquarela e massinha ao mesmo tempo. Disse-lhe que ela havia me pedido para mostrar como se utilizava a aquarela na semana anterior. Mostrei-lhe como se faz e Karina passou algum tempo experimentando a aquarela. Não se empolgando muito com ela fez uma bola de massinha. Depois experimentou a massa de biscuit, junto com José, que experimentou a argila. Fizeram bolas e as deixaram de lado. Karina foi para o chão e pintou. Depois disse-me que ia fazer uma carta para a irmã, mas jogou a carta fora. Perguntei se a irmã estava longe e Karina não me respondeu. Karina quis ir ao banheiro lavar as mãos, que estavam sujas de tinta. Disse-lhe para limpá-las em seu paninho, já que iria continuar com a tinta. Ao mesmo tempo que Karina não quis sujar as mãos, sentou-se no chão com a tinta e pintou o papel e o chão. No final da oficina ela estava em um canto da sala desenhando com canetinha em um papel pardo. Disse-lhe que nosso tempo estava acabando e ela me respondeu que não havia terminado. Disse-lhe então que poderia retomar o seu desenho no encontro seguinte. Karina quis levar a massinha para a sua ala. Disse-lhe que havíamos combinado que o material ficaria na sala da oficina e que ela poderia encontrar a massinha no encontro seguinte. Karina não gostou muito, mas aceitou.



Produção de Karina



Produção de Karina

Daniel me pareceu ser mais objetivo. Disse que ia desenhar estrelas. Reviu seu trabalho da semana anterior, mostrando a estrela recortada. Eu lhe disse que ele havia dado um nome para aquela estrela do qual eu não me lembrava. Daniel disse que era uma estrela do fundo do mar. Daniel era mais concentrado. Pegava seu material, escolhia um cantinho da sala e começava a desenhar. Fez duas estrelas. Depois, com o emborrachado, pintou duas teias. Daniel trouxe-me um de seus brinquedos, um tigre pequeno, deu-o de presente para mim e eu aceitei. Daniel estava sempre preocupado com o que se passava ao redor. Avisou-me que o pote de água suja de tinta estava cheio e que ia derramar. Ele acabou me ajudando, trocando a água do pote. Às vezes se incomodava um pouco com Vinicius, que interferia em seu trabalho, mas não chegava a ficar irritado. Não discutia como os outros. Prestava atenção em Tatiana quando ela se referia à mãe, que a chamava de chata.



Daniel: teias



Daniel: estrelas

Eu me surpreendia com a disposição destas crianças a experimentar os materiais e com sua relação comigo. Perguntavam-me se podiam começar, como se tivessem entendido muito bem a função de nosso trabalho. Parecia que meu papel estava bem definido para elas (veja-se para isso Tatiana gritando para as crianças de fora que ela estava com a sua psicóloga). Também me surpreendia com a velocidade com que as histórias das crianças apareciam. Tatiana

falando da mãe, Karina dizendo da irmã. Depois do atendimento sentia-me cansada. A sala ficava como se tivesse passado um furacão, com tinta e material espalhado. Talvez não fosse o momento de pensar em algum tipo de organização do espaço. Eu sentia que elas queriam experimentar o que estava ali. Eu estava tentando me adaptar a eles. Depois eu modifiquei o enquadre, quando pedi à psicóloga do Abrigo que viessem trazê-las e levá-las de volta à ala. Pensei em levar um forro de plástico para que elas se sentassem e pintassem como quisessem, sem nos preocuparmos com a sujeira.

Encontro 3 – 22/04/02

Antes de começarmos a oficina, encontrei-me com a psicóloga do abrigo, que me falou sobre José. Disse-me que ele estava melhor, que não estava mais lhe pedindo desesperadamente para ir embora do abrigo, pelo menos não do jeito que fazia antes de as oficinas começarem. A psicóloga também me disse que havia pedido às tias (monitoras que ficam nas alas) para acolherem José de modo especial neste momento. M. (a psicóloga do abrigo) disse que as crianças já me tinham como a psicóloga deles e perguntavam-lhe sobre as datas de nossa oficina. Com relação ao dia desta oficina, fui questionada por José e Daniel sobre por que não havíamos nos encontrado na véspera, expliquei-lhes sobre o feriado e que por isto estávamos repondo a oficina na terça-feira. José referiu-se a minha ausência como esquecimento e, assim, retomei meu contrato com eles.

Para esta oficina levei jornais para forrar o chão. Na semana anterior, senti que tanto eu como as crianças ficamos preocupados com a sujeira proveniente das experimentações com a tinta. Todas elas preferiram trabalhar no chão e pedi que forrassem seu espaço com jornal para que todos ficássemos mais à vontade.

Daniel foi o primeiro a chegar em nossa sala. Trouxe-me um pedaço de massinha ondulada. Perguntei-lhe se era uma cobrinha e ele levantou os ombros. Perguntei-lhe se deveria guardá-la e pedi-lhe que ele me lembrasse no final da oficina para lhe devolver. Daniel se aproximou da mesa onde estavam os materiais, pegou papel e tinta e disse que ia fazer o desenho de seu time. Logo depois chegaram as outras crianças. Karina estava com a cara fechada, perguntei-lhe se estava tudo bem e ela balançou a cabeça positivamente. Karina chegou descalça e sentou-se em um canto para pôr sandálias de amarrar. Teve dificuldades e eu lhe disse que poderia ficar descalça se assim o desejasse. Karina se levantou e disse que ia até a ala para trocar os sapatos. Voltou com um tamanco. Disse-lhe que seu trabalho, o da semana anterior, estava na caixa e que ela poderia retomá-lo se preferisse, pois ela havia se queixado da falta de tempo para finalizar o trabalho. Karina foi até a caixa e, junto comigo, procurou seu trabalho. Outras crianças foram também até a caixa olhar os trabalhos. Vinicius procurou o trabalho de Daniel, que também foi até a caixa, pegou seu trabalho e o deixou separado na mesa. José também mexeu na caixa. Pegou o trabalho de Tatiana, que ficou brava dizendo que era para ele não mexer em suas coisas. Tatiana também deixou seu trabalho para fora da caixa. Aos poucos, as crianças foram escolhendo no que iriam trabalhar.

Daniel desenhou o emblema de seu time, o São Paulo. Perguntaram-me sobre o meu time e eu lhes disse que torcia para o time do Brasil e que não tinha time predileto. Os meninos falaram de seus times e pediram para que eu torcesse para os times deles.

Karina retomou seu trabalho anterior e começou a preenchê-lo com tinta. Perguntei o que ela estava pintando e ela me disse que era onde a flor ficava enterrada (ela pintava de rosa o que parecia ser o vaso da flor). Perguntei sobre o coração, que parecia estar chorando. Karina disse que estava feio e passou muita tinta sobre ele, como se quisesse apagar a feição do coração. Ela usou tinta de uma cor que não cobria o desenho, passou outra cor, mas a imagem continuava visível. Karina resolveu amassar o trabalho e o jogou no lixo. Pegou outra folha e começou a desenhar corações com as canetinhas coloridas. Karina perguntou-me se uma

amiga poderia participar do grupo e eu lhe respondi que quem fez a seleção das crianças foi a psicóloga do abrigo. Karina e Tatiana começaram uma conversa sobre quem poderia ser tirado do grupo, como uma brincadeira (exemplo: por que você – referiam-se a mim - não tira o José do grupo? – faziam este tipo de pergunta a respeito de todos do grupo, inclusive entre elas, como uma provocação). Karina desejava usar as canetinhas que Tatiana tinha separado para desenvolver sua atividade. Karina foi até onde Tatiana estava e pegou as canetinhas. Tatiana se irritou e disse que Karina não ia usá-las. Eu disse que elas podiam trocar o material quando este não estivesse sendo utilizado. Karina não esperou que Tatiana o permitisse, foi em direção às canetinhas e as pegou sem a sua aprovação. Desenhou um coração e as devolveu para Tatiana. Senti que Tatiana queria provocar, discutir com Karina e eu disse que Karina estava cumprindo sua parte: estava usando o material e devolvendo-o para Tatiana. Tatiana acabou permitindo que Karina compartilhasse o material. Nessa discussão entre Karina e Tatiana sobre as crianças que participariam ou não do grupo, surgiu a palavra “japonês” (não sei como) e Karina disse que seu pai era japonês e que não gostava dele. Depois disse algo sobre chileno (ou algo semelhante, se assim eu entendi bem), dizendo que também não gostava. Não insisti em perguntar muito mais para Karina, já que quando Vinicius perguntava sobre o trabalho de Karina esta lhe respondia grosseiramente, como se quisesse encerrar o assunto. Disse-lhe que parecia que Karina não gostava que lhe perguntassem tanto e sobre muitas coisas e ela concordou, balançando sua cabeça. Preferi não interferir e deixei-a fazendo seus corações.



Karina: corações

Tatiana pegou uma folha de sulfite colorida e desenhou com lápis preto um coelho e uma pessoa. Quando Tatiana veio me mostrar o que estava fazendo, Karina e Vinicius se juntaram para ver também. Karina disse que a pessoa do desenho era Tatiana e esta concordou. Voltou para seu canto e desenhou uma mala no verso da folha. Jogou este desenho fora. Tatiana pegou outra folha e essência de tutti-frutti. Disse que era cheiroso e fazia um gesto de beber o líquido. Tatiana despejou todo o líquido sobre a folha de sulfite e a jogou no lixo posteriormente. Pegou outra folha e fez o mesmo com a essência de flores. Karina e José repararam o que Tatiana estava fazendo, mas não interferiram. Tatiana pegou outra folha, um papel laminado, e despejou sobre ele tinta guache amarela até que acabasse a tinta do pote. Tatiana olhou para mim e riu. José disse que Tatiana ia acabar com a tinta e eu disse que eles precisavam cuidar do material, que não seria repostos tão logo. Tive a sensação de que Tatiana queria me provocar, e a imagem de que me veio foi a de uma criança fazendo arte e olhando a reação do outro. Disse a ela que parecia que ela queria me provocar com sua atitude e ela balançou a cabeça, concordando comigo. Depois Tatiana levou purpurina, pediu que eu abrisse o pote e a despejou sobre o seu trabalho até acabar. O mesmo fez com as lantejoulas

coloridas. Tatiana também jogou um pouco de purpurina na água suja de tinta e gostou quando viu que o brilho ficava boiando na água.



Produção de Tatiana

José escolheu seu lugar para fazer seus trabalhos perto de mim. A todo momento eu era solicitada para abrir os potes de tinta. Atendia seus pedidos, mas aos poucos ia dizendo que ele mesmo era capaz de abrir seus potes e pedi que ele experimentasse. José sorriu e eu disse que, quando algum fosse mais difícil ele poderia pedir a mim. José pegou a paleta e passou tinta sobre a que já estava lá, depois ele usou a esponja molhada para retirar a tinta e gostou de ver a tinta seca saindo como uma película. Ele então pediu que eu visse o que estava fazendo. Depois de passar muito tempo nesta atividade, José pegou folhas de sulfite coloridas e as recortou em tiras.

Vinicius era o último a se decidir sobre o que fazer. Passava algum tempo olhando as caixas e o que havia nelas. Ele separava algumas tintas em um canto, mas passava um certo tempo olhando e perguntando sobre os trabalhos dos outros. Disse que quem copiasse o trabalho do outro não ficaria no grupo (falou isto quando Karina e Tatiana estavam discutindo sobre a participação ou não das crianças no grupo). Demorei para compreender o que Vinicius queria me dizer, contei com a ajuda das crianças e Karina, já impaciente com a minha incapacidade de entendimento, me disse em alto e em bom som o que Vinicius estava falando. Vinicius falava baixo e muito parecido com um bebê, as vezes mais tímido. A impressão que me passava era de uma criança muito frágil e imatura para a sua idade. Nas outras oficinas Vinicius procurava seguir o que outras crianças faziam. A atitude não partia dele, mas do outro. Nesta oficina, Vinicius escolheu uma tela (havia-lhe dito que ele poderia primeiro escolher o suporte para depois pensar no que usaria sobre o suporte). Vinicius passou tinta e colou sobre a tela. Não criava imagem, mas usava parte de seu tempo para abrir e fechar os potes e ver o que havia dentro deles. Da mesma forma com a cola ou tintas, que vêm em bisnagas como a tinta plástica. Vinicius arrancava os bicos para que saísse mais tinta. Depois da tela, Vinicius pegou um pedaço de papel e recortou, veio me mostrar como sabia recortar. Em algum momento eu o ajudei a segurar o papel. Vinicius apresentava dificuldade para segurar de forma adequada o papel para que facilitasse o recorte. Após um tempo ele me apresentou um coração recortado cheio de picotes por toda a sua volta. Vinicius quis colar lantejoulas, mas teve dificuldade com o manuseio da cola. Se tirasse o bico caía cola demais, então eu lhe mostrei como segurar a cola e pingar na lantejoulas. Vinicius tentou repetir o procedimento, mas sua mão estava suja demais com tinta e cola e a lantejoulas acabava grudando em sua mão. E ele desiste. Nesse ínterim, Vinicius não ficou o tempo todo somente em seu trabalho, passou por entre as crianças. Foi com seu pincel e tentou interferir no

trabalho do outro, como foi o caso de Daniel. Eu disse a Vinicius que ele poderá interferir, se o outro aceitasse, então ele devia perguntar primeiro. Tive a impressão de que Vinicius sabia exatamente o que estava fazendo e que preferia correr o risco de levar uma bronca da outra criança devido a sua interferência.



Vinicius: coração e tela sem nome

Depois de ter pintado o emblema de seu time, Daniel pintou uma pessoa e algo que não me disse o que era. Posteriormente, usou o papel laminado dourado e pintou ele mesmo no meio de duas bolas de gude. Daniel pegou o papel ondulado e o pintou de preto. Primeiro se assustou um pouco quando viu suas mãos sujas de preto, mas depois as colocou sobre o papel pintado e saiu carimbando sua mão no jornal. Limpou-as um pouco. Foi até a caixa e pegou o emborrachado, onde havia desenhado uma teia na semana anterior. Rasgou o emborrachado e nele carimbou suas mãos com tintas de várias cores. Daniel tinha me dito que não queria mais desenhar. Tatiana foi até o papel pintado de preto por Daniel e despejou purpurina dourada. Perguntei a Tatiana se havia pedido permissão a Daniel e, então, ela perguntou a ele e este a concedeu. Após alguns segundos estavam todos em volta do papel preto com as mãos sobre eles. Todas as crianças despejavam coisas (lantejoulas coloridas, estrelinhas) sobre a tinta e passavam suas mãos sobre o papel pintado, depois olhavam para suas próprias mãos e me mostravam. Alguns carimbavam suas mãos no jornal. Vinicius escorregou sobre o trabalho de Tatiana. Pedi-lhes para lavarem as mãos, já que estávamos no final de nosso tempo. Uma criança que estava no pátio e que não era de nosso grupo perguntou-me se era realmente a festa de Daniel, como uma criança de nosso grupo havia lhe falado.



Daniel: homem e duas bolas de gude



Daniel: coração



Produção conjunta: meleca

Nesta semana me senti menos incomodada com a sujeira, com a organização do espaço institucional, já que o jornal facilitou muito. Percebi que aos poucos as crianças também iam cooperando com a organização de nosso espaço. Pretendia levar um plástico grande já que eles preferiam trabalhar no chão.

Encontro 4 – 28/04/03

Muitas coisas aconteceram nesta oficina, coisas difíceis e, por isso, talvez haja alguma dificuldade em me expressar neste texto.

Daniel foi o primeiro a chegar. Foi pegando papel, tinta e pintando. Não se tratava de desenhar algo estruturado. Daniel passava com o pincel a tinta no papel e depois colocava sua mão por cima do papel pintado. As outras crianças foram chegando.

Levei um plástico, de 4m X 4m, e forrei o chão para que pudessem usar o espaço com mais tranquilidade e não sujassem o chão da sala com a tinta, facilitando, também para mim, a arrumação da sala no final da oficina. À medida que eles vinham chegando, fui explicando a utilidade daquele plástico e pedindo para que as crianças se acomodassem em cima dele.

Karina pediu o trabalho que tinha feito na semana anterior, queria os corações. Fomos até a caixa e retiramos seu trabalho. Sentou-se por alguns minutos para recortar alguns corações, mas logo desistiu. Pegou um rolo de fita e o desenrolou até o final.

Vinicius havia chegado e começou a procurar o que fazer. Abriu alguns potes de tinta, mas não se deteve em produzir algo seu. Passava pelas outras crianças e dava uma pincelada no trabalho do outro. Daniel não reclamava, ignorava a atitude de Vinicius e continuava trabalhando. Tatiana e José se queixavam. Logo Vinicius deixou o pincel e pegou a fita que K havia desenrolado. Começou a correr pela sala, levando consigo o que vinha pela frente: potes com água para a tinta, cadeiras, mesas. Karina achou engraçado e repetiu a brincadeira, correndo atrás de Vinicius. Um tumulto se iniciou. Eles corriam em círculo levando o que havia pela frente, inclusive atrapalhando as crianças que estavam em pé. Procurei tirar a fita que estava entre as crianças e as mesas, também sugeri que, se estivessem incomodados, eles mesmos poderiam cortar a fita. Entre Vinicius e Karina iniciou-se uma provocação. Karina corria atrás de Vinicius que, às vezes deixava-se pegar. Quando Karina o pegava, Vinicius ficava acuado e Karina o amarrava. Em um certo momento tive que interferir, pois Karina estava amarrando a fita no pescoço de Vinicius e este deixava. Aproximei-me e lhe perguntei: você vai deixar-se machucar? Nesse momento, Karina já havia corrido e ajudei Vinicius a se

desfazer das fitas enroladas no pescoço e nas mãos. A brincadeira continuou. Desta vez, foi Daniel que entrou na brincadeira. Ele amarrou um pedaço de papel celofane no pescoço, como uma capa, e outro nos olhos, como óculos, e começou a correr atrás de Vinicius e Karina denominando-se “The flash”. A provocação entre eles foi aumentando, não através de palavras, mas pela corrida e a vontade de pegar alguém. Num determinado momento, tive que conter Daniel, que queria bater em Karina e estava visivelmente alterado, com raiva. Pedi-lhe para vir até mim, perguntei o que estava acontecendo e ele, muito ofegante, disse que queria pegar Karina. Segurei Daniel por alguns instantes, até que ele se acalmasse e depois ele foi para outro canto da sala, mais isolado, e começou a brincar de massinha.

Tatiana chegou e se dirigiu à caixa com os trabalhos anteriores. Virou a caixa no chão, espalhando os trabalhos, depois foi para a pasta que contém os papéis coloridos. Abriu-a e jogou todos os papéis no chão, olhando para mim. Parecia que Tatiana estava sempre querendo testar minha reação diante de suas atitudes. Escolheu o papel celofane e brincou por algum tempo de olhar através do papel. Falou que tudo estava vermelho. Deixou o papel de lado e foi para as tintas. O celofane também foi experimentado por Karina, que o amarrou na cabeça, como um turbante, e depois por Daniel, como dito anteriormente. Tatiana foi para a mesa com algumas tintas e começou a despejá-las em cima da mesa com o jornal. Esvaziou os tubos de tinta e foi pegando outros tubos. Forrei a mesa com mais jornal. Tatiana disse que estava fazendo comida para todos. José, que estava em uma mesa ao lado, começou a seguir Tatiana. Depois de um tempo, os dois não estavam mais com pincéis, mas utilizando-se das mãos para misturar a tinta.

A esta altura, a sala estava completamente revirada, alguns trabalhos estragados pelas crianças, tinta e água pelo chão, as roupas e o corpo das crianças cobertos de tinta. Parecia que eu tinha perdido o controle da situação. Daniel estava mais isolado, não queria participar da “festa da tinta”, ficou num canto com a massinha. Os outros estavam reunidos em volta de uma mesa, passando as mãos na tinta e cantando músicas de festa (parabéns a você, música que falava de professores, coelhinho da páscoa, etc). Karina não me ouvia. Retirava algum trabalho da caixa e o rasgava. Eu tinha avisado para não mexer com o trabalho do outro se não estivesse autorizado, mas a regra não funcionava. Tive que pedir para Karina sair alguns minutos antes porque sua agressividade estava fora dos limites que eu pudesse administrar. E acredito que a agressividade não parou quando Karina foi embora, as crianças já estavam contagiadas. Vinicius pintava seus braços em um canto da sala. Já havia chorado por ter “apanhado” de Karina (que passou tinta em seu cabelo, correu atrás dele e chegou a segurá-lo com força). Tatiana começou a carimbar suas mãos na parede. Retomei o contrato, que não funcionava, e novamente tive que contê-la fisicamente. Segurei-a no seu corpo e Tatiana tentou aproximar-se da parede. Fiquei com ela por algum tempo dessa forma. Quando a soltei, não voltou mais para a parede e pedi-lhe que fosse lavar as mãos. Tatiana saiu da sala. Ela voltou com a diretora da instituição, que me pediu explicações. Pedi, à diretora que conversássemos mais tarde. A diretora estava acompanhada de uma outra funcionária do abrigo, que ficou assustada com o que viu: a bagunça da sala e a sujeira nas crianças. Pedi a Daniel que chamasse a psicóloga do abrigo para levar as crianças para a ala. Quando ela chegou, ficou assustada com o que viu e, numa postura firme e dura, pediu que as crianças se limpassem e pediu minha permissão para deixar Tatiana limpando a sujeira na parede e nas cadeiras. Tatiana ficou e me ajudou na limpeza da sala.

Realizar esta oficina não foi fácil. Senti-me esgotada e muito cansada. Fiquei um pouco preocupada com as possíveis repercussões, talvez um pouco receosa de perder um espaço conquistado. Fiquei pensando em poder contê-los de outra forma. Eles buscavam em mim um limite. Talvez, limitar o material, não sei. Precisava pensar.

Chegando ao abrigo, encontrei a psicóloga e percebi que a sala destinada às oficinas estava ocupada. A psicóloga desculpou-se dizendo que havia esquecido de me falar sobre o chá beneficente que estaria acontecendo no dia seguinte e que, por isso, eles estavam arrumando mesas e cadeiras para a festa. M. (psicóloga) perguntou-me se haveria a possibilidade de realizarmos a oficina na sala destinada à psicoterapia. Achei que seria, talvez, inadequado, pois o material para a oficina estava em sala apropriada e na sala de psicoterapia haveria outros materiais que fugiam da proposta (como brinquedos estruturados). Tentamos encontrar outra data para repor a oficina ainda naquela semana, mas não conseguimos chegar a um acordo com os horários. Decidimos não realizar a oficina, mas eu me encontraria com as crianças do grupo e explicaria o motivo do cancelamento da oficina.

Tatiana e Karina chegaram primeiro. Eu estava aguardando na sala de psicoterapia, única sala disponível para nosso encontro. Logo mais chegaram Daniel, José e Vinicius. Notei que os cabelos de Karina e Tatiana estavam diferentes e lhes fiz esse comentário. Responderam, um pouco sem jeito que haviam cortado o cabelo. Expliquei a todos que não faríamos oficina, pois nossa sala estava sendo utilizada e que deixaríamos nosso encontro para a semana seguinte. As crianças já estavam mexendo nos brinquedos da sala e permiti que brincassem um pouco. Tatiana mexia nas caixas. José e Daniel estavam na lousa e escreviam seus nomes. Vinicius, que chegou por último, tentou entrar na brincadeira de Daniel e José, mas não teve a permissão dos dois. Pedi para Vinicius escolher um brinquedo para ele. Vinicius me mostrou a máquina de escrever e eu lhe disse que a experimentasse. Karina estava com folhas de papel usadas para impressão e ficou o tempo todo retirando as barbatanas das folhas. No começo, Karina ficava brava porque, ao tirar as barbatanas, o fazia com certa força e acabava rasgando a folha. K, brava, mas parecendo não se importar, amassava a folha. Mostrei a ela que, com um pouco mais de calma, era possível picotar sem rasgar. Karina passou a fazer o mesmo dizendo que estava conseguindo, com mais calma. Estipulei um tempo para as crianças brincarem, voltando a dizer que nossa oficina aconteceria na semana seguinte. As crianças não queriam ir embora. Pareciam não dar ouvidos para o que eu lhes dizia. Pedi que uma funcionária as levassem para a ala e Karina ficou para ajudar a colocar as coisas no lugar. Karina, José e Daniel queriam levar os brinquedos. Disse-lhes que, assim como o nosso material, aqueles brinquedos deveriam continuar na sala e que aquela sala também era utilizada por outras crianças. Tentei pedir para que todos colocassem os brinquedos em seus lugares, mas isso se tornou impossível. Eles queriam permanecer ali. Fiquei me perguntando o que eu deveria fazer naquele caso. Eu sabia que eles necessitavam de um tempo para eles, assim como o bebê precisa de um tempo para largar a espátula e mudar de brincadeira. Mas existia o tempo da criança, existia o tempo estipulado para a oficina e existia o tempo da instituição. Como conciliar estes três tempos? Karina ficou e me ajudou. Pediu para levar algo consigo. Disse-lhe que sabia o quanto ela queria ficar com algo para si, mas que também existia uma regra e que os brinquedos deviam ser deixados em seus lugares. Ao sairmos da sala, fomos de mãos dadas até a portaria, buscar uma funcionária para que levasse Karina até a ala. Karina não largou minha mão. Só me deixou quando a funcionária a chamou. Parecia que todo fim de nossos encontros eram difíceis. Tentei, na medida do possível, lembrar-lhes da semana seguinte, que tínhamos um horário marcado e que eu estaria lá para atendê-los, mas parecia que não era suficiente. Assim como os materiais usados para a pintura pareciam não ser suficientes. Talvez seja isto que eu deva sustentar.

Encontro 6 - 12/05/03

Neste dia tive que esperar um tempo para arrumar a sala da oficina. Estava sendo difícil encontrar a chave. Daniel desceu, sozinho, pontualmente, mas pedi-lhe que esperasse mais

dez minutos para que eu fizesse a arrumação dos materiais. Estendi o plástico preto no chão (um plástico de 4m x 4m) e coloquei três mesas sobre ele, rodeadas por seis cadeiras. Sobre as mesas forrei alguns plásticos para protegê-las de maiores sujeiras. Dispus o material em cima de um armário, local inacessível às crianças.

Daniel foi o primeiro a chegar. Estranhou não encontrar os materiais dispostos como anteriormente. Pedi que ele aguardasse a chegada dos outros, para que conversássemos pois haveria algumas modificações. Daniel esperou comigo. Sentou-se em uma cadeira e permaneceu calado. Respondeu às perguntas que fiz, mas não iniciou nenhum assunto. Perguntei a ele se Vinicius e José eram da mesma ala que ele e se José estava estudando no período da tarde. Ele disse era de sua ala, mas que não sabia me informar sobre o horário de escola de José. As crianças chegaram todas juntas. Elas também estranharam a falta dos materiais. Disse-lhes que precisava falar-lhes antes de começar. Por um momento, eles não me deram espaço para falar. Fizeram barulho com o plástico, empurraram cadeiras. Eu disse que não íamos começar com a pintura se eu não pudesse dizer o que tinha para ser dito. Por um momento eles me ouviram. Perguntei se eles se lembravam do que havia acontecido em nosso encontro anterior naquela sala. Daniel lembrou que a parede ficou suja. Confirmei e lembrei que Tatiana ficou comigo limpando as paredes e o chão, que tinha ficado cheio de tinta. Precisávamos combinar a respeito da arrumação da sala, pois todos haviam deixado alguma sujeira e que isso não era de responsabilidade minha e nem de Tatiana. Daniel sugeriu que quem sujasse tinha que limpar. Karina falou que quem sujasse a parede teria que limpá-la. Nesse momento, Vinicius estava mexendo nas cadeiras e Karina não estava sendo ouvida. Pedi para Karina esperar e disse novamente que não começaríamos enquanto não combinássemos certas coisas. As crianças voltaram a se acalmar e eu pedi para Karina dizer novamente a todos a sua sugestão. Eu disse que outro ponto que precisávamos conversar era sobre as brigas. Disse que não era possível que elas ficassem se agredindo ou batendo uns nos outros e perguntei o que podíamos fazer a respeito. Daniel sugeriu que quem brigasse subiria para a ala e que quem não quisesse mais ir, seria substituído por outra criança. Karina disse que a criança teria que subir e ficar com a M. (psicóloga do abrigo), de castigo. José sugeriu que a criança que brigasse teria que subir e ficar de castigo tomando sopa. (Este é um artifício usado pela instituição para as crianças que precisam de castigo. Dependendo da gravidade do ato, a criança pode ficar uma semana tomando somente sopa.) Perguntei se todos concordavam. Vinicius disse que não e perguntei se ele tinha alguma outra sugestão, mas Vinicius riu e não se propôs a dar outro argumento, parecia que ele não estava muito interessado no que estávamos combinando e fez a colocação para brincar. Tatiana não fez comentários. Perguntei se poderíamos ficar com estas regras. Não houve comentários. Eu disse que a oficina seria realizada de uma forma diferente. Eles iriam antes pensar no que iriam fazer e depois escolher o material. Tatiana e José logo se manifestaram dizendo que queriam fazer meleca (colocar muita tinta sobre o papel para espalhar com as mãos). Eu disse que a partir de então isso ficaria mais difícil porque eu passaria a controlar a tinta.

José foi o primeiro a pedir papel e tinta. Furneci o que ele pediu, mas coloquei uma pequena quantidade de tinta em um potinho. Ele foi para a mesa e começou a espalhar a tinta sobre o papel. Disse que tinha pouca tinta e pedi-lhe que ele fizesse algo com o que tinha. Pintou a folha até acabar a tinta e pediu-me papel com canetinha. Na folha escreveu as letras de seu nome, várias vezes e de forma solta, sendo que nem todas as letras de seu nome constavam ali. Estava sentado perto de Karina que também fez letras em uma folha. Os dois estavam sentados sobre muitas cadeiras e competiam para saber quem estava mais alto. Karina e José começaram a rir do que faziam e passaram a se provocar, fazendo rabiscos um na folha do outro. Vinicius tentou interferir na brincadeira, mas não foi aceito. Quando se cansavam ou se irritavam, jogavam a folha fora e me pediam outra. Pedi para José pensar no que queria fazer. Ele disse que ia fazer um super-homem. Parecia que queria e não queria, deixei-o esperando

um pouco. José ficou irritado e sentou-se em um canto. Perguntei se já havia se decidido e ele me respondeu bravo que já tinha me dito. Então eu lhe forneci o material pedido. José fez um desenho de sua mãe. Recortou a figura e colou sobre outra folha. Depois fez um super-homem dizendo que era seu pai. José apressou-se para terminar, pois estávamos no final de nosso tempo. Eu disse que poderia retomar o trabalho na semana seguinte. José não apresentou momentos de muita agressividade. Foi atingido algumas vezes por provocações de Karina e de Vinicius, embora aceitasse mais as provocações de Karina, não revidando numa atitude também agressiva. Em outro momento, José estava com Tatiana brincando com as lantejoulas. Tatiana espalhou as lantejoulas sobre o trabalho de Daniel, a folha pintada de vermelho. Eles brincaram um pouco de meleca, mas a tinta já estava seca e os dois não ficaram com as mãos sujas de tinta. A lantejola não colou. Pedi que recolhessem as lantejoulas do chão como tínhamos combinado. José fez a limpeza sozinho.



José: abaixo à esquerda – mãe; abaixo à direita – super-homem / pai

Daniel logo disse que ia fazer um anjo. Pediu-me papel e canetinha e trabalhou sozinho. Inicialmente sentou-se na mesa, junto com os outros, mas depois passou a trabalhar afastado do grupo. Daniel interagiu com as crianças, alguns iam até ele, mas preferia trabalhar só. Acredito que ficava mais fácil para ele controlar a invasão dos outros quando estava afastado. Percebia isto quando Vinicius se aproximava e queria fazer um risco em seu trabalho. Daniel não batia, não reclamava, não me chamava, ele resolvia o problema tirando o papel do alcance de Vinicius. Daniel desenhou um anjo, disse que é o seu anjo. Recortou o anjo e o colou em uma folha, junto com outros recortes de nuvem e avião e foguete. Eu não tinha percebido por que estas coisas estavam juntas e Daniel me disse que estavam todos no céu. Confirmei e me desculpei pela minha falta de visão. Depois Daniel fez uma colagem de uma árvore de Natal rodeada por estrelas. Ele me chamou e disse que sabia fazer estrelas, me mostrando como se faz. Daniel fugia quando alguma criança se aproximava com o intuito de tocar em seu desenho. Ele não queria que as crianças, mais especificamente Vinicius, o rabiscassem sem a sua autorização. Daniel fez um canudo com o papel e brincou de auto-falante, logo foi imitado por Vinicius e Tatiana. Tatiana, em um determinado momento, iniciou uma provocação para atingir Daniel. Daniel correspondeu e começou a correr atrás dela. Interrompi Tatiana e pedi para parar com a provocação.

Tatiana iniciou a oficina tranquila. Pediu papel e canetinha. Desenhou Karina Perguntei se Karina estava triste ou feliz. Karina respondeu que estava feliz e Tatiana concordou. Karina mencionou que estava feliz com sua mãe e seus irmãos, mas não deu para saber do quê exatamente se tratava. José fez uma referência ao pai e ouvi Karina falar alto que ele tinha pai.

Tatiana pediu tesoura e recortou o desenho, depois o jogou no lixo. Pediu mais folha. Ela me disse que estava desenhando quadrados. Depois de desenhado, ela fez um recorte na folha. Jogou parte da folha fora e deixou exposta a outra parte. Tatiana pediu o brilho. Eu lhe disse que o brilho tinha acabado e lhe mostrei a caixa. Tatiana pegou a lantejoulas. Abriu o pacote sobre a mesa e as espalhou. Logo Karina se aproximou e levou consigo um pouco das lantejoulas. Tatiana não reclamou. Espalhou a lantejoulas sobre o trabalho de José, como dito anteriormente. Tatiana neste momento estava mais agitada; porém, estava mais afetiva nesta oficina. Aproximou-se de mim e me abraçou. Provocou Daniel e os dois correram pela sala. Interrompi. Tatiana pediu uma folha e desenhou uma aranha. No final estava com um canudo, brincando de auto-falante junto com Daniel e Vinicius. Tatiana preocupou-se em recolher algumas coisas que estavam espalhadas pelo chão e fez questão de dizer que estava ajudando. Vinicius foi o último a se decidir. Escolheu tinta e papel. Sua primeira atitude foi pintar a cadeira. Retirou a tinta e o papel, eu pedi para Tatiana não se sentar e pedi para Vinicius limpar a cadeira que havia sujado, como tínhamos combinado. Vinicius foi para um canto da sala, sentou-se e ameaçou chorar. Não chorou, mas ficou emburrado. Dei-lhe um pano úmido. Disse-lhe que não estava brava com ele, mas que tínhamos combinado que cada um limparia aquilo que sujasse. Assim que ele terminasse de limpar, eu lhe devolveria o material. Depois de um tempo, Vinicius limpou a cadeira e eu cumpri minha parte. Vinicius não sabia o que fazer. Passou tinta sobre a folha. Partiu para o trabalho dos outros, querendo pintá-los com o seu pincel. Eu disse para Vinicius não provocar e respeitar o trabalho do outro. Pedi que ele pensasse no que queria trabalhar. Vinicius pediu papel e canetinha. Repetiu a mesma atitude. Com a canetinha fez traços nos desenhos de José e Karina. Esta lhe devolveu, passando canetinha em seu cabelo, foi até Daniel e tentou rabiscar o seu desenho. Interrompi-o e perguntei se ele só sabia fazer algo daquela forma. Será que ele não podia fazer o seu próprio desenho? Vinicius parecia emburrado. Depois de um tempo foi para uma mesa e passou a fazer seu desenho. Disse que estava desenhando uma lua. Passou a maior parte do tempo se dedicando ao desenho e parou de interferir no trabalho dos outros. No final estava com o canudo auto-falante com Daniel e Tatiana.

Karina participou de nossa discussão inicial. Pediu papel e canetinha e começou a desenhar letras soltas. Perguntei o que estava escrevendo e ela não me respondeu. José me chamou de Estréla e Karina respondeu brava que não era Estréla, mas Estrela. Eu disse que iam continuar me chamando assim. Daniel soltou um estrela do mar. Pouco depois, Karina perguntou-me se eu preferia Estréla ou Estrela. Devolvi a pergunta e Karina diz que preferia Estrela, eu concordei com ela. Karina era uma criança mais agressiva. Geralmente suas provocações acabavam em brigas e ela acabava batendo em outra criança. Hoje tomou atitude mais agressiva com Vinicius. Karina e José estavam numa brincadeira arriscada, ambos se provocando, fazendo rabiscos na folha do outro, mas não chegaram a se agredir fisicamente. Karina ficou fazendo letras e rabiscos o tempo todo; quando percebia que estava mais irritada, riscava com força o plástico sobre a mesa. Karina parecia irritar-se consigo mesma. Estava desenhando as letras e parecia que algo não saía do jeito que queria. Ela ficava brava e rabiscava a folha. Eu disse que ela podia começar de novo, de um outro jeito, não precisando ficar tão irritada. Neste momento estávamos no final da oficina e eu disse para que eles fossem terminando o que estavam fazendo. Pedi que Karina fosse chamar a M. para buscá-los. Karina se irritou muito e começou a derrubar cadeiras e mesas. Pedi para Daniel chamar M. e me aproximei de Karina Segurei-a, envolvendo-a em meus braços e disse que estaríamos juntos novamente na semana seguinte. Quando M chegou, Karina ainda estava irritada, mas estava ajudando a colocar as coisas no lugar. Fui ajudá-la com o plástico e ela se irritou comigo. Deixei-a sozinha. M. pediu que as crianças limpassem e que se despedissem de mim com um beijo. Karina foi a última a sair.

Esta oficina transcorreu de um jeito muito mais tranqüilo. Pareceu que a limitação do material possibilitou recursos para que eles se organizassem melhor. Apesar da agressividade, acredito que as crianças puderam se controlar mais, com mais limite. Acredito que eu também consegui cuidar mais deles, focá-los, contê-los quando foi preciso. Talvez esta tenha sido uma primeira tentativa.

Encontro 7 – 19/05/03

José foi o primeiro a chegar. Trouxe-me um folheto (Nossa Senhora) dizendo que A. (um rapaz abrigado) tinha dado a ele, e que agora o estava dando a mim. Agradei e pedi para que José acompanhar uma funcionária e levar as outras crianças para o grupo. Em seguida chegou Daniel, que estava mais falante, parecia se sentir mais à vontade. Vinicius e José entraram na sala e as meninas foram as últimas a chegar. Todos estavam comendo maçãs. Ficamos conversando um pouco até que terminassem o lanche. Falamos sobre a escola. Daniel sabia dizer quantos anos Vinicius tinha e em que período escolar se encontrava. Vinicius passou o pedaço de sua maçã no plástico que estava pintado com canetinha. Um pedaço da maçã ficou azul. Ele se admirou e comeu o pedaço azul da maçã. José quis pegar mais cadeiras para se sentar. Ficou ao lado das cadeiras empilhadas, como se estivesse vigiando para que ninguém as pegasse primeiro. Karina, que também pegou cadeiras na semana anterior, não se interessou por elas nesta semana. Tatiana, logo que chegou, olhou em minha direção e me deu um abraço, que eu retribui – um abraço gostoso. Pedi que eles comessem tranqüilos: assim que fossem terminando, eu lhes forneceria o material.

José, foi o primeiro a acabar o lanche, pediu-me canetinhas e papel. Gostava, aliás, a maioria, de um tipo de sulfite colorida. Dei-lhe o que pediu, seguiu para uma das mesas e começou a trabalhar. Daniel e Karina também queriam o mesmo tipo de papel e canetinhas. A folha de sulfite colorida havia acabado e pedi para a substituírem por outra. Daniel escolheu uma folha grande, que estava em nossa pasta. Karina preferiu a folha de papel pardo. K quis uma folha inteira, sem recortes. Mas a maioria das folhas estava com um pedaço cortado. Karina não quis a folha “estragada”. Perguntei se podia fornecer-lhe metade de uma folha, pedaço onde não havia picotes. Karina concordou. Tatiana escolheu canetinhas e um pedaço de cartolina colorida. Vinicius não se decidiu.

Daniel logo abandonou seu desenho. Pediu que eu lhe desse um pedaço de tecido. Amarrou-o como uma capa. Vinicius o acompanhou e pediu o mesmo material. Juntos brincaram de super-heróis. Daniel era o “The flash” e Vinicius, o “Super-homem”. Os dois corriam pela sala. Em alguns momentos Vinicius perseguiu Daniel e vice-versa. Vinicius tentou participar do trabalho de outras crianças, mas não foi aceito. Optou por brincar com Daniel. Tudo que Daniel pedia, Vinicius repetia. Daniel queria outro tecido para amarrar na cabeça. Vinicius seguiu com o mesmo pedido. Um tecido era sempre usado como capa e o outro, como faixa na cabeça ou como espada. Por alguns instantes, quando o tecido virava espada, Daniel e Vinicius acabavam se utilizando de um pouco mais de força para bater em outras crianças. Disse-lhes que, se eles usassem a força, poderiam machucar outra criança e que eles poderiam brincar do mesmo jeito, não usando força, mas batendo de brincadeira, fazendo de conta. Daniel e Vinicius não questionaram e aceitaram, brincando com cuidado para não machucar ninguém. Em outro momento Vinicius caiu. Daniel logo se desculpou, dizendo-me que tinha sido sem querer. Vinicius chorou como um bebê. Fui até Vinicius, disse a ele que estava vestido com muitos panos e que havia um risco nesta brincadeira, de levar um tombo, tropeçando no próprio tecido. Repeti as desculpas de Daniel, pois achei que Vinicius não as tinha ouvido, por estar aos berros. Logo, o choro de Vinicius passou e ele voltou a correr.

Tatiana estava fazendo um desenho. Disse que estava desenhando Daniel e que ele estava sonhando com sua mãe. Nesse momento, falei a Daniel o que Tatiana tinha dito e Daniel

respondeu que não estava sonhando, mas estava tendo um pesadelo. Tatiana fez flores, que eram para a mãe de Daniel. Ela pediu-me cola. Recortou um pedaço do papel, usou muita cola para colar um pedaço do papel sobre o outro. Depois pediu massinha e a colou sobre as flores. Disse que as flores estavam escondidas. Tatiana realizava sua atividade sozinha. Estava tranquila. Riu, em alguns momentos, com as brincadeiras de Daniel e Vinicius. Irritou-se quando K pegou uma de suas canetinhas. Disse-lhe que Karina iria devolver-lhe o material. Karina o devolveu e Tatiana se acalmou. Tatiana ficou o tempo todo da oficina trabalhando neste desenho. Daniel desenhou uma estrela em um canto de sua folha. Tatiana não reclamou, mas recortou a estrela, tirando-a de seu trabalho.



Tatiana: sonho de Daniel

José tinha chamado minha atenção quando eu estava distribuindo os materiais. Estava desenhando pipas e pediu que eu as olhasse. José preferia me ter por perto. Pediu que eu posicionasse minha cadeira ao seu lado. Gostou que eu ficasse por perto. Terminando de desenhar as pipas, pediu que eu guardasse seu desenho, pois ele iria pintá-las logo em seguida. José e Karina começaram a pintar um desenho começado por Daniel. No início da oficina, Daniel havia me contado que na escola estavam cantando o Hino do Brasil. Daniel desenhou, antes de brincar com a capa, uma bandeira do Brasil. Daniel abandonou este desenho para brincar com Vinicius. J e Karina pintaram a bandeira. José pintou as margens do papel e Karina pintou o centro. Karina não permitiu que José interferisse no local onde estava pintando. José não se incomodou com as intromissões de Karina em sua pintura. Karina fez suas provocações, mas José não respondeu. Passou a canetinha onde José estava pintando. Karina riu alto, parecia um riso forçado. Daniel apareceu e pegou uma canetinha para fazer um desenho. José se irritou. Pedi para Daniel perguntar se José e Karina o autorizariam. Os dois concordaram. Daniel fez uma estrela. Karina a achou bonita. Repeti para Daniel o que Karina havia falado. Daniel perguntou se Karina tinha achado sua estrela realmente bonita e ela confirmou. Daniel voltou a brincar. José pintou a estrela de Daniel. Karina e José começaram uma brincadeira de rabiscar o trabalho do outro. Karina rabiscou a camiseta de José. José me chamou. Eu disse a Karina para não sujar a camiseta de José, pois nem M., nem as tias iriam gostar. Karina se pintou: braços e boca. Pedi suas canetinhas. Karina estava com a boca toda suja. As crianças apontavam, fazendo-me ver o que Karina tinha aprontado. Karina pediu-me para ir ao banheiro. Eu disse que ela poderia sair no final da nossa hora, já que tínhamos combinado que o banheiro seria utilizado antes e depois da oficina. Karina deu os ombros, como se não estivesse ligando para o que eu falava. Nesse momento fiquei

perdida. Karina me desafiava. Pensei que ela precisava de limites. Preferi ser rígida com ela, afirmando nossas regras. Será que fui rígida demais? Não sei. Karina passou a brincar com Daniel e Vinicius. Neste momento Karina já estava mais agressiva. A sensação que eu tinha era a de que Karina parecia uma panela de pressão que ia aumentando sua pressão no decorrer do tempo e que a qualquer momento tinha que estourar. Quando estava com José, percebia que as provocações iam aumentando, até que os dois começaram a bater com a ponta das canetinhas sobre o papel. Eu disse que a brincadeira iria acabar estragando as canetinhas que eles mesmos usavam. Karina deixou as canetinhas e seguiu para a brincadeira de Daniel e Vinicius. Karina correu atrás dos dois. Depois preferiram brincar de casinha. Daniel cobriu com os panos uma mesa, fazendo um lugar fechado, escondido. Perguntei sobre o que era a brincadeira. Karina respondeu que era “taradice”. Perguntei o que era “taradice” e ela me respondeu que era “passar a língua na perereca”. Por alguns instantes, Karina e Vinicius ficaram dentro da casinha. Parecia que Vinicius via ou queria ver o que Karina tinha, seu sexo. Karina disse, rindo, para Vinicius parar e logo saiu da casinha. José estava fazendo seu desenho. Disse que só ele e Tatiana não estavam bagunçando.

Após alguns momentos, José deixou o desenho e foi brincar com Daniel, Vinicius e Karina. Neste momento estavam pulando da mesa para o chão. Corriam pela sala. José subiu em uma mesa e começou a cantar. De início, cantou sozinho, eu não conseguia identificar a música. Depois cantaram “coelhinho da páscoa”, “parabéns a você”. Era a festa novamente, sem a tinta. Vinicius se pendurou nas bordas da janela para pular. Karina derrubou o lixo, espalhando a sujeira pelo chão. Eu disse para recolher, pois havíamos combinado a respeito da sujeira. Karina queria brincar. Eu disse que, depois de recolher a sujeira, voltaria a brincar. Contive-a com os braços. Esperava que se acalmasse. Quando a soltei Karina foi recolher o lixo. Eu a ajudei. Tatiana, depois que terminou seu desenho, pediu para que eu o guardasse. Tatiana começou a recolher as cadeiras, os materiais, a guardar as mesas e os plásticos. Enquanto os outros estavam correndo, Tatiana estava limpando a sala. Estávamos chegando ao final de nosso horário. As crianças estavam agitadas. Karina fez Vinicius cair. Este chorou novamente, ou melhor, urrou. Apaguei a luz. Sentei-me no chão e chamei as crianças para perto. Tatiana, Karina e Daniel se aproximaram. Eu disse baixinho que nosso horário estava terminando e que na semana seguinte nos encontraríamos de novo. Karina mordeu Tatiana em meu colo. Peço a Tatiana para chamar M., Karina quis ir junto. Eu disse que não havia necessidade. Nesse momento as mesas foram derrubadas, não só por Karina, mas também pelos outros. O lixo estava derrubado. Perguntei-lhes quem havia derrubado. Acusaram Karina, que negou. M. chegou e levou as crianças consigo. Karina ficou comigo para colocar o lixo no lugar. Enquanto eu ia arrumando a sala, Karina ficou encostada na parede. Disse que não iria limpar, porque não havia sido somente ela a fazer a sujeira. Depois disso, não falou mais comigo. Olhava fixamente para o nada, como se eu não estivesse ali. Percebi também que em alguns momentos, K, olhava para ver o que eu fazia. Quando eu estava terminando de arrumar a sala, Tatiana entrou na sala novamente e recolheu o lixo, como sua iniciativa. Eu disse a Karina que precisava ir embora. Tatiana havia esquecido seu chinelo. Eu disse a Karina que eu podia estar errada, pois não tinha visto exatamente quem havia virado o lixo, mas o resultado de tudo era que Tatiana tinha limpado a sujeira (Karina prestou atenção em Tatiana enquanto esta se encarregava da limpeza). Disse que não estava brava com ela e que tínhamos um combinado. Pedi que Karina levasse o chinelo de Tatiana. Karina não se manifestava, não me olhava, não me respondia. Estava com raiva. Eu disse que precisava ir embora. Avisei uma funcionária que Karina estaria subindo para a ala quando estivesse com vontade. Pedi para a funcionária levar o chinelo de Tatiana. Saí e fui conversar com a M. (psicóloga). M. saiu na tentativa de conversar com Karina e levá-la para o jantar. Vi Karina sentada no corredor, com a cabeça baixa. Vi uma funcionária conversando com ela e

convencendo-a subir para a ala e a tomar um banho. Ouvi a funcionária perguntando: o que aconteceu com a sua boca?

Quando já havia saído da instituição, lembrei-me do desenho de Tatiana que, com a confusão, eu havia deixado em cima do armário. Voltei para buscá-lo. Na instituição encontrei M., que me contou que Karina estava em sua sala para que se acalmasse, pois logo que subiu para sua ala, mordeu duas crianças, que revidaram suas mordidas. M. diz que Karina estava se acalmado. Já tinha parado de chorar e que subiria assim que tivesse passado a raiva. Depois que peguei o desenho, passei na sala de M. e vi Karina sentada no chão, com o mesmo olhar fixo, um olhar para o nada.

Duas observações: esta foi a segunda vez que observei José como aquele que “puxava” a cantoria, fazendo da bagunça uma festa. Outra questão é que, por diversas vezes, fomos interrompidos por crianças de fora que queriam entrar. No início da oficina apareceu uma criança pedindo mais informações. No decorrer da mesma, ouvimos várias vezes crianças batendo na porta.

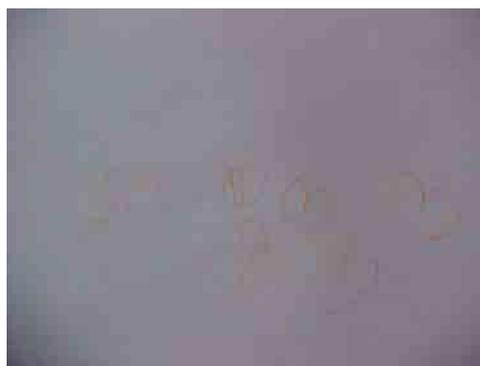
Encontro 8 – 26/05/03

Iniciamos a oficina dentro de um ambiente tranqüilo. As crianças se acomodaram nas mesas, ao meu redor e conversamos um pouco. Perguntei como haviam passado a semana. Daniel disse que estava ótimo. Tatiana e José também disseram que estavam bem. Karina balançou a cabeça num sinal positivo e Vinicius não respondeu (quem respondia por ele era Daniel). Daniel perguntou-me sobre os panos, se estavam guardados e eu disse que sim. Daniel foi o primeiro a pedir-me folha de sulfite branca. (Como as folhas de sulfite coloridas haviam acabado, eu providenciei folhas brancas) As outras crianças também pediram folha e eu as atendi. Tatiana estava com um potinho com água e sabão para fazer bolhas. Perguntei a ela se gostaria de guardar o potinho para usar a folha de sulfite. Tatiana concordou. Sem muitos problemas eles se decidiram por lápis-de-cor, giz-de-cera e canetinhas. Sentaram-se nas mesas e começaram a desenhar. Surpreendi-me com a tranqüilidade inicial e procurei acentuá-la, mantendo meu tom de voz baixo e reafirmando positivamente as atitudes de companheirismo. Daniel tinha uma peça de brinquedo em suas mãos. Utilizou a peça como régua e fez o seu desenho. Comparado aos demais, seu desenho era o mais estruturado e continha elementos que integravam um terceiro elemento. Em seu primeiro trabalho, desenhou uma menina, ao lado um coração, em cima a grama, o brinquedo, as nuvens, o vento (o verde entre as nuvens e o sol) e o sol. No segundo desenho, Daniel fez duas pessoas, um menino e uma menina, corações, sendo que um deles estava com a flecha do cupido, uma casa com sol e nuvens. Pedi-lhe que me falasse sobre o desenho. Fui perguntando sobre o que havia feito e Daniel foi me respondendo. As duas pessoas eram irmãos que moravam na casa com seu pai e sua mãe. Daniel disse que havia feito este desenho para a sua mãe.



Produção de Daniel

Tatiana estava sentada ao meu lado e fazia desenhos muito elementares. Quando perguntei sobre eles, ela me diz que um era o feio e o outro era bonito, sem nomeá-los como representantes de alguma coisa. Pedi mais folhas e realizou desenhos. Disse-me que eram do McDonalds e os outros eram nuvens. Preencheu uma folha inteira com traçados e pediu para Daniel nomeá-las. Daniel respondeu que eram nuvens. Somente no quarto desenho Tatiana disse-me que havia feito uma maçã. Tatiana ficou a maior parte do tempo fazendo seus desenhos na mesa. O último desenho, ela o fez afastada do grupo. Tatiana estava com o lápis-de-cor e não queria emprestá-lo a ninguém. Orientei sobre a divisão do material. Nos momentos que eu intervinha, Tatiana os emprestava sem muita vontade. Quando se afastou da mesa, as crianças acabaram utilizando o lápis-de-cor e, quando voltou, Tatiana se irritou por ver os lápis nas mãos de outras crianças. Irritou-se, jogou sua folha e o lápis no chão e ameaçou bater nas crianças. Eu a impedi e disse que o material estava lá para ser usado por todos. Tatiana não voltou para a mesa de trabalho. Foi para a porta da sala e ficou jogando seu corpo contra a porta. Escalou a porta. Fui até ela e a retirei. Tatiana disse que queria ir embora. Eu disse que ela poderia ir, mas que não voltaria para a oficina. Tatiana concordou comigo e eu a deixei sair. Ao deixá-la sair, pensei na hipótese de que Tatiana estava se utilizando de um outro recurso para controlar sua agressividade. Se não dava para ficar naquele ambiente, naquelas condições, preferia se retirar, até para não agredir ninguém. Avisei uma funcionária que Tatiana tinha saído e esta me disse que Tatiana já havia subido para sua ala.



Produções de Tatiana



José estava em uma mesa concentrado em seu desenho. Disse que havia desenhado um homem que estava com raiva e que iria matar outros homens que o chamaram de borboleta. Perguntei o que era ser borboleta e José não me respondeu. Ao lado do homem havia uma aranha que comia pessoas. Ela já havia comido uma pessoa. José seguiu com seus desenhos. Pedi que eu segurasse os lápis-de-cor e que eu desse a ele as cores que solicitava. Participei

de seu jogo e percebi que José se sentia acolhido com esta brincadeira. Dê a mim o que te peço. Ficamos neste jogo por um tempo, até mudarmos para outro.



José: homem com raiva



Produção de José

Karina estava mais calma nesta oficina. Sentou-se numa cadeira localizada em minha frente. Disse que iria fazer corações. Desenhou um coração, um sol e uma casa. Vinicius imitou seu desenho, fazendo um coração. Karina se irritou dizendo que Vinicius estava copiando seu desenho. Eu disse que ele copiava porque gostava de seu desenho. Karina repetiu minhas palavras dizendo que Vinicius gostava de seu desenho. Falava que o desenho de Vinicius não se parecia com o seu e que ele não sabia fazer corações. Perguntei se Karina queria desenhar um coração para Vinicius. Vinicius lhe deu sua folha e Karina desenhou um coração. Karina desenhou uma casa. Era sua casa, onde morava com a irmã, com a mãe, a avó e o tio. Tatiana e Vinicius começaram uma invasão, marcando com a ponta do lápis os seus lugares na casa que Karina estava desenhando, a sua casa. Karina se sentiu invadida. Retirei o desenho e disse para Vinicius e Tatiana não mexerem no desenho de Karina sem sua autorização. Após um tempinho, devolvi o desenho a Karina, que continuou seu trabalho. No momento em que eu estava cuidando de Tatiana, retirando-a da porta, Vinicius bateu com a cadeira em Karina, que revidou atingindo Vinicius com o lápis no rosto. Vinicius chorou. Perguntei o que havia acontecido e Karina disse que Vinicius tinha batido nela. Confirmei a história com Vinicius e ele parou de chorar. Em um outro momento, em alguns minutos em que eu me dedicava a outra criança, Vinicius acertou a cadeira na cabeça de Karina, que se machucou. Karina saiu da oficina para fazer um curativo. Vinicius quis ir embora. Eu disse que ele havia machucado alguém e que sua raiva tinha ficado fora do controle. Dessa forma ficaríamos na sala e tentaríamos nos acalmar.



Karina: casa

Depois que Karina saiu, Vinicius sentou-se à mesa e desenhou. Disse que desenhou uma menina e que ela estava com raiva. Não se podia falar nada com esta menina porque ela ficava

com raiva e batia. Do outro lado tinha um menino que também estava com raiva (Vinicius me mostrou com seu corpo como ficava um menino que sentia raiva. Vinicius ficou parado, rígido, olhando para baixo, fazendo bico com os lábios, exatamente como fazia quando era contrariado). No meio havia um amigo que estava parado de braços abertos. Após este desenho, Vinicius foi até Daniel, que estava brincando com o tecido e pedia para entrar na brincadeira.



Vinicius: abaixo menina e menino com raiva

Daniel estava brincando de casinha. Vinicius e José entram na brincadeira e eu também. Pediram que eu os encontrasse. Fui até as mesas (eles estavam escondidos por baixo das mesas, cobertos por panos). Bati em uma das mesas e perguntei se alguém morava lá. Daniel respondeu que era o coelho e José disse que lá eles davam ovos. Repetiu-se a brincadeira por três ou quatro vezes. As crianças pegaram os lápis e os faziam de ovos, dando-os de presente a mim.

Para encerrar a oficina, apaguei a luz, dizendo que estava na hora de irmos embora e que nos encontraríamos na semana seguinte. Eu disse que teria um jogo para jogar com eles. Dividi uma folha de sulfite em 21 pedaços, fazendo com que cada um ficasse com sete pedaços de papel. Pedi que cada um fizesse uma marca em cada pedacinho e contei-lhes como era o jogo. Combinei com eles que toda a noite eles teriam que se desfazer de um papel. Quando eles acabassem, seria novamente o dia de nosso encontro. Não sabia se o jogo iria funcionar, mas aquele dia tinha sido o primeiro em que havíamos conseguido finalizar a oficina.

Terminada a oficina fui ver Karina. Ela estava na sala de M., com curativo feito, esperando por M., que queria se encontrar comigo. Tatiana estava na mesma sala, de castigo, pois havia quebrado o vidro da porta de sua ala e esperava por M.. A história que me foi contada é que Tatiana subiu para sua ala e começou a bater na porta, o que culminou no vidro quebrado. Tatiana veio em minha direção, eu lhe disse que ela teria que se responsabilizar pelo que havia feito na instituição e que deveria esperar para conversar com a pessoa responsável. Pedi a Karina para sair da sala e conversar comigo. Karina, meio desconfiada, não aceitou a princípio. Disse-lhe que queria conversar. Ela concordou e fomos para a recepção (não havia lugares privativos). Sentou-se longe de mim. Eu lhe disse que não ia dar bronca, mas que queria apenas conversar. Karina, num pulo, se aproximou de mim. Disse-lhe que percebi como ela evitava tomar uma atitude mais agressiva quando a provocavam. Eu sabia que também as coisas tinham um limite e que Vinicius tinha ultrapassado o seu. Eu sabia que, mesmo após ter atingido Vinicius com o lápis, ela havia tentado se segurar. Vinicius deixou uma marca em sua cabeça e Karina deixou uma marca no rosto de Vinicius.

Encontro 9 – 02/06/03

Encontramo-nos na sala. Inicialmente chegaram Vinicius, Daniel, e José. Logo depois, Karina e Tatiana. Eu disse que hoje faríamos uma oficina diferente. Elaborei um sorteio com cinco papeletes. Dois deles continham uma marca azul e os outros três, uma marca amarela. As marcas significavam a formação de pequenos grupos. Não foi difícil chegar a este acordo com eles. Fizemos o sorteio e combinamos que a dupla azul ficaria comigo das 15:15 às 16:15 e que o trio viria para a oficina às 16:30, permanecendo em atividade até às 17:30. Alguns questionaram por que não seriam os primeiros. Voltei a explicar o sistema e eles concordaram. Disse que experimentaríamos este arranjo e analisaríamos juntos depois.

A primeira dupla foi Karina e Daniel. Os dois estavam tranquilos. Logo que cheguei, encontrei a psicóloga do Abrigo, que disse-me que Karina havia passado uma semana muito tranquila, que não havia mordido ninguém e que, por bom comportamento, havia merecido o passeio com as outras crianças. Brinquei com Karina e perguntei-lhe como havia sido a semana, que parecia ter sido uma semana diferente. Karina riu, mas não me disse o que havia acontecido. Disse que faríamos uma atividade diferente. Aprenderíamos a misturar cores. Com as tintas azul, amarela, vermelha e branca fomos misturando as cores para fazer o laranja, o verde etc. Sugeri as primeiras misturas, depois eles experimentaram por si mesmos. Daniel fez suas experimentações de um jeito muito organizado, dividindo a folha em retângulos coloridos.



Produção de Daniel

Karina fez manchas. Gosta do rosa. Decidiu por pintar a folha de rosa, sua cor preferida. No final da oficina, Karina começou a passar amarelo por cima do rosa, cobrindo a cor de baixo. Eu disse a Karina que ela estava cobrindo o rosa, a cor de que mais gostava para deixar por cima uma cor que ela não gostava tanto. Disse que ela se parecia com uma menina que eu conhecia, da qual as pessoas só conheciam uma cor, mas a cor de que ela mais gostava ficava escondida. Karina riu e não respondeu.



Produção de Karina

Pedi que eu guardasse o seu desenho. Karina se deteve nesta atividade praticamente o tempo todo. Preferiu não brincar com Daniel ou fazer outros desenhos. Depois de fazer seus retângulos coloridos, Daniel me perguntou se não íamos desenhar. Disse que, se ele quisesse, podia mudar de atividade. Daniel usou as tintas para fazer o seu desenho. Primeiro fez uma borboleta, disse que tinha ficado feia e jogou fora. Fez novamente a borboleta. Perguntei o que fazia a borboleta. Daniel disse que a borboleta estava no céu, que ela gostava de brincar no céu. (Neste momento veio à minha lembrança a queixa de Daniel feita pela psicóloga: ele não se concentrava, estava sempre nas nuvens, viajando). Eu não disse nada. O próximo desenho de Daniel foi uma bandeira do Brasil. Nada falou a respeito.



Daniel: acima – borboleta; abaixo bandeira

Daniel quis brincar com os panos. Ele cobriu algumas carteiras e a impressão que se tinha era a de um túnel. Daniel quis ser achado, olhou pelas frestas dos panos, fazia barulhos. Brinquei com Karina dizendo que tinha alguém escondido na sala. Quem seria? Karina riu e disse outro nome de criança. Duvidei. Daniel mostrou sua cara. Descobri-o e disse-lhe que o havia achado. Daniel divertia-se. Brincamos desta forma por mais algumas vezes. Durante este horário, Karina perguntou-me algumas vezes sobre qual era o desenho mais bonito e com quem eu preferia ficar.

No horário seguinte me reuni com Vinicius, José e Tatiana. Vinicius chegou reclamando. Estava com sono, queria brincar no pátio com Daniel Disse para ele escolher entrar ou ficar no pátio. Se ele quisesse dormir, ele poderia. José e Tatiana entraram correndo e foram logo para a mesa. Vinicius foi para um tecido estendido no chão e deitou-se. José logo foi pegando para si o pote de tinta vermelha. Eu disse que faríamos uma atividade diferente e que José não ficaria somente com um pote de tinta. Quando iniciamos o processo de mistura das tintas, Vinicius se aproximou. Os três passaram a experimentar as possibilidades de cores. Vinicius se virou bem com as tintas e com os pincéis. Senti que ele estava à vontade para brincar com a tinta, sem precisar se preocupar com o desenho do outro.



Trabalho de Tatiana



Trabalho de Vinicius



Trabalho de José

Logo que Tatiana e Vinicius terminaram suas misturas pediram folha, lápis e canetinhas. Tatiana saiu da mesa, para ir para um canto afastado. Chamei-a para perto de nós e ela sentou-se bem próxima a mim. Sentei-me no chão e fiquei olhando o que todos faziam. Vinicius quis lápis e quis sentar-se com Tatiana. Pedi que ele perguntasse a ela. Tatiana aceitou. Vinicius usou o lápis preto, HB. Ele desenhou um menino, diz que é ele mesmo, mas que não sabia fazer a boca. Pedi que ele experimentasse e logo ele veio me mostrar seu desenho com boca. Disse a ele: quem disse que você não consegue?



Trabalho de Vinicius: o menino deitado e a porta

José foi o último a se aproximar do grupo. Sentou-se conosco e iniciou seu desenho. Tatiana disse que seu primeiro desenho era um balde com olhos, nariz, boca, pernas e braços. Ele jogava o lápis no chão quando queria fazer manha.



Tatiana: balde

Depois ela desenhou um presente que queria dar para mim. Desejava recortar o presente para me dar. Eu disse que estava agradecida com o seu presente. Vinicius e José também fizeram presentes para me dar, seguidos por Tatiana. José desenhou uma caixa, e dentro havia uma pipa. Pediu que eu pegasse a pipa e a soltasse. Fiz o gesto que me pediu. Ele riu.



Trabalho de Tatiana: o presente, a mochila e a porta

Vinicius desenhou um quadrado com canetinha preta e tentou apagar. Eu lhe disse que canetinha não se apagava com a borracha, mas o lápis sim. Vinicius começou a apagar alguns riscos feitos de lápis. Olhou-me satisfeito, dizendo que estava apagando. Disse-lhe que ele podia consertar o que não tinha gostado. Tatiana desenhou uma mochila com lápis-de-cor, canetinha e folha. Estas coisas estavam guardadas dentro da pasta. Ao lado desenhou uma porta. Perguntei o que havia depois da porta. Tatiana disse que o bicho do mar estava lá dentro e que ela tinha as chaves. Eu disse que era ela quem controlava o bicho do mar. José e Vinicius estavam interessados em nossa conversa e desenharam portas.

José falou que tinha lobo atrás da porta, que atacava de noite, e Vinicius falou do lobo-mau. Tatiana disse que temos que falar baixo para não acordarmos os monstros. Passamos a cochichar. Tatiana achou engraçada a situação e disse que era mentira. José e Vinicius queriam continuar a brincadeira e permaneceram falando baixinho. Neste momento estávamos terminando o nosso horário. Eu lhes disse que eles poderiam deixar os monstros deles comigo, para irem embora.



Trabalho de José: a pipa e a porta

Como última atividade para os dois grupos, levei uma fita. Nesta fita, dei sete nós. Disse-lhes que aquela era a nossa fita. Antes de dormir eles teriam que desatar um nó. Quando todos os nós fossem desatados, ficaríamos juntos novamente, em nosso próximo encontro.

Esta oficina foi muito boa, produtiva. Senti que eles estavam mais à vontade para produzir, experimentar, e pude de certa forma estar mais perto de cada um deles. Não me senti cansada, nem impotente.

Após a oficina encontrei-me com a psicóloga do Abrigo, que veio dizer-me que, após a oficina, Karina ficou muito tempo a seu lado, fazendo carinho em seus cabelos. M. disse a Karina que ela estava fazendo carinho. Karina não admitia. As duas conversaram. M. sentiu uma aproximação de Karina sem agressão, cuidadosa. Uma outra funcionária comentou que Tatiana também estava diferente, que passou pela secretaria e beijou todas as pessoas.

M. contou-me ainda que a VIJ liberou visitas dos pais às crianças do Abrigo. A mãe de Vinicius esteve no Abrigo e M. disse que ficou muito surpresa com a reação dela. Contou que a mãe não se aproximou de Vinicius nem o tocou. Vinicius ficou parado, emudecido. M. sugeriu a aproximação entre ambos. Vinicius aproximou-se. A mãe pediu que Vinicius se sentasse ao seu lado e disse que Vinicius não conhecia seu irmão (um bebê que estava junto a ela). A mãe colocou o bebê no colo de Vinicius e este não se moveu. M. disse que conversou rapidamente com a mãe. Relatou que ela era garota de programa e que não sabia quem é o pai de Vinicius. Quando Vinicius nasceu, ela teve problemas psiquiátricos e não tinha condições de cuidar de seu filho. Chegou a bater nele. Disse que agora estava em condições psicológicas normais para cuidar de Vinicius

Daniel também recebeu a visita dos pais. M. teve a impressão de que o pai de Daniel tinha problemas psiquiátricos. A mãe teve um contato melhor com Daniel. Trouxe-lhe bolacha e queria deixar algum dinheiro, mas foram orientados para não fazê-lo devido às possíveis confusões com outras crianças. A irmã de Daniel não reconheceu a mãe, não falou com ela. Daniel teve um bom contato.

Encontro 10 – 09/06/2003

Iniciamos a oficina com o sorteio. Estávamos com as luzes apagadas. Tatiana e Vinicius foram sorteados para ficarem no primeiro horário, das 15:00 às 16:00. Karina não gostou de ter ficado para o segundo horário. Choramingou, e eu disse-lhe que havíamos combinado desta forma e que, inclusive, na semana anterior, ela mesma tinha aprovado a mudança. José saiu sem problemas, voltou para a ala. Daniel chegou bem depois do sorteio. Tivemos que fazer o sorteio sem ele porque todas as outras crianças haviam chegado e nosso tempo estava correndo. Daniel também não gostou muito. Reclamou e preferiu ficar do lado de fora da sala, no pátio. Daniel inicialmente bateu a porta, subiu pela janela do lado de fora, dizendo que tinha algo para mim. Disse-lhe para entregar-me em nosso horário, às quatro horas. Daniel jogou uma tesoura e um apontador para dentro de nossa sala. A tesoura foi recolhida por Tatiana, que a usou para fazer seu trabalho. Depois deste evento, Daniel não nos chamou mais. Karina ficou paralisada do lado de fora de nossa sala, não conversou comigo. Retomei nosso combinado, mas ela não respondeu. Deixei-a ficar do lado de fora. Expliquei que ela poderia esperar ali, caso assim tivesse escolhido.

Tatiana pediu para que eu visse como ela estava. Tatiana estava de banho tomado e com roupa de “passeio”. Perguntei onde ela iria e Tatiana respondeu que iria ver sua mãe. Tatiana pediu folhas e canetinhas. Desenhou um sorvete. Aliás, desenhou sorvetes na maior parte do tempo. Depois de ter terminado seu desenho, colou-o na parede com durex. Eu a auxiliei no corte da fita e ela colou muito durex em seu desenho. Seu sorvete era todo cor-de-rosa. Praticamente só usou esta cor. Em um dos desenhos sugeri que pintasse a casquinha com uma cor diferente e perguntei sobre o sabor do sorvete. Tatiana disse que era sabor maçã. Perguntei qual a cor da maçã e ela respondeu que era vermelha. Sugeri que pintasse a bola do sorvete de vermelho. Tatiana tentou pintar, mas as canetinhas estavam com as pontas estragadas. Perguntei se ela podia usar o giz-de-cera. Ela preferiu a canetinha cor de laranja. Em um dos seus trabalhos,

desenhou um “bingulinho”, referindo-se ao genital masculino. Disse que tinham “bingulinho” os meninos que fazem xixi na cama e apontou para Vinicius. Perguntei se Tatiana fazia xixi na cama. Ela respondeu que não porque era uma menina grande. Tatiana chegou amorosa para a oficina. Com o passar do tempo, quase ao final de nosso encontro, percebi que seu humor ia se alterando. Havia riscado seu braço com a canetinha. Atitude estranha para quem se mostrava arrumada e limpa no começo da oficina. Sua última atividade foi a de desenhar sua mão em uma folha. Perguntei se eu podia fazer o contorno de sua mão e ela aceitou com prazer. Antes de sair da sala, pediu para colar seu trabalho na parede. Todos os seus desenhos ficaram colados na parede com durex.

Vinicius quase não levava assuntos para conversarmos. Esperava Tatiana escolher o material. Vinicius escolheu a folha branca e canetinha, o mesmo material usado por Tatiana. Inicialmente Vinicius fez rabiscos com a canetinha azul em sua folha. Perguntei o que significava e Vinicius não respondeu. Mostrou-me depois o número um, que havia desenhado em sua folha. Vinicius também pediu durex para colar o seu desenho. Tentou ele mesmo tirar um pedaço da fita e não conseguiu. Perguntei se podia ajudá-lo e ele aceitou. Foi para a parede e tentou colar o seu desenho, como Tatiana. Atrapalhou-se e não conseguiu fixar o desenho. Sugeri que ele pedisse ajuda a Tatiana. Tatiana foi até o desenho dele e o colou. Tatiana pediu durex e Vinicius foi até mim e levou os pedaços de durex para Tatiana. Logo depois iniciaram uma competição de colar o durex sobre os desenhos. Cada um deles foi até mim e foram pegando pedaços de durex. Corriam até o desenho, colavam o durex e voltavam para pegar mais. Tatiana perguntou se o durex estava acabando. Eu disse que não e perguntei se era para acabar. Tatiana respondeu que não. Iniciou-se uma pequena competição, diziam que era de corrida. Nessa brincadeira, iniciaram outra. Cantarolavam uma canção e, terminando a música, tinham que ficar imobilizados, como estátuas, sem falar. Tatiana sempre disse que era Vinicius quem se mexia primeiro. Tatiana pediu o último pedaço de durex. Disse que, se Vinicius quisesse, ele também teria direito. Tatiana pegou o seu pedaço e colou em meu nariz. Retirou a fita com cuidado e perguntou se tinha doido. Respondi que não. Ela colou posteriormente este pedaço em seu desenho. Vinicius fez o mesmo. Vinicius pediu uma tela. Perguntei se ele já havia decidido o que ia fazer na tela. Vinicius pensou um pouco e disse que ia fazer um sorvete. Eu disse que ele ia fazer o mesmo desenho de Tatiana. Vinicius não respondeu. Vinicius pingou sobre a tela tinta plástica, imitando a atitude de Tatiana. Vinicius espalhou a tinta sobre a tela. Com uma tesoura, fez um picote na folha de Tatiana. Tatiana ficou brava e ameaçou revidar, segurei o seu braço e disse para continuar seu trabalho. Tatiana disse que estava feio, amassou a folha e pediu outra. Vinicius tentou marcar a folha de Tatiana com a tinta. Segurei seu braço e disse que ele estava provocando para que Tatiana respondesse à sua provocação. Vinicius foi até o desenho de Tatiana, que estava grudado na parede, e fez sua marca com a tinta. Tatiana viu e lhe disse que Vinicius precisava fazer isto para ser reconhecido por ela. Propus que continuasse seu trabalho. Tatiana aceita. Vinicius fez algumas outras tentativas para provocar Tatiana mas não conseguiu nenhuma reação. Vinicius voltou para seu trabalho. Suas mãos e blusa estavam sujas de tinta. Vinicius tentou tirar a tinta seca de sua mão. Vinicius não queria mais a tinta, mas as canetinhas que Tatiana estava usando, principalmente a canetinha cor-de-rosa, a preferida de Tatiana nesta oficina. Tatiana se irritou quando Vinicius pegou a canetinha cor-de-rosa. Sugeri que Tatiana usasse outra cor, já que seu sorvete estava todo de uma mesma cor. Tatiana usou a cor laranja. Vinicius fez um sorvete no verso da tela. Tatiana fez o contorno de sua mão. Vinicius fez o mesmo.

Karina foi a primeira a chegar. Sentou-se e pediu folha e lápis-de-cor. Disse que faria uma casa “corpo-cor”. Perguntei o que significava e ela me mostrou seu desenho; tratava-se de um desenho cujo o contorno era composto por diversas cores, um tracejado colorido. Karina também pintou seu desenho de várias cores. Pediu a Daniel que fizesse uma estrela colorida.

Posteriormente, Karina acabou incorporando a estrela junto ao desenho da casa. Era a casa onde sua irmã morava com sua mãe, sua avó, seu tio e uma mulher. Ela daria esta casa a M. (psicóloga do Abrigo). Karina passou a oficina concentrada em seu trabalho. Não se envolveu com outras brincadeiras sugeridas por Daniel. Chegou a rir com José, que sentou-se a sua frente, houve algumas provocações, mas não houve trocas de ofensas ou agressões físicas. Karina quis levar seu desenho para dá-lo de presente a M.

José pediu-me folha vermelha. Fomos até a pasta com folhas diversas e ele escolheu um pedaço de papel camurça. A folha era grande e estava com um pedaço recortado. José olhou para mim e disse que a folha estava rasgada. Eu disse que ele podia aproveitar o pedaço que não estava rasgado, podia recortar o pedaço que ia usar. José aceitou e, com a tesoura, recortou um pedaço pequeno. Eu lhe disse que ele parecia gostar de vermelho, pois sempre pedia algo nesta cor: tinta, canetinha, e agora o papel. José falou algumas coisas que não consigo entender. Karina ficou brava e disse que ele tinha que falar direito. Daniel disse que ele gostava de vermelho porque José era o “Power-ranger vermelho”. Olhei para José e ele afirmou com a cabeça. José escreveu seu nome no verso da folha. Fez pintinhas na folha e perguntei o que eram. José disse que era catapora. Perguntei a ele se tinha tido catapora. José disse que sim e que as pintinhas eram brancas (as pintinhas que ele fazia eram pretas). Perguntei quem havia cuidado dele quando estava com catapora. Ele levantou os ombros, sem me dizer a resposta. Perguntei quem cuidava dele agora e ele me disse que era a “Pretinha” (José se referia à pessoa com carinho). José foi aos poucos deixando de fazer as pintinhas com leves toques, para bater a ponta da canetinha com força sobre o papel. Daniel disse a José o modo correto de se fazer e Daniel bateu rapidamente a ponta da canetinha, fazendo rapidamente várias pintinhas. José virou o papel e percebeu que a tinta da canetinha tinha vazado para o outro lado da folha, o lado vermelho. O papel camurça ficou vermelho, com manchas pretas. José foi até a parede e colou seu desenho com a própria aderência da tinta. José me chamou, me mostrou. Ele tirou o papel e deixou a parede marcada com tinta. Sugeri que limpasse a parede, conforme havíamos combinado. José fez ele mesmo o serviço. Pediu uma folha branca e giz-de-cera. Separamos juntos os giz-de-cera que estavam misturados com as canetinhas. Notei que José sentiu prazer quando o ajudei em algumas tarefas. Tive a impressão que ele se tornava um bebê: sua fala mudava (tornava-se mais infantilizada, seus gestos mais delicados). Depois de separados os lápis. José fez seu desenho. Começou pelo seu nome. Sempre me chamava para ver seu nome escrito por ele. Detinha-se no desenho dele mesmo. Desenhou uma figura humana com quatro braços. Daniel disse que existia um bicho com quatro braços e o desenhou em uma folha de camurça com o lápis branco. Karina disse que era mentira e que este bicho não existia. Quando questionei José a respeito dos braços, José disse que o que valia era o braço maior. Terminado o desenho, José recortou o papel, deixando ao centro o desenho do homem (ele mesmo, como disse). José pintou os desenhos que fez. Usou cores diversas. Depois de terminar este trabalho, aceitou o convite de Daniel para brincar com ele de casinha.

Daniel chegou em nossa sala perguntando sobre a tesoura e o apontador que havia jogado quando estava lá fora. Eu disse que não sabia do apontador, mas a tesoura havia sido usada por Tatiana. (Daniel ficou para o segundo horário. Durante o atendimento da primeira dupla, Daniel escalou a parede que dá acesso às janelas e dizia que havia trazido algo para mim. Disse a ele que poderia me entregar em seu horário e repeti a hora marcada. Daniel jogou pela janela aquilo que queria me entregar, sua tesoura e o apontador.) Daniel inicialmente pegou o papel camurça preto. Recortou um pedaço com sua tesoura, dizendo que iria deixar para o grupo. Daniel quis o tecido vermelho. Amarrou o tecido como uma capa e um pedaço de papel camurça na testa. Daniel foi me pedindo aos poucos os outros tecidos: branco, amarelo, azul, o tule branco. Pediu ajuda para colocar uma mesa sobre a outra. Daniel usou os tecidos para cobrir os vãos entre as mesas formando uma casa, um buraco. Daniel brincava de ser

mágico. Ele entrou por um lugar (um buraco entre os tecidos) e saía pelo outro. Disse que era mágico. Eu disse que ele aparecia e desaparecia com muita rapidez. Ele sorriu. Perguntou-me se eu adivinhava por onde iria aparecer. Apontei um lugar e ele apareceu por outro. Eu disse que ia adivinhar onde ele estava. Do lado de fora, vi a sombra de Daniel. Apontei e disse: achei. Daniel divertia com a brincadeira. Fui me dividindo entre a solicitação de José e de Daniel. Daniel foi desenhar um pouco, sentia falta de alguém para brincar com ele. Perguntou se José não queria brincar, mas José estava envolvido com seu desenho. Nos momentos finais, José resolveu brincar com Daniel José perguntou se íamos brincar de coelhinho. Daniel não impôs sua brincadeira para José. Aceitou o outro jeito de José brincar.

Quando disse ao segundo grupo que estávamos terminando, José foi correndo apagar a luz da sala. Karina não havia terminado seu desenho e acendeu a luz novamente. Eu disse que nos encontraríamos na semana seguinte. Karina foi terminando seu desenho e pudemos ficar com a luz apagada. No começo da oficina eu tinha perguntado sobre a fita verde que tinha deixado com eles na semana passada. Um disse que perdeu, o outro que a tia guardou. Disse que nesta semana ficaríamos ligados de outra forma, através de uma pulseira. Amarrei um pedacinho de barbante em cada pulso. Karina não aceitou a pulseira.

Encontro 11 – 16/06/03

Iniciamos a oficina com o sorteio. Não tive dificuldades de reunir as crianças para isso. Eu me referia às dificuldades provenientes da própria concentração do grupo. Se pensarmos nos encontros anteriores, o início, bem como o final de cada oficina, eram complicados. Parecia que começávamos a delinear um começo, um meio e um fim de cada encontro. Nosso início estava sendo marcado pelo sorteio e pelas luzes apagadas. Fizemos o sorteio na penumbra. Acredito que utilizar este dispositivo ajudou-me a manter as crianças envolvidas com este primeiro acontecimento: o sorteio. Reafirmei as regras para ele. Quem tirasse o papel marcado com um X ficaria para o primeiro período e quem saísse com o círculo, ficaria para o segundo. Tatiana e José foram sorteados para o primeiro horário. Mesmo após ter reafirmado nosso acordo com o sorteio, Karina, Vinicius e Daniel ficaram decepcionados. Vinicius fez cara de choro, Daniel ficou bravo e rasgou seu papel e Karina permaneceu sentada, negando-se a voltar depois de uma hora. Voltei a falar de nosso acordo e lhes disse que, quanto mais demorassem para voltar para suas alas, mais retardado seria o nosso encontro. Vinicius e Daniel saíram da sala, Karina ainda resistiu mas foi chamada pelos outros integrantes, para voltarem depois. Karina se levantou e eu reafirmei o horário de nosso encontro. Depois que saíram, fechei a porta da sala para começar com as crianças que tinham ficado. Logo fomos interrompidos e M.(psicóloga do Abrigo) me disse que Karina estava no pátio. Eu expliquei sobre o sorteio e Karina seguiu com M.

Os materiais estavam dispostos sobre as mesas. Tatiana pegou folha e canetinhas. Desenhou uma maçã e uma linha. Em uma das pontas destas linhas havia um coração (foi José que sugeriu esta imagem e que foi aceita por Tatiana). Perguntei o que havia no final da linha e Tatiana não sabia o que responder. Tatiana perguntou-me sobre seus trabalhos. Eu disse que estavam na caixa. Ela se dirigiu até lá e começou a retirar todos os trabalhos da caixa. Sentei-me ao seu lado e a ajudei a procurar o que era seu. Percebi que Tatiana ficou satisfeita ao reconhecer seus trabalhos. Nem todos reconheceu como seus, dizendo que os feios eram de Vinicius. Tatiana elogiou alguns deles, principalmente os de Daniel. Sugeri que poderíamos marcar os seus com a sua assinatura, assim ficaria mais fácil reconhecê-los. Tatiana gostou da idéia. Disse que seu nome começava com A e, desta maneira, marcou seus trabalhos com canetinha. Depois de devidamente assinados, guardamos os trabalhos novamente na caixa. Tatiana pediu-me tinta. Coloquei à sua disposição as tintas amarela, vermelha e azul. Tatiana quis fazer misturas. Fez um círculo com a tinta. Até misturar a cor seguinte, a tinta já havia

secado e a mistura tornou-se dificultada. Ela se satisfez com a mistura que aconteceu na água, quando foi limpar os pincéis. Tatiana mostrou-me a cor da água. Mesmo com a tinta sobre o papel mais ressecada, Tatiana conseguiu obter uma mistura verde e preencheu, na forma de um borrão, parte da folha. Seguiu até a mesa onde estavam dispostos os materiais e pegou fios coloridos. Ela aproveitou a tinta molhada para colar estes fios a sua pintura. Nesta oficina, Tatiana fez questão de colar seu desenho na parede, como havia feito na semana anterior. Parecia que o colar fazia parte de um movimento desta menina. Nas primeiras oficinas, colava purpurina, lantejoula, colava as folhas do caderno com a tinta, colava seu desenho na parede, colava os fios sobre o desenho. Outras crianças também realizavam esta atividade, mas era Tatiana quem, de um modo especial, iniciava tal atividade, as outras crianças viam e queriam experimentar.

José inicialmente pediu-me papel vermelho. Depois rejeitou e pediu-me tinta. Quis tinta vermelha. Pegou a tesoura e uma tela, que estava envolta por um plástico. Delicadamente, tirou o plástico com a tesoura tomando cuidado para não prejudicar a tela. José passou tinta vermelha sobre a tela. Usou pincel e rolinho. Deixou a tinta mais aguada. Pintou a tela praticamente de vermelho. No pedaço que ficou em branco, José escreveu seu nome. Neste momento eu estava ao lado de Tatiana revendo os trabalhos. Em alguns momentos eu perguntava se algum trabalho era de José, que, de um jeito impulsivo respondia que era seu, como se a maioria dos que estivessem ali fossem dele. José escolheu um trabalho que estava na caixa (um pedaço de papel camurça vermelho, cheio de pontinhos – o que havia sido designado por ele, na oficina anterior, de catapora) e o colou na parede. José passou um tempo se entendendo com o durex. Tentou tirar um pedaço com a mão, mas depois descobriu a tesoura. Assim ele mesmo cortou os pedaços que ia utilizar. Se enroscou com a fita, pois quando a cortou ela enrolou em seus dedos. José deu um jeito e conseguiu pregar seu desenho na parede. Vi que estava conseguindo, fui até ele e ofereci a minha ajuda. José aceitou, oferecendo-me a tesoura. Juntos colamos o último pedaço de durex. Quando José estava envolvido com a tela, pintando-a de vermelho, ele me solicitou. Pediu que eu pegasse o pincel, pediu que eu pegasse o lixo para ele. Nada que ele mesmo não pudesse fazer, mas atendi seu pedido. Sentí que, quando José me solicitava, pedia que eu fizesse algo por ele, cuidasse dele, mesmo sendo possível ele mesmo se cuidar naquele momento.

No horário combinado, ouvi Daniel bater à porta. Eu disse para ele me dar apenas alguns minutos pois estava preparando a sala para eles, enquanto isso ele poderia reunir Vinicius e Karina. Daniel, o primeiro a chegar, foi até a mesa e pegou um pedaço de papel pardo. Com a canetinha preta fez alguns rabiscos e disse que não ia pintar, mas que ia fazer a sua casinha. Pegou os tecidos e como de costume, envolveu os panos em duas mesas sobrepostas, formando sua casa. Daniel quis que os outros brincassem com ele mas, neste momento inicial, não conseguiu companhia. Daniel observava Karina, que estava com a tinta preta. Com o rolinho, passou sobre uma folha de sulfite a tinta vermelha misturada com a preta. Daniel preencheu toda a folha com a tinta. Por baixo, havia um pedaço de papel pardo. Quando Daniel terminou de preencher a folha de sulfite, sobrou no papel pardo o contorno da folha de sulfite, marcada com a tinta. Usou esta marca para fazer dela um quadro. Pegou a tinta azul e fez um contorno, como se este fosse a moldura do quadro. Dentro desta moldura, Daniel fez traços com a tinta azul, delimitando os espaços, mas sem formar uma figura definida. Neste momento, estava com Vinicius, que o ajudou na tarefa. Em alguns momentos Daniel não tinha paciência com Vinicius, que não pintava como ele queria. Solicitei que Daniel explicasse a Vinicius o que ele queria que Vinicius fizesse, marcando os lugares que Vinicius devia pintar, e com a cor escolhida. Terminando de preencher o quadro de tinta azul e vermelha, o abandonou e chamou Vinicius para brincar de casinha com ele. Foi até a mesa e descobriu as penas coloridas. Daniel e Vinicius brincaram de jogar as penas para cima para que caíssem sobre eles. Os dois levaram as penas para a casinha. Vinicius quis que eu batesse à porta da

casinha, mas Daniel disse que ainda não era o momento. Daniel disse que eram palhaços e que estavam se preparando. Aguardei.

Vinicius inicialmente ficou perdido, não sabendo o que fazer, que material escolher. Pediu tinta amarela e papel pardo. Vinicius iniciou com algumas pinceladas de tinta amarela, sem forma definida. Logo abandonou seu trabalho para juntar-se a Daniel e realizar com ele o trabalho que Daniel tinha escolhido. Percebi que Vinicius sentiu-se satisfeito por estar perto de Daniel, ajudando-o. Pintou como se o desenho também fosse seu e Daniel se zangou quando Vinicius fez algo em seu desenho de sua maneira. Vinicius precisava estar fazendo algo com alguém. Em alguns momentos senti que tinha vontade de se desvincular e fazer algo próprio, mas não conseguia fazer só algo que fosse somente seu. Vinicius acompanhou Daniel no restante das brincadeiras propostas por Daniel.

Karina estava agitada. Entrou na sala e logo escolheu um pote de tinta vermelha. O pote estava quase vazio, pois havia sido usado por José. Karina deu algumas pinceladas e bateu o pote de tinta sobre a folha de sulfite. Daniel fez pingos com a tinta plástica preta. Karina reclamou, jogou a folha fora e se dedicou a colocar a tinta preta no mesmo pote da tinta vermelha. Karina quis encher o pote de tinta. A tinta preta não era suficiente. Preencheu o restante com água. Daniel pegou um pouco de sua tinta para o seu trabalho. Karina não quis dividir. Passou um tempo despejando a tinta do pote no copo de plástico. Karina pintou seus braços com a tinta preta. Parecia que algo não estava bem. Karina estava agitada e tomava atitudes mais agressivas, que me lembrava o início de nossos encontros: marcar-se com tinta. Perguntei se estava tudo bem. Karina balançou a cabeça confirmando que sim, e rapidamente, jogou a tinta fora e pediu folha de sulfite e lápis-de-cor. Karina iniciou seu trabalho fazendo um contorno na folha de sulfite. Ela acompanhou as margens da folha, fazendo tracejados coloridos. Perguntei o que havia dentro dos tracejados e Karina respondeu que havia muita coisa. Eu disse que seu desenho parecia alguém que eu conheço. Karina riu. Karina não brincou com Vinicius e Daniel de casinha, preferiu seus tracejados. Quando os dois estavam brincando com as penas, Karina até brincou um pouco com eles, mas voltou ao seu trabalho. Karina abandonou-o quando Daniel e Vinicius estavam pintados de palhaços e ela participou da brincadeira com eles.

Nos momentos finais da oficina, depois que Vinicius e Daniel passaram um tempo quietos dentro de sua casinha, os dois saíram vestidos de palhaços. Daniel estava de capa e com penas grudadas com durex em seu rosto. Vinicius usou a canetinha para pintar seu nariz e fazer bigodes (como os de coelho). Neste momento, Karina se voltou para esta brincadeira. Pegou a canetinha e passou por seu rosto. Preocupei-me com a questão da limpeza, a canetinha só saía da pele com álcool. Sugeri que eles se pintassem com a aquarela. Karina pintou seu rosto todo com a aquarela, usando principalmente o cor-de-rosa. Vinicius pintou-se moderadamente e Daniel experimentou, mas depois limpou seu rosto com um pano úmido. Karina disse que não estava dando a mínima para as tias, no cuidado com o rosto. Karina, quando se envolveu com esta atividade, jogou os lápis no chão (parecendo não ligar a mínima para mim). Karina pôs aquarela na boca. Daniel e Vinicius surpreenderam-se com a atitude de Karina consigo mesma. Quando terminamos a oficina. Vinicius e Karina saíram pintados e Daniel saiu com o rosto limpo.

Normalmente, quando eu chegava para preparar a sala para as oficinas, encontrava crianças no pátio, que pediam insistentemente para participar. As crianças do grupo se sentiam “premiadas” por participarem. Era comum ouvir alguém do grupo gritando pelo corredor: eu vou para a minha psicóloga.

Encontro 12 – 23/06/03

Inicialmente fizemos o sorteio. Vinicius e Daniel ficaram com o primeiro horário. Karina reclamou, não queria participar do sorteio. Ficou irritada (cruzou os braços, fez bico, fechou a cara) por não ser sorteada para o primeiro horário, mas aceitou o convite de Tatiana para ficar brincando no pátio, enquanto esperavam por seus horários.

Daniel disse que ia ensinar-me algo. Pediu folha de sulfite e tesoura. Dobrou a folha e fez um recorte em forma de triângulo ao centro. Sua intenção era a de fazer uma bandeirinha de festa junina. Daniel fez a dobra pelo lado mais largo da folha e obteve uma bandeirinha mais “larga”. Daniel achou estranho e pediu-me outra folha. Fez outro recorte, da mesma maneira que o anterior. Eu lhe disse para tentar dobrar a folha pelo lado mais estreito. Daniel seguiu meu conselho e obteve sua bandeirinha. Passou então a enfeitá-la. Fez o símbolo de seu time, o “São Paulo”, e uma bandeira. Dobrou a extremidade da folha para colar o barbante. Recortou um pedaço de emborrachado e o colou como um laço sobre a bandeirinha, como um laço de presente. Daniel fez mais duas bandeirinhas como esta. No final de nossa oficina, Daniel levou as bandeirinhas para mostrar aos outros. Perguntou se as suas estavam mais bonitas que as do Vinicius.

Vinicius pediu papel e tesoura, foi fazer bandeirinhas também. Primeiro ficou brincando comigo de cortar. Eu segurei um pedaço de durex e ele veio com a tesoura e recortou, disse que sabia recortar sozinho. Pediu a tesoura de Daniel, e recortou vários pedaços de durex e barbante. Quando se embaraçou com os objetos, eu acabei ajudando-o, segurando as duas pontas do barbante ou do durex. Daniel recortou a bandeirinha para Vinicius e disse que não queria que Vinicius copiasse seu desenho. Daniel disse que quem copiava não aprendia. Vinicius parecia um pouco perdido, não sabia o que fazer. Perguntei o que queria desenhar. Vinicius disse que queria desenhar uma menina. Vinicius foi desenhando e nomeando o que fazia: primeiro a cabeça, os olhos, a boca, o nariz, o pescoço, os braços e as pernas. Ao lado desenhou outra figura humana. Perguntei o que era e Vinicius respondeu que era uma menina que estava com raiva. Perguntei por que ela estava com raiva e Vinicius respondeu que o homem (a outra figura humana) havia batido nela. Vinicius olhou o verso da folha e a marcou da canetinha usada estava aparente. Vinicius mostrou-me e depois passou a canetinha por cima destas marcas. Agora a história que ele me contava era diferente. Havia três meninos provocando uma menina que estava com raiva. A menina estava assim porque estava sendo provocada.

Após terminarem as bandeirinhas, Daniel ficou em dúvida se queria sair de nossa sala ou ficar. Não queria mais desenhar. Vinicius estava sentado em uma cadeira giratória que estava na sala. Daniel foi para uma destas cadeiras e começou a girar. Vinicius tentou acompanhá-lo, mas não possuía a mesma habilidade que Daniel. Daniel brincou de estar tonto de tanto girar, saiu da cadeira e se jogou no chão.

No segundo horário, estavam presentes Karina, Tatiana e José. Tatiana pediu-me folha branca e canetinha, Karina também. As duas sentaram-se numa mesa que estava afastada daquela onde realizávamos nossas atividades. As duas pegaram duas cadeiras giratórias e brincaram por estarem sentadas em um lugar alto. Tatiana subiu na cadeira e na mesa para olhar pela janela. A mesa se desequilibrou e Tatiana levou um susto. Não falei nada, a esperei. Tatiana disse que tinha levado um susto e que seu coração bateu forte. Foi para perto de mim, mostrando-me como seu coração estava disparado. José também colocou a mão sobre seu peito, um pouco envergonhado. Tatiana também quis colocar a mão sobre o peito de José, mas ele não aceitou. Tatiana foi para a caixa onde estavam os trabalhos realizados. Tatiana tirou-os da caixa e procurou pelos seus. Eu disse que ela os havia marcado com a letra de seu nome, então seria fácil encontrá-los. Tatiana me perguntou sobre alguns e eu lhe mostrei sua marca. Tatiana mostrou-se feliz quando viu a marca que havia feito no trabalho. Posteriormente, Tatiana foi para a mesa fazer mistura de tintas, junto aos outros. Primeiro Tatiana pediu-me cola e fez pingos sobre o papel. Depois brincou de misturar tinta. Tatiana

trabalhou com a tinta e derrubou a água de limpar os pincéis sobre o papel. A tinta ficou aguada e o papel foi rasgado.

Karina inicialmente estava com os lápis e as canetinhas. Karina os espalhou sobre a mesa e o chão, mas não produziu nada. Karina estava agitada. Queria e não queria fazer. Pegou os materiais mas não os utilizou para fazer um desenho, por exemplo. Karina se pintou. Pintou seu rosto com canetinha. Karina perguntou-me se a tinta ia sair. Eu disse que a tinta da canetinha saía ou com álcool ou com bastante água e sabão. Karina pintou seu rosto, seus olhos, sua boca, seus dentes. José percebeu que Karina estava agitada. Realmente, Karina estava falando alto e agitada. José perguntou-me se Karina estava com raiva. Eu disse que talvez sim. Karina nos ouviu e não respondeu. Karina não agrediu ninguém em nosso encontro, a não ser a si mesma. Karina também brincou de fazer misturas. Fez o rosa.

José trouxe-me uma maçã e um doce-de-leite. Durante a oficina ele comeu o seu doce. Tatiana colocou na boca algumas coisas que viu. Experimentou a argila, pôs a canetinha na boca e tentou tirar o doce do saquinho, quando José já havia terminado com ele. Foi José quem sugeriu as misturas com a tinta. Depois de fazer as misturas, pediu os tecidos para fazer uma casinha. José pediu minha ajuda para montar a casinha. Entre montar a casinha e brincar de coelho, José fez o desenho de um príncipe. José convenceu todos a brincar de coelho. As luzes deveriam estar apagadas e eu deveria bater à porta e oferecer os ovos, até que eles me dessem ovos também e eu iria embora. Tatiana sugeriu outra brincadeira, de lobo mau. José seria o lobo mau. Ele viria à noite (luzes apagadas) nos assustar e iria embora quando o dia chegasse. Karina sugeriu nomes para a minha personagem. Ela disse que eu seria a tia X do Abrigo e ela e Tatiana correram para me abraçar. Tatiana sugeriu que eu fosse outra tia e correu para me abraçar.

Após o término da oficina, Karina e Tatiana apareceram na sala para me ajudar. Karina contou que sua amiga tinha ido embora do abrigo para a casa dos pais dela.

Encontro 13 – 30/06/03

Foram sorteados para o primeiro período, Daniel e Karina. Karina ficou muito contente por ter ficado com o primeiro horário e Daniel disse que já esperava por isso mesmo, comentou que sabia que seria (magicamente) sorteado, pois sempre acabava ficando para o primeiro horário (constatação não tanto verdadeira, já que algumas vezes já havia ficado para o segundo).

Perguntei se ia tudo bem. Karina disse que ia mal, depois que estava brincando e contou que ia bem. Daniel disse que estava tudo bem com ele.

Karina foi a primeira a se manifestar dizendo que queria folha branca para pintar de cor-de-rosa. Perguntei-lhe qual o material que ela utilizaria para compor o rosa: lápis-de-cor, tinta, giz-de-cera. Karina disse que queria a tinta que havia passado no rosto e então identifiquei a aquarela e lhe falei este nome. Karina acrescentou que queria lápis preto, borracha e tesoura. Karina tentou usar a tesoura como régua e sugeri que ela se utilizasse a própria régua. Num primeiro momento Karina teve dificuldades para manejar a régua e eu a ajudei, mostrando-lhe como devia apoiá-la. Karina fez traçados com o instrumento e ficava contente quando conseguia fazer um traço firme e reto. Karina estava concentrada no que fazia. Dentro de cada traçado, fazia um desenho: um coração, uma casa, um retângulo, também desenhava algumas letras. Perguntei do que se tratava e Karina disse que era um desenho para M., para ela própria e para sua irmã. Após passar um tempo desenhando, disse que ia dormir com sua irmã e que não queria saber se alguém ia dizer alguma coisa. Perguntei se costumava dormir com a irmã e ela respondeu que fazia isso algumas vezes. Karina parou a conversa por aí. Passou a pintar os desenhos que tinha feito. Durante o desenho, Karina utilizou-se várias vezes da borracha para apagar traços mal feitos. É interessante notar que, em algumas oficinas, Karina não se utilizava deste recurso, rasgava a folha e pedia outra. Karina pintou de cor-de-rosa o

retângulo. Queria utilizar-se do branco, mas estava sujo, misturado a outras cores. Eu disse a Karina para usar o pano com água para tirar as outras tintas do branco. Karina fez uma faxina em todas as cores, deixando o estojo de aquarela muito limpo, com as cores identificadas. Karina usou o branco para pintar um pedaço da folha de sulfite. Passou tanta tinta que o papel acabou rasgando. Karina reclamou. Eu disse, que depois que secasse, poderíamos colar um pedaço de papel branco por trás, fazer um conserto. Karina se adiantou e resolveu fazer o conserto ela mesma. Tentou colar um pedaço de durex sobre o papel furado. Como havia tinta molhada, o durex não colava. Eu lhe disse para Karina ir pintando outras coisas até que a tinta secasse, mas Karina não desistia. Acabei sugerindo que colasse o durex no verso da folha. Karina aceitou a sugestão. Eu disse que ela podia passar tinta branca sobre o pedaço que faltava, mas que não passasse muita tinta, senão corria o risco de rasgar a folha. Neste momento estávamos no fim da oficina e pedi para Karina terminar seu trabalho em nosso próximo encontro. Karina se recusou, permanecendo na sala. Eu lhe disse que eu iria me dedicar a outras crianças, as do segundo horário, conforme havíamos combinado. Uma funcionária foi buscar Karina que saiu irritada, de cara fechada, sem se despedir.

Daniel pediu rapidamente uma folha de sulfite, dizendo que faria bandeirinhas. Quis mostrar a Karina como se fazia, antecipando-se a ela. Karina não lhe deu muita atenção. Daniel desistiu e pegou o tecido vermelho e o amarrou no pescoço como uma capa. Com o papel celofane sobre os olhos, disse que eram seus óculos. Sugerí que podíamos fazer óculos. Daniel aceitou a sugestão. Eu lhe disse que precisaríamos de um papel mais duro e lhe ofereci papel cartão. Ele desenhou uns óculos no verso do papel. Fiz uma outra marca, para o recorte, respeitando os óculos que Daniel havia feito. Ele recortou e eu recortei o centro, onde estariam as lentes. Colou com durex o papel celofane, fazendo deste as lentes para seus óculos. Ajeitamos as astes utilizando pedaços de cordão. Daniel ficou muito satisfeito com o resultado. Quis então um boné. Pegamos papel laminado vermelho e fizemos a borda. Com o papel celofane vermelho cobrimos o boné, que deixava de ser boné para se tornar, como disse Daniel, uma touca. Daniel gostou do resultado. Disse que ia levar o trabalho embora. Perguntei se não queria deixar para brincar no nosso próximo encontro. Daniel não aceitou. Saiu rapidamente da sala usando os óculos e a touca. Parecia que se sentia satisfeito em mostrar aos outros (crianças que estavam brincando no pátio) o resultado de seu trabalho. Durante a oficina, enquanto fazíamos os óculos e a touca, Daniel mencionou que estava torcendo para o Corinthians. Perguntei se não era o São Paulo seu time predileto. Daniel mencionou que o Corinthians era o time de seu pai. Daniel percebeu-se falando de sua família e calou-se. Não falei mais a respeito.

No segundo momento me encontrei com Vinicius e Tatiana, que chegaram pontualmente. José não estava muito disposto a participar do grupo. No dia anterior ele tinha caído e quebrado os dois dentes da frente. Sua boca estava bastante inchada e ele estava com dificuldades para falar, pois havia machucado também a língua. Uma funcionária do Abrigo insistiu para que participasse e ele concordou. Dei-lhe folha e lápis, como pediu. José realmente não falou muito neste nosso encontro. Desenhou uma estrela, utilizando-se da régua. No transcorrer da oficina pareceu que José foi se acalmando (no início parecia-me um pouco assustado) e até soltou alguns palavras. No final da oficina, José estava montando a “casinha” (tapar com os panos as mesas sobrepostas) e convidando Tatiana e Vinicius para brincar com ele. Não houve tempo suficiente. José saiu, mas voltou para despedir-se com um beijo.

Tatiana pediu-me folha e canetinha amarela. Fez traços com a régua sobre a folha. Disse-me que eram riscos. Pediu-me durex para colar o desenho na parede. Eu disse a Tatiana que ela sempre estava colando seus trabalhos. Tatiana balançou a cabeça em sinal afirmativo. Eu lhe disse que colar era juntar coisas que até então estavam separadas. Tatiana foi para a caixa onde estavam os trabalhos. Novamente, ela os tirou da caixa e começou a separar os que eram

dela e os que eram dos outros. Eu lhe disse que seus trabalhos estavam marcados com a sua assinatura. Tatiana pareceu ficar satisfeita quando reconheceu sua marca. Já em algumas oficinas Tatiana fazia este movimento de colar coisas e procurar separar na caixa o que era seu. Antes de terminar a oficina, Tatiana fez bandeirinhas enfeitadas para dar de presente à funcionária de sua ala (tia P., que era bastante mencionada por Tatiana de forma carinhosa). Antes de levá-la para a ala, Tatiana colou uma bandeirinha à outra.

Vinicius chegou à oficina dizendo que queria fazer uns óculos iguais aos de Daniel. Eu lhe disse que poderíamos fazê-los, desde que ele me dissesse como seriam os óculos. Vinicius pegou um pedaço de papel cartão, mas não desenhou um modelo de óculos. Estava meio perdido, sem referências. Daniel não estava na oficina para fazer por si mesmo o desenho dos óculos. Vinicius desistiu do projeto e disse que faria bandeirinhas de festa junina. Pediu-me folha de sulfite e fomos juntos dobrando e recortando a bandeirinha. Perguntei se ia enfeitá-la. Neste meio tempo, Vinicius já havia feito um picote com a tesoura na folha de Tatiana, que reclamou. Parecia que Vinicius iniciava uma provocação mas não era correspondido por Tatiana. Vinicius percebeu que teria que fazer algo por si só. Daniel não estava disposto a fazer os óculos, Tatiana não respondia às suas provocações. Eu disse para Vinicius pensar em algo para desenhar. Vinicius desenhou uma porta e, no verso da folha, um monstro que saía de noite para assustar. Perto do monstro havia um sol, que também era do mal, segundo ele mesmo. Desenhou este sol, porque José havia comentado que o sol que ele próprio (José) havia desenhado em sua folha mataria o monstro. Vinicius disse que o monstro não morria. José desenhou um segundo sol. José comentou que não dormiria naquela noite porque uma formiga poderia entrar em sua boca para fazer cocô (José não conseguia fechar a boca devido aos machucados). Vinicius resolveu colar sua bandeirinha em uma tela que havia pintado em oficinas anteriores. No final da oficina, eu disse que ele tinha feito seu próprio desenho, sua própria história.

Encontro 14 – 07/07/03

Neste dia, a sala destinada às oficinas estava ocupada com cadeiras giratórias, uma mesa (sem o tampo de vidro), uma cômoda e um barco de plástico com areia. Estes objetos haviam sido utilizados na festa junina que tinha ocorrido no sábado, anterior à oficina.

No primeiro horário estavam presentes José e Daniel. José pediu-me tinta vermelha, pincel e papel. Mostrei alguns materiais novos: revistas e placas de isopor. José pediu um pedaço de isopor em lugar do papel. Picou alguns pedaços de isopor e pintou quadrados vermelhos. José pintou o quadrado e depois recortou o isopor conforme o desenho do quadrado. Em dois pedaços ele pintou quadrados e nos outros três, pintou pipas, todos com tinta vermelha.

Daniel inicialmente pediu um pedaço de isopor e o raspou com os dedos ou com a tesoura, transformando aquele pedaço em flocos. Disse que eram flocos de neve. Daniel recolheu os flocos e os jogou no lixo, cobrindo-os posteriormente com a areia que estava no barco. Daniel começou a brincar de pescaria. Havia varas de pesca (utilizadas na festa junina) encostadas em um canto da sala. Daniel enterrava o gancho (anzol) e o puxava. Depois colocou um pedaço de isopor no gancho, disse-me que era o peixe, e procedia da mesma maneira: enterrava e depois puxava-o para fora. Quando o isopor não escapava, Daniel dizia-me que ele era mágico e por isso o isopor não escapava. Quando o isopor escapava, Daniel olhava-me como se não tivesse explicação. Aliás, Daniel disse-me que tinha certeza que seria sorteado para o primeiro horário, que era capaz de fazer esta previsão. Depois de ter pintado os quadrados, José juntou-se a Daniel para brincar de pescaria. O isopor de José, seu peixe, estava pintado de vermelho. Daniel gostou da idéia e pintou o seu isopor de vermelho, depois o passou pela areia. Juntos brincaram de enterrar e puxar os peixes para fora. Daniel fez alguns picotes com a tesoura para dar formato de peixe ao isopor.



Fotos dos peixes de isopor. Da esquerda feito por Daniel e da direita feito por José

No segundo horário estavam Karina, Vinicius e Tatiana. Vinicius não foi ao nosso encontro no horário marcado. Ele estava brincando no parque e preferiu continuar lá por algum tempo, depois de alguns minutos, bateu a nossa porta e pediu para entrar. Tatiana observou as revistas e pediu-me papel branco, cola e tesoura. Folheou algumas revistas, mas não chegou a recortar ou colar, foi atraída por Karina, que estava brincando na areia. Karina chegou e logo foi para a areia. Perguntou-me se poderia brincar com ela. Eu lhe disse que não haveria problemas. Karina tirou os sapatos e entrou no tanque. Disse que era muito gostoso pisar na areia. Ela sentou-se, pôs a areia no colo, fez montinhos de areia. Karina chamou Tatiana para a brincadeira. As duas brincaram de fazer bolinhos. Elas perguntaram se podiam tirar a areia do tanque. Eu disse que sim, desde que a colocassem de volta no lugar, após terminarem com a brincadeira. Karina e Tatiana passaram a tirar alguns punhados de areia e a colocá-los para fora do tanque, no chão. Karina puxou a calça de Tatiana e esta correu. Karina foi atrás para abaixar a calça de Tatiana. Tatiana se divertia com a brincadeira. Karina jogou areia dentro da calça de Tatiana. Tatiana reclamou, mas também riu. Tatiana disse que havia areia dentro de sua calça. Eu disse que parecia que Tatiana também estava se divertindo com esta brincadeira. Sugeri para ela ir tirar a areia da calça no banheiro. Tatiana saiu, mas voltou e resolveu tirar a areia na sala. Foi até um cantinho da sala, abaixou sua calça e tirou a areia.. As duas chegaram a pegar duas varas de pescar e brincaram um pouco de pescaria, mas não se detiveram por muito tempo nessa brincadeira. Quando Vinicius chegou, logo se dirigiu para a areia. Estavam os três dentro do tanque. Karina levou uma cadeira para dentro do tanque, depois tirou-a e levou uma mesa. Fizeram bolinhos de areia em cima da mesa. Vinicius ficou num cantinho e também fez bolinhos. Logo a brincadeira foi tomando mais forma. Tatiana e Karina resolveram brincar de casinha. Vinicius disse que era o filhinho. Karina e Tatiana inicialmente eram as mães. Karina ficou muito brava com Vinicius. Disse, ou melhor, gritou que ele tinha feito tudo errado. Havia uma vassoura e uma pá de lixo na sala, Karina se utilizou do cabo da pá de lixo para “bater” em Vinicius quando este, como filho, tinha feito coisas erradas. Só que nesta encenação, Vinicius fez coisas erradas o tempo todo, segundo a mãe-Karina. Karina pediu uma coisa, Vinicius fez, mas ela disse que ele estava errado e que ia apanhar. Tatiana ficou brava com Vinicius também. Tatiana estava com uma vara de pescar e foi com isso que “bateu” em Vinicius. Tatiana e Karina gritaram muito com Vinicius. deixaram-no atordoado e a mim também. Parecia que não havia um motivo real para “brigaram” tanto com Vinicius. Brigavam com ele por brigar. Karina gritou com Vinicius mandando-o ir dormir. Vinicius obedeceu. Deitou em cima de um móvel, fazendo de cama. Vinicius fingiu dormir, mas não

convenceu Karina, que gritou com ele e ameaçou bater nele. Karina e Tatiana batiam seus instrumentos pelo chão, pelos móveis, fazendo muito barulho, assustando Vinicius e a mim. Deixei-os na brincadeira. Fiquei por perto, para que Tatiana e Karina não atingissem de fato Vinicius. Karina e Tatiana não queriam bater “de verdade” em Vinicius. Precisavam dele na brincadeira. Em um momento, Tatiana deixou sua vara encostar em Vinicius, que reagiu, chorou e disse que não ia brincar mais. Tatiana o abraçou, pediu desculpas, ela não queria que ele se machucasse. Não sei se Vinicius chorou por Tatiana ter chegado a atingi-lo, ou porque estava realmente assustado com a dimensão que a “raiva das mães” tinha alcançado. Vinicius não quis brincar, Tatiana e Karina pediram para Vinicius continuar. Ele aceitou. Karina, no ápice de sua ira como mãe, começou a mandar em Tatiana também. Tatiana respondeu que não era empregada de Karina. Eu disse que Karina estava muito brava, e ela disse e gritou tanta coisa ao mesmo tempo que Vinicius não era capaz de saber ao certo o que Karina queria. Karina respondeu que não estava ligando. Ela disse que a mãe dela fazia assim. Nosso horário foi terminando e eu disse que precisávamos limpar a sala. Vinicius, Karina e Tatiana foram buscar mais vassouras. Karina e Tatiana começaram a varrer, acumulando a areia em um canto da sala. Vinicius começou a tirar a areia do tanque e a jogá-la ao chão. Vinicius parecia um pouco irritado. Aproximei-me dele e disse que, se ele quisesse ajudar seria ótimo, mas sujar aquilo que as meninas estavam limpando não era justo, seria melhor ele subir para a ala caso não quisesse colaborar. Vinicius ficou e tentou espalhar areia novamente. Segurei-o e ele tentou me bater. Soltei-o e ele começou a mudar os móveis da sala de lugar. Vinicius arrastou móveis pesados: a mesa e a cômoda de madeira. Percebia-se o esforço que fazia para arrastar os móveis. Karina e Tatiana foram terminando de varrer e eu me despedi delas. Disse a Vinicius que nosso horário havia terminado. Vinicius estava com a cara fechada, saiu sem se despedir.

Encontro 15 – 14/07/03

Logo que cheguei à Casa Abrigo encontrei Tatiana, que gritou ao me ver: A minha “psicóloga”!. Ela me abraçou e perguntou se faríamos nosso encontro. Respondi que sim, mas que antes eu me encontraria com uma outra criança, que não era do grupo, e que faríamos nosso encontro no mesmo horário que o anterior, às três da tarde. Tatiana correu para chamar Karina e mostrar a ela que eu havia chegado. Karina correu pelo corredor e me abraçou. Karina apresentou-me uma coleguinha sua, M.. Pediu que M. participasse do grupo. Eu disse que tínhamos um grupo formado, um grupo constituído por crianças que M.(psicóloga do Abrigo) tinha escolhido e que não mudaríamos nosso grupo naquele momento. Karina ficou brava, dizendo que eu teria que tirar um dos meninos para introduzir M. no grupo. Propus uma mudança nos papéis e perguntei como Karina se sentiria se um dos meninos fizesse a mesma proposta. Karina não teve argumentos, mas ficou com “bico”, deixando claro que não tinha gostado de ser contrariada.

Às três horas fizemos o sorteio. Para o primeiro grupo estavam Karina e Tatiana. Daniel não ficou satisfeito por ter sido sorteado para o segundo grupo, mas os três saíram rapidamente da sala para que pudéssemos iniciar as atividades. Karina demorou-se para entrar na sala. Tatiana entrou, mas saiu para ir ao banheiro. Karina chegou. Estava com um brinquedo (no mesmo horário, as meninas da Casa Abrigo estavam no pátio brincando): uma pequena prancheta cujo plástico que a recobre, ao ser levantado, apaga o desenho feito com lápis. Eu disse a Karina que teria uma nova proposta para aquele dia. Karina disse que não queria fazer. Eu respondi que estava tudo bem. Karina se arrependeu e, quase no mesmo instante, disse que queria saber o que eu ia propor. Minha proposta era a de trabalhar com colagem, um material que tinha sido pouco explorado por eles. Havia revistas entre os nossos materiais e a idéia era a de que as crianças escolhessem um papel de fundo colorido e figuras nas revistas para serem

coladas. Karina não se animou com a proposta e preferiu ficar com o seu brinquedo. Tatiana chegou a folhear as revistas, mas estava dividida entre realizar a proposta e ficar com o brinquedo. Karina passou algum tempo fazendo marcas com a ponta de um lápis sobre a superfície plástica. Karina parecia gostar de ver a marca aparecendo (quando ela própria fazia a marca) e desaparecendo (quando ela levantava a superfície plástica). Karina chamou Tatiana para ver aquilo que aparecia e desaparecia. Não se tratava, a princípio, de fazer marcas definidas, como um desenho, por exemplo. De início eram rabiscos ou a marca da borda do lápis. Karina se irritava quando, no plástico (já gasto de usar), a marca realizada não ficava tão nítida. Karina ficava brava e rabiscava por cima. Tatiana também fez suas marcas sobre o plástico: usou a ponta de seus dedos, a ponta da tesoura. Ao mesmo tempo que Karina chamava Tatiana para compartilhar de seu brinquedo, não queria que Tatiana interferisse no modo com que fazia suas marcas. Depois de um tempo, Karina passou a desenhar números, mas nem sempre o desenho ficava legível, então Karina rabiscava. Tatiana olhava a revista e voltava-se para Karina, dividindo-se entre os dois convites. Tatiana iniciou uma outra proposta. Ela começou a imitar um cachorro raivoso que ia morder as pessoas. Tatiana, como cachorro, foi para cima de mim e de Karina e logo entramos para a brincadeira. Eu e Karina fugimos do cão raivoso. Cheguei a perguntar por que o cão queria me morder, mas era lógico, cachorro não fala e o que eu escutava eram apenas latidos, até mais enfurecidos. Karina entrou para o jogo fazendo o papel de um gatinho. Aproximei-me do gatinho e do cachorro e passei minha mão por suas cabeças dizendo que o gatinho e o cachorrinho estavam com fome e eu prepararia a comida para os dois. Servi a “comida” e logo este jogo se acabou. Tatiana propôs brincarmos de casinha. As duas discutiram sobre como iam fazer sem o Vinicius, que na semana anterior tinha feito o filhinho. Decidiram que Karina seria a mãe, Tatiana a tia e eu a filhinha. Perguntei como eu teria que agir. Karina disse que eu não teria que falar nada. Ela, “a mãe”, e a tia iriam bagunçar a casa toda e eu teria que limpá-la. Fiz como me pediram, mas acabei “apanhando” de Karina. Na história, a mãe gritava muito com a filha e batia muito nela também. Parecia que a filha estava sempre fazendo algo de errado. Resolvi brincar com Karina fazendo como ela, quando se negava a fazer qualquer coisa que não fosse de sua vontade. A mãe pedia que eu fizesse algo e eu dizia “não”, a tia falava que eu fizesse algo e eu “gritava não”. Falava alto, cruzava os braços, fazia bico. Karina e Tatiana divertiram-se com a brincadeira e começaram a gritar “não” a cada “não” que eu dizia. Depois de se cansarem desta brincadeira, Tatiana e Karina montaram a casinha e fomos dormir. Neste momento já estávamos no final de nossa oficina e terminamos a história por aí. As duas saíram, despediram-se com tranquilidade.

Falei de minha proposta sobre as colagens para o segundo grupo. Eles aceitaram e começaram a trabalhar. José escolheu uma folha de sulfite branca e colou pedaços de papel laminado vermelho sobre a sulfite. Notei que José estava diferente: ao entrar na sala ficou um tempo parado, olhando os materiais e chupando o dedo; também falou pouco durante nosso encontro.



Produção de José

Num segundo momento, José escolheu algumas fotos da revista e as colou sobre a folha de sulfite. Inicialmente escolheu fotos de carros, como as que Vinicius estava escolhendo, depois optou pelo homem-borboleta. Terminado este trabalho, José pediu que eu colocasse seu trabalho para secar, sobre um balcão, atendi o seu pedido. Enquanto José estava realizando sua colagem, eu estava mais próxima de Vinicius, auxiliando-o com a tesoura, já que Vinicius não tinha muita habilidade com este instrumento. Notei que José sentia-se incomodado com este fato, instigando Vinicius a permanecer perto de mim já que eu estava dando atenção a ele.



Colagem de José

José passou a fazer um desenho. Desenhou a “Mula”. José disse que a “Mula” era um personagem do desenho que assistia e que ela era do “bem”. A “Mula” tinha três mãos, segundo ele. Depois passou a escrever meu nome sobre a folha, aproveitando para copiá-lo como Daniel o tinha escrito. A propósito disso, no início de nosso encontro, surgiu uma conversa de como eles estavam me chamando. Daniel dizia que preferia me chamar de psicóloga, José preferia que eu atendesse por tia e Vinicius preferia chamar-me por meu nome. Eu disse que eu aceitava a proposta e que poderiam mudar de idéia quando quisessem.



José: “Mula”

Vinicius parecia tranqüilo. Aceitou a proposta de colagem e logo iniciou seu trabalho. Diferentemente de encontros anteriores, Vinicius decidiu-se logo pela cor de fundo. Vinicius escolheu uma folha cor-de-rosa para colar as figuras. Daniel disse que a cor era de meninas, mas Vinicius não se importou com os comentários. Vinicius passou a escolher suas figuras. Escolheu carros e aviões. A seu lado ajudei-o a encontrar aquilo que tinha escolhido. Também o auxiliei a recortar, já que Vinicius apresentava dificuldades para lidar com a tesoura. Vinicius realizou seu trabalho. Nesta oficina fez suas próprias escolhas, sem copiar, sem “colar” em alguém. Terminado seu trabalho, Vinicius desenrolou o rolo de barbante. Daniel chamou sua atenção, dizendo que Vinicius estava bagunçando. Eu disse que Vinicius colocaria as coisas no lugar após usá-las. Depois de Vinicius ter desenrolado muito barbante, ele começou a enrolá-lo novamente. Pedeu minha ajuda para segurar o barbante. Eu o ajudei.



Colagem de Vinicius

Daniel disse que iria fazer uma colagem muito bonita. Daniel escolheu uma figura e a recortou com cuidado. Daniel tinha mais habilidade para o recorte, para a colagem. Sabia escrever seu nome. Estava interessado em saber como se escreviam outros nomes. Daniel foi para um canto da sala e realizou sua colagem. Pedeu lápis para completar a figura. Pintou com cuidado o jardim e as flores. Enquanto fazia a colagem, disse que ia embora com seus pais. (Situação não confirmada pelo pessoal da Casa Abrigo) Perguntei-lhe sobre o desenho. Daniel disse que o bonequinho estava esperando o carro para ir embora para a sua casa. Depois deste trabalho, Daniel disse que a festa junina não havia terminado. Recortou duas bandeirinhas e, com um laço, as ofereceu a mim como um presente. Eu as aceitei e agradei.



Colagem de Daniel e ao lado - bandeirinhas

No final da oficina, José pediu para sair, estava preocupado com o horário do jantar. Daniel pediu para amarrar o barbante em seu braço. Vinicius quis a pulseira também.

Nesta oficina incentivei Vinicius na busca de sua assinatura, prática já realizada por Daniel e José, que assinavam seus trabalhos. Vinicius não sabia escrever seu nome e busquei com ele uma marca que identificasse como sua.

Num telefonema posterior à Casa Abrigo, falei com José (funcionária) e perguntei-lhe sobre a situação de Daniel. José disse que não tinha informações a respeito da volta de Daniel para sua casa e acreditava que Daniel permaneceria na instituição por tempo indeterminado. Revelou também que às vezes Daniel pedia para ir embora com os pais (mãe e padrasto). As visitas estavam sendo realizadas na Casa Abrigo aos finais de semana. Quando os pais de Daniel iam embora, às vezes, Daniel ficava chateado e choramingava.

Encontro 16 – 21/07/03

Para o primeiro grupo foram sorteados Daniel e Vinicius. As outras crianças permaneceram na sala, recusando-se a sair. José ficou irritado por não ter sido sorteado, Karina e Tatiana também. Vinicius iniciou uma provocação com relação a Tatiana. Vinicius passava por ela e esbarrava. Vinicius acabou por chutar Tatiana e esta chorou. José subiu em uma das mesas da sala. Karina estava com uma bexiga e encostou na parede, recusando-se a sair. Expliquei que, quanto mais demorássemos para começar as atividades com o primeiro grupo, mais tarde começaria a oficina com o segundo. Nós já estávamos atrasados. Neste dia, foi uma dificuldade para as crianças virem para nossa sala e realizarem o sorteio. As meninas estavam no pátio, mas os meninos estavam nas alas e eu precisava que alguma funcionária os buscasse. Notei que houve uma dificuldade para chamá-los. As funcionárias que cuidavam das meninas estavam no pátio e as dos meninos estavam nas alas. Tatiana, uma funcionária que cuidava dos serviços gerais, era que tenha mais proximidade e muitas vezes era ela quem se

encarregava de buscar ou mandar alguém buscar as crianças nas alas. Tinha sido combinado com M.(psicóloga do Abrigo) que eu não buscaria as crianças nas alas.

Tatiana, a funcionária a que me referi anteriormente, também estava envolvida com a manutenção da casa, já que, em período de férias escolares, o Abrigo realizava uma série de pequenas reformas e a manutenção de equipamentos e salas. Esperei por algum tempo para que as crianças chegassem. Tatiana ordenou que uma das funcionárias fosse chamar as crianças e esta, por sua vez, ordenou que alguma criança atendesse o pedido. As crianças do grupo estavam agitadas. Daniel entrou para a oficina com uma porção de brinquedos que encontrou no pátio. Vinicius queria tocá-los, mas Daniel não deixava. Vinicius se aproximava e Daniel ameaçava bater, então Vinicius corria. Parecia que Vinicius começava com a repetição de uma rotina: provocar a outra criança para que esta revidasse até interrompê-lo com um tapa ou algo semelhante. Vinicius sabia que Daniel não queria que ele tocasse em seus brinquedos, mas mesmo assim ele se aproximava e, quando Daniel ameaçava, Vinicius corria para outro canto da sala com cara de choro. José foi o primeiro a se retirar, seguido por Tatiana. Karina se recusava a sair. Estava irritada e quando eu pedia para que ela saísse, ela gritava comigo dizendo: não. Esclareci firmemente as regras que havíamos combinado, dizendo que, caso Karina preferisse permanecer, não participaria do segundo grupo. Caso optasse por permanecer no primeiro, ficaria na sala, mas sem realizar atividades, porque o sorteio tinha sido claro. Karina ficou por alguns instantes. Tentou se aproximar e executar alguma atividade, não ofereci o material que ela me pediu. Tentou se aproximar de Vinicius e participar de sua atividade. Vinicius não retribuiu. Karina desistiu, disse que eu não abria a porta para ela sair. Eu disse que, se quisesse podia sair para voltar depois. Ela aceitou e saiu.

Daniel deixou os brinquedos que tinha encontrado no pátio em cima de uma das mesas, que estava sobreposta a outra, numa altura que julgou razoável para ninguém pegá-los. Pediu-me papel, tesoura e lápis-de-cor. Quis o livro do “Matrix”. Perguntei se ele se referia às revistas e ele disse que sim. Dei-lhe as revistas e ele mostrou-me a revista que queria. Ela tinha uma foto do filme “Matrix”. Daniel disse que faria um desenho bonito. Encontrou uma foto de um bolo de aniversário e o recortou. Ele disse que era seu aniversário (sua data de nascimento é 03/07) e faria a sua festa. Daniel preferiu num primeiro momento executar sua atividade em um balcão e não nas mesas separadas para as atividades. Vinicius preferiu ficar perto de Daniel e realizou suas atividades no balcão. Quando Daniel percebeu que Vinicius estava copiando seu desenho, mudou-se do balcão para uma das mesas. Dividi-me entre Daniel e Vinicius, ajudando-os na execução de suas atividades. Daniel não pediu minha ajuda. Disse que era um menino treinado. Perguntei o que queria dizer com isto. Daniel explicou que ser treinado era ser como um cão de policial, obediente e treinado. Repeti suas palavras, reforçando a idéia de que um menino treinado era como um cão policial. Daniel concordou. Perguntei o que estava fazendo e Daniel pediu que eu esperasse. Quando terminou o desenho, disse que ia montar sua casinha, eu disse que ele não me havia falado sobre seu desenho. Daniel disse que havia desenhado sua festa de aniversário onde ele estava com a irmã. O pai e a mãe também estavam presentes e o pai estava com uma bola de futebol. Em sua festa havia pipoca, cachorro-quente e doces. Havia um campo verde, que era a grama, o quintal. Mais abaixo Daniel disse que tinha desenhado um presente para dar a sua mãe. Dentro da caixa havia um colar, um brinco, uma bota, uma bolsa. Perguntei se ele não tinha ganhado presentes de aniversário. Daniel disse que os presentes que havia ganhado estavam na ala.



Daniel festa de aniversário

Vinicius pediu-me papel e tesoura. Sem dizer nada, dobrou a folha e recortou uma bandeirinha de festa junina. Vinicius recortou o lado errado da folha. Amassou-a e jogou-a fora. Pediu-me outra. Vinicius tentou novamente e quase repetiu o erro anterior e eu sugeri que ele tentasse recortar do outro lado. Vinicius atendeu e conseguiu ter uma bandeirinha. Vinicius tinha dificuldades com a tesoura. Ajudei-o a segurar o papel e mostrei com podia fazer. Terminado o recorte, Vinicius disse que ia enfeitar sua bandeirinha. Neste momento, olhou o trabalho de Daniel e começou a copiá-lo. Vinicius iniciou fazendo as bandeirinhas, como Daniel. Daniel não gostou e reclamou que Vinicius estava copiando. Daniel avaliou seu desenho em comparação ao de Vinicius e o achou muito superior. Vinicius desistiu de continuar fazendo as bandeirinhas. Vinicius se dispersou na atividade. Ele parava e ia subir nas mesas, ou ia até a porta falar com as crianças que estavam batendo. Tivemos muitas crianças batendo na porta. Algumas vezes me dirigi à porta e pedi que não interrompessem o trabalho. A insistência foi grande. Daniel gritava que eu tinha morrido, depois Vinicius seguiu a mesma atitude. Antes da oficina as crianças do Abrigo pediam para participar do grupo. Eu lhes expliquei que, naquele momento, as atividades eram restritas a um pequeno grupo de crianças. Observei que as crianças do grupo se vangloriavam de ter uma psicóloga que as atendesse. Ouvi várias vezes as crianças do grupo gritarem para os outros que a psicóloga deles havia chegado. Vinicius se dispersava e voltava quando eu perguntava como ele estava indo na atividade. V resolveu recortar uma figura para colar em sua bandeira. Ele encontrou um garfo. Ajudei-o com o recorte. A cada recorte que Vinicius realizava, quando picotava a figura, Vinicius dizia baixinho: ai. Vinicius falava muitos ais. Quando deixava cair um papel no chão dizia: ai. Parecia-me um ai de quem estava fazendo algo errado. Vinicius deixou cair muita cola sobre a figura recortada. Junto com ele, espalhamos a cola. Vinicius disse que ia colar. Vinicius limpou o excesso de cola que tinha ficado sobre a mesa. Vinicius se dispersou mais um pouco e terminou sua atividade. Daniel perguntou-me sobre seu desenho, o que eu havia achado e se eu tinha gostado. Respondi que sim. Daniel também fez a mesma pergunta

em relação ao trabalho de Vinicius. Eu disse que também tinha gostado e que naquele dia tinha iniciado uma atividade por conta própria, devido a uma escolha sua, mesmo que depois tivesse começado a copiar as bandeirinhas de Daniel.



Vinicius: bandeirinha

Demoramos para começar a segunda turma, pelas mesmas dificuldades. Foi difícil encontrar uma funcionária que chamasse as crianças nas alas. Uma funcionária que foi chamá-los estava procurando por outra, que tinha a chave da ala, pois a funcionária responsável pela ala havia saído e deixado as crianças trancadas.

José pediu-me um pedaço de placa de isopor e tintas vermelha e branca. Disse que faria aquilo que tinha feito em outro dia. Não nomeei a atividade. Vi o que estava fazendo e perguntei se estava misturando tintas. José disse que sim. José misturou as tintas, espalhando o cor-de-rosa sobre a placa. Depois pediu-me papel. José pediu a régua que estava em “posse” de Tatiana. Digo isso porque Tatiana e Karina haviam dividido o material gráfico entre elas, deixando poucos recursos na caixa para José. Tatiana e Karina iniciaram uma pequena discussão sobre os materiais. Karina não queria que Tatiana mexesse nos lápis que tinha reservado para si e Tatiana agiu da mesma maneira com relação a Karina. José, com mais delicadeza e sutileza, percebeu a discussão das duas e pediu emprestada a régua para Tatiana, que a emprestou sem maiores problemas. Depois José pediu lápis para Karina. José foi usando e devolvendo para o monte que estava junto a Karina. José separou a folha de sulfite em três partes. Em uma delas fez rabiscos coloridos, em outro desenhou uma pessoa e disse que ela tinha cabelos arrepiados e uma mão. Perguntei quem era aquela pessoa e ele respondeu, rindo, que era Karina.



Produção de José

José parecia não estar com muita vontade de desenhar ou pintar. Deteve-se por pouco tempo nestas duas atividades e não lhes dispensou muito acabamento. José disse que queria ir embora, queria jantar. Neste momento o relógio marcava 17:00, horário destinado às refeições das crianças. Rapidamente José desistiu da idéia e pediu os tecidos, José queria montar uma casinha. Dei-lhe os tecidos e o ajudei a empilhar algumas mesas. No decorrer dessa oficina fomos interrompidos por José(funcionária do Abrigo), ela disse-me que José e sua irmã seriam adotados por um casal de italianos e as fotos desse casal tinham acabado de chegar. José perguntou-me se eu queria mostrar a José as fotos. Fiquei surpresa porque estava sabendo só naquele momento sobre a adoção. Perguntei o quanto de informações José tinha sobre o fato. José disse que José já sabia da adoção, mas não sabia ainda quem era o casal. Perguntei como José estava reagindo. José disse que, por enquanto, estava tudo bem, parecia que ele e a irmã estavam aceitando a idéia. Perguntei se José estava com alguma dificuldade de mostrar as fotos para José e ela respondeu que não, que era uma tarefa comum entre eles. Normalmente este procedimento era realizado por ela mesma ou por M., a psicóloga do Abrigo (M. estava de férias). Eu disse a José que estávamos em atividade e que não seria possível interrompê-la neste momento e que, além disso, José estava com outras crianças e talvez preferisse tratar disso com mais privacidade. Sugeri que depois que terminássemos a oficina, eu levaria José até ela e se ele quisesse eu ficaria presente. José concordou. José montava sua casinha. Disse que podia ver-me através dos tecidos. Tatiana foi até a casa e encostou no tecido. Iniciou-se uma brincadeira. José não queria que tocássemos nos tecidos ou fizéssemos qualquer barulho. Se soltássemos algum som, ele saía bravo de sua casa e com voz grossa perguntava quem é que estava perturbando seu sono. A brincadeira mudou. José, incentivado por Tatiana, começou a imitar um cachorro bravo. Ele saía de sua casinha para morder quem estava por perto. José fazia um cachorro bravo. Tão bravo que assustou de fato Tatiana, que veio sentar-se em meu colo e não queria de jeito algum ficar no chão. José desistiu da brincadeira e pediu para sair. Faltavam dez minutos para terminarmos o nosso horário. José saiu e foi para o refeitório.

Karina entrou em nossa sala e disse que tinha ficado irritada. Quando ela me falava sobre isso, recebi sua fala como uma justificativa e uma possibilidade de compreensão de sua dificuldade de sair no momento anterior, pelo fato de não ter sido sorteada e, por fim, de ter sido preterida. Eu disse que havia percebido sua irritação pelo fato de não ter sido sorteada, mas que agora nós estávamos juntos e ela poderia escolher a sua atividade. Karina pediu papel e lápis-de-cor. Karina falava alto, queria que eu a ajudasse a separar os lápis na caixa. Karina não pedia, ela mandava. Disse que eu não estava separando os lápis para ela. Perguntei se ela queria que eu a ajudasse e ela disse que sim. Eu a ajudei a separar os lápis. Depois de organizado o material, Karina disse que ia fazer um “corpo-cor”(trata-se de fazer um desenho com suas partes coloridas). Karina iniciou uma discussão com Tatiana, que havia pegado um lápis-de-cor sem a autorização de Karina. Eu disse que o material estava lá para ser dividido. Tatiana também fez um “reservatório” com canetinha e régua. Karina passou a oficina desenhando e pintando com cuidado para não sair dos limites estabelecidos pelo lápis. Karina perguntou a Tatiana se estava borrado. Tatiana respondeu que não. Karina desenhou uma casinha onde morava um cachorro e uma cachorra. A cachorra ficava com a maior parte da casa, com os três cômodos, que eram separados pelas cores e uma parte ficava para o cachorro. O cachorro ficava com a menor parte porque ele não merecia. Karina fez um outro desenho, só que nesta nova casa morava um casal de gatos. Assim como com o casal de cachorros, Karina procedia da mesma maneira com o casal de gatos. Perguntei por que o cachorro e o gato não mereciam uma parte maior da casa. Karina disse que eles eram malvados e, por isso, ficavam com uma parte menor. Karina desenhou quatro corações. Ela me disse que um era meu, o segundo era dela, o terceiro, da irmã e o quarto era de M.. Karina

escreveu o nome dela, da irmã e de M.. Terminado o desenho, Karina pediu durex. Karina dobrou a folha como um envelope, colando muito durex. Levou o desenho consigo. Queria dá-lo para a tia R., uma funcionária de sua ala.

Tatiana fez quadrados em uma folha de sulfite. Dentro deles havia um X. Tatiana fez os desenhos sem dar muitas explicações a respeito. No meio desta atividade, quando pedi para Tatiana dizer o que estava fazendo, ela falou sobre os quadrados e, no verso da folha, ela disse que tinha desenhado peitos. Tatiana riu e disse que os peitos eram de mulher grande. Karina também riu. Tatiana disse que mulher tem “pechéca” e que gosta quando o homem passa a língua nela. Tatiana disse que homem tem pinto e que mulher gosta de pinto. Tatiana disse que S. (uma criança de sua ala) mexeu na “pechéca” das meninas e que elas gostavam disso. Tatiana contou que S. tinha mexido com Karina. Esta ficou brava, dizendo que ia bater em Tatiana. Tatiana corrigiu, dizendo que ela estava falando de outra criança. Karina disse para Tatiana parar porque esta outra criança era sua amiga. José pareceu estar envergonhado. Ele disse que não podiam ficar falando besteira. Karina e Tatiana estavam muito animadas com a conversa, davam risada. Eu disse que parecia que elas queriam saber mais sobre a “pechéca” das meninas e o “pinto” dos meninos, mas que elas sabiam que também era gostoso tocar em algumas partes do corpo. Karina disse que era para parar de falar essas coisas e que ela ia contar para as tias. Tatiana não falou mais sobre o assunto. Amassou sua folha, dizendo que seu desenho estava muito feio. Tatiana pediu outra folha. Ela desenhou o X e a bolinha que eu fazia para o sorteio (quando eu fazia o sorteio, desenhava dois X, para aqueles que ficariam no primeiro horário e três O, para aqueles que ficariam no segundo). Tatiana brincou de desenhar Xs grandes ou pequenos ou O (bolinhas) grandes ou pequenas. Tatiana interrompeu esta atividade para juntar-se a José e brincar de casinha. Primeiro, Tatiana colocou o tule branco sobre a cabeça e correu atrás de José, dizendo que ia casar com ele. Depois desistiu do tule e passou a imitar um cachorro bravo. Tatiana foi atrás de José, que correu dela e Tatiana foi atrás de mim e de Karina, que estávamos sentadas em volta da mesa. José entrou na brincadeira de Tatiana e fez um cachorro bravo. Tatiana se assustou com o cachorro que José fez. Ela foi para meu colo e não ia para o chão. Tatiana disse que estava com medo do bicho. José disse que ia aparecer durante a noite. Tatiana ficou assustada. Tatiana desceu do meu colo quando José saiu da sala. Tatiana tinha abandonado sua atividade gráfica, para brincar com José. Tatiana viu Karina fazendo o envelope de presente e quis fazer o mesmo. Tatiana não tinha paciência com o seu trabalho. Ficou irritada, disse que estava feio, o amassou e o jogou ao chão. Eu disse que Tatiana poderia fazer um presente para dar para alguém desde que se dedicasse a ele. Naquele dia ela tinha preferido brincar com José, na semana seguinte ela poderia se dedicar a fazer um trabalho gráfico mais minucioso. Tatiana concordou e saiu da sala.



Produção de Tatiana

Terminada a oficina, fui falar com a funcionária que havia me procurado durante a oficina. Expliquei-lhe que José havia resolvido sair um pouco antes e por isso não estava comigo. Perguntei como ele estava reagindo à notícia. A funcionária não sabia responder-me ao certo. Disse que estava torcendo para que tudo corresse bem, mesmo porque José chorava e vivia pedindo para ir embora. Perguntei como seria o procedimento e ela respondeu que o casal deveria chegar ao Brasil dentro de um mês. Provavelmente ficaria no país durante um mês para fazer uma aproximação e, se tudo corresse bem, as crianças voltariam com eles para a Itália. Perguntei se havia a possibilidade de desistência. Ela respondeu que sempre há esta possibilidade. Contou que houve um caso de uma criança que viveu um ano fora do país e depois voltou, porque a própria criança queria voltar. Disse que falaria com José mais tarde sobre o casal.

Encontro 17 – 28/07/03

No primeiro horário estavam presentes Karina e José. Disse-lhes que eu havia levado uma proposta diferente para que eles pudessem experimentar um outro tipo de material: a argila. Karina e José mostraram-se interessados em saber do que se tratava. Abrimos o pacote de argila. Cada um retirou um pouco. Notei que havia um misto de estranheza e também um certo “nojo” da massa, que se assemelhava ao “cocô”, como disse Karina. Ambos não se recusaram a experimentar o novo material. Perguntei se algum deles já conhecia a argila e ambos responderam-me que não. Disse-lhes que com a argila, era derivada do barro, poderíamos construir formas, assim como eles estavam acostumados com a massinha de modelar. Pedi que explorassem o material que tinham em mãos, sentindo a sua temperatura e consistência. Se acrescentássemos água à argila, ela ficaria mais lisa e mais amolecida. Karina e José fizeram suas experimentações. Karina modelou um “cocô” e logo o amassou novamente. Karina e José lavaram suas mãos diversas vezes. Em alguns momentos senti que estavam um pouco aflitos com a sujeira e a possibilidade de a mesma não sair de suas mãos. José começou a fazer bolinhas, as “carinhas”. Em seu trabalho fez cinco “carinhas” e, quando perguntei quem eram as “carinhas”, José respondeu-me que eram ela mesma. Quando eu estava conversando com José, Karina interferiu e nomeou as “carinhas” com os mesmos nomes dos integrantes de nosso grupo. Eu disse que esta era a versão de Karina e que ainda não sabíamos de José qual seria sua versão. José nomeou as “carinhas” como “eda”, “leda”, “seba”, “dele”, “ele”. José não levou maiores informações sobre sua atividade e eu não insisti.



José: as carinhas

Terminando as “carinhas”, José pediu-me folha branca e lápis-de-cor. Dei-lhe o material e sentei-me ao seu lado. José foi separando os lápis das canetinhas um a um e pedindo que eu os segurasse. José fez uma janela com o lápis vermelho e pintou por cima desta com o lápis

preto. Disse que a janela estava fechada. José parecia estar incomodado com Karina, que estava irritada e que fazia barulho com a maçaneta da porta. José ficou em silêncio e olhou-me quando Karina chamou por alguém que estava fora da sala. Ao terminar nosso horário, José quis sair. Parecia-me cansado e até um pouco triste (faço esse comentário, tendo em vista outros encontros onde José já havia se mostrado mais participativo e envolvido com as atividades propostas).



Produção de José

Karina manuseou a massinha que, segundo ela mesma, se assemelhava a “cocô”. Mexia na argila e lavava suas mãos. Experimentou fazer as “carinhas”, desenhou uma casinha sobre a massa e por fim fez um pirulito, utilizando-se do cabo de um pincel. Karina queria mostrar a massa para sua “tia” P. (funcionária que cuidava das crianças de sua ala). Disse-lhe que poderia mostrar a ela após o término da oficina, sendo que a massa precisaria ficar em nosso armário para que ela secasse e para que pudesse ser pintada se assim eles quisessem. Karina não concordou com a minha decisão e começou a “atacar-me” com suas birras. Karina não queria mais falar comigo, nem continuar a atividade. Ficou parada perto da porta, mexendo na maçaneta e pedindo para que alguma criança que estivesse do lado de fora chamasse a “tia” P.. Perguntei a Karina se ela queria sair, pois eu abriria a porta e ela respondeu que não. Karina passou o restante do tempo da oficina ao lado da porta. Ao terminarmos, abri a porta e Karina e José saíram. Karina falou com a “tia” P. e depois quis entrar em nossa sala novamente. Expliquei-lhe que a nossa oficina havia terminado e que Karina não tinha conseguido aproveitar como poderia nosso encontro. Agora eu necessitava arrumar a sala para o outro grupo que estava esperando. Karina ficou emburrada ao lado da porta. Eu disse que Karina estava perdendo a oportunidade de aproveitar as coisas quando elas apareciam e que nem tudo é do jeito que a gente quer, que, portanto, temos que aproveitar as coisas como elas se dão, caso contrário, não aproveitamos nem aqui, nem ali. Era interessante dizer que Karina estava bastante envolvida na atividade de argila, estava entusiasmada. Algumas crianças do lado de fora da sala batiam à porta e Karina respondia que não iria deixar ninguém me bater. Outra fala que chamou a minha atenção se deu quando Karina comentou a respeito do que a deixava irritada; ela estava se referindo às crianças de sua ala, que choravam muito.

No segundo grupo estavam Daniel, Vinicius e Tatiana. As mesmas instruções foram dadas a eles na apresentação deste novo material. Na realidade este material não era completamente novo, pois já tinha estado disponível para as crianças. Observei, porém, que mesmo estando disponível, as crianças não se interessaram por conta própria em explorá-lo. Foi pensando na possibilidade de exploração que decidi apresentá-lo de maneira especial, para que pelo menos as crianças pudessem ter um contato. Daniel disse que conhecia a argila, pois brincava com barro no quintal de sua casa. Daniel disse que faria um boneco de neve. Fez duas bolinhas

com a massa e montou seu boneco. Vinicius disse que o boneco de Daniel parecia um passarinho. Daniel não concordou e continuou o seu trabalho. Daniel não demonstrou receio com o material; pelo contrário, mostrou-se bem familiarizado. Daniel fez dois bonecos e, quando terminou, disse que eram ele e seu pai, sendo o pai o boneco que estava de boné. Acrescentou que eles estavam voltando para casa. Depois de mencionar isto, Daniel disse que era mentira e que não voltaria para sua casa. Eu disse que entendia o que ele estava falando, mas que, na história que ele me contava sobre os bonecos, tudo era possível.



Daniel: bonecos de argila

Daniel sorriu e pediu folha e tintas. Daniel disse que era um artista e que ia fazer uma obra de arte. Nesse momento eu estava ao lado de Tatiana e Vinicius., ajudando-os em suas atividades. Daniel pintou mas não se mostrou satisfeito com o resultado de seu trabalho. Disse que a culpa disto ter acontecido era de Tatiana e de Vinicius, que não paravam de falar e que o barulho o atrapalhava. Brinquei com Daniel dizendo que a obra que ele tinha imaginado não tinha saído como ele queria e que por isso estava falando que a culpa era dos outros. Daniel sorriu, aceitou a brincadeira. Tatiana riu e fez barulho com o lápis na mesa, provocando Daniel. Daniel compreendeu a brincadeira e riu do acontecido. Depois de terminar a sua obra, Daniel juntou-se a Tatiana e Vinicius para brincar de casinha.



Daniel: obra de arte

Vinicius entrou na sala com uma flauta, bateu o instrumento nas costas de Daniel e saiu correndo, antes mesmo de Daniel revidar. Daniel o ameaçou e Vinicius, encostado na parede fez cara de choro. Daniel olhou-me e disse que ia pegar Vinicius. Olhei para Vinicius e, sem que eu mencionasse nada, Vinicius pediu desculpas a Daniel. Vinicius não explorou por muito tempo a argila. Tocou-a, mas não a modelou, nem fez outras experimentações. Vinicius circulou, viu o que Tatiana e Daniel faziam. Fez comentários sobre o trabalho dos outros. Vinicius seguiu Tatiana, que se dirigiu à caixa onde estavam os trabalhos das crianças. Tatiana quis utilizar o papel cor-de-rosa onde Vinicius tinha realizado a sua atividade de colagem. Eu disse à Tatiana que não seria possível utilizar aquela folha, pois se tratava do trabalho executado por Vinicius. Vinicius disse que o trabalho era seu, mostrou-me os aviões que tinha recortado e sua assinatura. Tatiana pediu outra folha. Vinicius também. Vinicius ainda parecia indeciso sobre o que fazer. Disse que ia usar tintas como Daniel. Daniel reclamou dizendo que Vinicius estava sempre na sua “cola”. Ao oferecer o material para Vinicius, este percebeu as figuras do jornal que estava sendo utilizado para forrar a mesa. Vinicius decidiu pelo recorte de uma figura que encontrou no jornal. Pegou a tesoura e a recortou. A figura era bem pequena e, quando terminou, Vinicius foi mostrar-me bastante satisfeito por ter conseguido recortar a figura, sem invadir a foto propriamente dita. Vibrei com Vinicius pois entendia o que tal ato significava para ele. Vinicius estava conseguindo manejar a tesoura e obter um bom resultado no recorte. Vinicius pediu minha ajuda para colar as duas pequenas figuras no trabalho que tinha sido feito em outra oficina. Quando estávamos colando, Vinicius disse que queria trocar de lugar com o bebê que estava no carrinho. Ficamos alguns segundos admirando seu trabalho. Terminada esta atividade, Vinicius aceitou brincar de casinha com Tatiana e Daniel. Notei que Vinicius estava caminhando para a independência. Parecia estar descobrindo seu próprio território, adquirindo mais confiança e autonomia para realizar suas próprias atividades e mais coragem para lidar com suas próprias dificuldades.



Vinicius: colagem

Tatiana disse que a argila tinha cheiro ruim e que parecia “cocô”. Tatiana amassou a argila e também não demonstrou dificuldades para lidar com o material. Espetou uma bola de massa em um palito e disse que era sorvete. A massa se transformou e Tatiana escondeu o pincel dentro da massa. Disse que o pincel havia sumido. Entrei na brincadeira e perguntei onde estava o pincel, Tatiana abriu a massa e me mostrou. Tatiana amassou, bateu, apertou a massa de argila. Fez uma bola amassada com dois pincéis cruzados no centro. Disse-me que era Jesus. Perguntei onde estava Jesus. Daniel respondeu que estava na cruz. Tatiana disse,

posteriormente, que ela tinha feito um X. Lembrei-me do X que era utilizado para fazermos o sorteio.



Tatiana: produção em argila

Tatiana quis fazer outra coisa. Pediu papel e tesoura. Recortou o papel, depois desenrolou o barbante e o cortou em pedaços bem pequenos. Não me disse o que estava fazendo. Queria brincar de casinha.

Os três uniram-se para montar a casinha. Tatiana disse que ela era a mamãe, Vinicius era o filhinho de Daniel, o papai. Daniel disse que brincar de papai e mamãe era fazer “taradice”. Vinicius e Tatiana foram para dentro da casinha. Daniel cochichou em meus ouvidos que os dois estavam brincando de papai e mamãe. Daniel levou presentes para dentro da casinha. Tatiana ficou com os presentes. Daniel fez um bastão com papel pardo e disse-se policial. Foi até a casa e, gritando, disse que estava lá e que ele iria pegar alguém. Daniel saiu pela sala batendo com o bastão sobre as mesas, fazendo muito barulho. Cheguei a assustar-me com o barulho produzido e com a violência da batida do bastão sobre a mesa. Percebi que Tatiana e Vinicius também se assustaram dentro da casinha. A luz da sala estava apagada, era noite, o policial estava nas ruas, fazendo sua ronda. Tatiana e Vinicius estavam encurralados dentro da casa.

Naquele dia uma funcionária disse-me que José provavelmente iria embora na sexta-feira seguinte e que talvez não voltasse mais para o Lar. Confirmei a história com outra funcionária, que me disse que os pais adotivos de José e a irmã já estavam no Brasil e que o encontro estava marcado para aquela sexta-feira, no Fórum. Perguntei sobre o procedimento. Ela contou-me que, se tudo corresse bem neste encontro e que se as crianças concordassem em passar um tempo com eles, elas não voltariam mais para o Abrigo e seguiriam para o hotel onde este casal estava hospedado. Passariam um tempo juntos para a adaptação e, se tudo corresse bem, dentro de mais ou menos um mês, talvez antes, voltariam com o casal para o país de origem. A funcionária relatou que, na sexta-feira, provavelmente um oficial buscaria as crianças e as levaria ao Fórum. Falou-me que as crianças estavam acostumadas com este procedimento e, também, por verem e ouvirem histórias a respeito. Elas seguiriam sozinhas até o Fórum onde aconteceria o encontro. Se tudo corresse bem, elas voltariam para o Abrigo para se despedir dos colegas. Perguntei sobre a reação de José. A funcionária disse que ele estava reagindo bem. Depois que um amigo seu (M.) tinha sido adotado, José vivia pedindo um pai.

Encontro 18 – 04/08/03

Neste encontro não tivemos José presente. Na sexta-feira anterior, ele e a irmã A. realizaram o primeiro contato com os pais adotivos. Como se tratava de uma adoção a ser realizada por

casal estrangeiro, procurei entrar em contato com o Fórum para obter mais detalhes. A assistente social me informou que o encontro tinha transcorrido de maneira tranqüila e proveitosa. Relatou que José tinha se adaptado logo de início, mostrando grande disponibilidade para conhecer e experimentar essa nova relação. A irmã, que era um pouco mais velha, tinha se mostrado um pouco receosa, mas tinha participado das brincadeiras propostas pelo casal, que tinha levado brinquedos e pareceram bastante realizados com o encontro. Depois disso, as crianças seguiram para o hotel onde o casal estava hospedado e onde ficariam em processo de adaptação, que duraria um mês. O casal estava sendo acompanhado por um representante, que ajudava na tradução da língua entre o casal e as crianças. Estava marcado para a semana seguinte um outro encontro entre o casal, as crianças e o representante do Fórum para avaliar a primeira semana. Este encontro deveria ser realizado com a equipe de Psicologia. A assistente social disse que eu poderia retornar para obter maiores informações. Da mesma maneira coloquei-me à disposição para qualquer esclarecimento. A pedido da assistente social, aceitei dar meu telefone de contato para a representante que estava acompanhando o casal e as crianças.

Daniel e Vinicius foram sorteados para o segundo horário. Vinicius chorou e se mostrou bastante contrariado. Vinicius parecia estar diferente. Já havia se irritado com o sorteio, mas não havia chorado até então. Reforcei nosso contrato: disse que eu estaria com eles depois de uma hora e que eu nunca havia falhado com eles a respeito de nossas combinações. Daniel ajudou-me com a explicação. Parecia que ele estava sensibilizado com Vinicius e reforçou que estaríamos juntos depois de uma hora.

Tatiana e Karina desceram para a oficina, mas não entraram em nossa sala. Tatiana estava quieta, não queria conversa. Disse que Vinicius e Daniel estavam no segundo horário e que poderíamos iniciar nossas atividades. Karina parecia acompanhar Tatiana. As duas sentaram-se em frente a nossa sala e ali ficaram. O sol estava quente e as duas deitaram no chão e ali permaneceram. A princípio disse-lhes que esperaria dentro de nossa sala. Fiquei por alguns minutos e as duas não se manifestaram. Nesse momento fiquei sem saber como agir. Pensei que este movimento tivesse alguma coisa a ver com a saída de José do grupo e da instituição, assim como tinha relacionado este fato com o choro de Vinicius. Eu estranhava toda esta diferença no comportamento dessas crianças. Sentei-me por algum tempo junto a elas. Não conversavam comigo. Mantinham em suas mãos o papelete que se referia ao sorteio. Ensaiei uma provocação, dizendo que eu pensava que esta atitude delas tinha relação com a saída de José do grupo e da instituição. Karina e Tatiana olharam-me, mas não me deram retorno. Convidei-as para entrar para que, de alguma forma, pudéssemos nos comunicar, através dos desenhos, por exemplo. Não obtive resposta. Fiquei em silêncio por um bom tempo. Transcorridos cinqüenta minutos, sugeri que terminássemos nosso encontro, pois o objetivo de nossas oficinas era que, de alguma forma, pudéssemos falar de coisas, trocar idéias, desenhos, sensações, experiências. Encerrei e disse que iniciaria com o segundo grupo. Tatiana subiu para sua ala sozinha. Karina permaneceu deitada. Uma funcionária foi buscá-la e Karina a acompanhou. Confesso que foi um encontro difícil: será que houve um encontro? Será que soube estar nesse encontro? Realmente não soube avaliar minha postura naquele momento. Optei por seguir as diretrizes das oficinas: se elas não queriam estar ali, não haveria a oficina.

Daniel e Vinicius chegaram dispostos a trabalhar. Disse a Vinicius que eu estava cumprindo com o nosso contrato e que estávamos nos encontrando. Mostrei a Daniel o resultado de seu trabalho da semana anterior quando havíamos trabalhado com a argila, que então estava pronta para ser pintada, pois já se encontrava endurecida. Vinicius e Daniel manipularam as peças. Observaram que ela estava fria, diferente da temperatura da argila enquanto massa e modelada. Eu disse que, com a manipulação da argila enquanto massa, a temperatura subia devido ao calor transmitido pelas mãos. Um dos bonecos feito por Daniel teve a cabeça

descolada. Daniel jogou a cabeça do boneco no lixo. Vinicius se interessou pelo trabalho, pois na semana anterior, Vinicius não tinha concretizado um trabalho com a argila. Vinicius procurou a cabeça do boneco de Daniel no lixo. Recuperou-a, mas Daniel a jogou fora novamente. Vinicius disse que ia pintar o boneco sem cabeça. Daniel e Vinicius pintaram os bonecos. Daniel usou tintas coloridas, mas sem misturá-las. Terminou seu trabalho dizendo que tinha pintado um palhaço.



Daniel: palhaço

Vinicius pintou seu boneco de azul, dizendo que tinha pintado um menino sem cabeça e sem um braço.



Vinicius: boneco azul

Daniel não gostou que Vinicius o copiasse. Sentiu-se irritado com Vinicius. Disse que só porque o Vinicius tinha psicóloga, achava que podia fazer o que quisesse (aqui, no caso, Daniel estava se referindo à opção de Vinicius, por ter sido a mesma que a dele: pintar a peça de argila). Marquei uma diferença entre ambos: disse que Vinicius estava pintando a peça de modo diferente de Daniel. Terminada a pintura da peça, Daniel foi até um saco de brinquedos que estava na sala e tirou um martelo de plástico. Foi até Vinicius e bateu o martelo com leveza nas costas de Vinicius. Depois bateu com força o martelo no chão. Vinicius disse que foi um barulho muito forte. Daniel disse que queria brincar no pátio. Eu disse que ele poderia sair se quisesse e perguntei se não havia algo em que ele se interessasse, dentro de nossos recursos. Daniel pensou e, como uma descoberta, disse que ia brincar de casinha. Daniel quis os tecidos. Fui pegá-los, mas Daniel se antecipou, subiu em uma mesa e pegou o que precisava. Daniel foi montando sua casinha, utilizando-se das mesas de plástico. Enquanto

Daniel fazia isso, disse que Vinicius não ia brincar, porque ele não ia deixar. Daniel falou que sabia que Vinicius ia querer brincar com ele, mas que não ia deixá-lo entrar na casinha. Neste momento Vinicius não estava tão interessado em brincar com Daniel. Antes de montar a casinha, Daniel tinha experimentado fazer uma pintura com a aquarela. Pintou alguns triângulos com as cores. Enrolou a folha de sulfite e disse que estava fazendo mágica. Parecia que a mágica não estava dando certo. Perguntei qual seria o resultado e Daniel disse que queria que saísse um boneco de dentro do papel enrolado. Quando Daniel optou por esta atividade, disse que Vinicius não iria copiá-lo. Perguntei o que Vinicius queria fazer. Vinicius disse que queria uma folha. Perguntei qual era a cor da folha que ele queria. Vinicius pensou e disse que queria folha vermelha. Fomos juntos até a pasta com as folhas e lhe mostrei as opções de papel. Vinicius optou pelo papel camurça. Disse que ia pintá-lo com tinta. Vinicius experimentou a tinta sobre a camurça. Disse que não estava dando certo. Perguntei o que não estava dando certo e ele não respondeu. Vinicius virou a folha. O verso da folha era liso e branco. Vinicius disse que agora ia dar certo. Vinicius fez quadrados. Disse que vai pintar o centro dos quadrados com uma cor diferente. Ele optou pela cor amarela. Terminando a pintura, perguntei sobre a sua assinatura. Vinicius lembrou-se de que tinha que assinar o que era seu. Pediu uma canetinha e colocou sua marca. Vinicius pareceu muito satisfeito com o resultado de seu trabalho. Eu também fiquei surpresa. Parecia que alguma coisa estava se modificando. Vinicius fazia quadrados com nítidas separações de dentro e fora. Foi uma escolha sua, não dirigida por alguém, até provocada por Daniel, que não queria que Vinicius copiasse seus desenhos.



Produção de Vinicius

Depois de terminar a pintura, Vinicius juntou-se a Daniel para brincar de casinha. Daniel parecia ansioso. Ao mesmo tempo que falava para Vinicius que ele não iria brincar de casinha, precisava de Vinicius para a brincadeira ter um sentido. Daniel reclamou que Vinicius estava demorando para pintar os quadrados. Daniel foi até a mesa onde Vinicius estava pintado e ofereceu ajuda, que foi recusada por Vinicius. Daniel esperou Vinicius terminar para poder começar a brincadeira. Os dois brincaram de esconde-esconde. Um ficava na casinha e o outro saía para se esconder. Quando aquele que se escondia era descoberto, trocavam-se as posições. A brincadeira foi sugerida por Daniel, que a iniciou de uma maneira bem sutil. Saiu da casinha, onde estava Vinicius e começou a fazer de conta que não sabia onde ele estava. Foi andando pela sala e perguntando onde estaria Vinicius Daniel, depois de procurar, foi até a casinha e disse: achei. Vinicius compreendeu a brincadeira e aceitou o convite.

Enquanto eu estava reunida com Vinicius e Daniel, Tatiana e Karina bateram em nossa porta pedindo para entrar. Fui até elas e disse que o horário reservado para elas havia terminado e

que elas tinham optado por não participar de nossas atividades. Disse que nos encontraríamos novamente na semana seguinte.

Encontro 19 – 11/08/03

Iniciamos a oficina com Vinicius, Karina e Tatiana. Daniel não pôde participar devido à hepatite A que tinha contraído na semana anterior. Daniel estava em uma ala isolada com algumas crianças acometidas pela mesma doença. Fui até a ala onde Daniel se encontrava e conversamos a respeito de sua participação nas oficinas. Daniel se mostrou satisfeito ao verme e não ficou contente por ter de se afastar de nossos encontros. Daniel não demonstrou insatisfação, mas um pouco de decepção por não participar temporariamente do grupo. Expliquei-lhe que, assim que o médico o liberasse para o contato com outras crianças, ele voltaria a participar de nossas atividades. Daniel concordou, sem questionar.

Karina percebeu a falta de José e comentou que ele estava na escola. Propus que experimentássemos um material que tinha sido pouco utilizado em nossos encontros, a aquarela. Deixei sobre as mesas folha de papel sulfite, três pincéis, três copinhos com água e a tinta. Expliquei o procedimento: molhar o pincel na água e passá-lo sobre o pó, para se obter a pasta colorida. Os três se mostraram dispostos à execução. Karina comentou que já havia utilizado a aquarela. Lembrei que ela havia utilizado a tinta como maquiagem, para pintar seu rosto e que hoje estaríamos experimentando outras possibilidades. Tatiana brincou com a tinta. Não se preocupou em dar forma ao que estava pintando, mas as texturas que o material possibilitava. Dessa forma, pintou com a tinta mais condensada e também com a tinta na forma mais líquida. Tatiana pediu para despejar água sobre a folha. Eu disse-lhe que muita água faria o papel rasgar, pedi que ela colocasse mais água com o próprio pincel. Tatiana experimentou. A tinta ficou muito aguada e acabou rasgando a folha. Tatiana olhou-me com um susto. Disse-lhe que não havia problemas. Tatiana pediu mais folhas de sulfite, mas não queria aquarela, pediu-me lápis.



Tatiana: produção em aquarela

Karina teve dificuldades para manejar o material. Fez um coração cor-de-rosa sobre a folha, depois quis preenchê-lo com outra cor. Como a tinta estava muito aguada, as duas cores se misturaram. Karina ficou irritada, amassou sua folha e a jogou no lixo. Pedi para Karina ter mais calma, que eu a ajudaria a chegar na textura adequada. Pedi seu pincel, Karina desconfiou, mas o emprestou. Molhei seu pincel na água e dei uma leve secada no paninho, para depois misturar a tinta. Passei o pincel sobre a folha e obtivemos a tinta mais

condensada. Karina se animou e fez o mesmo. Conseguiu a textura almejada, mas Karina não teve muita paciência com as outras pinceladas. Ora a tinta ficava aguada, ora o pincel ficava seco demais. Karina jogou a folha no lixo novamente e pediu outra folha de sulfite e lápis. Furneci o material pedido, parecia que Karina estava mais à vontade. Karina tentou desenhar algo. Neste momento, ela e Tatiana estavam conversando sobre o sorteio, que naquele dia não tinha sido efetuado. Disse que não tínhamos feito o sorteio pelo fato de José e Daniel não estarem presentes. Vinicius disse que Daniel estava fingindo que estava doente e por isso estava no berçário (ala de isolamento). Eu lhes disse que Daniel estava realmente doente e que não poderia estar na oficina porque sua doença era contagiosa, mas que, assim que se recuperasse, estaria de volta novamente. Perguntei o que sabiam a respeito de José. Vinicius respondeu que ele estava na escola. Imediatamente, Karina rabiscou sua folha com muita força, batendo a ponta de seu lápis no papel.



Produção de Karina

Eu lhes disse que José não estava na escola mas, percebendo o descontrole de Karina, resolvi não falar sobre o assunto. Karina ficou muito agitada, começou a provocar Tatiana, que desenhava. Karina pegou o estojo de aquarela que estava com Vinicius. Levantei para pegá-lo e Karina ameaçou correr. Eu disse para Karina devolver, pois Vinicius estava utilizando este material. Disse que ela estava tentando provocar as crianças e a mim com sua atitude. Karina derrubou o estojo no chão e algumas cores descolaram do estojo. Karina se assustou. Vinicius e Tatiana correram. Vinicius acusou Karina de ter estragado o estojo. Eu disse para se acalmarem, que colocaríamos as tintas no lugar. Recolhi o estojo, depois de Karina, Tatiana e Vinicius terem colocado as cores nos seus lugares. Tatiana foi até a porta e gritou para chamar a José (funcionária) porque Karina não estava obedecendo à psicóloga. Karina foi atrás de Tatiana. As duas se assustaram ao perceber que, atrás da porta, havia uma pessoa que realmente tinha ouvido o recado. Karina e Tatiana voltaram para a mesa. Karina amassou sua folha. Eu disse para Karina amassar mesmo. Karina jogou a folha no chão e pisou nela. Karina deixou a folha e foi para o chão se enrolar no plástico que servia de forro para as nossas atividades. Dei uma revista para Karina e disse que ela rasgasse e amassasse se tivesse vontade. Karina o fez. Começou a jogar algumas folhas sobre a mesa, local onde Vinicius estava trabalhando. Eu disse que Karina poderia amassar, rasgar, mas não atrapalhar Vinicius em sua atividade. Karina passou a olhar a revista, a folheá-la. Ficou ao lado de Tatiana, que desenhava, e chamou a atenção de Tatiana para as fotos. A princípio Tatiana não deu muita atenção, mas Tatiana acabou se envolvendo com as figuras que Karina mostrava. Karina disse que queria brincar no pátio. Eu disse que ela poderia sair se assim preferisse, mas que voltaria para a ala, pois não poderia ficar no pátio sem algum funcionário acompanhando. Karina

pediu-me, então, uma folha, disse que ia desenhar. Dei o material que pediu. Karina começou a desenhar uma casa que era desenhada com tracejados, a linha de contorno no desenho não era contínua. Já mais calma, Karina disse que as pessoas boas estavam em cima e as ruins estavam embaixo. Pedi que ela explicasse melhor. Karina se referiu ao céu para as pessoas boas e ao inferno para as ruins. Karina disse que foi sua irmã quem lhe tinha dito isso. Perguntei o que ela achava de si. Karina disse que era boa (fazendo uma expressão de não tão boa assim). Perguntei o que desenhava. Karina disse que já tinha me falado sobre isso. Pedi que ela me dê uma dica. Disse que era a casa onde morava com a M. (sua irmã), a M. (psicóloga do Abrigo) e com sua mãe. Vinicius também resolveu provocar. Impedi que Vinicius pintasse o desenho de Karina, mas este já havia feito um traço com o pincel. Karina reclamou, dobrou a sua folha, disse que tinha ficado feio. Insisti para que ela desse prosseguimento à sua idéia. Karina dobrou a sua folha. Por alguns instantes não desenhou nada. Depois utilizou o verso da folha para desenhar uma fada.



Karina: fada

Eu disse que fadas costumavam realizar desejos. Perguntei a eles que desejo gostariam que fosse realizado. Tatiana e Vinicius queriam mães e Karina disse que não queria mãe, porque ela tinha mãe, ela gostaria de comida. Karina terminou de desenhar e pintar sua fada – fada cor-de-rosa, sua cor predileta e cor de meninas, segundo ela própria. Quis colar um pedaço de barbante atrás da fada. Utilizou a cola. Eu disse que o barbante não colaria de imediato com a cola fria, sugeri que ela utilizasse o durex. Karina não me deu ouvidos. Experimentou e o barbante não se fixou. Pedi que ela me deixasse ajudá-la. Karina relutou um pouco, mas aceitou. Colei dois pedaços de durex e o barbante se fixou. Karina demonstrou contentamento. Pediu-me mais durex e cola sobre o barbante. Seguindo Tatiana, Karina foi até a parede e fixou sua fada num lugar alto. Disse que lá não poderiam alcançar. Saindo da oficina, duas crianças entraram na sala, Karina mostrou o que havia feito. As crianças se aproximaram e Karina reagiu irritada, dizendo que não pegassem. Karina e as crianças saíram da sala.

Vinicius se deteve na aquarela. De início pintou livremente, experimentando as possibilidades do material. Disse que estava feio. Pediu-me outra folha e lápis. Desenhou um homem-bicho. Ao lado deste homem, havia rabiscos efetuados após Vinicius observar Karina rabiscando sua folha.



Vinicius: homem-bicho

Vinicius iniciou outra pintura no verso da folha onde havia experimentado a aquarela. Vinicius fez uma cruz com a tinta preta. Passou várias vezes o pincel, realizando o mesmo movimento, passando sobre essa cruz outras cores. Avisei-o sobre a possibilidade de rasgar o papel com a tinta muito aguada. Perguntei o que estava fazendo e Vinicius respondeu que fazia um avião. Vinicius concentrou-se nesta atividade durante todo o tempo. Em alguns momentos dispersava-se. Chegou a acompanhar Karina em seu descontrole, correndo por alguns instantes na sala, mas logo voltou à atividade. Deteve-se nas figuras que Karina mostrava a Tatiana. Vinicius prestava atenção nas imagens ao mesmo tempo em que “escalava” o meu colo. Lembrei Vinicius de sua atividade. Vinicius voltou ao seu trabalho. Terminou de pintar seu avião, explicando-me que na frente estavam os faróis, ao centro as asas e, ao final, o restante do avião. Vinicius recortou em volta da figura pronta e a colou sobre outra folha.



Vinicius: avião

Já no final de nossa oficina Vinicius disse que queria brincar de casinha. Eu disse que estávamos no final de nosso encontro. Vinicius encostou-se na parede e fez “bico”, mostrando seu descontentamento. Disse a Vinicius que ele tinha produzido uma pintura muito boa, que ele tinha feito algo seu e que poderíamos fazer outra coisa no encontro seguinte. Vinicius demonstrou estar satisfeito com a sua produção. Saiu de nossa sala sem maiores problemas.

Tatiana iniciou com a experimentação da aquarela. Não se deteve muito neste material, preferindo utilizar-se de lápis e papel. Pedi para Tatiana imaginar o que iria fazer. Tatiana disse que iria desenhar um príncipe, uma Cinderela, um filho e a mãe. Propus que ela realizasse tal atividade. Insisti nesta definição porque percebi que Tatiana se dispersava em alguns momentos, não experimentando esta fase da produção, o planejamento do ia fazer. Tatiana desenhou uma cabeça. Disse que tinha errado ao desenhar a sombrancelha e apagou seu desenho. Insisti para que continuasse. Aos poucos Tatiana foi deixando a borracha e desenhando mais livremente. Desenhou uma figura humana. Desenhou um “pipi” para dizer que aquele era um homem. Depois desenhou um menino, dizendo que o menino tinha “pipi” e que ele estava com sua mãe. Karina disse que Tatiana não podia ficar falando “dessas coisas”. Eu disse que Tatiana estava desenhando o “pipi” para diferenciar o menino da mamãe que não tem “pipi”. Tatiana apagou o “pipi” da mãe, dizendo que menina tinha “pecheca”. Tatiana recortou as figuras desenhadas. Inicialmente recortou em volta das figuras, depois separou a mãe do filho e se assustou com sua “distração”, ao separar os dois. Em seguida separou a cabeça dos corpos. Tatiana pediu-me uma folha para colar. Escolheu o papel crepon cor-de-rosa. Colou as duas cabeças sobre o crepon. Tatiana recortou um pedaço de barbante e o colou sobre a folha. O barbante estava saindo de um lugar e chegou até a cabeça da mãe. Tatiana colou seu trabalho na parede. Ao final da oficina, Tatiana recolheu seu trabalho e o levou consigo. Perguntei se não preferiria deixá-lo em nossa caixa. Tatiana respondeu que não ia deixá-lo.

Encontro 20 – 18/08/03

Chegando no Abrigo tive a informação de que a maioria das crianças tinha ido a um passeio. Daniel não tinha ido por conta da hepatite. Karina também não tinha podido ir porque estava com o queixo machucado e Vinicius, por causa de sua idade.

Iniciamos a oficina com Karina e Vinicius. Karina estava no berçário sob os cuidados das funcionárias dessa ala, já que a de sua ala tinha ido ao passeio.

Perguntei a Karina o que havia ocorrido. Karina disse que uma menina de sua ala tinha colocado o pé na sua frente, o que tinha ocasionado a queda na rampa. Karina estava com um potinho com pomada para passar de tempos em tempos no machucado (Karina levou alguns pontos no queixo). Karina disse que estava de calça e blusa novas. Disse que queria desenhar, pediu-me uma folha branca e lápis. Dei-lhe o material pedido. Karina disse que faria uma casinha. Vinicius pediu-me folha colorida. Abri a pasta com as folhas e pedi que Vinicius escolhesse. Vinicius disse que queria a folha de papel laminado vermelha, só que apontou a amarela. Perguntei se ele queria a vermelha (apontei a cor correspondente) ou a amarela (tal qual havia me apontado). Vinicius escolheu a amarela. Vinicius disse que a cor da pasta que eu usava para guardar as folhas era rosa (na realidade era vermelha) e que era diferente da cor que ele tinha escolhido. Concordei a respeito da diferença entre as cores, mas disse que a cor da pasta era vermelha. Vinicius foi para a mesa, queria fazer um coração. Vinicius aproximou-se de Karina e passou o dedo na sua pomada perguntando se era cola. Respondi que não era cola, mas sim o remédio de Karina. Karina levantou-se, carregou a pomada consigo e foi para a porta. A partir daí, Karina ficou encostada na porta, mexendo na maçaneta como quem estivesse pedindo para sair. Perguntei para Karina se ela queria que eu guardasse o seu remédio. Karina não respondeu, ficou por uns dez minutos parada em frente à porta, mexendo na maçaneta. Perguntei se estava com raiva. Karina não respondeu. Eu disse que ela poderia rasgar papel, amassá-lo ou desenhar, se assim preferisse. Disse também que ela poderia voltar para a ala, se assim o quisesse, mas que não voltaria para a oficina. Pedi que ela pensasse a respeito. Karina ficou por alguns minutos na mesma posição. Fazia um barulho muito grande com a maçaneta, mal dava para eu ouvir o que Vinicius falava. Vinicius fazia

seus desenhos. Fez um peixe e um coração. Vinicius foi mostrar-me o que havia feito, enquanto estava conversando com Karina. Vinicius fez bolas.



Produção de Vinicius

Recortou algumas delas e disse que precisava de tinta. Preparei os potinhos com as cores que Vinicius tinha escolhido. Vinicius confundia a cor vermelha com a amarela. Precisávamos de água para Vinicius limpar os pincéis. Pedi licença para Karina, que estava em frente à porta. Karina não quis sair. Eu disse que precisávamos ir ao banheiro para buscar água. Karina não saiu. Tirei a mão de Karina que estava sobre o buraco da fechadura e abri a porta. Karina saiu, dizendo que não queria mais ficar naquele lugar, falava com raiva. Karina seguiu para sua ala e eu e Vinicius fomos para ao banheiro buscar água. Não insisti com Karina. Estava difícil tentarmos começar algo, com algum material. Deixei-a ir.

Fiquei com Vinicius na sala. Vinicius pintou as bolinhas que tinha recortado. Disse que errou, quando passou a tinta para fora do contorno. Disse também que errou porque eu falei enquanto pintava. Eu disse que ia ficar em silêncio. Vinicius interessou-se pela tinta, pelas misturas. Reconheceu bem o azul e o verde, confundiu o amarelo. Vinicius via as cores que se transformavam na água quando limpava os pincéis. Pegou um pouco de tinta azul com o pincel, passou o mesmo pincel pelo amarelo e o verde. Disse que as tintas estavam se misturando. Perguntei a Vinicius o que queria desenhar (estava aproveitando a ocasião, já que estava a sós com ele, para tentar delimitar um projeto). Pedi para Vinicius fechar os olhos e imaginar um desenho, depois perguntei o que havia imaginado. Vinicius disse que tinha imaginado um coração. Pedi para ele desenhar o que tinha pensado. Vinicius disse que queria fazer uma maçã. Eu disse que ele fizesse primeiro o coração e depois a maçã. Vinicius fez um primeiro desenho, um círculo. Disse que tinha dado errado. Pedi que ele tentasse novamente. Vinicius desenhou um outro círculo (Vinicius não conseguia dar forma ao coração). Disse que tinha conseguido. Eu disse a ele desenhar a maçã. Vinicius desenhou a maçã (um círculo, com uma entrada e um cabo). Vinicius pintou com a tinta seus desenhos. Explorei com Vinicius as possibilidades do pincel. Ele mesmo observou que o pincel não era como o lápis de colorir, que se devia apertar. Eu disse que estava de acordo. Mostrei que, para trabalharmos com a tinta em lugares pequenos, devíamos usar o pincel pequeno e com suavidade, para não ultrapassar o contorno do desenho. Vinicius ficou satisfeito com a sua produção.



Produção de Vinicius

Vinicius passou para uma outra folha e fez experimentações com o giz-de-cera. Escreveu a letra de seu segundo nome (H), testou a aderência do giz em outras superfícies, como o papel laminado, a caixa de papelão, o plástico do pote de água. Vinicius foi dizendo onde a cor do giz-de-cera pegava e onde não pegava. Vinicius tinha pintado de verde os círculos iniciais. Queria colar este papel na parede. Pedi que esperasse secar, para não sujarmos a parede com tinta. Já no final da oficina, o papelete estava seco e Vinicius pediu durex. Vinicius recortou o pedaço de durex com a minha ajuda. Ele subiu na mesa e colou sua pintura na parede. Vinicius tentou inicialmente subir nas cadeiras sobrepostas. Avisei para tomar cuidado, pois as cadeiras poderiam tombar, sugeri que ele subisse em uma cadeira e depois na mesa. Vinicius atendeu a minha sugestão: subiu na cadeira, pulou para a mesa e foi para as cadeiras sobrepostas. Vinicius não se sentiu equilibrado sobre as cadeiras e preferiu ficar sobre a mesa. Pulou da mesa para o chão dizendo-me que era capaz de pular da mesa sozinho, sem se segurar e sem pisar nos riscos desenhados no chão. Vinicius seguiu com esta brincadeira, colando mais dois pedaços de durex. Terminamos a oficina.



Produção de Vinicius

Após o término, conversei com a funcionária do Abrigo sobre Karina. Disse que ela estava diferente. A funcionária disse que Karina estava assim porque não tinha podido ir ao passeio, por conta do queixo machucado. Depois que saiu da oficina, subiu para a ala e chorou muito. No momento tinha parado de chorar e estava quase dormindo.

Neste dia entrei em contato com o Fórum que estava cuidando da possível adoção de José. A psicóloga informou que os pretendentes à adoção estiveram com as crianças na semana anterior para uma avaliação. Segundo a psicóloga, as crianças estavam muito bem. A adaptação entre o casal e as crianças (José e sua irmã A.) estava correndo melhor do que eles (a equipe do Fórum) tinham imaginado. Contou-me que as crianças pediram que o casal colocasse as fotos deles no álbum de família, álbum que o casal levou para que as crianças conhecessem a sua família. Informou-me também que os parentes do casal, que estavam no país de origem, tinham mandado cartas dizendo-se ansiosos para conhecer as crianças.

Encontro 21 – 25/08/03

Tive a notícia de que a sala destinada à “oficina de pintura”, tal como se referem algumas funcionárias, estava em reforma e, de que por este motivo, eu realizaria a oficina em outra sala. Um dos quartos da ala que abrigava crianças tinha sido destinado às atividades. M. (uma professora que cuidava das tarefas escolares das crianças) levou-me até a sala. Disse que Dona G. (presidente do Abrigo) estava reformando os armários e que, por algum tempo, ficaríamos com outra sala. M. explicou-me que todas as atividades extras do Abrigo estavam sendo realizadas naquele local. Havia uma estante com livros destinados às aulas de leitura. M. pediu-me que não deixasse as crianças brincarem com os livros, pois tinham sido organizados em uma determinada ordem pela pessoa responsável por esta atividade. O restante do material, de outras atividades, inclusive o nosso, estava guardado em uma sala trancada. Percebi que nosso material tinha sido cuidadosamente retirado do armário, que ali se encontrava até então. Alguns trabalhos elaborados pelas crianças estavam bem acomodados, e pareceu terem sido guardados com cuidado.

Quando cheguei à sala, Vinicius estava no corredor. Seu quarto ficava localizado no andar acima de nossa nova sala (separando os andares havia rampas de acesso). Vinicius viu-me chegando e correu até mim. Perguntei se queria ajudar-me a arrumar a sala para nossa oficina. Vinicius aceitou. Vinicius e eu forramos o plástico no chão, nas mesas, separamos os materiais. Vinicius observou o material que estava trancado no quarto. Disse-lhe que nosso material estava à disposição, mas que não poderíamos mexer nas caixas de outras pessoas. Vinicius chamou Karina e Tatiana. Daniel não veio para a oficina, precisava ainda se recuperar da hepatite. Karina subiu a rampa correndo e me deu um abraço, percebi que Karina já havia tirado os pontos do machucado no queixo. Tatiana foi devagar, parecia estar com sono. Quando chegaram à sala manipularam os materiais, andaram pelo espaço, já conhecido por eles, mas com algumas modificações, como por exemplo, a estante de livros. As crianças olharam a estante e alguns livros. Combinamos que manipularíamos os livros com cuidado, já que eles se destinavam a outra oficina.

Vinicius manipulou a caixa de trabalhos realizados. Retirou um de seus trabalhos (a folha cor-de-rosa com recortes de revista colados) e mostrou-o para Karina e Tatiana. Mostrou para Karina o bebê que estava no carrinho. Karina viu o trabalho de Vinicius e não disse nada.

Karina pegou as penas que estavam em um dos saquinhos. Jogou-as para o alto. Vinicius viu seu trabalho de argila, percebeu que tinha endurecido e que a tinta estava fixada. Deixou cair seu trabalho de argila no chão. Observou que fez barulho. Tatiana também pegou a massa de argila endurecida. Tatiana jogou seu trabalho no chão. Tatiana observou o barulho que fez e se surpreendeu por ter quebrado sua peça. Perguntei a Karina se ela deixasse a pena que estava segurando cair, se faria barulho. Karina disse que não. Karina jogou as penas no chão. Vinicius e Tatiana esperaram ouvir algum barulho. Disseram que não tinham ouvido nada. Perguntei se podíamos fazer barulhos diferentes, como bater palmas, por exemplo. Iniciamos uma série de barulhos, com as mãos, com os dedos, com os pés. Tatiana bateu seu chinelo em uma mureta e fez um forte barulho. Tatiana, Vinicius e Karina jogaram bolinhas de argila no

chão, que fizeram barulhos diferentes e que se quebraram. Pedi para Karina dar-me uma das penas que segurava. Pedi para que fechasse os olhos. Passei a pena suavemente pelo rosto e pescoço de Karina. Ela gostou, sorriu e sentiu cócegas. Fiz a mesma coisa em Vinicius e Tatiana. Eles disseram que era a minha vez. Cada um deles passou a pena sobre o meu rosto. Também senti cócegas. Eles riram comigo. Vinicius passou a pena suavemente em meu rosto. Karina passou-a sobre meu rosto com mais força. Karina disse que ia usar a tinta. Escolheu as cores branca e azul. Pedi que ela colocasse um pouco de água no copinho. Dei-lhe um pincel fino, mas Karina preferiu outro, com mais cerdas. Karina pegou uma folha de sulfite branca e sentou-se para pintar. Coloquei um pouco de tinta de cada cor em copinhos diferentes. Karina observou que a tinta branca estava misturada com um pouco de vermelho. Eu disse que, por este motivo, precisávamos limpar o pincel. Karina fez corações com a tinta azul e branca. Disse que estava fazendo muitos corações. Observou a cor da água quando limpou o pincel. Karina estava bem-humorada. Disse que o olho de sua mãe era azul e que ela tinha uma calça azul. Vinicius repetiu as palavras de Karina. Karina não gostou que Vinicius falasse de sua mãe. Disse que Vinicius a estava provocando. Eu disse que Vinicius não tinha falado nada demais, pois ela mesmo tinha se referido à sua mãe daquela forma. Vinicius disse que José tinha ido embora. Karina e Tatiana disseram que Vinicius estava mentindo. Perguntei por que ele contaria tal mentira. Karina disse que Vinicius estava rindo e por isso o que contava era mentira. Percebi que Karina e Tatiana não queriam falar sobre o assunto. Ficamos em silêncio por algum tempo. Karina disse que a sala estava com cheiro de cocô. Riu. Perguntei aos outros se eles sentiam o mesmo cheiro. Tatiana disse também que a sala estava com cheiro de cocô. Perguntei se era um cheiro bom. Eles disseram que não. Perguntei se eles se lembravam de algum cheiro bom. Tatiana lembrou que cheiro de comida era bom. Karina se referiu ao cheiro de “bosta”. Perguntei se ela achava bom e ela balançou a cabeça negativamente. Tatiana disse cheiro de peito. Karina foi fazendo seus corações, fez bolinhas também. Disse que ia preencher a folha toda. Pedi mais tinta. Karina quis colocar a tinta no copinho. Eu disse que eu ia fazer isto por ela. Karina disse que tinha pouca tinta. Eu disse que ela ainda tinha tinta no copinho e que se ela precisasse eu colocaria mais tinta. Karina aceitou, pintou mais alguns corações e disse que tinha terminado. Pedi para guardar sua folha, para secar.



Karina: corações

Vinicius pegou um trabalho que já tinha feito em outra ocasião. Pegou uma revista e disse que ia recortar. Ofereci-lhe uma tesoura. Vinicius disse que ia recortar coisas de mulher. Ele se

referia aos brincos que estavam em uma das páginas da revista. Vinicius foi para a mesa e realizou seu trabalho. Concentrava-se no que fazia, diferentemente de vezes anteriores em que parecia perdido, sem saber o que fazer. Durante sua atividade, Vinicius conversou com as outras crianças, fez algumas pequenas provocações, por exemplo, quando Tatiana chegou perto dele e ele ameaçou picotar sua folha. Vinicius ameaçou, Tatiana ensaiou um choro, mas nada além disso. Vinicius estava mais familiarizado com a tesoura e eu disse isto a ele. Seus recortes estavam melhores. Vinicius contou em que um determinado momento, quase errou, mas conseguiu não recortar o meio da figura. Vinicius foi deixando as figuras recortadas ao seu lado. Quando terminou de recortar, pediu-me cola. Vinicius deixou cair muita cola sobre a figura. Eu disse que ele colocasse menos, pois ela iria escorrer para fora do desenho, manchando o suporte. Vinicius experimentou. O excesso de cola saiu pelas bordas da figura. Vinicius usou um paninho para limpar o excesso. Na próxima colagem, Vinicius não exagerou na cola e conseguiu um resultado melhor. Ficou satisfeito com o seu trabalho.



Vinicius: colagem

Antes de iniciar um trabalho, Tatiana andou pela sala, mexeu nos materiais. Parecia que não estava com vontade de fazer algo. Ela mesma pegou uma folha de sulfite, os lápis-de-cor e sentou-se. Eu estava vendo o trabalho de Karina, enquanto Tatiana ensaiava o que iria fazer. Quando me dirigi a ela, percebi que Tatiana já tinha iniciado algo no verso, mas que não tinha terminado. No outro verso da folha, Tatiana desenhava o que parecia ser um rosto. Eu disse que continuasse. Tatiana fez um risco sobre o desenho e disse que tinha errado. Tentou apagar com a borracha, mas não conseguiu. Eu disse que a borracha apagou o lápis preto, no. 2, o lápis de escrever. Tatiana disse que seu desenho estava feio e o jogou fora. Eu disse que queria ver um desenho completo de Tatiana. Que ela começasse e terminasse alguma coisa. Pedi para ela fechar os olhos e imaginar o que ia desenhar. Karina disse que Tatiana ia desenhar corações. Tatiana concordou. Aceitei sua proposta. Perguntei se ela preferiria algum outro material. Tatiana escolheu trabalhar com os lápis coloridos. Vinicius tirou o lápis da mão de Tatiana. Eu disse a Vinicius que Tatiana estava usando aquele lápis e ele o devolveu. Tatiana já estava com cara de emburrada. Vinicius disse que a cor do lápis era da cor da figura da uva (estava se referindo a um cartaz com as vogais, colado na parede da sala). Eu disse que a cor que Tatiana estava usando era o cor-de-rosa e a cor da uva era um pouco mais escura e que havia em nossa caixa outros lápis que mais se aproximavam dela. Tatiana começou a fazer seus corações. No segundo coração Tatiana parou. Insisti para que ela continuasse. Tatiana fez alguns corações e depois usou um lápis como régua. Tatiana não gostou do que fez. Insisti com ela. Disse que ela estava indo muito bem. Quando me voltei para uma das crianças, Tatiana amassou a folha de sulfite, pegou outra e fez um caracol com o lápis de cor. Pintou uma parte do caracol com o lápis amarelo e disse que tinha terminado.

Naquele momento, Vinicius estava com um pedaço de arame, girando-o no ar. Com o movimento, o fio fazia um barulho. Eu, Karina e Tatiana paramos para ouvir. Tatiana pegou o outro pedaço de arame e, como se fosse uma corda, Tatiana e Vinicius balançavam o fio no ar. Vinicius pediu para Karina pular corda. Karina tentou, mas não conseguiu. Depois foi a vez de Tatiana. Tatiana conseguiu pular algumas vezes. Ajudei Karina a enrolar um pouco do fio, para que facilitasse a brincadeira. Brincaram de pular corda por mais um pouco. Vinicius pegou alguns fiapos furta-cor que estavam em uma das caixas. Vinicius jogou para o alto e percebeu que as cores se modificavam (do verde para o rosa). Karina e Tatiana ficaram interessadas e participaram da brincadeira. Tatiana disse que os fios mudavam de cor por causa da cor dos bonecos que estavam colados nas paredes da sala (as roupas dos bonecos eram rosa). Karina pegou as penas. Jogou-as para cima. Vinicius pediu para que eu colasse algumas penas em seus dedos. Diz que ia para a ala daquele jeito. V, contou que as tias iam tirar. Eu disse a ele que as penas iam sair, por exemplo, na hora de tomar o banho. Vinicius colou algumas penas em seu trabalho. Karina pediu para que eu fizesse o mesmo com ela. Colei as penas azul, preta e branca nas pontas de seus dedos. Tatiana preferiu colar as penas em seu trabalho. Pediu que eu lhe mostrasse como colar. Esparramei um pouco de cola sobre seu desenho, no local apontado por ela e pedi que ela a espalhasse com o dedo. Tatiana fez o que eu disse e depois colou as penas. Deixei seu desenho para secar.



Produção de Tatiana

Antes de terminar a oficina Tatiana já tinha dobrado seu desenho dizendo que o levaria para sua ala. Eu disse que ela poderia levá-lo, e que não precisaria se preocupar com isso. Tatiana foi para a caixa e pegou uma placa de isopor.. Tatiana começou a arranhar a placa, que se desfez em flocos. Vinicius e Karina fizeram o mesmo. Muitos flocos estavam em cima de mim. Karina raspou sua placa de isopor bem em cima de mim, mas depois me abanou com a própria placa para limpar-me dos flocos. Karina, Tatiana e Vinicius brincaram de correr pelo corredor da sala. Queriam saber quem chegava primeiro. Pulavam do sofá para saber quem conseguia ir mais longe. Rasparam novamente o isopor. Observei que os três estavam colocando bastante força para raspar o isopor. Lembrei-me da época em que uma atividade em grupo não era possível. Ali estavam os três, raspando o isopor com muita força, mas não se agredindo entre si. Já quase no final da oficina pedi que eles fossem parando para me ajudarem com a limpeza do local. Vinicius fechou a cara, foi para o quarto e ficou emburrado. Continuou picando seu isopor. Karina e Tatiana se propuseram a me ajudar. Tatiana levou

vassoura e depois, junto com Karina, levou a pá. Karina e Tatiana acabaram fazendo mais bagunça que limpeza. Fui fazendo minha parte. Quando a sala já estava mais limpa, me despedi-me das duas. Vinicius não queria sair de nossa sala. Eu disse que nos encontraríamos na semana seguinte, como fazíamos todas as vezes. Foi preciso uma funcionária ir buscá-lo. Karina e Tatiana levaram seus trabalhos. Vinicius levou um pouco dos fiapos furta-cor em suas mãos.

01/09/03 – Encontro 22

Vinicius encontrou-me no corredor e disse que queria me ajudar a arrumar a sala. Concordei com ele e iniciamos a arrumação. Pedi que ele chamasse Tatiana e Karina, que estavam na ala. Daniel ainda estava impossibilitado de participar das oficinas devido à hepatite.

Tatiana foi para a oficina com alguns brinquedos: uma casinha desmontável, alguns objetos que estavam dentro da casinha e um jogo de cartas numeradas. Os brinquedos atraíram a atenção das crianças. Tatiana deixou Karina brincar com o jogo de cartas. Vinicius se interessou em ver do que se tratava. Tatiana não gostou muito da interferência de Vinicius. Eu disse que Tatiana tinha trazido um brinquedo para dentro do grupo, era natural que os outros ficassem curiosos e, portanto, era necessário que ela deixasse Vinicius observar o que ela havia trazido. Tatiana concordou. Vinicius deu uma espiada nos brinquedos. Depois Vinicius preferiu a argila. Retirei um pouco da massa e dei-lhe. Vinicius manipulou a massa e disse que faria um boneco. Karina, que estava brincando com as cartas numeradas (ela contava quantas cartas havia e dizia o número para Tatiana), interessou-se pela argila. Percebeu que Vinicius estava com as mãos sujas e disse que não queria mais a argila. Tatiana brincou com sua casinha. Tatiana e Karina perceberam que na lixeira da sala havia pequenos objetos e começaram a retirá-los do lixo. Vinicius se aproximou das duas para ver o que acontecia. Karina falava alto com Vinicius, não queria que ele concorresse com elas na disputa pelos objetos. Pedi para Karina se acalmar, pois Vinicius só estava interessado em ver o que estava acontecendo. Karina e Tatiana estavam bem perto da lixeira, Vinicius estava mais afastado. Tatiana e Karina começaram a retirar objetos, havia pecinhas de todos os tipos, embalagens de massinha usadas, peças de montar, pedaços de brinquedos quebrados, folhetos de propaganda de brinquedos. Karina e Tatiana foram retirando o que encontravam e surpreendiam-se, dizendo: olha o que eu achei. Tatiana foi recolhendo tudo o que encontrava. Karina era mais seletiva, preferia dois potinhos que serviam para guardar massa de modelar, uma pequena revista de propaganda de brinquedos. De vez em quando, Vinicius entrava no meio das duas e pegava alguma coisa de dentro da lixeira. Karina falou alto para ele não interferir. Eu disse que Vinicius também tinha o direito de olhar o que havia ali dentro. Vinicius recolheu copos de plásticos que estavam usados. Karina manifestou repugnância com a escolha de Vinicius. Vinicius ameaçou uma provocação, jogando um plástico sujo em cima de Karina. Eu disse que Karina não estava fazendo nada demais em relação a Vinicius e, portanto, ele também não tinha o direito de instigá-la. Vinicius se acalmou e não fez mais provocações. Karina começou a dar para Vinicius os copinhos que encontrava no lixo. Vinicius recebia e ia recolhendo os copos para si. Depois de explorada a lixeira, Tatiana deixou os seus objetos em um canto do sofá, Karina segurou os seus e Vinicius os deixou de lado, voltando para a atividade que executava.

Vinicius amassou a argila, fazendo com que a massa se abrisse sobre a mesa. Vinicius fez questão de mostrar-me o seu trabalho e como a massa havia ganhado outra forma, enfatizando seu tamanho. Karina passou por Vinicius e deu duas batidas com sua mão sobre a massa, abrindo duas cavidades. Vinicius não se importou com a interferência de Karina. Vinicius aproveitou para fazer o mesmo. Vinicius começou a retirar pequenos pedaços da massa e fazer bolinhas. A primeira bolinha que fez ele me disse que era a cabeça do boneco. Eu disse que precisávamos fazer o restante do corpo. Fiquei em pé e mostrei meu corpo, indiquei as pernas, o tronco e os braços. Vinicius ficou de pé também, observou, em seu próprio corpo, sua composição. Karina observava nossa conversa. Tatiana se aproximou. Mostrou o corpo de Tatiana. Vinicius foi fazendo bolinhas e compondo o corpo do boneco. Pediu-me mais massa, faltava fazer a boca. Fui até a argila e retirei um pedaço. Vinicius disse que era muita argila e que ele precisava de um pouco menos. Atendi seu pedido. Perguntei o nome do boneco de Vinicius. Ele respondeu que o nome do boneco era ViniciusH.(seu próprio nome).



Vinicius: argila

Terminado o boneco, Vinicius se dirigiu à caixa com as atividades realizadas pelo grupo. Vinicius pegou seu trabalho: o papel rosa com as colagens. Vinicius perguntou de quem era aquele trabalho. Respondi que era dele mesmo. Vinicius riu. Eu disse que Vinicius parecia gostar muito daquele trabalho. Vinicius retirou outros trabalhos da caixa. Perguntou de quem eram. Tatiana reconheceu um trabalho seu e ajudou-me a dizer de quem eram os outros. Havia trabalhos de José na caixa. Tatiana disse que José não estava mais no Abrigo. Eu disse então que não era mentira o que Vinicius havia falado sobre José na semana anterior, quando havia se referido à saída de José. Karina ficou calada. Senti que, de certa maneira, estávamos podendo falar sobre a saída de José do grupo, da instituição, mas não ainda sobre as condições da sua saída. José estava em processo de adoção, o que ia de encontro com a situação deles no Abrigo, ou a pergunta: o que será de mim? Não entrei com mais detalhes. Um trabalho de Daniel foi encontrado. Eles disseram que Daniel não tinha ido para o grupo. Eu disse que Daniel ainda não podia ir por conta de sua doença mas que, assim que estivesse melhor, ele voltaria para os nossos encontros. Vinicius escolheu novamente seu trabalho anterior, a folha cor-de-rosa com as colagens. Vinicius disse que ia ver o que encontrava nos livros (ele se referia às revistas). Vinicius foi até o monte de revistas e encontrou uma figura que despertou seu interesse: uma mãe feliz segurando seu bebê no colo. Vinicius resolveu recortar esta figura. Vinicius estava muito mais habilidoso com a tesoura. Ele recortou a figura e a colou. Eu disse que ele não precisava de colocar muita cola, para que não vazasse para os lados. Vinicius fez o procedimento só e o resultado foi muito bom. Vinicius pareceu satisfeito.



Vinicius: colagem

Tatiana, após ter brincado com a casinha, pediu para eu guardá-la na estante para pegá-la quando terminássemos a oficina. Depois de ter separado os objetos interessantes que encontrou na lixeira, Tatiana foi para a mesa e desenhou. Disse que ia desenhar um coração enorme. Apoiei sua decisão e disse para seguir em frente. Tatiana fez o contorno do coração. Ela olhou o desenho que fez. Tatiana não falou nada e eu me antecipei dizendo que tinha ficado muito bom. Acredito que minha antecipação aconteceu pelo fato de Tatiana quase sempre não gostar daquilo que produzia. Nas últimas oficinas, desenhava algo e depois jogava no lixo. Minha intenção foi a de valorizar aquilo que ela tinha conseguido fazer, sua produção. Tatiana pintou o coração. Antes mesmo de desenhá-lo Tatiana havia me pedido cola. Perguntei onde ela iria utilizá-la. Tatiana não sabia me responder. Propus que ela pensasse onde e o quê colar. Depois de ter pintado o coração, Tatiana esparramou cola dentro dele. Tatiana pegou um pedaço de papel cartão azul e começou a recortá-lo em pedaços bem pequenos. Tatiana foi recortando e pediu que eu segurasse os pedacinhos de papel. Tatiana colou os pedaços de papel azul dentro do coração. Perguntei de quem era aquele coração e Tatiana respondeu que era dela. Perguntei também o que estava dentro do coração e Tatiana respondeu que era cola.



Tatiana: coração

Tatiana seguiu com outro desenho. Fez um caracol grande e outros pequenos ao lado. Tatiana perguntou se eu sabia do que se tratava. Eu disse que era o mesmo desenho que ela havia feito na semana anterior. Tatiana disse que estava fazendo rodas; rodas grandes e pequenas. Depois de desenhar, Tatiana começou a pintar. Karina estava próxima a nós e derramou um pouco de água sobre o trabalho de Tatiana. Karina se assustou e disse que tinha sido sem querer. Tatiana ameaçou a ficar brava. Eu disse para Tatiana que tinha sido um acidente e que Karina não tinha feito de propósito. Peguei um pano seco e tirei o excesso de água que havia sobre o desenho. Eu disse que ela poderia continuar pintando sobre a parte seca. Tatiana pintou um pouco mais da roda e parou. Em um dos desenhos, Tatiana se dividia em outras atividades: estava pintando, mas ao mesmo tempo acompanhava Karina com os brinquedos. Em dado um momento Tatiana pediu que eu continuasse pintando seu desenho. Eu disse que eu não poderia fazer isso por ela.



Tatiana: caracol

Karina preferiu ficar com os brinquedos trazidos por Tatiana. Inicialmente ficou com o jogo de cartas numeradas. Karina contava as cartas, separava e depois as agrupava dentro da caixa. Posteriormente, Karina se ateu aos objetos que recolheu na lixeira. Karina estava com dois potes de massinha. Karina pegou um pouco de argila e guardou dentro dos potes. Eu disse que, para conservar a argila maleável, Karina deveria colocar um pouco de água no potinho. Karina foi até o banheiro e realizou o procedimento. Karina não largou os potes com a massinha. Disse que queria mostrar às outras crianças. Karina estava tranqüila, de um modo geral, falava num tom alto e às vezes bravo, principalmente quando se dirigia a Vinicius ou até mesmo a mim. Karina normalmente não me pedia nada. Em seu tom de voz, ela mandava que eu fizesse algo por ela. Sempre que podia, eu atendo seus pedidos num tom contrário ao seu, com o tom de voz mais baixo e numa velocidade mais lenta. Às vezes dizia que Karina não precisava gritar pois todos estávamos ouvindo o que falava. Karina ficou em dúvida. Não sabia se queria voltar para a ala ou ficar no grupo. Karina chamou Tatiana para ir embora. Tatiana preferiu ficar. Karina disse que queria mostrar os brinquedos às outras crianças. Quando eu conversava com Vinicius a respeito do corpo do boneco que ele fazia, Karina fez uma menção à sua irmã e Vinicius disse que a irmã de Karina era grande. Karina se irritou com o comentário de Vinicius e disse para ele calar a boca. Eu disse que Vinicius não estava falando nada demais e que a irmã de Karina era realmente mais alta que ela, assim como eu era mais alta que todos eles. Karina riu, dizendo que eu era baixinha. Fiquei de pé e perguntei em tom de brincadeira se Karina achava que eu ainda era baixinha, Karina disse que eu era pequena. Karina riu. Isso virou uma brincadeira. Notei que, quando Karina percebia que tinha dito algo que não devia, ou que exagerava, ela transformava a situação em uma brincadeira. O que eu geralmente fazia era aceitar a brincadeira proposta por ela. Em outro momento, quando

Karina estava manipulando seus potinhos, ela gritou por mim, e eu respondi em tom mais baixo. Ela perguntou: por que você não grita! Respondi que não precisava gritar com ela e com ninguém, pois eles todos conseguiam ouvir o que eu tinha a dizer. Karina sorriu e continuou com a sua brincadeira.

No final da oficina fizemos sacolas de papel. Tatiana havia pedido que eu fizesse uma sacola para que eles pudessem carregar os objetos para suas alas. Eu disse que mostraria para Tatiana como se fazia uma sacola desde que ela me ajudasse. Tatiana concordou e fizemos juntas uma sacolinha. Karina também quis uma para si. Quando chegou a vez de Vinicius, o durex acabou. Vinicius fez cara de choro. Eu disse que poderíamos pedir durex emprestado na secretaria. Vinicius e Tatiana se encarregaram disso. Voltaram com o durex e Tatiana mostrou a Vinicius como se fazia a sacola. Depois de saírem todos, Vinicius bateu a porta e disse que queria ajudar-me na arrumação. Concordei com ele. Vinicius contemplou seu trabalho e me ajudou.

Encontro 23 – 08/09/03

Antes de iniciar a oficina, encontrei Daniel na sala de aula. Logo que me viu disse que estava “bom”, curado. Disse a ele que voltaria aos nossos encontros. Daniel ainda parecia um pouco abatido, pálido, mas demonstrava energia para retomar as atividades.

Encontrei as crianças no horário de costume. Vinicius foi chamar Karina e Tatiana. Daniel veio ao meu encontro após suas aulas (na instituição há duas professoras que cuidam das tarefas escolares das crianças e dão reforço quando necessário.). Karina veio animada para a oficina. Tatiana não estava com a mesma energia. Vi que Tatiana estava com dificuldades de subir a rampa, caminhando devagar. Vinicius disse que Tatiana estava doente, mas Tatiana disse-me que tinha acabado de acordar. Tatiana chegou a entrar na sala para a oficina, mas preferiu voltar para a ala, estava com sono e queria dormir. Não me opus à sua decisão e a convidei para voltar caso se sentisse melhor.

Daniel tinha trazido um jogo de cartas. Disse que iria brincar com Vinicius. Mostrou-me as cartas, mas estas ficaram com Karina durante a oficina. Daniel e Vinicius não chegaram a brincar com as cartas. Daniel lembrou-se de que José tinha ido embora da instituição. Uma das crianças (não ouvi de quem partiu o comentário) disse que: “graças a Deus ele foi embora”. Entramos para a sala e Daniel foi para a estante de livros. Eu disse que teríamos que ter cuidado com aquele material que não era nosso. Daniel foi para a caixa de materiais e pegou folha e tintas. (Havia duas semanas que os materiais estavam totalmente disponíveis às crianças. Como estávamos em uma sala provisória, não havia uma bancada onde estes materiais pudessem estar numa altura que não permitisse o livre acesso das crianças. Os materiais estavam dispostos sobre um sofá de onde eles podiam pegá-los. Nestas três semanas eu tinha controlando a quantidade de tinta que usaram para a pintura. Notei que as crianças já sabiam escolher o material que preferiam, muito diferentemente do início de nossas oficinas, quando tudo tinha que ser usado ao mesmo tempo e em grandes quantidades).

Daniel escolheu as tintas branca, vermelha e amarela. Daniel foi para a mesa de trabalho e iniciou a sua pintura. Daniel pareceu animado, estava falante, foi o primeiro a buscar o material. Disse-me que tinha voltado à escola e que não havia mais crianças doentes. Percebi que Daniel, a criança mais velha do grupo, exercia um tipo de liderança. Karina e Vinicius davam atenção ao que Daniel falava, aceitavam suas sugestões.

Karina pediu-me uma folha de sulfite e os lápis-de-cor. Pediu-me para ajudá-la a separar os lápis das canetinhas. Eu a ajudei. Karina fez um rabisco na folha e pediu que nós adivinhássemos o que era seu desenho. Daniel disse que era um raio. Karina não concordou. Eu disse que era uma nuvem. ela disse que estava errado. Pedi que ela desse uma dica. Karina disse que teríamos cinco chances. Daniel disse que era a fumaça de um “povo”. Não tinha

entendido muito bem a que ele se referira e pedi que explicasse melhor. Daniel disse que o polvo soltava uma fumaça que deixava as pessoas sem a possibilidade de enxergar, que era um bicho que tinha muitos braços. Depois Karina disse que seu desenho era aquilo que Daniel tinha falado, o raio. Karina desenhou um coração e pediu que eu dissesse o que era. Respondi que era um coração. Karina disse que faria muitos corações. Vinicius estava sentado à mesa conosco. Tinha escolhido um pedaço de papel de presente para recortar e colar. As crianças sentaram-se próximas uma das outras, não havendo necessidade de uma segunda mesa. Era curioso notar que estávamos juntos em uma mesa conversando e rindo, com algumas provocações, mas num ambiente muito mais controlado e menos violento. Karina contou que S.(uma criança de sua ala) sempre a convidava para fazer algum tipo de gracinha. Pedi que ela se explicasse. Karina disse que fazer gracinha era, por exemplo, ficar falando de outra criança, fazendo fofoca. Disse que S. sempre a procurava para fazer gracinhas e que Karina às vezes não gostava. Contou que um dia havia “espancado” uma criança na escola. Perguntei o que era espancar. Daniel respondeu que era bater. Perguntei a Karina por que ela tinha espancado a criança. Karina disse que a menina estava provocando e que a professora não fazia nada, então ela deu um soco na criança. Karina disse que já tinha batido em muita gente. Perguntei se fazia muito tempo que ela batia em outras crianças. Karina disse que tinha começado a bater quando veio para o Abrigo e que não era assim quando estava em sua casa. Daniel estava terminando sua pintura. Perguntei a ele qual o nome que dava ao seu desenho. Daniel disse que era uma barraca. Perguntei quem estava na barraca. Daniel disse que ele estava sozinho.



Daniel: barraca

Karina ouviu nossa conversa e disse que a irmã dela (que também estava na instituição) estava pensando em fugir. Perguntei se Karina estava com medo de ficar sozinha. Karina respondeu que não. Karina foi fazendo muitos corações. Daniel disse que Karina estava fazendo uma centena de corações (ele chuta um número como setecentos e poucos).



Karina: corações

Daniel terminou sua pintura. Levantou-se e quis brincar. Disse que não havia nada para fazer. Perguntei do quê ele queria brincar. Daniel disse que queria bola. Eu disse que podíamos fazer uma bola. Daniel lembrou-se da argila. Daniel foi até o material, pegou a argila e disse que ia fazer um porquinho. Vinicius estava participando da conversa. Não falava muito, mas ria das colocações de Karina, principalmente. Karina ficava brava com Vinicius em alguns momentos. Falava alto com ele para não colocar seus recortes em cima dos seus lápis. Ajudei Vinicius com o material de modo que não atrapalhasse o espaço de ninguém. Vinicius aceitou, sem reclamar. Vinicius era o mais novo da turma. Geralmente ele era vítima dos ataques de raiva de Karina. Daniel às vezes se desfazia de Vinicius, que o julgava incapaz de fazer produções mais elaboradas. Daniel geralmente fazia comentários sobre Vinicius colocando-o numa posição mais infantilizada que as outras crianças e dizia que ele não entendia das coisas como ele. Daniel também precisava de Vinicius. Daniel gostava de brincar de “casinha” e Vinicius geralmente era seu companheiro nessa empreitada.

Daniel pegou um pouco de argila e fez uma pequena bolinha. Karina usou uma outra palavra para argila (não me lembro exatamente de qual foi), brincamos com a situação, pois a palavra era parecida. Pudemos rir da situação. Karina também riu e se divertiu com a história. Karina disse que a argila precisava ficar molhada e que era para Daniel colocar mais água na massa. Daniel disse que não precisava pois a massa estava boa para modelar e que, se colocasse mais água, ela ficaria muito mole. Perguntei se a argila que Karina tinha levado no potinho na semana anterior estava endurecida. Karina disse que não pois havia colocado água no potinho para mantê-la maleável. Daniel fez o seu porquinho: colocou orelhas, patas e o focinho. Eu disse que ele poderia usar o lápis para marcar a massa e fazer os olhos ou a boca. Daniel aceitou minha sugestão. Karina iniciou uma provocação, batendo seu lápis na produção de Daniel e deformando seu porquinho. Daniel respondeu, jogando um pequeno pedaço de massa em Karina. Eu disse para Karina parar e não interferir na produção de Daniel. Saí por alguns segundos da mesa para atender Vinicius, que me pedia cola. Quando voltei, Daniel já tinha jogado seu porquinho em Karina. Uma pequena confusão se iniciou, mas eu controlei os dois (não precisei conter fisicamente) e Daniel desistiu de seu porquinho. Pegou o restante da argila e fez uma grande bola. Daniel foi até a tinta vermelha e, com o rolinho, pintou a bola de argila. Daniel tinha visto seu boneco que havia feito em outra oficina. Percebeu que o braço havia sido descolado. Daniel retirou as outras partes do boneco e as jogou no lixo. Depois de

pintar a bola de argila, Daniel pintou suas mãos de vermelho. Com as mãos completamente pintadas, disse que eram as mãos do The Flash. Vinicius disse que Daniel estava de luvas. Vinicius foi para a estante e olhou os livros que estavam ali dispostos. Daniel foi atrás de Vinicius e lhe deu um susto, aproximando suas mãos do rosto de Vinicius. Fiquei atenta à movimentação com receio de que Daniel realmente colocasse as mãos com a tinta em Vinicius, mas Daniel só brincou. Daniel foi para o banheiro lavar as mãos. Karina não queria mais desenhar. Vinicius tinha colado algumas figuras em uma folha branca, mas deixou esta atividade para interessar-se pelos livros de história.



Vinicius: colagem



Karina e Vinicius pegaram alguns livrinhos e começaram a folheá-los. Os livros tinham em seu centro um boneco de plástico que, quando apertados, emitiam sons. Vinicius pediu que eu lesse a história. Fiz o que pediu. Daniel, que estava acompanhando, repetiu a história que eu havia contado. A história era de um macaquinho que tinha pegado uma sacola e o guarda tinha ido atrás dele. O macaco foi até a princesa, o sultão, o tapete, o gênio e finalmente até o Aladim dizendo que o guarda estava atrás dele e que não sabia o que tinha na sacola e o porquê da perseguição. Cada vez que o macaco falava, tínhamos que apertar o boneco, que fazia o som da fala do macaco. A história acabava quando Aladim contava que o guarda estava atrás do macaco porque este tinha pegado a sacola que guardava a refeição do guarda. Daniel contou a história com suas palavras e apertava o boneco-macaco toda vez que ele tinha que falar. Pedi que Vinicius contasse a história também. Vinicius não conseguia se lembrar dos nomes dos personagens, então eu lhe disse que ele falasse o que quisesse. Assim Vinicius foi se referindo aos personagens como o homem, o vovô, a menina. Karina estava ao nosso lado e ouviu a história, mas não quis recontar. Karina estava com outro livro, que também tinha um desses bonecos sonoros. Karina e Vinicius brincaram de apertar os bonecos. Competiam para ver quem fazia o boneco soltar o som mais alto ou mais rápido. A brincadeira foi se estendendo até que Vinicius e Karina já não estavam mais apertando os bonecos, mas dando socos e pisando sobre o livro. Quando eles começaram a pisar nos livros, interrompi a brincadeira, retomando o cuidado com aquele material. Karina deixou o livro e pegou outro, sem figuras, e que falava sobre religião. Karina ficou com este livro nas mãos e foi brincar de casinha com Daniel. Vinicius ficou sentado no sofá vendo outros livros e não brincou com Daniel e Karina. Daniel montou a casinha, como de costume: usou a mesa como estrutura e a cobriu com os tecidos. Daniel percebeu que o tecido branco estava cortado. Ele comentou que cortaram o tecido para ficar com mais panos para as brincadeiras. Karina entrou na casinha. Daniel queria que não houvesse luminosidade dentro da casa. Daniel utilizou-se dos plásticos pretos para cobrir a casa. Karina, que estava dentro dela, ia dizendo

se estava claro ou escuro. Perguntei por que ele queria que não tivesse luminosidade, Daniel disse que era noite. Daniel arrastou a mesa para ajeitar os panos, Karina gritou lá de dentro que era para tomar cuidado com a cabeça dela. Eu ajudei Daniel com os tecidos. De repente, vimos a mesa balançando, era Karina que, com a cabeça, levantava a mesa. Eu e Daniel demos risada da situação. Já estávamos no final da oficina. Vinicius estava folheando os livros e apertando os bonecos sonoros. Antes de sair, Daniel recortou uma faixa de emborrachado e a colocou sobre a testa (como as faixas que utilizava quando brincava de super-herói). Daniel se despediu, assim como Karina, e foram embora. Vinicius queria sair da sala com uma bolinha de plástico, que não era nossa, mas sim das professoras que davam aulas de leitura. Muito contrariado, Vinicius deixou a bolinha comigo e seguiu para a sua ala.

Encontro 24 – 15/09/03

Iniciamos a oficina com Daniel, Vinicius e Tatiana. Karina não quis vir logo de início. Encontrei uma funcionária responsável pela ala onde fica Karina e ela me disse que Karina tinha acabado de acordar e que estava mal humorada. A funcionária insistiu para que Karina viesse comigo para a oficina. Pedi que não insistisse. Se Karina escolhesse ficar na ala, eu estaria de acordo. Deixei em aberto o convite, ou seja, se Karina quisesse ir para a oficina ela poderia fazê-lo a qualquer momento. Karina decidiu ficar na ala e, depois de mais ou menos vinte minutos, ela chegou na oficina.

Tatiana foi a primeira a chegar na sala. Percorreu o espaço, olhou o material. Pegou a pasta com as folhas variadas e escolheu as de sulfite. Colocou três folhas de sulfite em cima da mesa. Perguntei para que serviriam as três folhas e Tatiana disse-me que ela estava deixando preparado para Daniel e Vinicius. Disse-lhe que, talvez, Vinicius e Daniel não quisessem trabalhar com folha de sulfite. Tatiana disse que então lhes daria um soco, caso recusassem sua oferta. Tatiana riu de sua resposta. Vinicius e Daniel chegaram juntos. Daniel perguntou para quem serviriam as folhas dispostas sobre a mesa. Disse-lhe que Tatiana as havia colocado ali para eles. Daniel não disse nada e percorreu a sala. Vinicius também andou pela sala procurando o que fazer. Vinicius olhou a caixa onde estavam as atividades realizadas. Vinicius segurou a bola de argila feita por Daniel na semana anterior. Ele se admirou com a bola. Daniel foi atrás de Vinicius, pegou a bola que estava em suas mãos e surpreendeu-se por ela estar endurecida. Tatiana estava na mesa fazendo desenhos em sua folha de sulfite, ela usava o lápis vermelho. Tatiana fez seu desenho, mas não deixou de acompanhar o que Daniel e Vinicius faziam. Daniel brincou com a bola de argila. Brincou de jogá-la ao chão, fazendo com que deslizesse pela sala. Daniel jogou a bola pelo corredor, pediu para que eu visse. Vinicius gostou da brincadeira. Vinicius pediu para que Daniel o deixasse brincar um pouco com a bola. Vinicius olhou novamente a caixa com as atividades, ele reconheceu seu trabalho (as figuras coladas). Eu disse que tinha deixado as figuras soltas de seu trabalho guardadas, caso quisesse continuar com esta atividade. Vinicius disse que as figuras estavam todas coladas. Respondi que não e que as figuras soltas estavam sobre as coladas (peguei seu trabalho e mostrei as figuras soltas). Perguntei se Vinicius ia terminar de colá-las. Vinicius respondeu que ia terminar seu trabalho. Neste meio tempo Karina chegou. Ela sentou-se no sofá e ficou quieta por alguns instantes. Eu a convidei para sentar-se junto a nós. Karina não aceitou. Eu lhe disse que, quando ela tivesse vontade, poderia aproximar-se. Vinicius pegou seu trabalho e recortou algumas figuras. Vinicius estava mais habilidoso com a tesoura. Ele já conseguia dar um acabamento mais fino em seus recortes. Seu recorte se aproximava muito mais do desenho propriamente dito, sem o receio de picotar a figura. Vinicius recortou algumas figuras e as colou em sua folha. Vinicius abandonou sua atividade para juntar-se a Daniel que, naquele momento, estava fazendo um avião de papel. Anteriormente, Daniel tinha dito que faria um desenho do grupo, mas deixou esta idéia para fazer um avião de dobradura.

Vinicius aproximou-se de Daniel e disse que queria um também. Eu disse para Daniel mostrar para Vinicius como se fazia. Daniel foi fazendo seu avião e Vinicius foi tentando acompanhá-lo. Daniel era mais rápido que Vinicius. Daniel deixou seu avião de lado, pegou a folha de Vinicius e fez a dobradura por ele. Daniel foi fazendo a dobradura e dizendo que Vinicius tinha que fazer um vinco bem forte. Sugeri para Daniel não fazer por Vinicius, mas mostrar a ele como se fazia. Daniel não esperou Vinicius, fez a dobradura por ele. Daniel e Vinicius brincaram com os seus aviões. Eles subiam sobre o sofá, as cadeiras empilhadas, tentavam encontrar outros lugares altos de onde pudessem jogar seus aviões. Competiam entre si. Daniel chamou Vinicius para mostrar-lhe como seu avião voava alto e vice-versa. Tatiana estava fazendo seu desenho. Mostrou-me o que tinha feito. Perguntei o que estava desenhando, ela respondeu que eram bocas. Perguntei de quem eram, Tatiana disse que eram nossas. Tatiana fez um outro traçado em sua folha, como um sorriso grande, e depois passou um risco com o lápis vermelho por cima. Tatiana disse: Feia! Perguntei a ela quem era feia. Tatiana respondeu que ela mesma era feia. Perguntei: mas quem disse que você é feia? Tatiana respondeu que tinha sido a avó dela. Eu disse que não achava Tatiana feia (o que realmente é verdade, Tatiana é uma menina bonita). Vinicius disse que Tatiana era feia e riu. Daniel que estava sentado à mesa conosco, lembrou-se de José, que tinha ido embora. Daniel disse: coitado! Perguntei a ele por que considerava José um coitado. Daniel respondeu que ele tinha ido embora. Daniel disse que gostava de José, que ele era legal. Vinicius concordou com Daniel. Tatiana confirmou que José tinha ido embora, mas não emitiu sua opinião a respeito de sua saída. Tatiana pegou uma tesoura e foi fazendo recortes em sua folha. Tatiana foi recortando as margens, depois o centro em pequenos pedaços. Tatiana recortou três sorrisos que tinha desenhado. Ela pediu-me cola. Tatiana ficou nervosa quando a cola não saiu imediatamente, disse para mim que não havia cola. Eu disse que ela precisava ter paciência, pois a cola demorava um pouco para descer até o bico. Peguei a cola para Tatiana e mostrei-lhe como se fazia. Tatiana pediu para que eu passasse a cola no lugar indicado. Tatiana colou os três pedaços de papel que tinha recortado em uma folha de sulfite nova. Depois, Tatiana dobrou as laterais da folha, como um envelope, e disse que era um presente para a sua professora. Tatiana pediu minha ajuda para colar, para estar perto dela. Neste mesmo instante, Daniel e Vinicius estavam decorando seus aviões. Daniel amarrou um barbante na cauda do avião e no final do barbante um pequeno pedaço de papel. Vinicius fez o mesmo. O avião de Daniel ficou pesado e quase não voou. Sugeri que Daniel fizesse um outro avião com um papel mais resistente e em tamanho maior para suportar mais peso. Fui com ele até a pasta de papéis e sugeri um tipo de papel pardo, só que mais firme. Daniel disse que aquela cor era de mulher e ele escolheu um pedaço de papel camurça azul. Eu disse que talvez o avião ficasse muito pesado com aquele tipo de papel, mas sugeri que ele experimentasse. O avião de Vinicius ficou mais leve. Vinicius também tinha amarrado um pedaço de barbante com uma de suas figurinhas na ponta. Ele passou a brincar com seu avião, que não apresentava dificuldades para voar alto. Até este momento, Karina não tinha se decidido por alguma atividade. Ela começou aos poucos a entrar na brincadeira de Daniel e de Vinicius. Karina queria brincar com Vinicius. Este aceitou algumas de suas sugestões, mas Karina queria que Vinicius fizesse exatamente o que ela dizia. Karina sugeriu que Vinicius colasse o barbante em uma determinada posição, Karina pegou o avião de Vinicius. Vinicius acabou por não querer a interferência de Karina em sua brincadeira. Karina se irritou e puxou o avião das mãos de Vinicius. Vinicius ameaçou chorar, e Karina devolveu-lhe o avião. Neste ínterim, Tatiana, que já havia dobrado sua folha de sulfite em formato de envelope, disse que iria fazer uma pipa. Pediu que eu fizesse um furo no papel dobrado em forma de envelope. Fiz o que me pediu. Tatiana cortou um pedaço de elástico e o passou por este pequeno buraco. Karina pegou a outra ponta do elástico e começou a puxar. Tatiana começou a chorar. Pedi para Tatiana se acalmar e também para Karina soltar. Karina soltou o elástico e o puxou

novamente. Tatiana chamou por mim. Eu disse para Tatiana soltar. Tatiana soltou seu envelope-pipa, que chegou bem próximo a Karina. Fui até ela e peguei o envelope de Tatiana, que disse que já não queria mais aquele envelope. Karina pegou o envelope e o rasgou. Fui até Karina e disse-lhe que aquele era o trabalho de Tatiana. Karina estava nervosa. Karina rasgou o que estava em suas mãos e eu recolhi os papéis do chão, fui até Tatiana e disse que podíamos colar o envelope. Karina, que tinha ido para um quarto, saiu e jogou uma tesoura em minha direção. Por pouco Karina me não acertou. Karina foi para o quarto com outra tesoura. Karina já tinha cortado um pedaço do barbante de Vinicius, que estava preso ao seu avião. Vinicius chorou e eu o ajudei a emendar o barbante. Fui atrás de Karina e perguntei por que estava tão brava. Karina não falou comigo. Ela estava com uma tesoura na mão e começou a cortar as capas de alguns colchões. Eu a impedi e pedi-lhe a tesoura. Karina não me devolveu. Tirei a tesoura de Karina de suas mãos. Eu disse que ela estava muito nervosa e que estava usando a tesoura para destruir alguma coisa. Para que ela não cortasse o colchão, não machucasse alguém e nem a ela mesma, eu estava tirando a tesoura de suas mãos e, assim que ela se acalmasse, poderia pegá-la novamente. Tirei a tesoura e dei-lhe revistas velhas. Eu disse que Karina poderia rasgar e amassar quantas folhas quisesse. Eu mesma rasguei algumas folhas e as deixei no chão. Disse ainda que, quando quisesse, ela poderia retornar às atividades conosco. Quando fui saindo, Karina foi atrás de mim e tentou me chutar e me bater. Eu a segurei por alguns instantes. Karina se desvencilhou de mim e bateu a porta do quarto. Tatiana, que estava próxima, saiu gritando que iria chamar a “tia” porque Karina estava batendo em mim. Voltei para a sala e continuei as atividades com os três. Vinicius brincava com o seu avião. Tatiana estava perto de mim e estávamos fazendo uma pipa. Daniel preparava sua casinha com os tecidos. Ficamos os três conversando, brincando e fazendo coisas. De vez em quando Karina abria a porta do quarto para xingar-me e depois a batia novamente. Karina fez este exercício por uma meia hora. Dentre os vários xingamentos, Karina disse que não gostava de mim, que eu tinha peitos grandes, que eu era feia, que não viria mais para a droga da oficina, que iria querer outra psicóloga, que não queria mais saber de mim. Daniel fez um movimento de ir até o quarto onde Karina estava. Daniel chegou a fazer um comentário no sentido de fazer Karina parar. Eu disse para Daniel não incomodar Karina, pois ela estava nervosa, e deveríamos deixá-la se acalmar. Falei que era ruim quando a gente estava triste e vinha alguém só para provocar. Daniel disse que isso não acontecia com ele, mas Daniel acatou minha sugestão e deixou Karina no quarto. Depois de mais ou menos vinte minutos, Karina saiu do quarto e foi para a sala. Foi até a porta e balançou a maçaneta. Perguntei se ela queria sair. Karina disse que era para eu não falar com ela. Aceitei suas ordens e me calei. Um adolescente interrompeu a oficina para devolver um aparelho de som que ficava guardado nesta sala. Abri a porta e Karina não saiu. Karina ficou parada perto de uma janela, sempre reclamando de alguma coisa. Daniel estava montando sua casinha, até que em um dado momento ele pareceu perder a paciência e disse para Karina: por que você não sai mesmo? Você não quer ficar aqui! É só falar para a M.(psicóloga do Abrigo) tirar seu nome da lista que você sai do grupo!. Daniel falou e continuou sua brincadeira. Karina disse que não ia sair. No final da oficina, vi que Karina estava com um potinho de tinta vermelha, tinta que Daniel estava usando para pintar os papelões que forravam sua casinha. Pensei comigo que ali poderia sair um estrago e imaginei a tinta esparramada pelo chão, como no começo de nossos encontros. Karina disse que tinha derrubado tinta no chão e que não iria limpar. Naquele momento as crianças já estavam se preparando para sair. Peguei um pedaço de pano com álcool e fui para perto de Karina e comecei a limpar o chão. Karina começou a me ajudar sem que eu dissesse nada a respeito. Tatiana também ajudou. Karina pediu que eu pusesse um pouco de álcool em um pano que estava em sua mão. Fiz o que me pediu. Após limpar as manchas, terminamos a oficina.

Encontro 25 – 22/09/03

Encontrei Daniel no corredor da instituição e ele se ofereceu para ajudar-me na arrumação da sala. Aceitei sua ajuda. Daniel fez tudo com rapidez (como o “The Flash”). Seu interesse era forrar o chão e as mesas com os plásticos. Daniel sugeriu que forrássemos quatro mesas, uma para cada criança. Tínhamos somente três plásticos, destinados a, no máximo, três mesas. Daniel forrou três mesas e colocou uma folha de sulfite em cima da mesa, uma para cada criança, exceto ele, que preferiu um papel mais resistente, como cartolina. Colocou uma folha de sulfite ao lado da sua, destinada a Vinicius. Pedi que ele chamasse os outros. Daniel procurou primeiro por Vinicius e depois pelas meninas. Daniel disse que Vinicius estava dormindo. Perguntei se Vinicius gostaria de entrar para a sala, eu disse que ele poderia dormir se quisesse e que, quando acordasse, poderia participar das atividades. Vinicius entrou na sala e deitou-se no sofá. Vinicius estava com cara de sono, sentou-se no sofá, chupou o dedo e acabou dormindo. Tatiana e Karina subiram, para a sala bem dispostas. Karina perguntou o que havia com Vinicius. Vinicius não respondeu. Eu disse a Karina que Vinicius estava com sono e que deveríamos deixá-lo acordar aos poucos. Lembrei-me dos dias em que Tatiana estava sonolenta e não tinha conseguido ir para a oficina. Karina lembrou-se da semana em que também estava com sono. Eu disse que às vezes precisamos de um tempo para acordar e fazer outras atividades e que estava propondo respeitar o sono de Vinicius. As crianças foram se decidindo pelos materiais. Não houve provocações por parte delas em relação a Vinicius. Karina reparou que Vinicius chupava o dedo e os outros disseram que Vinicius ainda era um bebê. Vinicius não respondeu ao que era falado sobre si.

Karina e Tatiana sentaram-se juntas em uma mesma mesa, que seria destinada a Vinicius e Daniel, segundo a arrumação deste último. Daniel correu para que não pegassem a folha que havia escolhido. Perguntei se ele podia trabalhar em outra mesa. Daniel concordou. Tatiana escolheu folha de sulfite e lápis cor-de-rosa para trabalhar. Karina decidiu pela folha de sulfite e lápis preto no. 2. Daniel preferiu as tintas vermelha e branca.

Tatiana fez um círculo em sua folha. Não gostou do que tinha feito. Usou o verso da folha e iniciou algum traçado. Tatiana se dividiu entre fazer sua atividade e corresponder às provocações de Karina. Tatiana parecia não se concentrar muito no que realizava. Perguntou o que Karina estava fazendo, observou Vinicius dormindo, tentou marcar com seu lápis o trabalho de Karina. Tatiana acabou rabiscando sua folha. Perguntei o que fazia. Tatiana respondeu: “rabisqueira”. Perguntei qual o motivo da rabisqueira. Daniel respondeu que quando estamos com raiva rabiscamos.

Tatiana: rabisqueira



Voltou ao verso da folha e reaproveitou o círculo que havia desenhado. Depois de terminado, disse-me que tinha desenhado uma bala. Pedi que assinasse seu desenho e o guardasse em nossa caixa.



Tatiana bala

Tatiana pegou outra folha de sulfite. Perguntou-me se a canetinha estava funcionando. Pedi a ela que testasse o material. A canetinha cor de laranja estava falhando e Tatiana optou pela cor marrom. Tatiana fez vários desenhos. Eu a incentivava a continuar, a produzir algo seu. Perguntei o que fazia. Tatiana disse que tinha desenhado um cachorro, uma nuvem, um pipi, um pum. Karina e Tatiana riram da audácia de Tatiana ter pronunciado palavras como pum e pipi, tão comumente proibidas na instituição. Os desenhos de Tatiana eram esquemáticos, com pouca elaboração. Tatiana interrompeu o desenho e disse que preferia recortá-lo. Tatiana pegou a tesoura e começou a recortar a folha de sulfite onde estavam os desenhos. Tatiana recortou a folha em vários pedaços e depois os jogou no lixo. Tatiana saiu da mesa e correu pelo corredor. Perguntei se não queria juntar-se a nós. Ela sentou-se embaixo da estante de livros. Perguntei o que estava acontecendo e ela não respondeu. Perguntei se queria rasgar e amassar folhas de revista (já tinha observado em ocasião anterior que este poderia ser um recurso para acalmar). Peguei uma revista e rasguei uma folha, jogando os pedaços menores no lixo. Tatiana olhou-me, aproximou-se e tirou a revista de minhas mãos. Ela puxou o lixo para perto de si e começou a rasgar as folhas. Deixei-a e voltei para os outros.

Karina estava com um jogo de cartas numeradas. Ela desenhou o número cinco nos quatro cantos da folha de sulfite. Perguntou-me qual era o formato do número oito e de outros. Olhou os números desenhados nas cartas. Karina não concordou com o desenho do número quatro que estava na carta. Abaixo dos números, Karina desenhou corações. Karina usou muitas vezes a borracha para refazer números ou corações. Enquanto realizava sua atividade, fazia algumas provocações a Tatiana, tentando marcar seu desenho com lápis. Intervim para que as provocações não chegassem a um extremo e para que não houvesse violência física. Depois de desenhar, Karina pintou os corações com lápis colorido. Pedi que eu a ajudasse a separar os lápis-de-cor de outros que estavam na caixa. Eu a ajudei. Após terminar de pintá-los, Karina dobrou a folha em formato de envelope e pediu para eu ajudá-la a escrever: Stella, eu não vou mais comportar. Eu a ajudei fornecendo o desenho das letras que me pediu. Perguntou-me se comportar era igual a bagunçar. Disse-lhe que comportar era igual a não bagunçar. Karina pareceu satisfeita. A carta era um presente para mim. Aceitei, agradei o presente e lhe disse que era um pedido de desculpas pela semana anterior. Karina passou grande parte do tempo da oficina se dedicando à produção desta carta.



Karina: carta



Karina: carta

Daniel optou por desenhar e pintar com tinta a bandeira de seu time predileto: o São Paulo. Chegou a perguntar-me como se escrevia São Paulo. Daniel fez o símbolo do time mas não chegou a dar o acabamento final. Daniel usou as mãos para esparramar a tinta sobre a folha, desfazendo do símbolo que havia pintado.



Produção de Daniel

Daniel misturou com as mãos as cores branca e vermelha dizendo que estava fazendo um bolo de morango. Daniel misturou a tinta branca na água com um pouco de tinta vermelha. Mostrou-me e disse que tinha feito um “danone” (a cor rosa claro estava bem parecida com a cor do yogurte de morango). Daniel passou algum tempo passando sua mão sobre a tinta. Em outra folha desenhou com tinta vermelha um rosto e depois o desfez, passando muita tinta vermelha sobre ele. Daniel dobrou esta folha e a deixou de lado. Daniel estava com as mãos sujas de tinta. Esfregou-as. Disse que ia ao banheiro limpar-se. Passou por Vinicius e ameaçou marcá-lo com tinta. Cheguei a pensar que realmente o faria, mas achei que Daniel queria mesmo era me assustar. Daniel voltou com as mãos limpas e pegou mais tinta vermelha. Fui até ele e controlei a quantidade de tinta que estava pegando para si. Com um rolinho, Daniel passou tinta vermelha no verso da folha que tinha usado para fazer o símbolo do São Paulo. Daniel usou a tinta aguada, espalhou-a sobre o papel. Parecia brincar com a textura da tinta. Usava o cabo do rolinho para fazer marcas claras no meio da tinta vermelha. Alertei que a tinta muito aguada poderia rasgar o papel, mesmo sendo aquele mais resistente. Daniel brincou um pouco mais com a tinta e depois deixou seu trabalho secar. Enquanto Daniel estava usando a tinta vermelha lembrei-me de que muitos de seus trabalhos continham esta cor. Disse que ele parecia gostar de vermelho, ele confirmou.



Produção de Daniel

Tatiana resolveu fazer o mesmo que Daniel. Ela pegou uma folha de sulfite e tintas vermelha e amarela. Sugeri uma outra folha, mais resistente, para a atividade. Tatiana aceitou e começou a brincar. Colocou muita água na tinta amarela. Avisei sobre a quantidade de água e dispensamos um pouco da mesma. Tatiana brincou com o rolinho de espuma. Passou várias vezes o rolinho com a tinta vermelha, ora apertando-o (pois a tinta saía mais aguada), ora deixando a tinta mais densa.



Produção de Tatiana

Vinicius dormiu grande parte da oficina. Foi perturbado algumas vezes por seus colegas, mas na maioria do tempo as crianças respeitaram o seu sono. Ele respirava forte enquanto dormia. O som foi percebido pelas crianças, que diziam que ele estava roncando. Vinicius foi acordando devagar, foi se levantando. Sentou-se à mesa, mas não sabia o que fazer, parecia um pouco atordoado. Ele olhou o que os outros estavam fazendo. Deixei-o por alguns minutos e depois perguntei-lhe se gostaria de algum material. Vinicius disse que queria recortar. Ele pegou uma revista e eu lhe forneci a tesoura. Vinicius recortou algumas figuras e foi mostrar-me.

Daniel encontrou uma tela na caixa de materiais. Gostou do material e disse que ia fazer um quadro. Escolheu os lápis coloridos para desenhar.



Daniel: quadro

Daniel, que tinha feito uma saia com o emborrachado, fazendo-se de “mulherzinha”, atraiu a atenção de Vinicius. Daniel fez um recorte em um dos plásticos que serviam de forro para a mesa e o utilizou como capa. Vinicius seguiu Daniel. Vinicius e Daniel disseram que eram super-homens e correram pelo corredor com suas capas pretas.

Tatiana, que tinha terminado de pintar de vermelho sua folha, foi para a estante dos livros e pegou alguns para si. Lembrei-o de nosso combinado, do cuidado com os livros e do material que não era nosso. Tatiana e Karina brincaram de fazer sons com os livros que tinham na capa um boneco de plástico. Vinicius foi atraído para os livros. Daniel pegou um pedaço de isopor e começou a raspá-lo com as unhas. Karina fez o mesmo. Daniel raspava o isopor e jogava os flocos para cima, dizendo que estava chovendo. Depois recortou o isopor e fez uma arma. Karina, Tatiana e Vinicius olhavam os livros. Karina e Vinicius compararam as figuras que estavam presentes em dois livros com o mesmo formato. Tatiana disse que ia varrer a sala. Naquele momento a sala estava bagunçada com flocos de isopor no chão, com Daniel correndo pelos corredores, com Vinicius e Karina pegando livros na estante. Todos fazendo diferentes atividades ao mesmo tempo. Deu-me a impressão de que Tatiana incomodou-se com a bagunça do ambiente. Tatiana pegou uma vassoura e começou a varrer a sala. Perguntei a ela se queria que eu fizesse aquilo. Tatiana respondeu-me que não. Ajudei-a tirando algumas coisas do caminho. Karina e Vinicius queriam levar os livros para suas alas. Lembrei-lhes o combinado. Tentaram esconder os livros por baixo das roupas. Antes de saírem, no final da oficina, esperei para que devolvessem os livros na estante. Karina aceitou mais facilmente que Vinicius.

Encontro 26 – 29/09/03

Iniciamos a oficina com Vinicius, Karina e Daniel. Tatiana veio abraçar-me no corredor da instituição mas a funcionária disse-me que ela não poderia participar da oficina pois tinha que ir ao posto de saúde. Vinicius veio para a oficina mal-humorado. Daniel foi acordá-lo para nosso encontro. Disse a Vinicius que ele poderia descansar no sofá e que, assim que acordasse, poderia participar das atividades. Vinicius entrou na sala, seguiu direto para o sofá e dormiu. Daniel e Karina chegaram juntos. Karina viu que Vinicius estava dormindo e reclamou: esse menino está dormindo de novo! Karina foi em direção a Vinicius com a intenção de acordá-lo. Ela foi barrada por Daniel que pediu para Karina deixar Vinicius dormindo. Karina seguiu o conselho de Daniel e, juntos, foram em direção aos materiais. Eu tinha renovado as canetinhas, que já estavam gastas pelo uso, e este foi o material escolhido pelos dois.

Daniel disse que ia desenhar Karina Karina disse que ia desenhar Daniel como uma menina. Daniel disse para Karina não fazer isso, pois ele estava fazendo um desenho bonito dela. Karina concordou e disse que ia me desenhar. Daniel pareceu achar a idéia interessante e mudou sua idéia inicial, optando por desenhar-me também.

Daniel fez o seu desenho concentrado. Karina fez o rosto de uma figura do sexo feminino e depois seu corpo. Karina olhou muitas vezes seu desenho e o desenho de Daniel. Karina desenhou um traço na cabeça da figura. Perguntei o que havia na cabeça da menina. Karina respondeu que seu desenho estava feio e, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Karina o amassou a folha e o jogou no lixo.



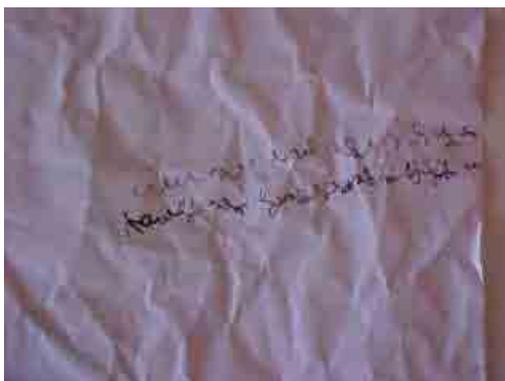
Produção de Karina

Eu disse para Karina fazer seu próprio desenho, do seu jeito, como tantos outros que já fizera. Karina pegou outra folha. Disse que ia copiar o desenho de Daniel. Daniel disse que não se importava. Karina desenhou o rosto de uma menina e pediu para Daniel desenhar o corpo pois não sabia como fazê-lo. Daniel tomou a folha de Karina e desenhou o corpo da pessoa, como tinha feito em seu próprio desenho. Daniel devolveu o desenho para Karina. Ela pegou a canetinha verde e tentou, como Daniel, fazer a grama verde de um jardim. Karina não conseguiu fazer o mesmo jardim de Daniel. Disse que estava feio. Insisti com ela dizendo que eu estava gostando de seu desenho e que cada um tinha um jeito de fazer as coisas e que o jeito de Karina era diferente de Daniel que, por sua vez, era diferente dos outros. Karina continuou seu desenho. Pintou a figura que fez. Karina usou as canetinhas para fazer maquiagem em sua pele. Ela usou a canetinha azul para passar em seus lábios. Fez riscos em sua face com a canetinha preta e, com a marrom, fez uma sombra em seus olhos. Daniel olhou surpreso Karina, como se ela estivesse fazendo algo que “normalmente” ela não faria. Daniel pareceu perceber que alguma coisa não andava bem com Karina. Disse que ela ia precisar limpar a pele com álcool e que isto podia doer. Karina tentou ampliar o jardim que tinha começado. Daniel lhe perguntou se era “aquilo” o jardim que Karina fazia. Karina seguiu desenhando o jardim por mais alguns segundos e depois o rabisco, amassou o desenho e o jogou fora.



Produção de Karina

Eu disse que Karina parecia estar diferente, não conseguindo terminar as coisas e que tudo que estava fazendo estava achando feio. Cheguei a comentar que ela parecia não estar bem. K foi ao banheiro e voltou com um pedaço de sabonete, com o rosto molhado, perguntando-me se as marcas no rosto haviam saído. Fui orientando Karina no sentido de apagar as marcas. Não tínhamos espelho na sala e eu era sua referência. Peguei um pedaço de papel úmido e passei pelo seu rosto. Aos poucos a tinta foi saindo. Depois de ter o rosto limpo, ela voltou para a mesa com outra folha. Disse que ia escrever. Depois de terminar, perguntei o que estava escrito. Karina respondeu: cocô, cocô, cocô, cocô e cocô. Daniel e Karina acharam engraçado. Comentei com Karina que havia muito cocô. Karina riu. Amassou a folha e a jogou no lixo.



Produção de Karina

Karina pegou outra folha e começou a escrever novamente, depois passou a desenhar um rosto. Disse que estava desenhando Vinicius. Fez o desenho e depois começou a fazer pontilhados, dizendo que era catapora. Enquanto foi colocando os pontos, Karina foi repetindo: catapora, catapora, catapora. Perguntei o que estava escrito acima da figura. Karina respondeu que estava escrito seu nome.



Karina: catapora

Enquanto Karina estava pontilhando seu desenho, Daniel disse que daria o seu desenho a Karina. Karina não entendeu o que Daniel disse a ela e resmungou alguma coisa. Eu repeti o que Daniel disse: ele disse que dará o desenho dele a você. Karina perguntou a Daniel se poderia dá-lo para M. (psicóloga do Abrigo). Daniel falou que sim, que o desenho era dela e que ela poderia fazer o que quisesse com ele. Naquele momento, Daniel riscou o seu nome do desenho e copiou o nome de Karina, como ela o tinha escrito em sua folha desenhada. Karina pareceu-me surpresa com a atitude de Daniel no momento em que eu repeti que ele estaria lhe dando seu desenho. Daniel terminou de desenhar e entregou o desenho a Karina. Karina pintou as ondas da água e o barco desenhado. Dobrou o desenho como uma carta. Ficou com ele em suas mãos.



Desenho de Daniel que foi dado a Karina

Ao terminar de pintar, Karina seguiu para perto de Vinicius e, com um pedaço de papel, bateu no sofá tentando acordá-lo. Vinicius se mexeu, mas virou-se de lado. Pedi para Karina deixá-lo, não incomodá-lo. Karina pareceu agitada, não sabia o que fazer. Foi até a mesa e recortou um pedaço do desenho em forma de carta. Pediu-me cola. Coloquei um pouco de cola em um tubo menor. Karina fez um movimento que ia despejar a cola no sofá. Disse-lhe que no sofá não seria possível, possível seria em cima do plástico preto (o que forrava o chão e as mesas). Karina foi para cima do plástico e derrubou toda a cola que estava no tubo. Tirei meus pés de perto. Karina derramou a cola e riu, olhou-me. Daniel surpreendeu-se. Disse que eu visse o que Karina estava fazendo, como se dissesse, você não vai fazer nada? Afastei um pouco Daniel para que a cola não espirrasse nele também. Estávamos os quatro muito perto naquele momento. Vinicius estava deitado no sofá ao lado, Daniel estava olhando o material na caixa, eu estava entre os três e Karina à nossa frente com a cola. Depois que terminou de derrubar a cola, ela perguntou se podia usar o álcool. Disse-lhe que sim, mas que era somente um pouco. Karina despejou uma quantidade relativamente grande de álcool no chão e com um pano começou a limpar a cola que tinha derramado. Karina chegou a fazer cara de nojo vendo a cola misturada com o álcool, dizendo: que meleca! Karina usou o pano para limpar a sola de seu chinelo, que também tinha cola. Naquele momento, o desenho que Karina tinha ganhado de Daniel estava no chão. Estava recortado e desdobrado. Karina pediu para ir embora, queria ir para sua ala. Perguntei se era isso que ela realmente queria. Karina disse que sim. Daniel perguntou se Karina não estava gostando de ficar no grupo. Karina não respondeu. Daniel continuou falando com Karina, se ela não quisesse mais participar do grupo ela tinha que falar com M. (a psicóloga do Abrigo). Eu disse a Daniel que Karina queria ir embora hoje, mas que semana seguinte ela poderia ir para o grupo como os outros. Abri a porta para Karina e ela saiu. Parecia que Daniel estava sentido por ficar “sozinho” no grupo, já que Vinicius estava dormindo e Tatiana não estava. Seríamos eu e Daniel na oficina.

Daniel tinha feito dois bastões com duas folhas de papel pardo, de modo que se tornaram sua “arma”. Encontrou na caixa um pedaço de meia fina branca, a qual colocou sobre o rosto. Eu comentei com ele: como você está diferente! Daniel rapidamente tirou a meia da cabeça e eu respondi: Ah, você está mais parecido com o Daniel que eu conheço. Daniel voltou a colocar a meia sobre a cabeça e foi para um dos quartos. Eu o segui. Daniel escondeu-se atrás de uma das portas e quando cheguei ele me deu um susto. Ele correu novamente para a sala. Percebi que uma brincadeira estava se iniciando: o esconde-esconde. Entrei na brincadeira e comecei a falar comigo mesma onde estaria Daniel. Fui procurando por ele. Daniel estava escondido embaixo de uma das mesas, sob o plástico preto. Fui tateando e o encontrei. Daniel deu gargalhadas. Depois de tê-lo encontrado, ele correu novamente para esconder-se. Naquele momento, Vinicius estava acordando. Ficou deitado olhando o que eu e Daniel estávamos fazendo. Vinicius riu quando eu encontrei Daniel. Continuei na brincadeira com Daniel, agora perguntando para Vinicius se ele sabia onde Daniel estava escondido. Vinicius, deitado no sofá, apontou para o lugar onde Daniel estava escondido. Segui o palpite de Vinicius e encontrei Daniel. Os dois se divertiam. Vinicius resolveu entrar na brincadeira. Ele se escondeu-se algumas vezes junto com Daniel e outras vezes escondeu-se sozinho. Vinicius se divertia com a brincadeira, quando era encontrado. Brincamos juntos aproximadamente por meia hora. Terminamos a oficina e os dois saíram juntos, rindo. Despediram-se com tranquilidade.

Obs. Julguei importante para a descrição deste trabalho resgatar os trabalhos de Karina, que ela havia jogado no lixo.